

**OS NOMES PROPRIOS
NO
IMPERIO NOVO**

1994

10/1/99 - 2 -
Maria Helena Trindade Lopes

OS NOMES PRÓPRIOS NO IMPÉRIO NOVO



Doutoramento em História - F. C. S. H.

1994

1051

-À minha mãe que me deu a vida e ao meu pai que me marcou o "destino" à nascença.

-Ao Francisco, com amor.

Nota Prévia

"A nossa vida não tem sentido senão na condição de ser orientada em direcção ao impossível"

C. Jacq, *O Caso Tutancamon*, p. 184

Quando me propus fazer a minha tese de doutoramento no domínio da egiptologia e, mais tarde, no campo específico dos nomes próprios no Império Novo, muitos amigos e colegas de profissão me chamaram a atenção para a dificuldade do tema e para a "impossibilidade" da sua realização. Eu teria de correr "meio-mundo" à procura das fontes, "tocar" os materiais, levantar e conseguir bibliografias e, sobretudo, conseguir um orientador que patrocinasse este meu sonho impossível. E foi realmente, assim, que tudo se passou.

Hoje, volvidos tantos anos, cabe-me a mim explicar-vos aquilo que me propus fazer ao longo das páginas deste trabalho. Fundamentalmente, a minha preocupação será descobrir, de novo, o homem egípcio, a sua religiosidade, o seu pensamento, as suas preocupações e anseios, os seus valores através das mensagens ocultas no seu nome. Para isso, começarei por problematizar a questão dos nomes e da nomeação, chamando a atenção para a sua funcionalidade e força no interior da civilização egípcia. Depois, retratarei a época sobre a qual me irei debruçar. Um período completamente novo e revolucionário em termos políticos, económicos, sociais e mentais, no contexto da história desta civilização. E só então,

entrarei, directamente, na problemática dos nomes próprios egípcios, do Império Novo.

Para o fazer de uma forma clara, lógica e compreensível, analisá-los-ei e classificá-los-ei primeiramente, sob o ponto de vista linguístico, chamando a atenção para os quatro grandes grupos de formações: nomes completos, nomes incompletos, nomes abreviados e, finalmente, nomes alterados pela adição de um epíteto. Pareceu-me a mim e aos meus orientadores que só poderíamos compreender uma civilização, os seus homens, os seus actos e as suas palavras, se entendéssemos claramente, toda a estruturação da sua língua, por que ela é o "coração" do qual brotarão todas as informações, todos os significados.

Esta foi, sem dúvida, a fase mais difícil do meu trabalho. Residiram aqui, as maiores dificuldades, mas também, talvez por isso, foi sem dúvida, a mais estimulante.

Ultrapassada a "prova de fogo" poderia, finalmente, debruçar-me sobre os conteúdos dos nomes próprios. Analisá-los sob o ponto de vista semântico.

A primeira grande revelação foi descobrir que, estes nomes se podiam dividir em dois grandes sistemas classificatórios: o dos nomes exofóricos, nomes que não se relacionavam directamente com o "portador do nome" e/ou os seus progenitores e nomes endofóricos que, contrariamente, apresentavam uma relação directa com o seu "portador" e/ou os seus progenitores. Depois, dentro destes dois grandes grupos, demonstrarei ainda que os nomes exofóricos podem ser formados com o nome de uma divindade (teofóricos) ou de um rei (basilofóricos), enquanto que os nomes endofóricos não só apresentavam estas duas categorias como ainda lhe acrescentavam uma nova classificação, a dos nomes de "conteúdo profano".

Através da inventariação e análise de todos estes nomes procurarei descobrir as divindades mais amadas e as razões da sua eleição, os reis "divinizados" ou imortalizados pela força do seu nome e as causas desta predilecção. Depois, ao entrar nos nomes de conteúdo profano tocarei, finalmente, outras áreas da vida política, social, económica e mental do

homem egípcio: a problemática da família e do nascimento, das emoções e dos sentimentos perante o acto de gerar a vida. Tentarei decifrar a importância dada a determinadas qualidades morais e/ou intelectuais, a importância concedida ao corpo para, depois, me debruçar sobre um conjunto de nomes "simbólicos" alusivos a profissões, animais, plantas ou frutos e objectos. E, finalmente, tentarei demonstrar como através dos nomes nós podemos descobrir a origem étnica ou geográfica dos seus portadores.

É esta a viagem que me proponho iniciar. Mas antes, gostaria de expressar publicamente os meus agradecimentos a um conjunto alargado de pessoas e instituições que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização e efectivação deste trabalho.

Em primeiro lugar, ao Serviço de Bolsas de Estudo da Fundação Calouste Gulbenkian, e ao seu director Prof. Doutor Carlos Sá Furtado, a quem devo a minha situação de bolseira, em Paris, sem a qual não me teria sido possível realizar o meu trabalho.

À Dr^a Cristina Rego, amiga e companheira de aventuras, que comigo percorreu meio-mundo, na busca de documentos e bibliografia.

À Prof. Doutora Maria José Ferro Tavares e ao Prof. Doutor Luís Krus que me valeram num dos momentos mais críticos do meu trabalho.

Ao Prof. J. Leclant e, posteriormente, ao Prof. J. Yoyotte, directores do "cabinet d'Égyptologie" do Collège de France, que me concederam o privilégio de ali poder realizar todas as minhas investigações, privando com os grandes mestres da egiptologia do mundo inteiro e tendo acesso, directo, a todos os materiais necessários.

À Prof. Maria del Carmen Pérez-Die, Directora do Museu Arqueológico de Madrid, que me fez sentir em casa, sempre que ali me desloquei, para trabalhar na excelente biblioteca do Museu.

Ao Dr. Henry G. Fischer, antigo conservador da colecção egípcia do Metropolitan Museum de Nova Iorque, que me concedeu cópias de todos os seus preciosos trabalhos, premiando-me ainda com o seu exemplar pessoal de *Dendera in the third millennium B. C.*, que se encontrava esgotado.

À Mme. M. Thirion, uma das fontes fundamentais para a realização

da minha tese, que me ofertou exemplares anotados de todos os seus artigos "Notes d'Onomastique. Contribution à une Révision de Ranke *PN*" publicados na *Revue d'Egyptologie*

À Mme. Beatrix Midant-Reynes que, no período da sua estadia como colaboradora no "Cabinet d'Egyptologie" me facilitou todas as condições de trabalho.

Ao Mr. Jean-Pierre Corteggiani, director da biblioteca do I.F.A.O, no Cairo, e à sua directora, na altura, Prof^a P. Posener-Krieger, que me permitiram ultrapassar todas as regras em termos de consulta e fotocópias, quando da minha estadia nesta cidade.

Ao Dr. Rogado Dias, director da "Résidence André de Gouveia" (Casa de Portugal), em Paris, e a todos os funcionários, que me acolheram e proporcionaram sempre, um ambiente afável e familiar, quando da minha estadia como bolseira.

E, finalmente, uma palavra muito especial para os meus orientadores, Prof. Pascal Vernus (E.P.H.E-Paris IV) e Prof. Doutor A. A. Tavares, que me guiaram, me ensinaram, me apontaram criteriosamente os erros cometidos, alertando-me, passo a passo, para o "bom caminho" a desbravar. Sem eles, esta viagem nunca teria sido iniciada. A eles, devo também a sua conclusão.

A todos, a minha profunda gratidão e a garantia, à "maneira egípcia", que a sua memória permanecerá sobre a terra, sempre que o seu nome for nomeado.

Introdução

" Quem senão algum ser invisível, pressentindo o destino, dirigiu a nossa língua e deu um nome verdadeiro àquela Helena tão disputada, que seu esposo reclamou de lança em punho "

Esquilo, *Agamémnon*, p. 156

" Então, apesar de viveres no meio dos cristãos, ainda tens aquela crença antiga do povo das fadas, que aquele que conhece o nosso nome verdadeiro nos pode controlar o espírito conforme lhe aprouver ? Tu sabes o meu *nome*, primo "

Marion Zimmer Bradley, " *As Brumas de Avalon - A Senhora da Magia* ", p. 208

" - Então o nome por que chamamos cada um dos outros homens é o nome de cada um deles ?
- Pelo menos, o teu não é Hermógenes, replicou, apesar de todos te chamarem assim "

Platão, *Crátilo*, p. 5

A problemática da nomeação e do nome tem vindo a assumir, no decorrer deste século, um papel decisivo no seio das ciências sociais e humanas. Na década de vinte com a filosofia analítica e com autores como Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein criou um espaço, reforçado e dilatado na década de setenta, com o estruturalismo e autores como Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, Michel Foucault e Jacques Derrida (1). Foi, no entanto, na década de oitenta que a problemática da nomeação saltou da esfera privada da antropologia, da linguística, da sociologia e da filosofia para o " mundo ", transformando-se numa moda, com todas as vantagens e inconvenientes daí resultantes, mas sem dúvida com um público muito mais geral e uma dinâmica de produção quase contínua.

A história e, especificamente a egiptologia, não escapou a este fascínio. As obras clássicas da problemática da nomeação e do nome, no Antigo Egipto, remontam, com efeito, às primeiras décadas do século. Neste primeiro momento, a atenção dos egiptólogos centrou-se sobretudo, na dimensão religiosa dos nomes, surgindo assim as duas primeiras obras sobre os nomes teofóricos: a tese de doutoramento de E. Levy, *Über die Theophoren Personenmen der alten Ägypter zur zeit des Neuen Reiches (Dyn. XVIII - XX)*, de 1905 e a obra de T. Hoffmann, *Die Theophoren Personennamen des älteren Ägyptens*, de 1915. Em 1925, H. W. Obbink publica *De Magische Beteekenis von den Naam inzonderheid in het oude Egypte*, cuja actualidade se mantém. Era ainda a tónica religiosa, neste caso mágica, que dominava o espírito dos primeiros estudiosos.

Na década de quarenta (1947) A. H. Gardiner publica *Ancient Egyptian Onomastica*, precioso contributo para a onomástica do Império Novo. Em 1954, J. Vergote avança já na interpretação dos nomes próprios, com a obra *Les Noms Propres du P. Bruxelles Inv. E. 7616 - Essai d' Interpretation* e, alguns anos mais tarde, em 1966, H. de Meulenaere apresenta-nos essa obra fundamental sobre *Le Surnom Egyptien à la Basse Epoque*.

P. Vernus produz, em 1986, um dos textos mais importantes e elucidativos sobre esta temática, centrando-se num período diferente, *Le*

Surnom au Moyen Empire - Répertoire, procedes d' expression et structures de la double identité du début de la XII dynastie à la fin de la XVIIIe dynastie. Um ano depois, M.-A. Bonhême apresenta-nos *Les Noms Royaux dans l' Egypte de la Troisième Période Intermediaire*. No entanto, os estudos relativos ao nome e suas particularidades não teriam avançado sem o contributo fundamental de H. Ranke e da sua obra *Die Ägyptischen Personennamen* (1935 e 1952). Estes três volumes apresentam-nos a listagem de todos os nomes próprios da civilização egípcia, conhecidos até à década de cinquenta (2). Eles reflectem a história de um povo e as ideias que esse povo desenvolveu ao longo da história.

Na civilização egípcia, a problemática da nomeação esteve presente desde o momento da criação. Esta fora concebida segundo modelos diferenciados, apresentados pelas diferentes escolas teológicas (3) : heliopolitana, menfita, hermopolitana e tebana. É, no entanto, a escola menfita aquela que deve merecer a nossa atenção. O seu relato da criação, personificada em Ptah, assenta no modelo da palavra criadora. Assim, Ptah concebera o mundo e tudo aquilo que nele existe no seu coração, e depois " dera - lhe vida " através da força realizadora da sua palavra.

Da mesma forma que os Egípcios concebiam uma realização eficaz entre o coração (órgão do pensamento) e a boca (órgão da palavra), acreditavam na existência de uma correspondência íntima entre as palavras, articulações da linguagem, e a força vital das coisas por elas designadas (4). Assim sendo, a crença no poder criador (mágico) (5) da palavra irá estender-se ao nome, transmitindo-lhe uma força criadora. Deste modo, a nomeação de uma criança, ao nascer, correspondia a um acto criador (6) e este era muito determinado pela crença na significação especial do nome (7).

No Antigo Egipto o nome era uma dimensão essencial do ser divino ou humano, que não só definia o seu ser como expressava as suas qualidades e a sua força (8), constituindo-se assim como expressão de uma essência e, conseqüentemente, de uma existência. Com efeito, os

egípcios antigos acreditavam numa profunda e íntima relação entre o nome (*rrn*) e a palavra que o designava, entre o nome e a propriedade que ele exprimia (9). Nesta crença residia a força inerente ao nome, uma força criadora (10) que produzia o ser, participando do seu destino na sua essência mais íntima, enquanto uma das suas manifestações (11).

Tal como Platão (12) alguns séculos mais tarde, também os antigos egípcios acreditavam que o nome " falava " a natureza do seu portador (13) humano ou divino (14), oferecendo-se assim a uma exploração ou decifração (15). Deste modo, o conhecimento do nome permitia, de imediato, o conhecimento do homem ou do deus, seu portador. Nele estavam contidas todas as significações do ser, uma " família de descrições " (16), positivas e negativas (17).

Assim sendo, o conhecimento do nome podia assumir uma dupla dimensão positiva, enquanto " marca " (18) de prestígio social e de sobrevivência e uma dimensão negativa, através da " anulação " total ou parcial do seu portador.

O prestígio político ou social que um indivíduo alcançara durante a vida era expresso através da transformação do seu nome em (re)nome (19) e este não era senão o reconhecimento dos méritos do seu possuidor. Este reconhecimento ser-lhe-ia, no entanto, extraordinariamente favorável, pois era a prova da sua vida exemplar (20) e, assim, uma garantia de conquista da eternidade (21). Esta conquista passava também pela permanência do nome de um indivíduo sobre a terra (22). E esta permanência era, simultaneamente, garantia de sobrevivência do nome e do seu possuidor (23). Uma sobrevivência alcançada à custa das inscrições (mágicas), em monumentos funerários (24) e templos (25), e dos rituais funerários. Nestes, a fórmula litânica ocupava um papel fundamental. Recordemos, a título de exemplo, a " oferenda de invocação " (26), uma litania que tinha como fim conservar o nome do morto. Ela deveria ser recitada pelos familiares (27) ou pelos sacerdotes, pela eternidade. Mas como isto nem sempre era possível, tornava-se então necessário que este escrito mágico se conservasse no túmulo do morto,

ligando o seu nome ao de cada um dos mais importantes deuses do Egípto, em cujos templos, dia após dia, tinha lugar uma oferenda pessoal.

Vários eram os caminhos que permitiam a permanência do nome sobre a terra do Egípto, garantindo deste modo, a identidade do defunto e abrindo-lhe o reino do além onde se continuava a viver através do nome. Deste modo, podemos compreender o medo de perder ou esquecer o nome (28), mas também a necessidade de o manter desconhecido (29), a fim de escapar a possíveis intenções negativas de seres nefastos.

Esta necessidade alerta-nos para a dimensão negativa do conhecimento do nome. Com efeito, ao dar a conhecer o seu nome, um indivíduo tornava-se "transparente" aos olhos dos outros e, portanto, frágil, vulnerável, presa fácil de quem quisesse anular a sua existência e sobrevivência (30) ou destruir o seu poder (31), a sua identidade, dando-lhe "maus nomes" (*rn.w bin.w*) (32), introduzindo o seu nome em litânias de maldição (33) ou através da mutilação (34) ou destruição (35) do seu nome, conduzindo-o assim à *damnatio memoriae*. Deste modo, o homem egípcio só tinha dois caminhos para escapar à magia de carácter negativo exercida sobre o nome: mantê-lo desconhecido ou substituí-lo por outro nome que não o verdadeiro, a fim de escapar à questão identitária e assim furtar-se ao enquadramento simbólico que ela impunha (36).

O nome desconhecido seria assim, o nome secreto (*rn š't3*) (37) e, para o proteger surgia, no seu lugar, um outro nome, "um falsamente dito" (38), um nome-máscara (39), "que não sendo irreal era menos 'verdadeiro' que o nome da lei" (40), pois "mascarava" o próprio, simulando a "dissimulação para dissimular que ele não era senão simulação" (41).

Este "falso nome" ia juntar-se aos outros nomes que expressavam a identidade do homem egípcio. Estes começaram a esboçar-se quando foram dados os primeiros passos para a consolidação do estado faraónico.

A partir da III dinastia encontramos, com efeito, a presença de dois ou três nomes numa mesma personagem (42): um nome maior,

raramente usado, seguido ou precedido de *(m) rn (f) 3* (no seu grande nome) (43), geralmente formado sobre um nome divino (teofórico) ou real (basilofórico) e designado pela expressão "grande nome" (*rn 3*) e dois nomes menores, o bom nome (*rn nfr*) e o pequeno nome (*rn nds*).

O bom nome (*rn nfr*) é o nome familiar, afectivo, utilizado no quotidiano (44). Para alguns, ele é o "nome de juventude" (45), adoptado talvez na infância, para outros é o "nome preferido" (46), o nome amado pelo qual o indivíduo quer ser "comemorado" (47), e há ainda quem veja nele "o nome regenerado" pelos ritos osiriacos (48). Este segundo nome podia justapôr-se directamente sobre o nome (49), podia ser um diminutivo do grande nome (50), podia ser uma formação onomástica nova (51) ou podia substituir-se por um pequeno nome (*rn nds*) (52). Este terceiro nome, geralmente uma abreviatura (53) ou um hipocorístico do nome maior (54), era uma expressão carinhosa do nome (55).

O costume de expressar a identidade de um indivíduo através de dois ou três nomes (56) vai expandir-se no Egito Faraónico a partir de finais do Império Antigo (57), embora apresentando características diferenciadas ao longo dos tempos. Assim, por exemplo, o nome seguido ou precedido de *rn 3* começa a rarear nos fins do Império Antigo, acabando por desaparecer (58) para só voltar a surgir na XXVI dinastia e como simples equivalente de *rn nfr* (59).

O bom nome (*rn nfr*) é principalmente utilizado no Império Antigo (60) e depois, mais tarde, na Época Baixa. No Império Médio encontramos poucos exemplos de *rn.w nfr.w* (bons nomes) (61), embora seja muito comum, nesta época, a utilização de dois nomes (62): um nome verdadeiro, dado no momento do nascimento, mas desconhecido, referido algumas vezes como *rn.f n mwt.f* (o seu nome de sua mãe) (63) e o nome utilizado no quotidiano para designar uma pessoa, introduzido pela fórmula *gdw n.f* (aquele que se chama) (64).

No Império Novo *rn nfr* desaparece por completo, embora se mantenha a utilização de dois nomes (65). Neste período são raros os

casos de tripla identidade (66). No Terceiro Período Intermédio o bom nome (*m nfr*) ressuscita e ganha uma popularidade que mantém até ao período ptolomaico (67).

Estes diferentes nomes são o reflexo da " tensão externa " (68) a que o nome está sujeito, obrigando-o a um desdobramento, a uma multiplicação (69), que visa essencialmente legitimar realidades: políticas, sociais, familiares ou mentais reconhecíveis por detrás de certos nomes. Estes não são senão um reflexo de ideias (70) e as ideias como refere W. Benjamin não estão no mundo empírico, nem no conceito, nem no céu de Platão, estão na linguagem - na dimensão nomeadora da linguagem (71).

As diferentes categorias de nomes citados são dadas em dois momentos distintos da vida dos indivíduos. A primeira nomeação acontece após o nascimento (72). Nesta altura, a criança recebe um ou dois nomes. Estes são geralmente atribuídos pela mãe (73), embora o pai também possa colaborar na nomeação (74). Mais tarde, o indivíduo pode voltar a ser nomeado. São, fundamentalmente, três as razões que podem conduzir a esta segunda nomeação: o seu nome de nascimento pode ser demasiado comprido para ser utilizado no quotidiano e então é abreviado e/ou modificado (75) ou substituído mesmo por outro nome, do género de uma alcunha (76), dado por aqueles que com ele privam no dia-a-dia; o seu nome pode já não ser expressão da sua identidade, pois o indivíduo ao longo da vida pode ter alcançado um prestígio que não está presente no nome. Assim, acrescenta-se a este nome um epíteto de glória (77) ou dá-se-lhe mesmo um novo nome (78). Mas pode também acontecer o inverso. O indivíduo ter tido ao longo da vida um comportamento tão negativo que, como castigo, se modifica depreciativamente o seu nome ou dá-se-lhe mesmo um novo nome infame (79).

É a rigidez do nome (80) que conduz inevitavelmente à sua mudança ou alteração, pois a uma nova identidade tem de corresponder um novo nome (81), ainda imposto pelo exterior (82), pois " a autoridade que legitima a posse do nome é ainda a de um outro " (83).

A escolha do(s) nome(s) de um indivíduo é também motivada, fundamentalmente, por três razões: razões que se prendem com a "conjuntura" do nascimento (84), razões que se prendem com a importância e "eternidade" da linhagem (85) e ainda razões que se prendem com a personalidade do ser a nomear (86). Assim, no Antigo Egito, um indivíduo podia receber um nome alusivo à época conturbada do seu nascimento, a que se juntaria, por exemplo, o nome herdado do seu avô e, finalmente, um epíteto de glória ou de infâmia ou ainda uma alcunha.

Os seus nomes eram, assim, formados de muitos pedaços. Todos eles contribuíam para construir o indivíduo, para o moldar, para lhe conferir uma história que não era senão a soma dos seus diferentes destinos.

Notas

(1) Para os filósofos e linguistas a preocupação fundamental reside na natureza do nome e no seu lugar no sistema da língua. F. Zabeth cita e sumariza na sua obra *What is in a Name? An Inquiry into the Semantics and Pragmatics of Proper Names*, os principais trabalhos de filósofos e linguistas. E. Benveniste, *Problèmes de linguistique générale* e R. Jakobson, "Shifters, Verbal Categories and the Russian Verb" in *Selected Writings II: Words and Language*, pp. 130-147 actualizam as referências de F. Zabeth (1968).

Para os filólogos, o importante é a leitura histórica e etimológica do nome próprio. A este respeito, para o caso francês, A. Dauzat publicou uma obra exemplar, *Les Noms de famille en France. Traité d'anthroponymie française*. Por sua vez, os etnólogos interessam-se sobretudo pela forma como se utilizam estes nomes próprios, em que situações aparecem e que funções desempenham. C. Lévi-Strauss na sua obra *La Pensée Sauvage*, ilustrou bem estas preocupações ao sugerir que o nome próprio servia para identificar, classificar e significar.

(2) Posteriormente, M. Thirion acrescentou a esta lista exaustiva outros nomes, vd. M. Thirion, *RdE 31* (1979), *RdE 33* (1981), *RdE 34* (1982-1983), *RdE 36* (1985), *RdE 37* (1986), *RdE 39* (1988) e ainda *RdE 42* (1991).

(3) Para os diferentes relatos da criação vd. P. Derchain, "Kosmogonie" in *LÄ III* (1979), col. 747-756; J. Assmann, "Schöpfung" in *LÄ V* (1980), col. 677-690; S. Sauneron, J. Yoyotte, *La Naissance du Monde*, vol. I, pp. 17-91; S. Morenz, *La Religion Egyptienne*, cap. VIII; J. Zandee, "Das Schopferwort im alten Agypten" in *Verbum*, pp. 33-66; M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e a sua integração no Cosmos*, pp. 17-42 e ainda J. Allen, *Genesis in Egypt. The philosophy of ancient Egyptian creation accounts*.

(4) Sobre o poder criador dos sons e a etimologia sagrada, vd. S. Sauneron, *Les prêtres de l'ancienne Egypte*, pp. 133-136.

(5) Como diz Kristensen, " fazer ' magia ' é criar ", W. B. Kristensen, *Symbol en Werkelijkheid*, p. 407.

(6) Com efeito, os pais ao darem um ou mais nomes ao recém-nascido, não só lhe concediam a existência como também a característica que o distinguia de todos os outros egípcios. Kuhlman chama-lhe destino ou sorte, K. Kuhlmann, " Götternamen-bildung-zusammen-setzung " in *LÄ II*, col. 696. Este acto criador era também um " acto de instituição " como lhe chama P. Bourdieu e M. Foucault, pois no Antigo Egipto o nome de um indivíduo " escondia " as suas características e, de certo modo, determinava o seu comportamento. Vd. P. Bourdieu, *Ce que parler veut dire*, p. 100 e M. Foucault, *La Volonté de Savoir*, p. 123.

(7) Vd. a excelente síntese apresentada por P. Vernus concernante à tripla dimensão do nome (manifestação do ser, expressão de identidade e elemento de sobrevivência), nomeação e suas causas, P. Vernus, " Name-Namengebung-Namensbildung " in *LÄ IV*, col. 321-337.

(8) Vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, p. 108.

(9) Vd. H. Bonnet, " Name " in *RÄRG*, p. 501.

(10) " O nomear do nome tem um efeito imediato sobre o nomeado só comparável à magia produzida pela imagem ", E. Brunner-Traut, " Anonymität (der Gotter) " in *LÄ I*, col. 281.

(11) A semelhança do Ka como refere E. Lefévre, " L'importance du nom chez les égyptiens " in *Sphinx I* (1987), pp. 106-109. J. Zandee acentua esta ligação entre o nome (*rn*) e o *K3*, vd. J. Zandee, *Death as an enemy*

according to ancient egyptian conceptions, p. 180 que também é salientada por H. W. Obbink, *De Magische Beteekenis van de naam in zonderheid in het oude Egypte*, pp. 13-16 e A. M. Blackmann, "The Pharaoh's Placenta and the Moon-God Khons" in *JEA* 3, p. 242. Esta comparação pode ser comprovada nos Textos das Pirâmides, *Pyr. 908 a. b.* e *Pyr. 338 a*, nos Textos dos Sarcófagos, *CT III, 350 e. g.* e ainda no *Livro dos Mortos do Antigo Egipto* (tradução de M. H. T. Lopes), cap. 17, p. 44.

(12) Platão, *Crátilo-Diálogo sobre a justeza dos nomes*. Também Ésquilo na sua tragédia *Agamemnon* exprime esta opinião.

(13) Vd. E. Brunner-Traut, *o. c.*, p. 281 e ainda G. Brunton, "The Inner Sarcophagus of Prince Ramessu from Medinet Habu" in *ASAE* 43 (1943), p. 148, onde este autor, a propósito das diferentes grafias do nome Pa-Ramessu, salienta a relação entre o nome e a identidade do seu possuidor.

(14) Visto que esta crença valia para toda a realidade, incluindo objectos, instituições, plantas e animais. K. Kuhlmann corrobora esta opinião, referindo que através do conhecimento dos nomes dos deuses nós podemos descortinar a natureza e características destes deuses. A fórmula *m rn. k n* que significa "em teu nome de", também pode ser traduzida por "na tua qualidade de", exprimindo deste modo que o deus será dotado com a natureza e a qualidade de um ser divino cujo nome será seguidamente nomeado, vd. K. Kuhlmann, *o. c.*, p. 697.

(15) Vd. R. Barthes, "Proust et les noms" in *Nouveaux Essais Critiques*, p. 125.

(16) Vd. S. Kripke, *La Logique des Noms Propres*, p. 19 e ainda J. R. Searle, "Proper Names" in *Mind* 67 (1958), pp. 166-173 e ainda L. Wittgenstein, *Philosophical Investigations*, 79.

(17) Vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, p. 109 e numa perspectiva social, V. A. Nikonov, " The Personal Name as a Social Symbol ", *Soviet Anthropology and Archeology* X (2), 1971.

(18) Vd. a este respeito a posição de T. Hobbes, *A Natureza Humana*, p. 75.

(19) Vd. P. Vernus, *o. c.*, p. 322. H. G. Fischer dá-nos um exemplo retirado de uma estela da XII dinastia, em que *ỉ3t* (função) substitui *rn* (nome), vd. H. G. Fischer, " An Eleventh Dynasty Couple holding the sign of life " in *ZÄS* 100 (1973), p. 21, nota b.

(20) Vd. E. Edel, " Untersuchungen zur Phraseologie der Ägyptischen Inschriften des alten Reiches " in *MDAIK* 13 (1944), p. 37.

(21) Podemos, deste modo, compreender a importância de conseguir " fazer um nome entre os grandes " como o comandante das tropas do faraó, Nehesi (vd. R. Anthes, *Mit Rahineh*, p. 86), de " tornar-se alguém cujo nome é reconhecido " (vd. J. W. B. Barns, *The Ashmolean Ostrakon of Sinuhe*, p. 24) de garantir a permanência do seu nome entre os homens (vd. C. E. Sander-Hausen, *Die Religiösen Texte auf dem Sarg der Anchnesneferibre*, p. 77).

(22) Pois o nome, como refere J. Zandee, é um elemento essencial da personalidade, através do qual se continua a viver, vd. J. Zandee, *Death as an enemy according to ancient egyptian conceptions*, p. 179.

(23) Vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, p. 116.

(24) E. Lefévre apresenta-nos um exemplo curioso de inscrição funerária, realizada numa estela nominativa, que era erigida especificamente para um morto e que convidava todos aqueles que a presenciavam a recitar o seu texto. Nele estava contido o nome do defunto que assim via garantida,

pela eternidade, a sua memória, vd. E. Lefévre, *o. c.*, p. 105. Sainte Fare Garnot relata-nos exemplos semelhantes de inscrições tumulares, apelando aos passantes que recitassem as fórmulas de sacrifício, onde estava contido o nome, vd. J. Sainte Fare Garnot, " L'appel aux vivants sous l' Ancien Empire Égyptien " in *Recherches d' archeologie, de philologie et d' histoire*, t. IX, pp. 1-7.

(25) Encontramos vários exemplos que testemunham a preocupação do indivíduo ligar o seu nome ao templo ou santuário da divindade local. O exemplo mais significativo é apresentado por R. El-Sayed. Data da XXVI dinastia e fala-nos de Tefenakehet, " profeta de Hathor " que quer deixar uma estátua com o seu nome no santuário de Neit, vd. R. El-Sayed, " Au Sujet de la statue Caire CG 662 " in *BIFAO 77* (1977), pp. 101-111. J. Léciant apresenta-nos também o exemplo de Mentuemhat, quarto sacerdote de Amon que pretende a permanência de seu nome no seu templo de Amon, vd. J. Léciant, *Montouemhat, quatrième prophète d' Amon , prince de la ville*, p. 19. H. de Meulenaere fornece-nos outro exemplo, respeitante a um chefe dos cantores de Amon, da Época Saíta (reinado de Psamético I, c. 664-610 a. C.), vd. H. de Meulenaere, " Le Statue d' un chef de chanteurs d' Epoque Saite " in *MMJ 8* (1973), p. 28. E ainda os exemplos citados por P. Tresson, " La stèle de Naples " in *BIFAO 30* (1931), p. 381 e H.-J. Thissen, " Zu den demotischen graffiti von Medinet Habu " in *Enchoria 2* (1972), p. 40.

(26) Vd. J.-C. Goyon, *Rituels Funéraires de l' Ancienne Egypte*, pp. 291-294.

(27) Vd. a propósito dos familiares cumpridores dos ritos funerários, E. Otto, *Die Biographischen inschriften der Agyptischen Spätzeit*, p. 58. E ainda uma temática que se prende com esta questão, o desejo de ter um filho para cumprir os ritos funerários, vd. E. Feucht, " Kinderlosigkeit und wunsch " in *LA III*, col. 440.

(28) " Que me devolvam o meu nome em per uer, que me recordem em per neser, na noite em que se contam os anos e calculam os meses ", M. H. T. Lopes, *O Livro dos Mortos do Antigo Egipto*, cap. 25, p. 61. A este respeito vd. também H. Bonnet, " Name " in *RÄRG*, p. 502.

(29) Vd. J. Zandee, *o. c.*, p. 179 e também E. Lefévre, *o. c.*, p. 102. Para se "esconder " o nome podia-se utilizar um nome secreto ou colocar um tabu sobre o nome, vd. E. Brunner-Traut, *o. c.*, p. 281. Vd. a questão do tabu, relativamente a nomes de deuses, em K. Kuhlmann, *o. c.*, pp. 697-698.

(30) Vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, p. 110.

(31) Vd. E. Brunner-Traut, *o. c.*, p. 281.

(32) Vd. J. Sainte Fare Garnot, " Les Fonctions, les Pouvoirs et la Nature du Nom Propre dans l' Ancienne Egypte d' après les Textes des Pyramides " in *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, p. 468.

(33) Vd. H. Bonnet, *o. c.*, p. 503.

(34) H. Junker dá-nos o exemplo de Djedefeher, cujo nome foi mutilado no seu próprio túmulo, vd. H. Junker, " Ein neuer Nachweis des weisen Qdfhr " in *Fs. Rossellini*, p. 138.

(35) E. Drioton apresenta-nos o exemplo de Semedenti, cujo nome, inscrito numa estela colocada na sua capela, foi martelado, vd. E. Drioton, " Description des Chapelles Funéraires de la VI Dynastie récemment découvertes derrière le mastaba de Mérérouka a Sakkarah " in *ASAE 43* (1943), p. 511. Esta destruição não só visava obliterar a recordação do defunto como anular mesmo a sua existência, vd. S. Sauneron, " Le Monde du Magicien Egyptien " in *Le Monde du Sorcier*, p. 49.

(36) Vd. H.-P. Jeudi, " Jeux de noms, jeux de vilains " in *Comunicação e Linguagem* 10/11 (1990), p. 109.

(37) A expressão *rn št3* não aparece senão no Império Novo, mas é certamente mais antiga pois o uso destes nomes remonta ao Império Antigo, vd. J. Sainte Fare Garnod, *o. c.*, p. 470. Vd. também a este respeito, a curiosa mas controversa contribuição de G. Posener, " Le mot égyptien pour désigner le nom magique " in *RdE* 16 (1964), p. 214.

(38) Vd. V. Descombes, *L'Inconscient Malgré Lui*, p. 59.

(39) Esta problemática do nome-máscara é superiormente tratada por M. A. Babo, *La Problematique du Sujet dans le Langage Poétique*, pp. 176 ss.

(40) J. Bragança de Miranda, " Modernidade, Espaço Público e Conflito de Nomeações " in *Comunicação e Linguagem* 2 (1985), p. 33.

(41) M. A. Babo, *o. c.*, p. 184.

(42) Vários procedimentos foram utilizados para mostrar que uma pessoa " respondia " a vários nomes, vd. P. Vernus, " Name " in *LÄ IV*, col. 322.

(43) Sobre esta questão, vd. H. Junker " Die stele des Hofarztes 'Irj " in *ZÄS* 63 (1928), pp. 59-62 e ainda T. G. H. James, M. R. Apley, *The Mastaba of Khentika called Ikhekhi*, p. 12.

(44) Vd. os exemplos citados por H. Junker, *o. c.*, p. 61 e K. Sethe, " Miscellen " in *ZÄS* 59 (1924), p. 71. Este *rn nfr* tem já expresso em si uma dimensão favorável, que lhe é fornecida pela sua qualificação de *nfr*, cf. G. Fecht, " Die Königs insignien mit s-suffix " in *SAK* 1 (1974), p. 191.

(45) Vd. T. G. H. James, M. R. Apter, *o. c.*, p. 12, n. 1 e ainda S. I. Hodjash, O. Berlev, " Le Père du fondateur de la dynastie des princes de Tjhhj en Nubie " in *Agypten und Kusch*, p. 185. G. Posener dá-nos um exemplo de um *m nfr* dado, não na infância, mas logo ao nascer, cf. G. Posener, " Sur l'attribution d'un nom a un enfant " in *RdE 22* (1970), p. 205.

(46) Cf. H. de Meulenaere, *Le Surnom Egyptien a la Basse Epoque*, p. 26.

(47) Vd. E. Jelinkóva-Reymond, *Les Inscriptions de la statue guérisseuse de Djed-her-le-sauveur*, p. 124. Acerca da comemoração do nome, vd. o exemplo apresentado por P. Lacau, " La stèle J. E. 59636 du Musée du Caire " in *Mélanges Mariette*, pp. 223-224.

(48) Cf. H. Stock, *Ntr Nfr = der Gute Gott*, p. 10 e ainda G. Jéquier, *Considérations sur les religions égyptiennes*, pp. 51 ss. Esta classificação é incorrecta pois temos muitos *m.w nfr.w* de indivíduos vivos.

(49) As denominações compostas de dois nomes próprios justapostos aparecem no Império Médio, sobretudo a partir da segunda metade da XII dinastia, vd. P. Vernus, " Noms Propres Juxtaposés au Moyen Empire " in *RdE 23* (1971), pp. 193-198.

(50) Vd. o exemplo citado por H. Junker, *o. c.*, p. 172.

(51) Esta nova formulação onomástica não podia ser do tipo basilofórico. Só no reinado de Psamético II surgem os primeiros *m.w nfr.w* basilofóricos, cf. S. Sauneron, J. Yoyotte, *o. c.*, p. 197, nota 5.

(52) Segundo P. Vernus esta substituição foi facilitada pela democratização da doutrina funerária real, vd. P. Vernus, " Name " in *L'Á IV*, col. 324. Vd. alguns exemplos de substituição no interior do sistema

citados por H. Junker, " Der Ostabschnitt des Westfriedhofs " in *GIZA VIII*, p. 111; A. M. Blackmann, M. R. Apton, *The Rock Tombs of Meir*, part IV, pl. 15; S. B. Hassan, *Excavations at Giza (1930-1931)*, p. 176 e ainda N. de G. Davies, *The Mastaba of Ptahhetep and Akhethetep at Saqqareh*, pl. 24.

(53) Vd. o exemplo apresentado por K. Sethe, " Kurzamen auf j " in *ZÄS 57* (1922), p. 77.

(54) Vd. o exemplo citado por S. B. Hassan, *Excavations at Giza (1933-1934)*, p. 281, fig. 141 e ainda H. de Meulenaere, " Anthroponymes égyptiens de Basse Époque " in *CdE 38* (1963), pp. 213-216.

(55) Vd. o exemplo citado por G. T. Martin, *The Tomb of Hetepka and other reliefs and inscriptions from the sacred animal necropolis north Saqqâra* (1964-1973), p. 18.

(56) Na maior parte dos casos de tripla identidade do Império Antigo encontramos uma oposição entre um nome maior basifórico e dois nomes menores, um segundo nome teofórico ou nem teofórico nem basifórico e um terceiro nome que é a abreviatura ou o hipocorístico do precedente, vd. H. Junker, *o. c.*, pp. 60-61; G. Daressy, " La Nécropole des Grands Prêtres d' Héliopolis sous l' Ancien Empire " in *ASAE 16* (1916), p. 212 e H. G. Fischer, " Five Inscriptions of the Old Kingdom " in *ZÄS 105* (1978), p. 59.

(57) Sobre as diferentes categorias de nomes em uso no Império Antigo, vd. H. Junker, *o. c.*, pp. 59-63.

(58) Desde então, a tripla ou dupla identidade é expressa numa oposição entre um nome não especificado e um nome ou dois nomes que, se são especificados, são-no por *rn.f nfr*, vd. H. G. Fischer, *Inscriptions from the Captive Nome Dynasties*, p. 6; J. Quaegebeur, " Contribution à la

Prosopographie des prêtres memphites à l' époque Ptolémaïque " in *Ancient Society* 3, p. 105.

(59) Vd. H. de Meulenaere, *Le Surnom Egyptien à la Basse Epoque*, p. 31 e ainda J. J. Clère, " Une statue neophore hathorique d' Epoque Saite " in *RdE* 24 (1972), pp. 52-54.

(60) Na VI dinastia o sistema sobre o qual é fundada a oposição dos nomes começa a desagregar-se e *rn nfr* perde o seu sentido original, passando a qualificar quer os nomes de uma mesma pessoa (vd. H. G. Fischer, *Dendera in the third millenium B. C. down to the Theban domination of Upper Egypt* , p. 105 e ainda os exemplos de bons nomes basilofóricos apresentados por S. Bey Hassan, " Excavations at Saqqara (1937-1938) " in *ASAE* 38 (1938), p. 509) quer o mesmo nome que *rn* 𓆎3 (vd. o exemplo ocorrido em Dendera que H. G. Fischer nos apresenta, *Ibidem* , p. 117).

(61) Vd. P. Vernus, " Les Noms Propres Juxtaposés au Moyen Empire " in *RdE* 23 (1971), p. 197 e ainda P. Vernus, *Le Surnom au Moyen Empire* , pp. 78-81.

(62) Por exemplo, os documentos administrativos do Império Médio usam uma coluna especial para o segundo nome e quando este não aparece é assinalado pela fórmula *rn.f pw* (é o seu nome).

(63) Vd. H. de Meulenaere, *Le Surnom Egyptien à la Basse Epoque*, p. 25. Ranke apresenta-nos vários exemplos expressos em diferentes textos que nos patenteiam a realidade do nome dado pelas mães no momento do nascimento, vd. H. Ranke, " Les Noms Propres Egyptiens " in *CdE* XI (1936), pp. 301, 303-304,306-308.

(64) Vd. G. Posener, *o. c.*, p. 204 e também H. Guksch, *Das Grab des Benja*,

gen-Paheqamen, pp. 17-18. P. Vernus apresenta-nos as múltiplas variantes de *gdw n.f* , vd. P. Vernus, " Name " in *LÄ IV* , col. 326 n. 63.

(65) O segundo nome tal como acontecia no Império Médio também é introduzido por *gdw n.f* (aquele que se chama).

(66) Um dos raros casos de tripla identidade é citado por W. Spiegelberg, P. E. Newberry, *Report on some excavations in the theban necropolis during the winter of 1898-1899*, p. 11 e ainda um outro exemplo de um estrangeiro que entrou no Egipto no reinado de Ramsés II, citado por A. Rowe, " Newly-identified monuments in the Egyptian Museum showing the deification of the dead together with brief details of similar objects elsewhere " in *ASAE 40* (1940), pl. VIII.

(67) Na Época Baixa, os *m.w nfr.w* diminutivos desaparecem quase completamente e surgem os bons nomes basilo fóricos que nao têm qualquer diferença dos nomes oficiais (*m.w* \sim *3.w*). Esporadicamente são usadas outras fórmulas para especificar o nome de um indivíduo, vd. P. Vernus, " Name " in *LÄ IV* , col. 324.

(68) M. H. T. Lopes, " La Tension Externe du Nom " in *V Congresso Internacional de Egiptologia* .

(69) Segundo uma lógica mais política do que metalinguística, vd. J. Bragança de Miranda, *o. c.* , p. 25.

(70) Vd. R. Barthes, " Proust et les Noms " in *Nouveaux Essais Critiques*, p. 134.

(71) W. Benjamin, *Origem do Drama Barroco Alemão*, p. 16.

(72) Vd. H. Ranke, " Grundsatzliches zum verstandnis der Agyptischen

Personennamen in Satzform " in *SHAW 1936-1937*, pp. 9-12. Sobre o nome dado à nascença vd. E. Lefévre, " L'importance du nom chez les égyptiens " in *Sphinx 1*, pp. 94-97. Vd. ainda G. Posener, " Sur l'attribution d'un Nom a un enfant " in *RdE 22* (1970), pp. 204-205.

(73) Daí a expressão *rn.f n mwt.f* (o seu nome de sua mãe) e a proeminência, nos textos mágicos, da filiação materna, vd. G. Posener, " Les Empreintes Magiques de Gizeh et les morts dangereux " in *MDAIK 16* (1958), p. 264 e J. Černy, *A Community of Workmen at Thebes in the Ramesside Period*, p. 336 e ainda J. Zandee, *De Hymnen aan Amon van P. Leiden I 350*, p. 74. Vd. também *Pyr. 820 b.* e *CT VI 291 m. n.*

(74) Vd. G. Posener, *o. c.*, p. 205, J. Sainte Fare Garnot, " Les Fonctions, les Pouvoirs et la Nature du Nom Propre dans l'Ancienne Egypte d'après les Textes des Pyramides " in *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, p. 469 e também H. Ranke, *PN 1*, 418, 18.

(75) Vd. P. Vernus, " Namensbildung " in *LÄ IV*, col. 334-337.

(76) Vd. G. R. Hughes " The cruel father. A demotic papyrus in the library of G. Michaelides " in *Fs. Wilson*, p. 45.

(77) Vd. os exemplos apresentados por J. Vandier, *Moçalla. La Tombe d'Ankhtifi et la Tombe de Sébekhotep*, pp. 13-14; P. Vernus, " Sur une particularité de l'onomastique du Moyen Empire " in *RdE 22* (1970), p. 158, n. 4 e ainda J. Yoyotte, " Osorkon, fils de Mehytouskhé un pharaon oublié ? " in *BSFE 77/78* (1976/1977), p. 41. Vd. para o caso específico de *ikr*, H. G. Fischer, *Dendera...*, p. 131, n. 576 e para *snb*, H. de Meulenaere, " Les Stèles de Nag el-Hassaia " in *MDAIK 25* (1969), p. 92.

(78) Na época saíta é, muitas vezes, basilofórico, vd. H. de Meulenaere, *o. c.*, p. 30.

(79) Vd. G. Posener, " Les Criminels débaptisés et les morts sans noms " in *RdE* 5 (1946), pp. 51-56 e E. Otto, " Bedeutungsnuancen der verben *mrj* 'lieben' und *mšdj* 'hassen' in *MDAIK* 25 (1969), p. 99.

(80) S. Kripke, *La Logique des Noms Propres*, pp. 37 ss.

(81) V. Descombes, *L'Inconscient malgré lui*, p. 46 e ainda H.-P. Jeudi, " Jeux de noms, jeux de vilains " in *Comunicação e Linguagens* 10/11 (1990), p. 109. Como refere F. Zonabend, os vários nomes reflectem as várias facetas da personalidade do seu portador, " Le Nom de personne " in *L'Homme - revue française d'anthropologie*, Octobre-Décembre 1980, p. 15.

(82) M. A. Babo, *o. c.*, p. 138.

(83) V. Descombes, *o. c.*, p. 47.

(84) Nomes que traduzem as primeiras exclamações da mãe perante o recém-nascido (Ranke, *PN I*, 81, 20; 197, 13; 232, 1; *PN II*, 267, 10 e ainda J. Zandee, " Egyptological Commentary on the Old Testament " in *Travels in the World of the Old Testament*, pp. 270-271); nomes pedindo ou evocando a protecção de um deus (J. Quaegebeur, " Considérations sur le Nom Propre égyptien teëphthaphômukhos " in *DLP* 4 (1973), p. 92, Idem, " Teëphibis, dieu oraculaire " in *Enchoria* 5 (1975), p. 19, Idem, " Tithoes, dieu oraculaire " in *Enchoria* 7 (1977), p. 103, J. Sainte Fare Garnot, " Défis au Destin " in *BIFAO* 59 (1960), pp. 8-13 e ainda G. Vittmann, " Zwei Königinnen der Spätzeit namens chedebnitjerböne " in *CdE* XLIX (1974), p. 43, n. 1); nomes alusivos à ausência do pai (H. Junker, *Giza I*, 254), nomes que evocam a data do nascimento (E. L. B. Terrace, H. G. Fischer, *Treasures of Egyptian Art from the Cairo Museum*, p. 92 e também H. de Meulenaere, " Anthroponymes égyptiens de Basse Epoque " in *CdE* XXXVIII (1963), p. 218); nomes que evocam o aparecimento

de uma divindade no dia da sua festa (Jozef Vergote, *Les Noms Propres du P. Bruxelles Inv. E. 7616. Essai d'Interpretation*, p. 23, W. Brunsch, " Untersuchungen zu den griechischen wiedergaben ägyptischer Personennamen " in *Enchoria 8* (1978), p. 83); nomes que evocam ou celebram o pedido de um filho a um deus (S. Schott, " Die bitte um ein kind auf einer grabfigur des frühen mittleren reiches " in *JEA 16*, p. 23 e H. G. Fischer, " Sh3.šn (Florence 1774) " in *RdE 24*, p. 66, n. 3 , E. Feucht, " Kinderlosigkeit und-wunsch " in *LÄ III*, col. 440-441, J. J. Clère, " Notes d' Onomastique a propos du Dictionnaire des Noms de Personnes de H. Ranke " in *RdE 3*, p. 113, n. 50, P. Vernus, *Athribis*, pp. 382-383, D. Wildung, *Imhotep und Amenhotep*, p. 70, J. Quaegebeur, " Contribution à la Prosopographie des prêtres memphites à l' Epoque Ptolémaïque " in *Ancient Society 3*, p. 96), nomes que são a expressão da situação política e religiosa vivida (da fé a uma divindade local, vd. J. Yoyotte, " Une étude sur l' anthroponymie Gréco-Egyptienne du nome Prosôpite " in *BIFAO 55*, p. 139 ; de adesão a uma corrente religiosa, J. Yoyotte, " Le Soukhos de la maréotide et d' autres cultes régionaux du dieu-crocodile d' après les cylindres du Moyen Empire " in *BIFAO 56*, pp. 85 ss., J. Quaegebeur, " Le dieu égyptien Shai dans la religion et l' onomastique " in *OLA 2*, pp. 176 e 283, P. Vernus, *Athribis* , pp. 460-461 ; de adesão a um aspecto da ideologia monárquica, B. van de Walle, H. de Meulenaere, " Compléments à la Prosopographie Médicale " in *RdE 25*, p. 71 ; ou visando demonstrar amor ao rei, H. G. Fischer, " A memphite high priest and his sisters " in *Egyptian Studies 1 - Varia* , p. 65, E. Drioton, " Description des chapelles funéraires de la VI dynastie récemment découvertes derrière le mastaba de Mérérouka à Sakkarah " in *ASAE 43*, épocas atribuladas da história do Egito , M. Guentach-Dgloueff, " Noms Propres Imprécatoires " in *BIFAO 40*, p. 132 ; nomes próprios imprecatórios dirigidos contra os inimigos , vd. a controversa opinião de W. Spiegelberg, " Der Name Inaros in Ägyptischen Texten " in *Recueil de Travaux relatifs à l' Archeologie égyptienne et assyrienne*, XXVIII, p. 199). No Antigo Egito havia também o costume de manter certos nomes na família, durante algum tempo, dando

por exemplo ao filho o nome do pai, à filha o nome da mãe e a um e a outro, os nomes dos avós (vd. J. Yoyotte, " Les filles de Têti et la Reine Seshé du Papyrus Ebers " in *RdE* 7, p. 185, M. Megally, *Recherches sur l' économie, l' administration et la comptabilité égyptienne à la XVII^e dynastie d' après le papyrus E. 3226 du Louvre*, pp. 271-273, M. L. Bierbrier, *The Late New Kingdom in Egypt* e Gunther Vittmann, *Priester und Beamte im Theben der Spätzeit*). Também havia a preocupação de situar o indivíduo por ordem de chegada à família (J. Vergote, *o. c.*, e P. Lacau, " La stèle J. E. 59636 du Musée du Caire " in *Mélanges Mariette*, p. 220), de mostrar as suas semelhanças com um antepassado (H. Ranke, " Les Noms Propres Egyptiens " in *CdE* XI, pp. 295-296). Sobre as motivações desta nomeação, vd. E. Leach, " The Mother ' Brother in Ancient Egypt " in *RAIN* 15, p. 21 . Sobre os nomes próprios enquanto classificadores face a uma linhagem, vd. T. Cardoso e Cunha, " Nome e Classificação " in *Comunicação e Linguagens* 10 / 11 (1990), pp. 103 ss.

(85) " Na soberania antiga, o nome era a garantia da eternidade de uma linhagem ", vd. M. Montaigne, " Des Noms " in *Essais* I, p. 407. Vd. Ch. Desroches-Noblecourt, " Concubines du mort et mères de famille au Moyen Empire-à propos d'une supplique pour une naissance " in *BIFAO* 53, p. 42 e H. de Meulenaere, " La famille du roi Amasis " in *JEA* 54, p. 185, n. 8.

(86) Acrescentando um epíteto revelador de um traço físico ou moral (vd. Ranke, *PN* II, 177-180) ou da sua origem geográfica (Ranke, *PN* II, 192-194, H. G. Fischer, " Notes on the Moçalla Inscriptions and some contemporaneous texts " in *WZKM* 57, p. 77 e H. de Meulenaere, " Notes d' Onomastique Tardive " in *RdE* 14, p. 50 , Idem, " Une Statuette égyptienne à Naples " in *BIFAO* 60, p. 122) ou das suas semelhanças com determinado grupo étnico (G. Posener, " Les Asiatiques en Egypte sous les XIIe-XIIIe Dynasties " in *Syria* 34, p. 156) ou do seu estatuto social (J. Černy, R. A. Parker, " An Abnormal hieratic Tablet " in *JEA* 57, p. 129) ou da sua profissão (Ranke, *PN* II, 187) ou que enfatizam uma

relação familiar com os deuses (CG 20804 , *PN I*, 156, 9, *PN II*, 291, 11). Outra possibilidade era através da atribuição de uma " alcunha ", vd. P. Vernus, " Noms Propres Juxtaposés au Moyen Empire " in *RdE 23*, p. 197 e W. K. Simpson, " The dynasty XIII stela from the Wadi Hammamat " in *MDAIK 25*, p. 156, fig. 1.

I – O Império Novo

A problemática do nome está presente no universo egípcio, desde o Império Antigo até à Época Baixa. Assim sendo, ao abordar este tema houve a necessidade e preocupação de o situar numa época específica.

A opção pelo Império Novo ficou a dever-se, fundamentalmente, a duas razões de ordem diversa : à inexistência de trabalhos sobre esta temática neste período da história egípcia e à variedade e quantidade de documentação que ele forneceu. Com efeito, este é o período da história do Egipto em que a documentação relativa aos nomes aumenta significativamente. Eles estão presentes nas diversas inscrições em monumentos mas ainda, e de uma forma significativa, em toda a documentação administrativa que este novo império vai produzir. Vejamos como tudo se passou.

O Império Novo (~1539 - 1069) foi, sem dúvida, o período mais glorioso da história do Egipto (1) . Com ele, o Egipto renasce das cinzas em que tombara sob o jugo dos Hicsos (2), durante mais de um século, e inicia uma nova fase da sua história caracterizada pela abertura para o mundo e pela política imperialista . Este período comportou três dinastias bem distintas, a XVIII dinastia (~ 1539 ~ 1293), que corresponde ao apogeu do Império, a XIX dinastia (~ 1293 ~ 1190), que tenta ainda manter o brilho e o fulgor do passado recente, mas que é profundamente determinada por uma conjuntura internacional que lhe é adversa e a XX dinastia (~ 1190 1069) com a qual se inicia a decomposição do império faraónico. Mas atentemos mais profundamente nos acontecimentos e nas personagens que nos permitem caracterizar cada um destes períodos .

A XVIII dinastia, fundada por Amosis (~ 1539 ~ 1514) (3), responsável pela expulsão dos Hicsos do território egípcio, corresponde sem dúvida, à fase mais brilhante do novo Estado faraónico (4) . Uma fase de profundas alterações políticas, económicas, culturais e mentais . Elas

começam a desenhar-se com Amenófis I (~1514~1493), que inicia a política de agressão no Corredor e a prática dos sepultamentos na necrópole tebana, afirmam-se com Tutmósis I (~1493~1481), quer no tacante à política exterior quer no que diz respeito à política de construção, mantêm-se sob o fugaz reinado de Tutmósis II (~1481~1478), mas estão, sobretudo, bem materializadas em figuras como Hatchepsut, Tutmósis III e Amenófis IV, símbolos de uma nova época que se desenha.

Tutmósis III (~ 1478 ~ 1426), quinto faraó da XVIII dinastia, foi indubitavelmente o mais importante de todos os faraós egípcios (5), verdadeiramente responsável pela construção de um Império e pela hegemonia egípcia na Ásia e criador de uma nova forma de fazer política onde a diplomacia ocupava um papel preponderante. Mas o seu reinado de cinquenta e três anos só se inicia verdadeiramente à morte de Hatchepsut, no vigésimo-segundo ano do seu reinado . Vejamos como tudo se passou .

Tutmósis III era filho natural de Tutmósis II e de uma concubina chamada Isis, mas o oráculo divino de Amon (6) escolhera-o como sucessor de seu pai . No entanto à morte deste e dada a juventude do futuro rei, cabe a Hatchepsut (~ 1471 ~ 1456), esposa de Tutmósis II, a regência sobre o trono do Egito, uma regência que a hábil rainha rapidamente transforma numa co-regência institucionalizada (7), fazendo-se coroar e tomando mesmo a titulação, os atributos e os epítetos característicos do faraó . Esta atitude é prontamente apoiada pelo clero de Amon que a legitima através dos seus oráculos e de relatos mitológicos (8), uma habilidade diplomática que caracteriza a política da casta tebana no Império Novo visando, nesta conjuntura, não permitir que a anarquia se instalasse sobre a terra do Egito .

O " reinado " de Hatchepsut é marcado por um período de tranquilidade política, que se reflecte na sua profícua actividade de construção (9) e de recuperação (10), assim como no desenvolvimento da actividade comercial . Mas à sua morte, Tutmósis III assume finalmente o poder, dando início a um dos períodos mais brilhantes da história do Egito . A

sua política de agressão na Ásia, de domínio e controlo da Núbia e da Líbia, transforma o Egipto num verdadeiro Estado imperialista (11), cuja hegemonia sobre as zonas dominadas era mantida através de uma série de medidas bem articuladas (12) onde a diplomacia jogava um papel fundamental (13). Esta hegemonia permanecerá, com algumas oscilações, até ao reinado de Amenófis III (~1391~1353).

As consequências desta política rapidamente se farão sentir. A "abertura ao mundo" trouxera muitos estrangeiros para o Egipto, dando origem, mais tarde, ao surgimento de verdadeiras colónias asiáticas (14), à adulteração progressiva dos costumes, ao sincretismo religioso e à alteração da própria língua "enriquecida" com termos asiáticos, semitas e hurritas. Simultaneamente, e como consequência imediata das operações militares, transformará o Egipto num país de muitas e renovadas riquezas, resultantes dos saques e dos tributos pagos pelas forças controladas. No entanto, a maior parte destas riquezas será consagrada ao domínio de Amon (15), reforçando assim a operatividade política que a casta tebana vinha alicerçando desde o início da dinastia (16). Esta operatividade era consequência da aliança firmada entre o poder político (do faraó) e o poder religioso de Amon (materializado no seu clero tebano).

A própria divindade, Amon, irá reflectir a nova ideologia do Império. O velho deus local de Tebas vê-se, de repente, projectado para o primeiro plano numa nova faceta, a de Amon-Ré (17), assumindo com a solarização dos seus aspectos uma dimensão de deus universal, criador de todos os povos, deus transcendente, responsável pela estabilidade política e pelo êxito da expansão imperial. Esta projecção prova que o clero de Amon soubera organizar-se, desenvolver-se e povoar toda uma cidade religiosa, fazendo esquecer antigas divindades nacionais (18). O título de "Chefe dos Profetas do Sul e do Norte", conquistado pelos sacerdotes de Amon no reinado de Tutmósis III, vem consagrar o papel preponderante do seu deus no Estado e do seu clero na vida política do país. Em contrapartida, os reis egípcios, e Tutmósis III (19) é bem um exemplo disso, reconhecem a sua eficácia providencial com doações, novas construções em Karnak e

celebrações das suas festas anuais, estabelecendo assim uma relação entre a graça divina e o culto real (20).

No entanto, e curiosamente, é ainda no reinado de Tutmósis III que se inicia uma reacção teológica tendente a reactivar o velho culto solar heliopolitano (21), muito negligenciado durante um certo tempo, devido, sobretudo, ao sucesso de Amon. Esta tendência para reanimar cultos antigos, suplantados pela nova divindade imperial, irá acentuar-se nos reinados seguintes: Amenófis II e Tutmósis IV, por exemplo, procuraram reanimar os cultos da região menfita.

Podemos vislumbrar nestas tendências, o encobrimento de uma atitude política, por parte dos reis tebanos, tendente a "abater" o poderio crescente do clero de Amon. Não é por acaso que no reinado de Amenófis III, o título e a função de "Chefe dos Profetas do Sul e do Norte" irá escapar ao clero de Amon, que só o recupera, de novo, com Ramsés II (22).

O Egipto era agora, sem dúvida, o grande império da Antiguidade. Mas a sua manutenção apresentava-se difícil, pois para além do poderio mitânio concentrado no Retenu, surgia na Anatólia uma nova força, indo-europeia, com pretensões imperiais, os hititas (23). Durante algum tempo, a hábil política de alianças levada a cabo pelos reis egípcios visou criar um espaço-tampão que não permitisse a incursão dos Hititas em território egípcio. Mas a sua expansão para a área de influência egípcia também poria em causa o equilíbrio económico do Império.

Esta era a realidade conjuntural quando Amenófis IV (-1353-1336) assume o poder. O seu reinado apresentará uma nova faceta, totalmente original (24), a um Império que se mostrava já permeável a todas as influências.

No ano IV do seu reinado, Amenófis IV substitui o seu nome, que significa "Amon está satisfeito" por uma nova formação onomástica, Akhenaton, "o favorável ao Disco", definindo deste modo o seu programa político-religioso. A partir deste momento, e rompendo com a tradição faraónica, Akhenaton irá comportar-se mais como um profeta do que como um rei. Abandona Tebas e manda construir uma nova capital, Amarna

(~ 1349) (25), no Médio Egípcio, numa zona completamente virgem de credos e de deuses, chamada Akhet-Aton ("O Horizonte do Disco"). E, no ano VI do seu reinado, acompanhado da sua corte, que se abre a muitos estrangeiros, e da família parte para Amarna, iniciando aí uma das heresias mais célebres da Antiguidade, o atonismo (26).

O atonismo consiste numa nova formulação religiosa que faz substituir o vasto panteão egípcio por um único deus, criador, pai e mãe da humanidade, motor do mundo físico e providência de todos os seres vivos, Aton, o disco solar. Um deus ecuménico, capaz de reunir " todos os povos " sob uma mesma crença . Este é dado a conhecer à corte amarniana através dos seus únicos profetas, Akhenaton e Nefertiti, o casal solar . Mas a influência desta heresia irá ter as suas repercursões na vida de corte (27), na arte (28) e na literatura (29) . Uma influência restrita à zona de Amarna e que cessa imediatamente após a morte do seu fundador . A cidade é abandonada e, no decorrer dos séculos seguintes, praticamente destruída . Os templos de Aton são desmantelados e as suas pedras servirão para glorificar novos deuses. No entanto, a ideologia de Amarna (30) irá provocar alterações profundas nos comportamentos e nos sentimentos do homem egípcio, como veremos adiante. A partir de então nada mais será igual. E este foi, sem dúvida, o grande contributo de Amenófis IV para o desenhar de uma nova história no velho palco da civilização faraónica.

Após o período atonista, o Egípcio parece entrar numa súbita apatia que só é verdadeiramente sacudida com Horemheb (~1323~1293), último rei da XVIII dinastia. Este fora um antigo comandante de tropas egípcias no Delta e no Corredor, durante o s reinados de Akhenaton e Tutankhamon e agora encontrava-se no trono do Egípcio. As velhas estruturas faraónicas começavam a romper-se. A abertura ao mundo apresentava as suas consequências. E assim, de uma forma peculiar, pouco de acordo com a tradição, terminava um dos períodos mais brilhantes da história egípcia.

A XIX dinastia (~1293~1190) iniciada com Ramsés I, um companheiro de armas de Horemheb, trará ainda um " século de ouro " ao Egípcio,

permitindo-lhe retomar o velho orgulho faraônico e recompôr os quadros mentais.

Este período compreende os reinados de Seti I (~1291~1279) a Merenptah (~1213~1204), mas a figura mais notável deste século é, sem dúvida, Ramsés II (~1279~1213) (31), cujo ideal político parece recuar à fase mais brilhante da XVIII dinastia. No entanto, a conjuntura internacional era agora outra e bem adversa a estas aspirações. A força hitita que desde o reinado de Amenófis IV ameaçava o equilíbrio egípcio-mitânico, conduzindo à ruína dos mitânicos perante a passividade egípcia, buscava agora um domínio absoluto sobre esferas de influência egípcia. Os primeiros conflitos datam do reinado de Seti I, mas os confrontos decisivos que conduzirão a uma alteração em termos de política exterior egípcia, têm a sua expressão com Ramsés II, em Kadesh.

A última esperança de fazer renascer o "império de Tutmósis III" sucumbira sob as armas hititas e o orgulho egípcio de novo se submete à aceitação de um tratado de paz com o novo rei hitita Hattusili III, a fim de preservar a paz. No entanto, e apesar da incapacidade egípcia de dobrar o poderio hitita, o reinado de Ramsés II é, ainda, um marco decisivo na história do Império Novo. Pela sua capacidade administrativa, pela sua visão estratégica, materializada na construção de Pi-Ramsés (ou Per-Ramsés) (32), pela sua compreensão da verdadeira importância de "reinar pela eternidade". Com Ramsés II o Egípto cobre-se de templos, santuários, obeliscos, colossos (33) e textos, muitos textos gravados na pedra, escritos sobre papiro e sobre *ostraca*. Estes falam-nos de um tempo em que o Império era ainda uma noção presente no quotidiano, um tempo em que a população estrangeira residindo em Tebas era numerosa, um tempo em que Amon reafirmara o seu poder transcendente sobre todos os outros deuses, triunfando uma segunda vez, face aos cultos rivais que a monarquia lhe tentara opôr. Com efeito, os reis desta nova dinastia, oriundos de uma família militar do Delta oriental eram devotados a Set, que embora pouco estimado pelo povo, devido ao papel que desempenhara na morte de Osíris, conservava aí os seus lugares de culto (34). No

entanto, a experiência de Amarna provara a estes reis que um corte definitivo com o poder religioso instituído não seria eficaz. E assim Seti I e Ramsés II não rompem com Tebas, mas concedem também os seus favores a Set e a outros deuses. Seti I, por exemplo, consagrou uma boa parte da sua actividade à manutenção e reconstrução dos templos osiríacos de Abidos (35) e Ramsés II protege, também, os cultos menfitas e heliopolitanos, não hesitando em dar a dois dos seus filhos, o título de grandes sacerdotes de Ré e de Ptah (36).

Com a morte de Ramsés II esgotava-se um dos mais longos reinados do Egipto e chegava ao fim um período de paz que durara cerca de meio século (37). Este quebra-se exactamente no ano quinto do reinado de Merneptah. Grupos armados oriundos da área do Egeu, vulgarmente designados como os "povos do mar" forçam a fronteira líbia tentando penetrar no Egipto. Merneptah vence este primeiro confronto de forças mas pressente que, de novo, a conjuntura internacional se modifica, desfavoravelmente para o Egipto. O velho aliado hitita sucumbe ao ataque destes guerreiros e o isolamento egípcio acentua-se.

Esta conjuntura externa desfavorável, aliada à crise dinástica que se instaura, vem enfraquecer a XIX dinastia, conduzindo-a ao seu termo. Mas o novo período que se avizinha também não permitirá ao Egipto renovar glórias passadas. Com efeito, a XX dinastia (~ 1190 ~ 1069), para além do breve período de fulgor com Ramsés III (~ 1187 ~ 1156), o último grande faraó do Egipto, que consegue conter a penetração em território egípcio, da coligação de líbios e povos do mar, marca já o princípio do fim. No entanto, o deus Amon é ainda evocado na sua qualidade de protector das tropas do faraó. E as doacções ao clero tebano reafirmam-se, de novo suportadas pelas riquezas provenientes da guerra. O domínio de Amon é mais uma vez enriquecido com escravos, aumentando neste reinado, de forma significativa, o número de estrangeiros residentes em Tebas (38).

Após Ramsés III, sob os Ramesséssidas (39), o Egipto irá viver uma profunda crise económica, consequência do fim do circuito comercial egípcio-hitita e da complexidade institucional que se criara. Esta

conduzirá à decomposição social, à corrupção generalizada, às greves, às revoltas no Delta e aos assaltos massivos aos túmulos (40).

A mesma mão que conduzira o Egipto ao cume, com Tutmósis III, parecia precipitar agora a sua queda.

A política imperialista do Império Novo permitira ao Egipto, o contacto com outros espaços, outros povos, outras culturas e até outras religiões. Mas tudo isto contribuíra para alterar profundamente a face e o coração do Império, reduzindo a tradicional ideologia faraónica, apoiada no conceito de Maat (41), a um modelo ultrapassado e sem qualquer tipo de operatividade política ou mental.

Enquanto no passado, a ordem e as relações sociais eram regidas por Maat, conduzindo assim a uma correlação entre ética e eficácia, que legitimava plenamente a ostentação e a riqueza, no " novo mundo ", que se desenha a partir de Amenófis III (~1391~1353), os escândalos (42) e a corrupção (43) preenchem o quotidiano, conduzindo inevitavelmente, o homem egípcio a uma atitude céptica (44) e crítica (45) das instituições. Esta leva-o a abandonar a crença na excelência intrínseca da ordem estabelecida e na sua capacidade imanente de auto-regulação.

Descrente das regras e das instituições, vivendo uma profunda crise de valores, o homem egípcio irá substituir a velha concepção maática por uma nova ética que se caracteriza, fundamentalmente, pela rejeição da ordem estabelecida enquanto valor positivo, em proveito de uma relação pessoal com uma divindade de eleição, dando assim origem à "religião pessoal" ou "piedade pessoal" (46). Ela assenta, basicamente, na concepção de um deus pessoal, escolhido pelo homem, com o qual o indivíduo pode estabelecer uma relação de pessoa a pessoa, que conduz directamente o seu destino e está presente, de uma forma imediata, no seu horizonte individual. É a passagem do deus imanente ao deus transcendente. Ela conduz ao aparecimento de novas noções: a da possível contemplação imediata da divindade (47), à dialéctica do pecador e do perdão (48) e a uma nova formulação funerária (49), em que a divindade surge como responsável fundamental pela eternidade, substituindo assim o

antigo "aparelho funerário". Este facto vem pôr em causa a eficácia dos aparelhos funerários e das técnicas mágicas que garantiam, até este momento, a sobrevivência post-mortem.

No entanto, o surgimento de um "culto pessoal" não implica o abandono absoluto do culto oficial (50). Eles coexistem e nunca entrarão em conflito, sendo o primeiro praticado nos templos, garantido por um ritual elaborado e complexo e por uma teologia sábia, mas reservado exclusivamente a uma elite de especialistas (51). O povo, excluído dos templos, não participava deste sistema organizado. Para eles estava reservada uma outra mediação do divino (52), que embora não sendo de tipo institucional, respondia a códigos e práticas específicas (53).

Correspondendo à expansão da piedade pessoal e à nova concepção da relação homem/divindade vão desenvolver-se novos "canais de comunicação" (54). Assim, ao lado do sonho e da inspiração surge o oráculo (55), na segunda metade da XVIII dinastia. Ele personaliza a forma mais corrente da divindade se expressar no quotidiano.

A política imperialista do Império Novo mudara a face e o coração do Egipto, conduzindo-o a um contacto-diálogo com outros espaços, outros povos, outras culturas e até outras religiões. As provas e as consequências desses contactos são visíveis na Onomástica egípcia do Império Novo, como veremos oportunamente.

Notas

(1) Vd. C. Lalouette, *Thèbes ou la Naissance d'un Empire*; E. Drioton, J. Vandier, *L'Égypte. Des origines à la conquête d'Alexandre*, caps. I-X e F. Daumas, *La Civilización del Egipto Faraónico*, cap. III.

(2) Os Hicsos, população asiática maioritariamente constituída por semitas, embora contendo também elementos hurritas, dominaram o Egipto durante mais de um século. A sua presença em solo egípcio determinou profundamente a faceta do novo império, vd. M. H. T. Lopes, E. C. C. Rego, "As Operações Militares de Tutmósis III" in *Hathor* 3 (1991), pp. 73-92 e ainda T. Säve-Söderbergh, "The Hyksos rule in Egypt" in *JEA* 37 (1951), pp. 53-71.

(3) Amósis era irmão de Kamés, o último soberano da XVII dinastia, e foi o responsável pela expulsão dos Hicsos do território egípcio, tendo-os perseguido até entrar na Palestina e destruir o seu baluarte em Charuhen. Vd. C. Vandersleyen, *Les Guerres d'Amosis, Fondateur de la XXIIIe Dynastie*.

(4) Vd. D. B. Redford, *History and Chronology of the XVIIIth Dynasty of Egypt*.

(5) A sua importância está bem expressa no culto que lhe é prestado pela piedade pessoal até ao período ptolomaico, vd. P. Vernus, J. Yoyotte, *Les Pharaons*, p. 163. A propósito desta figura emblemática vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, pp. 76-77.

(6) E. Drioton, J. Vandier, *o. c.*, p. 339. Sobre a importância dos oráculos no Antigo Egipto, vd. J. Černý, "Egyptian Oracles" in R. A. Parker, *A Saite Oracle Papyrus*, pp. 35-48 e J. Leclant, "Elements pour une étude de la

divination dans l' Egypte Pharaonique " in *La Divination. Études recueillies par A. Caquot et M. Leibovici I*, p. 1 ss.

(7) P. Vernus, *o. c.*, p. 60.

(8) Vd. o mito " Como uma rainha nasceu de um deus " in M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e a sua integração no Cosmos*, pp. 177-180.

(9) O templo funerário de Deir el-Bahari, o templo de Montu, o santuário da Barca de Karnak, a avenida processional que liga Lucsor e Karnak e ainda dois obeliscos.

(10) Com efeito, Hatchepsut reconstruirá e restaurará diversos santuários abandonados, por todo o Egípcio.

(11) A sua política de agressão na Ásia, levada a cabo ao longo de dezassete operações militares, conduz a fronteira norte do Egípcio até ao Eufrates. Ao sul, na Núbia, o Egípcio exercia a sua influência até à quarta catarata. Vd. M. H. T. Lopes, " As Operações Militares de Tutmósis III : expressão de uma época " in *Hathor 3* (1991), pp. 73-92. Entre as diversas forças enfrentadas por Tutmósis III encontravam-se os Mitânios, conquistadores arianos, cujo poder e influência se vinha afirmando na zona do Retenu. Estes já anteriormente tinham sido enfrentados vitoriosamente por Tutmósis I, mas só deixam de constituir uma ameaça para o império egípcio depois do tratado de paz, selado entre Tutmósis IV e o rei mitânio, Ariatama.

(12) O protectorado egípcio no Corredor era garantido por guarnições egípcias em locais estratégicos. A presença militar egípcia era ainda reconhecível através dos santuários, dedicados a divindades egípcias, espalhadas pelo império.

(13) Com efeito, o Egípto desenvolveu uma hábil política de casamentos e de "adopções". Assim, os filhos dos diversos príncipes submetidos eram trazidos para a corte do faraó, para ali serem educados à maneira egípcia e, deste modo, ao regressarem às suas terras, agirem em conformidade com o seu país de adopção.

(14) Ao longo do Império Novo e em consequência da política expansionista o Egípto irá "cobrir-se" de estrangeiros, cuja presença é atestada nos ateliers, nos campos e, sobretudo, nas actividades ligadas ao templo. Tutmósis I, por exemplo, oferece prisioneiros núbios ao clero de Amon. Hatchepsut dá captivos de guerra aos diferentes templos. Tutmósis III oferece contingentes núbios e asiáticos ao templo de Amon. Por sua vez, o templo funerário de Tutmósis IV, a oeste de Tebas, recebe sírios e núbios e o templo mandado construir por Amenófis III, em cujo atelier trabalham numerosos escravos, está rodeado de "vilas sírias". Também o templo de Montu, em Karnak, é provido com "filhos de príncipes de todos os países estrangeiros".

Em Mênfis, neste período, existe uma "praça dos Hititas". Mais tarde, na XIX dinastia, Seti I oferece prisioneiros, na sua maior parte hititas, ao templo de Amon, enquanto que o templo de Osíris, em Abidos, recebe estrangeiros da zona do Retenu. Ramsés II oferece, também, prisioneiros asiáticos ao templo de Amon, em Karnak. E, finalmente, Ramsés III faz a distribuição dos vários captivos de guerra pelos templos de Tebas, Heliópolis e Mênfis, vd. G. Posener, "Une liste de Noms Propres étrangers sur deux ostraca hiéroglyphiques du Nouvel Empire" in *Syria* 18, p. 184.

(15) Como nos provam os anais de Tutmósis III. Consequentemente, com o tempo "A Casa de Amon" tornar-se-á um poder económico comparável à "Casa do Rei". Vd. J. J. Janssen, "The Role of the Temple in the Egyptian Economy during the New Kingdom" in E. Lipinski (ed.), *State and Temple Economy in the Ancient Near East*.

(16) Esta está bem consagrada na figura do "Primeiro Profeta de Amon" cujo poder na XVIII dinastia se vê reforçado pelo costume do título passar, geralmente, de pai para filho. A propósito desta importância, vd. S. Sauneron, *Les prêtres de l'ancienne Egypte*, pp. 188 ss., A. Rosalie David, *The Ancient Egyptians*, pp. 123-124 e ainda E. Hornung, *Les Dieux de l'Egypte*, p. 176.

(17) Vd. J. Assmann, *Re und Amun : Die Krise des polytheistischen Weltbilds im Ägypten der 18-20. Dynastie* e também A. Rosalie David, *o. c.*, pp. 121-122 e ainda Erik Hornung, *o. c.*, p. 84.

(18) S. Sauneron, *o. c.*, p. 188.

(19) "On sert Dieu parce qu'il a donné et afin qu'il donne", *Urk IV*, 181 ss. Esta afirmação, proferida por Tutmósis III, surge numa inscrição de Karnak.

(20) Vd. S. Morenz, *La Religion Egyptienne*, p. 135.

(21) Tutmósis III manda reconstruir, neste período, um certo número de templos solares que se encontravam em ruínas, vd. S. Sauneron, *o. c.*, p. 190.

(22) *Ibidem*

(23) Estes tornaram-se uma das grandes potências do Próximo Oriente, nos séculos XIV e XIII. Vd. D. R. Gurney, *The Hittites*, pp. 26-41.

(24) Vd. C. Aldred, *Akhenaton and Nefertiti*, e ainda Idem, "The Beginning of the el-Amarna Period" in *JEA 45* (1959), pp. 19-33.

(25) Vd. H. Kees, *Ancient Egyptian-A cultural topography*.

(26) Sobre esta questão, vd. J. Assmann, "Die 'Heresie' des Echnatons von Amarna. Aspekte der Amarna-Religion" in *Saeculum* 22, pp. 109-126 e ainda D. B. Redford, "The Sun-disc in Akhenaten's Program: its worship and antecedents" in *JARCE* 13 (1976), pp. 47-62.

(27) Vd. B. J. Kemp, "The Window of Appearance at el-Amarna, and the Basic Structure of this city" in *JEA* 62 (1976), pp. 81-99.

(28) A arte de Amarna com os seus volumes e formas alongadas rompe com todos os cânones da arte egípcia.

(29) O Hino a Aton reflecte bem o espírito do atonismo, Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e sua integração no Cosmos*, pp. 166-169 e ainda A. Piankoff, "Les Grandes Compositions religieuses du Nouvel Empire et la réforme d'Amarna" in *BIFAO* 62 (1964), pp. 207-218.

(30) Vd. a propósito da ideologia de Amarna, J. Assmann, "State and Religion in The New Kingdom" in *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, pp. 66 ss. A maior parte dos autores considera que o "episódio de Amarna" é responsável por uma alteração profunda na relação homem/divindade, vindo a dar origem ao fenómeno da "piedade pessoal", vd. F. Dunand, F. Zivie-Coche, *o. c.*, pp. 116-117 e 126.

(31) Vd. K. A. Kitchen, *Ramsés II, le Pharaon Triomphant. Sa vie, son époque*; J. D. Smith, *Ramsesses II. A chronological structure for his reign* e ainda AAVV, *Thèbes 1250 av. J. C.-Ramsés II et le rêve du pouvoir absolu*.

(32) Ramsés II construirá no Delta a cidade de Per-Ramsés, "a Casa de Ramsés", a fim de poder vigiar e conter, se necessário, a entrada dos beduínos do Istmo e dos Hititas da Palestina, vd. H. Kees, *o. c.*, pp. 200-218. Esta cidade, que desempenhou um importante papel

administrativo, recorda-nos o episódio bíblico do Exodo, que nos relata a saída dos hebreus da "terra da escravidão", vd. *Ex. 1 - 14*. Aqui, Ramsés II podia adorar à vontade os deuses do seu coração, reanimando assim o culto que Set tinha gozado, na Avaris, dos Hicsos, S. Sauneron, *o. c.*, p. 194.

(33) Vd. H. Kees, *o. c.*, pp. 273-274.

(34) Vd. S. Sauneron, *o. c.*, p. 192.

(35) *Ibidem*, p. 194.

(36) *Ibidem*, pp. 192-193.

(37) As lutas com os hititas tinham cessado, a Núbia estava pacificada e a fronteira com a Líbia encontrava-se perfeitamente controlada.

(38) Vd. C. Lalouette, *L'Empire des Ramsés*, p. 362.

(39) Este termo costuma designar o período de cerca de 134 anos (~1293-1089), que cobre os faraós da XIX e XX dinastia. Aqui utilizamo-lo num sentido mais restrito, designando somente os faraós que vão de Ramsés IV a Ramsés XI, Vd. P. Vernus, *o. c.*, pp. 123-124.

(40) Há vários testemunhos relativos à pilhagem dos túmulos no Vale dos Reis, vd. E. Thomas, *The Royal Necropoleis of Thebes*, pp. 265-266.

(41) Maat é, sem dúvida, a chave para a compreensão da antiga civilização egípcia. "Ela é a norma fundamental de toda a acção, instituída por deus no momento da criação e depois constantemente restaurada ou de novo garantida pelo rei, encarnação de Maat. [...] é a encarnação da justiça, da verdade, da ordem universal, [...] desempenhando assim o papel de equilíbrio moral e cósmico do mundo, um atributo divino do universo e da estrutura

da sociedade, de significação cósmica, social e moral", vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, pp. 91-92. Deste modo, Maat não só ajudava os deuses a manter a ordem do mundo como visava garantir relações harmoniosas entre os diferentes grupos que constituíam a humanidade.

A submissão às regras estabelecidas por Maat conduzia assim ao sucesso, à riqueza e à felicidade. É aqui que ética e eficácia se confundem, levando à legitimação e exaltação da ordem social. Sobre o conceito de Maat, vd. J. Assmann, *Maât, l'Égypte pharaonique et l'idée de justice sociale*.

(42) No final do Império Novo multiplicam-se os escândalos. A corrupção e o roubo alastram nos santuários e a pilhagem dos túmulos torna-se uma realidade do quotidiano.

(43) As proclamações de integridade que se multiplicam nas autobiografias do Império Novo vêm demonstrar o impacto que os escândalos e a corrupção tiveram nas instituições. A instituição judicial é, sem dúvida, uma das mais "sacudidas" pelo fenómeno de corrupção, vd. P. Vernus, *Affaires et Scandales sous les Ramsès*, pp. 174 ss. e 179 ss.

(44) Este cepticismo vai pôr em causa a instituição monárquica, abrindo assim caminho a um novo modelo social, a teocracia. Com efeito, a partir da XXI dinastia, os "deuses" governam em Tebas, com a ajuda dos oráculos. Sobre este período da história do Egito, vd. *Tanis. L'Or des pharaons*.

(45) O sistema judicial, por exemplo, é fortemente criticado. Os magistrados são acusados de corrupção. Vd. a título de exemplo o texto apresentado por G. Posener, "Amon, juge du pauvre" in *BABA* 12 (1971), pp. 59-63. Este texto é uma crítica às instituições e ao aparelho judicial. Como os magistrados são corruptos, só Amon pode julgar.

(46) Antes do Império Novo quase não encontramos testemunhos de uma

"religião pessoal " ou individual. Surgem-nos alguns nomes, indicadores de uma relação pessoal com a divindade. Mas todos eles são expressão de um pedido de protecção para uma criança recém-nascida. Não devemos esquecer que a esperança de vida era, então, de 29 anos. Sobre o fenómeno da " religião pessoal ", vd. J. Assmann, " State and Religion in the New Kingdom " in W. Simpson (ed.), *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, pp. 68-78; P. Vernus, " Le dieu personnel dans l' Egypte pharaonique " in *Colloque de la Société Ernst Renan*, pp. 143-157 e ainda J. Baines, "Society, Morality and Religious Practice" in *Religion in Ancient Egypt*, pp. 137-200.

(47) Esta noção vem expressar uma nova atitude religiosa, a "devoção individual ". O aparecimento deste fenómeno pós-amarniano é devido à insatisfação dos homens perante o culto oficial, do qual são excluídos, e à necessidade de comunicar directamente com a divindade. A este respeito vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *Dieux et Hommes en Egypte*, pp. 114-116 e 147-150. Esta nova formulação religiosa vem gerar um novo ideal de sábio : o " verdadeiro silencioso " (*gr m3*). Encontramos, neste período, várias expressões de piedade pessoal: oratórios privados, acumulação de objectos votivos de todo o tipo, oferendas dos fiéis, etc. Curiosamente, a maior parte das ofertas tem a ver com a fertilidade feminina, vd. J. Baines, *o. c.*, pp. 181 ss.

(48) No Império Novo introduz-se uma nova noção na relação pessoal, homem-deus. A noção de que o homem-pecador sofre uma punição, um castigo pelo seu "pecado", mas este é susceptível de perdão. Este castigo é a expressão da cólera (*hau*) dos deuses. Vd. B. Gunn, " Religion of the Poor " in *JEA* 3 (1916), pp. 81 ss. Os textos apresentados pelo autor correspondem aos reinados de Tutankhamon e Ramsés II e são provenientes de Tebas. O mais célebre de todos eles é, sem dúvida, *Berlim 20377* (a estela de *Nb.r<*).

(49) A partir de agora é a divindade que vai garantir o bom funcionamento do " aparelho funerário ". Ela dará todas as indicações ao homem, protegê-lo-á da angústia e da confusão, provando assim que a ordem terrestre já não o pode fazer. O homem, por sua vez, procura " comprar " a sua eternidade, doando os seus bens às divindades ou mandando construir-lhe monumentos. Tutmósis III e Ramsés II são bem a expressão destes dois tipos de atitude. P. Vernus apresenta-nos um texto bem elucidativo, de uma personagem chamada *S3.Mwt*, que lega todos os seus bens a Mut, e não aos seus filhos, a fim de garantir a sua eternidade, Vd. P. Vernus, " Littérature et auto-biographie, les inscriptions de *S3.Mwt* surnommé Kyky " in *RdE* 30 (1978), pp. 115-146.

(50) Vd. S. Morenz, *o. c.*, p. 150.

(51) Vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, pp. 113-114.

(52) *Ibidem*, p. 134.

(53) Não podemos dar uma imagem fiel das práticas individuais, pois o conhecimento que nós temos dessa realidade está subordinado à escassa documentação que nos chegou (estelas, *ostraca*, amuletos e *ex-voto* diversos). Ela revela somente uma pequena fracção das condutas religiosas individuais, vd. *Ibidem*, pp. 115-116. A propósito das práticas exteriores e interiores, vd. P. Vernus, *Affaires et Scandales sous les Ramsés*, pp. 192-193.

(54) Vd. *Ibidem*

(55) A partir do fim da XVIII dinastia, o oráculo torna-se uma coisa vulgar e frequentemente utilizada, vd. P. Vernus, "Littérature et auto-biographie, les inscriptions de *S3.Mwt* surnommé Kyky" in *RdE* 30, pp. 127-129. A partir da época ramesséssida há uma multiplicidade de oráculos, que os

particulares vêm consultar regularmente, segundo modalidades codificadas, vd. P. Vernus, *Affaires et Sacandales*, p. 193. Sobre quem pedia e porque pedia um oráculo, vd. J. Baines, *o. c.*, pp. 170-171. Ainda sobre esta problemática, vd. J. Assmann, "State and Religion in the New Kingdom" in *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, pp. 79 ss; J. Léciant, "Éléments pour une étude de la divination dans l'Égypte Pharaonique" in *La Divination*, pp. 1-23; A. M. Blackmann, "Oracles in Ancient Egypt" in *JEA 11*, pp. 249-255 e *JEA 12*, pp. 176-185; G. Posener, *De la divinité du pharaon*, pp. 82-85; A. Barucq, "Oracle et Divination en Égypte" in *Supplément au Dictionnaire de la Bible*, VI, col. 761-766 e 787; A. Théodorides, "Du prestige de la procédure oraculaire parmi le personnel de la nécropole thébaine, sous le Nouvel Empire" in *Acta Orientalia Belgica*, pp. 1-16 e L. Āakosy, "Prophecies of ram gods" in *Acta Orientalia Hungarica*, XIX, pp. 341-358. O mais importante destes oráculos é, sem dúvida, aquele que foi dado por Amon a Osorkon II, cujo texto é um verdadeiro programa político. Vd. J. Černy, "Egyptian Oracles" in *o. c.*, pp. 35-48.

II- Análise Linguística dos Nomes Próprios



n.f nfr

"O seu nome é belo"

(*PN I, 223, 15*)

Os nomes próprios egípcios podem ser abordados e classificados segundo diversos princípios: o princípio da forma, o princípio da significação ou semasiologia e o princípio da interpretação. Todos eles são importantes, determinando uma visão da problemática do nome próprio no Antigo Egito, que vai desde o pendor linguístico à interpretação histórico-antropológica. No entanto, para termos uma compreensão global desta problemática, numa determinada época, teremos que, necessariamente, abordar o nome próprio nesta tripla dimensão, decifrando assim, aquilo que, de perturbador ou inovador, trouxe o Império Novo à questão da Onomástica Egípcia.

Neste capítulo iremos debruçar-nos, exclusivamente, sobre a classificação dos nomes próprios egípcios segundo o princípio da forma (análise linguística).

Os nomes próprios do Antigo Egito expressam identidades,

existências, vitórias ou fracassos. Histórias dos vários tempos que constituem uma vida.

A compreensão desta realidade permite-nos entender a necessidade da nomeação se formular através de proposições ou expressões. Estas dividem-se, fundamentalmente, em duas categorias, a dos nomes completos e a dos nomes incompletos. Os primeiros podem expressar-se através de uma frase verbal ou nominal. Os segundos exprimem-se através de exclamações ou frases, cujo predicado não é exprimido linguisticamente. Uns e outros podem ainda ser abreviados e/ou alterados pela adição de um epíteto, dando assim origem a uma multiplicidade de possibilidades no tocante à formulação dos nomes próprios egípcios.

A classificação destes nomes torna-se assim bastante difícil, dada a ausência de contextos que permitam esclarecer a ambiguidade de certos nomes. Esta situação é ainda mais complexa no Império Novo dado que os nomes próprios deste período, que se relacionam directamente com o seu portador, são proporcionalmente raros (1). Por outro lado, a dificuldade de classificação e análise dos nomes próprios egípcios vai acentuar-se, no Império Novo, devido à sequência de transformações que a língua egípcia sofre neste período, evoluindo do egípcio clássico ou médio egípcio (2), que persiste até ao reinado de Amenófis III, para o neo-egípcio (3), a língua popular e oficial do Império Novo, a partir do reinado de Amenófis IV (4). Esta dificuldade é ainda acrescida pelo facto de muitas palavras estrangeiras entrarem, neste período, no vocabulário egípcio, como consequência natural do expansionismo e das trocas culturais.

Neste capítulo iremos analisar todas as possibilidades, ilustrando-as com exemplos suficientes, diferenciados e elucidativos para cada uma das classes apresentadas. Não o faremos, contudo, de uma forma exhaustiva, procurando esgotar todos os exemplos possíveis, pois o fim principal do nosso trabalho não é linguístico, mas sim histórico. Deste modo, a análise linguística dos nomes próprios egípcios não terá, no presente trabalho, a mesma dimensão e profundidade que a análise conceptual. No entanto, seria incorrecto do ponto de vista formal, expôr uma classificação e interpretação dos nomes próprios egípcios, no Império

ainda com estruturas linguísticas antiquadas.

2.1.1- Na forma de frase nominal com predicado adverbial

A predicacão de situao  uma construo que exprime que um sujeito se encontra em determinada situao. A base desta predicacão corresponde ao formulário sujeito (substantivo ou seu substituto) + predicado (advérbio ou grupo preposicional) (6). Mas como o nosso predicado  expresso pelo sintagma preposicional + pronome sufixo (7) e/ou dependente (8) e nunca pelo verbo, não podemos utilizar pronomes independentes (9) e, por isso, este tipo de situao pede frequentemente auxiliares de enunciado ou elementos introdutórios (10).

Quando a predicacão de situao não tem qualquer elemento introdutório, o sujeito  necessariamente nominal, tornando o estatuto sintáctico da frase ambíguo (11).

a) Predicaco de situao construída com a preposio *m* (12)

A base deste tipo de predicacão obedece ao seguinte esquema : sujeito + predicado (preposio *m* + o seu regime). A preposio *m* surge-nos, nos exemplos escolhidos, expressando três sentidos distintos: o lugar (em, proveniente de), o estado (em festa, por exemplo) e, ainda, a equivalência (como, sob a forma de, na posio de) (13). Vejamos o primeiro caso:

Novo, sem primeiro dar a conhecer as suas possibilidades e variantes em termos de formação.

Para o fazermos, criámos uma metodologia própria que será seguida ao longo de todo o nosso trabalho. Assim, os exemplos apresentados entrarão sempre por ordem alfabética, e em hieróglifos, seguidos da sua transliteração e tradução. Imediatamente a seguir, assinalaremos as fontes para cada um destes nomes, referenciando sempre, em primeiro lugar, a sua posição na obra de H. Ranke, *Die Agyptischen Personennamen*.

2.1- Nomes completos

Os nomes que constituem um enunciado completo exprimem-se através de uma frase inteira, possuindo pelo menos um predicado explicitamente exprimido. A estrutura desta frase pode ser nominal (5) ou verbal.

A frase nominal apresenta um enunciado completo, sem verbo, mas com uma relação predicativa em que se utiliza o verbo ser ou estar. Na ausência de um verbo, a predicação é marcada pela ordem e pela categoria dos constituintes. Podemos distinguir assim três tipos de frases nominais: frase nominal com predicado adverbial (predicação de situação), frase nominal com predicado nominal (predicação de identidade) e frase nominal com predicado adjectival (predicação de qualidade).

A frase com predicado verbal é ainda mais complexa, pois pode suportar um grande número de complementos: directo (acusativo), indirecto (dativo) e preposicional (ablativo).

Encontraremos ainda outras possibilidades que poderemos classificar de particulares: o caso de enunciados com mais de um predicado ou



X-m-int

"(A divindade X) está no Vale"

PN I, 27,22 (14)



X-m-wi3

"(A divindade X) está na barca sagrada"

PN I, 2B, 1



X-m-h3.t

"(A divindade X) está no topo"

PN I, 2B, 8



X-(m-)h3.t-ntr-nb

"(A divindade X) está à cabeça de todos os deuses"

PN I, 271,11 (15)

PN II, 310, 19; II, 382

Suponho, por vários exemplos estudados, que a preposição *m* foi omitida na grafia, em muitos casos, no Império Novo. Esta constatação é

feita, relativamente ao exemplo atrás apresentado, com base na paralelo:
imn-m-h3.t.



X-m-t3-nb

"(A divindade X) está em toda a terra"

PN I, 380, 22 = PN II, 268, 12 (16)

PN II, 398

Também este nome nos serve de base para confirmar a existência da preposição *m*, omitida graficamente, no nome: *nh.t.f-(m-)t3-nb* "A sua força está em toda a terra" (*PN II, 301, 9=PN I, 424, 22; PN II, 403*) (17).

Vejamos um último exemplo desta situação:



Hnm.w-(m)-s3-n3.ph-sw

"Khnum persegue aqueles que o atacaram"

PN I, 275, 17



X-m-nbw

"(A divindade X) está no Ouro"

M. Thirion, *RdE 36*, p. 141



Nb.i-m-ib.i

"O meu senhor está no meu coração"

PN I, 184, 20



Nfr-k3-r2-m-pr-imn (18)

"Neferkaré está na casa de Amon"

PN I, 200, 19



X-m-wb3.f

"(A divindade X) está no seu pátio de entrada"

M. Thirion, *RdE 36*, p. 142

Vejamos, agora, três exemplos da preposição *m* expressando um estado :



X-m-hb

"(A divindade X) está em festa"

PN I, 37, 10



P3-t3-(m-)hrr.wt

"A terra está florida" (A terra está florida)

PN I, 120, 19



T3-m-rsf.w

"A terra está na abundância (de aves e peixes)"

PN II, 328, 28 (19)

E, para terminar, vejamos três exemplos em que a preposição *m* nos surge expressando uma equivalência:



P3-hk3-m-s3.sn

"O governador está na posição de encarregado deles"

Irena Pomorska, *Les flabellifères à la droite du roi...*, p. 111



Nḥ-m-X

"A protecção está na forma da (divindade X)"

PN I, 209, 11



Tti-m-X

"Teti é como (a divindade X)"

PN I, 384, 17

b) Predicação de situação construída com a preposição *n* (20)

A base deste tipo de predicação obedece ao seguinte esquema: sujeito + predicado (preposição *n* + o seu regime). A preposição *n* surge-nos, nos exemplos escolhidos, expressando dois sentidos distintos: o de posse (pertencendo a) e o de dativo (para) (21). Vejamos o primeiro caso:



(22)

B3k(t)-n-X

"A serva pertence à (divindade X)"

M. Thirion, *RdE* 34, p. 112



Nb-n-X

"O senhor pertence à (divindade X)"

PN I, 184, 25; I, XXIV; II, 367 (23)



Nb-n-Kmt

"O senhor pertence ao Egípto"

PN I, 185, 14



Sn-n-X

"O irmão pertence à (divindade X)"

PN I, 309, 3

Vejamos agora alguns exemplos em que a preposição *n* nos surge na sua função de dativo:



i3w-n-X (24)

"Louvores para a (divindade X)"

M. Thirion, *RdE* 42, p. 232



nhh-n-it

"A eternidade para o pai"

PN I, 209, 1



t3w-(n-)3ny

"A respiração é para Ani"

R. J. Demarée, *The 3ḥ ikr n rꜥ- stelae ...*, p. 122

À semelhança do que acontecia com a preposição *m*, também a preposição *n* é, por vezes, omitida na grafia dos nomes próprios, no Império Novo. O exemplo atrás citado apresenta-nos essa situação.

c) Predicação de situação construída com a preposição *hr* (25)

A base deste tipo de predicação obedece ao seguinte esquema: sujeito + predicado (preposição *hr* + o seu regime). A preposição *hr* surge-nos, nos exemplos escolhidos, expressando dois sentidos distintos: as características e o lugar (26). Vejamos o primeiro caso:



X-hr-ḥpš.f

"(A divindade X) está no seu braço forte"

PN I, 154, 20



X-hr-wnm.f

"(A divindade X) está no seu direito"

PN I, 322, 5



X-hr-mktw.f

"(A divindade X) é a sua protecção "

PN I, 408, 16; XXX (28)



R'-ms-sw-stḥ-hr-wnm.f

"Ramsés, Set está à sua direita"

A. R. Schulman, *CdE LXV*, p. 17 (27)

Este nome corresponde a uma frase com predicado adverbial com "topicalização", ou seja, um elemento é extraído do seu lugar na frase

e colocado à cabeça, para ser substituído por um pronome anafórico, que neste caso é o sufixo *r* em *wmm.r*.

Vejamos, agora, três exemplos em que a preposição *hr* nos surge, expressando o lugar.



M3i-hr-pry

"O leão está sobre o campo de batalha"

PN I, 144, 10



Nbw-hr-mr

"O ouro está sobre o Canal"

PN I, 191, 17



Nb-hr-hsb

"Duro sobre lápis-lázuli"

PN I, 191, 21

d) Predicação de situação construída com a preposição *r* (29)

A base deste tipo de predicação obedece ao seguinte esquema: sujeito + predicado (preposição *r* + o seu regime). A preposição *r* surge-nos, nos exemplos escolhidos, expressando dois sentidos distintos: o de tempo e o de propósito ou futuridade (30). Vejamos o primeiro caso:

Pr-3-r-nhh

"O faraó (vive) pela eternidade"

PN I, 134, B

hk3-r-nhh

"O soberano (vive) pela eternidade"

PN I, 256, 13

hk3-m3-t-r-(r)-nhh

"Ramsés IV (vive) pela eternidade"

PN II, 308, 12

À semelhança do que verificámos com a preposição *m* e com a preposição *n*, também a preposição *r* é, por vezes, omitida graficamente nos nomes próprios do Império Novo. Esta constatação é feita, relativamente ao exemplo atrás apresentado, com base no paralelo: *hk3-r-nhh*

2.1.2- Na forma de frase nominal com predicado nominal

A predicacão de identidade é uma construo, derivada da frase nominal, que identifica um sujeito a um predicado que pode apresentar-se como constituindo uma entidade individualizada ou pertencendo a uma classe (34). A base desta predicacão corresponde ao formulário predicado (substantivo ou substituto) + sujeito (morfema de predicacão de identidade *pw*) (35). Esta situao inverte-se quando o sujeito de predicacão de identidade é um pronome independente ou um grupo nominal que exprima uma relao de possessão estreita (36).

A frase com predicado nominal pode ainda expressar-se através da correspondência entre dois substantivos e os seus eventuais determinantes, colocando-se assim a identidade entre os dois termos da predicacão. Neste caso, o predicado é a própria identidade colocada entre cada um dos termos.



B^cr-mh3r

"Baal é um guerreiro"

PN I, 93, 23



P3-nfr-nb

"O belo é o senhor"

PN I, 113, B

Vejamos agora um exemplo em que a preposição *r* nos surge, expressando um propósito:



iw.s-r-iḫ

"Para que é que ela serve?"

PN I, 15, 9

Estamos perante um tipo de construção diferente. O sujeito é, neste caso, constituído por uma conjugação sufixal e não por um substantivo. Vejamos agora um exemplo em que a preposição *r* nos surge, expressando futuridade:



iw.t-(r-)n-X

"Ele pertencerá à (divindade X)"

PN I, 14, 1

Estamos perante uma construção semelhante à anterior. O sujeito é constituído por uma conjugação sufixal que poderemos denominar de futuro III, por extensão (31), pois o verdadeiro futuro III é uma formação gramatical constituída pelos seguintes quatro elementos: *iw* (marca do futuro) + sujeito (pronome-sufixo ou nome) + preposição *r* (que precede o infinitivo) + infinitivo (de um verbo transitivo ou intransitivo). O tempo indicado pelo futuro III pode ser um futuro imediato ou um futuro distante (32). A preposição *r* é, também neste caso, muitas vezes omitida graficamente (33).



P3y-itf-X

"O meu pai é (a divindade X)"

PN I, 420, 4

PN II, 403 = II, 285, 12 (37)



Mwt-ankt

"Anukis é a mãe"

M. Thirion, *RdE 36*, p. 141 (38).



X-p3-mniw

"(A divindade X) é o pastor"

PN I, 139, 11



X-p3-kt

"(A divindade X) é o criador"

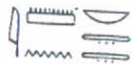
PN II, 287, 13 = II, 355 e I, 120, 2 (39)



X-nbt-ntr.w

"(A divindade X) é a senhora dos deuses"

PN I, 148, 4



Nb-X-t3.wy

"(A divindade X) é o senhor dos Dois Países"

PN I, 29, 17 (40)



X-iry

"(A divindade X) é o companheiro"

M. Thirion, *RdE 42*, p. 224

Vejamos, agora, alguns exemplos diferentes:



nb.(i)-rε

"O meu senhor é Ré"

PN I, 186, 1

Neste caso, a base da predicação de identidade corresponde ao formulário: sujeito (grupo nominal possessivo) + predicado.

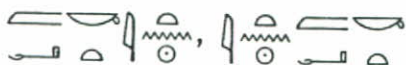


X-t3y-nht

"(A divindade X) é a minha força"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 92

Este nome é formado sobre o esquema *X-t3y(i)* ou *f* ou *s-nht(t)* conhecido desde o Império Novo (41). Vejamos agora dois casos de nomes que, gramaticalmente, poderemos classificar de predicções de identidade, embora se apresentem como ambíguos na sua formulação:



Mkt-itn

"A protecção é Aton" ou "O protector de Aton"

PN I, 156, 22



Sr-mnt.w

"O juiz é Montu" ou "O juiz de Montu"

PN I, 317, 2

Estamos perante um enunciado completo ("A protecção é Aton") ou

perante um enunciado incompleto ("O protector de Aton") ? O conhecimento da realidade egípcia no tocante à formulação dos nomes próprios permite-nos afirmar que estamos perante enunciados completos. "Protector de Aton" ou "Juiz de Montu" eram nomes demasiado impertinentes para serem utilizados por um egípcio, mesmo no Império Novo.

2.1.3- Na forma de frase nominal com predicado adjectival

A predicação de qualidade atribui a um sujeito uma qualidade apresentada como inerente e definidora (42). A base desta predicação corresponde ao formulário predicado (adjectivo/substituto) (43) + sujeito (substantivo/substituto) (44). Quando este é um pronome dependente segue imediatamente o predicado, mas se é um substantivo (45) ou o seu equivalente sintáctico pode ser separado do predicado por um advérbio ou um grupo preposicional.

a) Base da predicação de qualidade


wsr-X

"Poderosa é a (divindade X)"

PN I, 85, 7

† f Δ, † f Δ

nfr-rnp.t

"Bom é o ano"

PN I, 197, 18

⊙ Δ, ⊙ Δ, ⊙ Δ

nht-X

"Vigorosa é a (divindade X)"

PN I, 209, 22

Δ, ⊙ Δ

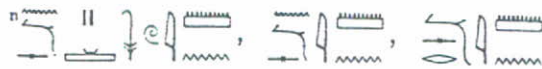
Kn-X

"Vitoriosa é a (divindade X)"

PN I, 334, 18

b) Predicação de qualidade construída com *ns*

Esta construção obedece ao esquema: predicado (*ns*) + sujeito (substantivo). Existem, no egípcio, determinadas preposições que servem para formar epítetos e nomes. Em alguns nomes ou frases idiomáticas, que consistem na base preposição + nome, estes são transformados em epítetos com a ajuda de um genitivo indirecto (46), como acontece nos exemplos escolhidos.



Ns-X

"Ele pertence à (divindade X)"

PN I, 173, 19



Ns-X-(n-)ip.t

"Ele pertence à (divindade X), de Luxor"

PN I, 173, 20

Constatamos, de novo, neste exemplo e no que se segue, a omissão gráfica da preposição *n* que, como vimos anteriormente, acontece regularmente no Império Novo.



Ns-X-(n-)t3-wmt

"Ele pertence à (divindade X), da muralha"

R. J. Demarée, *o.c.*, p. 140




Ns-t3-w3.t-3.t

"Ela pertence à (divindade X), o olho (de Hórus)"

PN I, 179, 12; II, 365

Encontramos, ainda, exemplos em que o genitivo indirecto nos surge na forma de *nsy* (47), de neo-egípcio.


Nsy-X

"Ele pertence à (divindade X)"

A. Gasse, *Données Nouvelles Administratives...*, p. 164.

c) Predicação de qualidade construída com uma "anexão de qualificação" (48)


wr-3ht/ih-t-X

"(A divindade X) é poderosa de bens"

M. Thirion, *RdE* 42, p. 232


'n-htp

"O belo de forma feliz"

PN I, 61, 26

2.1.4- Na forma de frase com predicado verbal

A frase verbal (49) é uma construção em que a acção, exprimida pelo verbo, é exercida ou suportada pelo sujeito. Se a acção é exercida pelo sujeito, é exprimida pelo verbo na voz activa, mas se a acção é suportada pelo sujeito é exprimida pelo verbo na voz passiva. A sua estrutura é essencialmente narrativa.

A base desta construção corresponde ao formulário verbo (50) + sujeito + acusativo + dativo (51) + ablativo.

A posição do verbo na frase é imutável, só podendo ser precedido da negativa ou de uma partícula proclítica (52). O sujeito sufixal vem sempre intimamente ligado ao verbo. Por outro lado, o complemento circunstancial não varia senão excepcionalmente (53).

A ordem dos outros elementos na frase pode alterar-se consoante estes elementos são representados por substantivos ou por pronomes (54).

Consideramos ainda nesta classificação - frase verbal - as frases com predicado pseudo-verbal (55). Nestas, o sujeito precede normalmente o predicado, que pode ser: um pseudo-particípio (56) ou um infinitivo precedido de uma preposição (57). O pseudo-particípio equivale a um complemento circunstancial e desempenha na frase o mesmo papel que o predicado adverbial. O infinitivo, forma nominal do verbo, pode ser assimilado a um substantivo.

a) Frase verbal simples

Vejamos um exemplo de uma frase verbal curta, constituída unicamente pelo predicado e pelo sujeito.

PN I, 331, 11



X-*hr*-*hs(t).f*

"(A divindade X) louva-o"

M. Thirion, *RdE* 42, p. 232

Este exemplo apresenta-nos a estrutura de uma frase verbal, com a preposição *hr*, expressando uma acção contemporânea, no presente (60). Vejamos, agora, um exemplo em que o dativo é constituído por um nome:



s3w-X-*itf*

"(A divindade X) protege o pai"

PN I, 295, 16 (61)

Encontramos, ainda, outro tipo de construção verbal, com grupo preposicional :



nh.f-n-X

"Ele vive para (a divindade X)"


PN I, 67, 5


mbt-X

"(A divindade X) inunda"

PN I, 421, 25 (58)

Analisemos, agora, alguns nomes mais alargados, constituídos pelo predicado (verbo) + dativo (pronome dependente) + sujeito.


msd-sw-X

"(A divindade X) detesta-o"

PN I, 165, 28


Hsy-sw-nb.f

"O seu senhor louva-o"

PN I, 255, 6; I, XXVII (59)


šd-sw-X

"(A divindade X) salvou-o"



(62)

Mh-n.t-ib.i

"O meu coração está cheio (de amor) por ti"

S. Hodjash; D. Berlev, *The Egyptian Reliefs and Stelae...*, p. 148



K3b-n.f-X

"Possa (a divindade X) duplicá-lo"

PN I, 333, 6

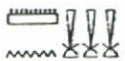
Vejamos, agora, alguns exemplos de uma frase verbal com acusativo:



Pr-p3 wt

"Que saiam os pães (da oferenda)"

PN I, 133, 21; I, XXIII (63)



Mh-sr.w(t)

"Que sejam estáveis os obeliscos"

PN I, 150, 18; II, 360 (64)



t3-X-i3t.f

"Que (a divindade X) tome a sua função"

M. Thirion, *RdE 42*, p. 236



di-X-w3st

"Que (a divindade X) dê a prosperidade"

PN I, 396, 13



di-X-i3w.t

"Que (a divindade X) dê a velhice"

PN II, 287, 23 (65)

Este nome apresenta anteposição honorífica do nome da divindade.

b) Frase verbal na forma *sdm.n.f* (66)



m33.n.i-X

"Eu vi (a divindade X)"

PN I, 143, 22



m33.n.i-nj.t.w.f

"Eu vi a sua vitória"

PN I, 143, 23

c) Frase verbal negativa

No Império Novo vamos encontrar, essencialmente, dois tipos de negações: *BW* e *Bn*. A primeira parece ter existido, segundo J. J. Clère (67), desde a XII dinastia. A segunda não é conhecida antes do fim da XVIII dinastia.



(68)

BW-n3°.f-X

"Ele não me abandonou, (a divindade X)"


M. Thirion, *RdE 42*, p. 224


bw-thi-X

"(A divindade X) não peca"

PN I, 94, 20

Vejamos, agora, um exemplo de negativa com *bn*, no Futuro III :



bn-iw.f-r-mh-sp-snw

"Ele não vai nascer uma segunda vez"

PN I, 96, 22

d) Frase verbal negativa, na forma passiva

Vejamos três exemplos distintos de uma passiva, exprimida por *tw*, com *bw*, *bn* e *n*.


bw-rh.tw-iwr.f

"A sua essência não é conhecida"

PN I, 94, 12

bn-kn.t w.f

"Ele não é vencido"

PN I, 97, 5

n-smj.t w.f

"Ele não deve ser esquecido"

PN I, 168, 24

e) Frase verbal complexa

Estamos perante uma frase verbal, com mais de um predicado.

(69)
dd-3s.t-iw.s(r)-ntj

"Isis disse: ela viverá"

PN I, 409, 17

A primeira parte da frase é constituída pelo predicado (*dd*) + sujeito (*3s.t*). O verbo apresenta-se na forma de um perfectivo passado. A segunda parte é constituída pela forma *iw.s (r) ntj*, que poderemos denominar de futuro III (70).

f) Frase com predicado pseudo-verbal

Neste tipo de construção, o sujeito precede normalmente o predicado que, como dissemos anteriormente, pode ser: um pseudo-particípio ou um infinitivo precedido de uma preposição.

(71)

iy-nfr.t

"A bela está a chegar"

PN I, 10, 7

X-htp(w)

"(A divindade X) está contente"

PN I, 13, 8

X-ms(w)

"(A divindade X) está nascida"

PN I, 12, 19

Hieroglyphs for the phrase "(A divinity X) is alive". The first part is a determinative for 'X' (a staff with a loop and a horizontal bar), followed by a hieroglyph of a seated woman (the goddess Isis), and a hieroglyph of a seated man (the god Osiris).
X-^cnh

"(A divindade X) está viva"

A. Gasse, *o.c.*, p. 195

Este último nome, que eu optei por classificar nas frases com predicado pseudo-verbal tem, no entanto, uma formulação um pouco ambígua, pois poderá ser também um predicado nominal, com anteposição honorífica do nome do deus. A opção pela primeira hipótese fica a dever-se, necessariamente, à realidade da nomeação na sociedade egípcia. "Amon está vivo" corresponde à exclamação de alegria e, simultaneamente, de devoção da mãe e de todas as outras mulheres, presentes no parto, perante o nascimento de uma nova criança.

Hieroglyphs for the phrase "(A divinity X) appeared". The first part is a determinative for 'X' (a staff with a loop and a horizontal bar), followed by a hieroglyph of a seated woman (the goddess Isis), and a hieroglyph of a seated man (the god Osiris).
X-^hcy.w

"(A divindade X) apareceu"

PN I, 30, 19

Hieroglyphs for the phrase "(A divinity X) is content". The first part is a determinative for 'X' (a staff with a loop and a horizontal bar), followed by a hieroglyph of a seated woman (the goddess Isis), and a hieroglyph of a seated man (the god Osiris).
X-^{htp}(w)

"(A divindade X) está contente"

PN I, 30, 12



P3-cn-qn

"O belo está vigoroso"

PN I, 102, 28



X-šm

"(A divindade X) está a partir"

PN I, 167, 12 = II, 292, 25



rc-ms-sw-hr.w

"Ramsés está satisfeito"

PN I, 219, 4; II, 373

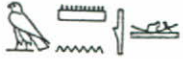
Sob o ponto de vista gramatical, este nome também pode ser um enunciado incompleto transformado em nome próprio: substantivo (*rc-ms-sw*) + adjectivo epíteto (*hr.w*) "O contente Ramsés", mas o sentido da frase leva-nos a concluir que o primeiro exemplo é o mais correcto.



rc-ms-sw-wsr(w)-phty

"Ramsés é aquele cuja força é vigorosa"

PN I, 218, B



X-mni.w

"(A divindade X) está a ancorar"

PN I, 248, 21; II, 378 (74)



Hk3-nht.(w)

"O soberano está vigoroso"

PN I, 256, 11

O exemplo atrás citado pode sugerir, também, uma certa ambiguidade. Para além da tradução proposta, poderemos ainda encontrar uma outra: "o vigoroso soberano" e, neste caso, não estaríamos perante um enunciado completo, mas antes perante um enunciado incompleto. É ainda a crítica histórica que nos permite optar pela primeira solução.



X-ris(w)

"(A divindade X) está despertada"

PN I, 276, 3



X-snb(w)

"(A divindade X) está de boa saúde"

PN I, 305, 12



X-hr.tj

"(A divindade X) está satisfeita "

PN I, 355, 16

2.1.5- Na forma de frase com predicação de existência

A existência é exprimida utilizando o verbo *wrr* ou *wr* com as suas diferentes formas e possíveis construções (75). Vejamos um exemplo:



wr-t3-w3.t

"Existe este caminho"

PN I, 78, 19 = II, 274, 11 (76)

2.1.6- Na forma de frase com predicação de não existência

A predicação de não existência obedece à construção: predicado (*nn* ; *n wnt* ou *nn wn*) + sujeito (substantivo ou substantivo + determinantes).

Vejamos dois exemplos distintos:



n(n)-wn-nfW

"O mal não existe"

PN I, 168, 13; II, 363 (77)



nn-t3-w3y-r.f

"Não há terra tombada para ele"

PN I, 169, 3; I, XXIV (78)

2.1.7- Na forma de "cleft sentence"

A "cleft sentence" (79) é uma frase nominal, cuja base de formulação corresponde ao formulário: predicado (nome, pronome

independente ou demonstrativo ou infinitivo) + frase relativa. A relação entre o primeiro membro e a frase relativa é uma relação de identidade. Vejamos alguns exemplos:



P3-X-ms-sw

"Foi (a divindade X) que o pôs no mundo"

PN I, 114,14

Este nome é uma variante da formação *X-ms-sw* (80) "Foi a (divindade X) que o pôs no mundo (81). A inexistência de um morfema introdutor pode ser explicado, segundo P. Vernus, pelo facto destes nomes estarem fora de um contexto (ou constituírem eles próprios um texto) e, por consequência, serem pouco abertos aos operadores pragmáticos (82).



(X) mss(y)

"Foi (a divindade X) que o pôs no mundo"

J. Černy, *o. c.*, p. 192

Estamos, de novo, perante uma "cleft sentence" sem *in/m* (83). Vejamos, ainda, outro exemplo:



X-rtj-nfr

"É (a divindade X) que conhece o bem"

PN I, 408, 12

2.2- Nomes Incompletos

Os nomes que não constituem um enunciado completo exprimem-se através de produções sonoras "sem sentido" (B4), exclamações ou frases, cujo predicado não é exprimido linguisticamente. Estas podem ser formadas com epítetos, apresentar a estrutura de uma frase relativa substantivada ou de um participíio ou forma relativa.

Estes nomes existem desde o Império Antigo (B5) e pertencem à linguagem afectiva.

2.2.1- Na forma de exclamações

Estamos perante uma frase que omite um ou vários dos seus constituintes essenciais, podendo ficar reduzida a uma só palavra.

Este tipo de enunciado põe em relevo um sentimento forte que pode ser de surpresa, entusiasmo, admiração ou mesmo indignação.



i-dwy

"Oh, este!"

PN I, 23, 27



i-mnt.w

"Oh, Montu !"

PN I, 5, 13



iy-wy-imm

"Bem-vindo, Amon !"

PN II, 260, 18 = II, 337 e I, 8, 20



'n

"O belo !"

PN I, 61, 9



P3-nfr

"Este belo !"

PN I, 113, 1



P3-sr

"Este príncipe !"

PN I, 117, 13



P3-šd

"O salvador !"

PN I, 119, 13



H3m.wy

"Que esforço !"

R. J. Demarée, *o. c.*, p. 88



Ky-nbw

"Outro vínculo !"

R. J. Demarée, *o. c.*, p. 112



"O bravo !"

PN I, 334, 17



"Lindo pintainho !"

PN I, 387, 9



"Belo crâneo !"

PN I, 405, 21

2.2.2- Na forma de nomes que funcionam como epítetos: participios e formas relativas

Estamos perante dois tipos de frases: uma frase formada por epítetos de um predicado que não é exprimido linguisticamente, mas antes representado pelo portador ou por outros seres. Estes epítetos apresentam-se como nomes, adjectivos ou formações do tipo *ρ3 n. / t3 n.*

(aquele de/aquela de) (86).

O segundo tipo de frase exprime-nos a ideia de relação ou "afinidade semiológica" com alguma coisa ou alguém.

a) Nomes com base na construção sujeito + adjectivo epíteto

Estes nomes, de uma maneira geral, apresentam uma grande ambiguidade, pois gramaticalmente poderemos classificá-los nos enunciados completos (frase com predicado pseudo-verbal) ou, como o fazemos aqui, nos enunciados incompletos. Vejamos alguns exemplos :



X-hdw

"A agressora (divindade X)" ou "(A divindade X) é um agressor"

PN I, 30, 3 (= II, 264, 3); PN II, 341 (87)



X-nbt

"A vigorosa (divindade X)" ou "(A divindade X) é vigorosa"

PN I, 35, 16



'h'-nfr

"Boa vida" ou "A vida é boa"

PN I, 71, 1



wmm-nfr

"O perfeito ser" ou "O ser é perfeito "

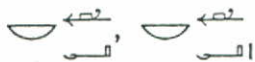
PN I, 79, 19



mniw-nfr

"O bom pastor" ou "O pastor é bom"

PN I, 151, 6



Nb-wc (88)

"O único senhor" ou "O senhor é único"

PN I, 184, 4



H3w-nfr

"Bom Tempo"

PN I, 229, 2

The hieroglyphs consist of a cross with a vertical line through it, a square, and a circle with a vertical line through it.
Sp-nfr

"Boa sorte"

PN I, 296, 5

The hieroglyphs are: a vertical line with a crossbar and a circle below, a vertical line with a crossbar and a circle below, a vertical line with a crossbar and a circle below, and a vertical line with a crossbar and a circle below.
Sn-nfr

"O belo irmão" ou "O irmão é belo"

PN I, 309, 5

The hieroglyphs are: a horizontal bar, a vertical line with a crossbar, a vertical line with a crossbar, a vertical line with a crossbar, and a vertical line with a crossbar.
Sri-bin

"A má criança" ou "A criança é má"

PN I, 329, 10

**b) Nomes com base na construção adjectivo + substantivo
(anexão de qualificação) (89)**


ḥn-ḥꜣ.w

"Aquele cuja aparência é bela"

PN I, 61, 28


ḥ3-ḥb-sd

"Aquele que é copioso de jubileus"

PN I, 71, 13


wsr-ḥpš

"Aquele cujo braço é forte"

PN I, 86, 8



Nfr-ḥnḥ

"Aquele cuja vida é bela"

PN I, 195, 16



wr-3ht-imn

"Amon é poderoso de bens"

M. Thirion, *RdE* 42, p. 232



Nfr-hr

"Aquele cujo rosto é belo"

PN I, 198, 6

c) Nomes com base na formação *p3 n / t3 n*

Esta formação oferece uma grande variedade de sentidos (90), como poderemos constatar através dos exemplos escolhidos.



p3-(n-)ym

"Aquele do mar"

PN I, 100, 15

Neste caso estamos perante uma frase que estabelece uma relação entre uma pessoa e uma entidade geográfica (91). Vejamos outros exemplos semelhantes:



P3-n-p3-t3

"Aquele do país"

PN I, 107, 23 (92)



P3-n-drtj

"Aquele de Djarty"

PN I, 112, 14; II, 354 (93)



T3-n.t-iwnt

"Aquele de Dendera"

PN I, 357, 24

Debruçemo-nos, agora, sobre alguns exemplos de sentido diferente:

 (94)

P3-n-X

"Aquele da (divindade X)"

PN I, 109, 13



T3-(n.t-)X

"Aquele da (divindade X)"

M. Thirion, *RdE 42*, p. 228

Nos dois exemplos atrás apresentados, estamos perante uma relação de uma "pessoa a uma pessoa", por extensão (95) ou seja *p3-n* e *t3-n.t*, nos nomes próprios, estabelecem uma relação entre o portador do nome e a divindade graças à intervenção da qual a sua vinda ao mundo é atribuída (96).

Vejamos, ainda, dois exemplos diferentes:



P3-n-t3-hw.t-nht

"Aquele do templo está vigoroso"

PN I, 111, 23



P3-n-t3-hw.t-rs.tp

"Aquele do templo está despertado"

PN I, 111, 24

d) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre um participípio



iy-iry

"Aquele que veio para junto de mim"

PN I, 10, 12

Vejamos, agora, um outro exemplo bem distinto na sua formulação:




iy-š.n.f

"Aquele que vem (quando) lhe fazemos apelo"

M. Thirion, *RdE 42*, pp. 223-224

Estamos perante um epíteto formado sobre um participípio + frase proposicional.


rc-ms-sw-š3-hb(w)

"Ramsés o que é rico em jubileus" ou "Ramsés está rico em jubileus"

PN I, 218, 7

Vejamos, ainda, alguns exemplos diferentes:


P3y-h'y

"Aquele que se eleva"

PN I, 116, 10; II, 354


h'y-m-w3s.t

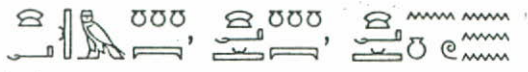
"Aquele que aparece em Tebas"

PN I, 263, 19


h'i-m-bhrw

"Aquele que aparece na pedra"

J. Černý, *o. c.*, p. 134


ḥꜣ-i-m-nwn

"Aquele que está apoiado no Nun"

PN I, 264, 1


ḥꜣ-i-m-ḥd.t

"Aquele que aparece na Coroa Branca"

PN I, 264, 3


ḥꜣ-i-m-tr

"Aquele que aparece no salgueiro"

PN I, 264, 5; II, 380 (97)


Smn-t3.wy

"Aquele que está estabelecido nos Dois Países"

PN I, 307, 11

e) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre uma forma relativa

y^x-X

"Aquele que (a divindade X) conheceu"

PN II, 269, 1 = PN I, 416, 19 e PN II, 402 (98)

P3-di-X

"Aquele que (a divindade X) deu"

PN I, 123, 8; II, 356 (99)

Mry-X

"Aquele que (a divindade X) amou"

PN I, 160, 19; II, 362

Hs-X

(100)

Hs-X

"Aquele que (a divindade X) favoreceu"

R. J. Demarée, *o.c.*, p. 60



Stp-n-X

"Aquele que escolheu a (divindade X)"

PN I, 321, 24

2.3- Nomes Abreviados

Os nomes próprios egípcios, completos e incompletos, podiam ainda sofrer modificações na sua forma, dando origem a abreviaturas, diminutivos ou hipocorísticos. Estas alterações eram habitualmente feitas pelos pais, que consideravam o nome dos seus filhos demasiado longo ou complicado para ser usado no dia-a-dia.

O uso destas abreviaturas, diminutivos ou hipocorísticos torna-se de tal modo corrente que muitas vezes passam a ser utilizados como nomes próprios (101).

Existem vários tipos de abreviaturas, como veremos adiante. Algumas formadas com nomes de deuses, costume que se vulgariza no Império Novo (102), outras com epítetos variados.

2.3.1- Por redução de um nome ao seu primeiro elemento

Estamos perante uma abreviatura que reduziu o nome próprio ao seu primeiro elemento (103).

 (104)

'ntj.f

"Ele vive"


PN I, 67,2



'ntj.f-n-X

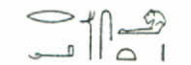
"Ele vive para (a divindade X)"

PN I, 67,5


Wsr-p3.t

"Poderoso é o comando"

PN I, 85, 24


Wsr-p3.t-X

"Poderoso é o comando da (divindade X)"


PN I, 86, 5


Pr-p3

"Este saiu"


M. Thirion, *RdE 33*, p. 80

(105)


Pr-p3-(X)


"(A divindade X) saiu"

M. Thirion, *RdE 33*, p. 80


Dsr-ka

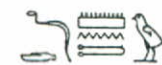
"Sagrado é o *ka*"

PN I, 409, 9


Dsr-ka-X

"Sagrado é o *ka* da (divindade X)"

PN I, 409, 11


Dd-X

"(A divindade X) disse"

PN I, 411, 2


Dd-X-iw.f-(r)-ntj

"(A divindade X) disse: ele viverá"

PN I, 411, 3

2.3.2- Por redução de um nome ao seu último elemento

Estamos perante uma abreviatura que reduziu o nome próprio ao seu último elemento (106).


Ms.w


"Aquele que é nascido"

PN I, 165, 11


X-ms.w

"(A divindade X) é nascida"


PN I, 29, 8


M-hb

"Em festa"

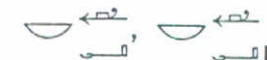
PN I, 143, 8

(107)


X-m-hb


"(A divindade X) está em festa"

PN I, 28, 14


Nb-w

"O único senhor"


PN I, 184, 4


X-nb-w

"(A divindade X) é o único senhor"

(108)

H. Wall Gordon, "A new kingdom libation...", p. 172


Nht

"O vigoroso"


X-nht

"(A divindade X) está vigorosa"

2.3.3- Por redução de um nome à sua parte central

Estamos perante uma abreviatura que reduziu o nome próprio à sua parte central.



inḥrt

"Dnuris"

(109)



s3w-inḥrt-it.f

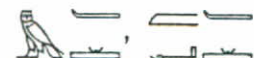
"Dnuris protege o seu pai"

PN I, 35, 19

PN I, 295, 16

2.3.4- Por redução de um nome a um ou dois fonemas

Estamos perante uma abreviatura que reduziu o nome próprio a dois dos seus fonemas (110).



mh

(111)



X-m-hb

"Encher"

PN I, 163, 13

"(A divindade X) está em festa"

PN I, 28, 14

2.3.5- Por transformação de um nome em hipocorístico

Estamos perante abreviaturas que são dotadas de sufixos que as especificam como hipocorísticos (112). Os sufixos mais comuns são *(i)* e *(w)*



lpy

"lpi"

PN I, 22, 24 (113)



X-m-ipt

"(A divindade X) está no templo"

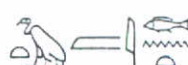
M. Vallogia, *o. c.*, p. 133



Inty

"Inti"

PN I, 38, 24



X-m-int

"(A divindade X) está no vale"

PN I, 147, 16



(114)

Hwy

"Hui"

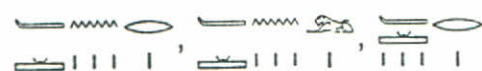
PN I, 233, 18



X-htp

"(A divindade X) está contente"

PN I, 30, 12



H1 (Hnr)

"He1"

PN I, 245, 7



Hthr

"Hathor"

Jan Assmann, *RdE 30*, p. 22



(115)

K3my

"Kami"

T.G.H. James, *o. c.*, pp. 104-105



K3-m-w3st

"O touro está em Tebas"

PN I, 337, 23

2.1.4- Nomes alterados pela adição de um epíteto

Os nomes próprios egípcios podiam ainda ser alterados através da anexação de um epíteto ao nome. Este epíteto era dado para marcar a carreira notável de uma personagem, para distinguir, em caso de homónima, o pai do filho (116) ou o irmão mais novo do irmão mais velho ou do segundo irmão (117).

Estes epítetos, geralmente adjectivos, eram acrescentados ao nome e/ou ao segundo nome (118).



Ipi wr

"*Ipi*, o mais velho"

PN I, 22, 14



Hr.(w) šry

"*Hr.(w)*, o mais novo"

PN I, 245, 19



Tti hm.t

"*Tti*, a mulher"

PN I, 384, 7



P3-ih k3mn

"*P3-ih, o cego*"

PN I, 418, 23

Notas

(1) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 313.

(2) O egípcio clássico ou médio egípcio compreende a língua literária e oficial em uso até ao reinado de Amenófis III e a língua popular do Império Médio.

(3) O neo-egípcio compreende a língua popular do Império Novo (XVIII e XIX-XXIV dinastias) de uso corrente na correspondência, nas contas e actos administrativos e a língua oficial, presente nas inscrições monumentais e na literatura, após o reinado de Amenófis IV.

(4) Os textos de El Amarna inauguram a série de inscrições redigidas em neo-egípcio.

(5) G. Lefebvre critica esta designação, dizendo que ela não consagra as frases nominais com predicado adverbial, quando este é um advérbio ou o seu equivalente, propondo antes a designação "frase não verbal", in *Grammaire de l'Egyptien Classique*, p. 294. Curiosamente, os autores mais modernos utilizam correntemente a designação "frase nominal", vd. o título de exemplo P. Vernus, "Namensbildung" in *LÄ IV*, p. 334 e ainda E. Doret, "Phrase Nominale, identité et substitution dans les Textes des Sarcophages" in *RdE 40*, p. 49.

(6) O único caso em que isto não acontece é quando o dativo sufixal (n+pronome sufixo) vem imediatamente a seguir ao verbo, precedendo os substantivos, sujeito e complemento directo, vd. G. Lefebvre, *o. c.*, pp. 280 e 317.

(7) Os pronomes sufixos podem assumir diversas funções: a de pronomes

possessivos, como regime de uma preposição, sujeito de uma predicação de situação e de uma construção verbal do tipo sujeito + base, se a natureza dos elementos introdutórios o exige, e sujeito de toda a construção verbal do tipo base + sujeito e complemento directo (pronominal) na construção do tipo sujeito + *r* ou *hr*+ infinitivo e ainda nas subordinadas do tipo preposição + infinitivo.

A função mais simples e corrente é a de pronomes possessivos. Quando os pronomes sufixos são utilizados como possessivos precedem todos os outros determinantes do substantivo. A este respeito, vd. A. Gardiner, *Egyptian Grammar*, pp. 39-40.

(8) Os pronomes dependentes podem assumir as seguintes funções: complemento directo de um verbo (a mais simples), sujeito de uma predicação de situação, segundo a natureza dos elementos introdutórios, sujeito de uma predicação de qualidade e como reforço do imperativo. Nunca se podem encontrar no princípio das frases pois seguem sempre um elemento com o qual formam "uma unidade acentuada".Vd. *Ibidem*, pp. 45-46.

(9) Os pronomes independentes podem assumir as seguintes funções: sujeito de uma predicação de situação, predicado de uma predicação de identidade e sujeito de uma frase cortada. Ao contrário dos pronomes sufixos e dependentes podem começar uma frase. Vd. *Ibidem*, pp. 53-54.

(10) Os auxiliares de enunciado são partículas invariáveis que se encontram no princípio da frase e que nos indicam a posição do enunciador em relação ao enunciado que ele profere. Podemos dividi-los em dois grupos principais, segundo a natureza dos pronomes que eles requerem ou pedem. Existem ainda outros elementos introdutórios tais como: auxiliares simples, com a conjunção *šā ntt*, com os pronomes relativos *šā nty* e com a negação *šā nn* Vd. *Ibidem*, pp. 94-98, 141-142, 150-151.

(11) Ela pode ser uma proposição circunstancial, dependente de uma frase

ou de um enunciado precedente, pode constituir uma proposição independente ou indicar um novo desenvolvimento numa narração ou numa descrição.

(12) Vd. A. Gardiner, *o. c.*, 162.

(13) O "m de equivalência" estabelece uma relação de identidade entre o sujeito e o predicado. Vd. A. Gardiner, *o. c.*, 38 e G. Lefebvre, *o. c.*, 490.

(14) M. Thirion é a responsável pelas correcções relativas à datação deste nome, vd. "Notes d' Onomastique. Contribution à une Révision de Ranke PN" in *RdE 31*, p. 82.

(15) A correcção a este nome foi feita por M. Thirion, *o. c.*, p. 88.

(16) Esta referência foi corrigida por M. Thirion, *o. c.*, p. 85.

(17) A correcção a este nome foi feita por M. Thirion, *o. c.*, p. 86.

(18) Neferkaré é o pré-nome de Ramsés IX, vd. H. Ranke, *PN II*, p. 52.

(19) Nome feminino da XVIII dinastia. Ranke só apresenta uma referência, relativa a este nome. M. Thirion acrescenta-lhe outras duas: a estela *Louvre C 279*, que ela data da primeira parte da XVIII dinastia (vd. C. Ziegler, "Une famille de grands des djebels de l' or de Amon" in *RdE 33*, pp. 125-132) e a Capela nº 15 do Gebel Silsileh, que ela data do reinado de Hatchepsut (vd. R. A. Caminos; T. G. H. James, *Gebel es-Silsilah I*, p. 45, pl. 38). Vd. M. Thirion, "Notes d' Onomastique. Contribution à une revision du Ranke PN" in *RdE 33*, pp. 125-132.

(20) Vd. A. Gardiner, *o. c.*, 164.

(21) Vd. G. Lefebvre, *o. c.*, 155.

(22) Este nome é datado da XX dinastia. O determinativo masculino que aparece no fim do nome é frequentemente utilizado nos nomes femininos provenientes do Papiro *Wilbur*.

(23) Vd. a propósito deste nome, as correcções feitas por M. Thirion, *RdE* 39, p. 133.

(24) Este nome não aparece em *PN*. É um nome masculino, do período ramessésida, referenciado por K. A. Kitchen, "Four Stelae in Leicester city Museum" in *Orientalia* 29, pp. 81 - 87.

(25) Vd. A. Gardiner, *o. c.*, 165.

(26) Vd. G. Lefebvre, *o. c.*, 492.

(27) Segundo A. R. Schulman este é um dos muitos nomes estrangeiros do reinado de Ramsés IV. Surge-nos na estela *Allard Pierson Museum B. 9114* que foi copiada por Henry Salt. Vd. a este respeito, J. Malek; M. Smith, "Henry Salt's Egyptian Copies and drawings" in *GM* 64 (1983), p. 43, fig. 2.

(28) Vd. M. Thirion, *RdE* 33, p. 80 e *RdE* 37, p. 133.

(29) Vd. A. Gardiner, *o. c.*, 163.

(30) Vd. G. Lefebvre, *o. c.*, 491.

(31) Vd. P. Vernus, *Future at Issue...*, p. 26.

(32) Cf. J. Černý, S. I. Groll, *A Late Egyptian Grammar*, pp. 248-264 e P. Vernus, *o. c.*, pp. 5-27.

(33) Vd. H. J. Polotsky, *Collected Papers*, p. 240, n. 1.

(34) Cf. A. Gardiner, *o. c.*, pp. 100- 106.

(35) O morfema de predicaco de identidade *pw*, designado como "copule" na tradico egiptolgica,   invariável em g nero e em número, no egípcio clássico, funcionando como um  ndice de sujeito. Cf. A. Gardiner, *o. c.*, p. 104.

(36) Esta relao de possesso estreita   exprimida por um substantivo que representa uma parte do corpo, uma parte constitutiva do conjunto, um termo de parentesco, um aspecto da personalidade, uma funo, etc... seguido de um sufixo possessivo ou de um genitivo.

(37) Correcco a H. Ranke apresentada por M. Thirion, *RdE 31*, p. 88.

(38) Segundo M. Thirion, este nome feminino, do período ramessésida, prov m da estela *Cairo JE 40054* ; vd. a este respeito, D. Valbelle, "Témoignages du Nouvel Empire sur les cultes de Satis et d' Anoukis   Elephantine et   Deir el-Médineh" in *BIFAO 75*, pp. 123-126.

(39) *Ibidem*

(40) M. Thirion corrigiu a leitura apresentada por H. Ranke: *imn-nb-t3.wy*, vd. *RdE 31*, p. 90.

(41) Cf. *PN I*, 415, 17: *imn-t3y-njt*

(42) Vd. A. Gardiner, *o. c.*, p. 108.

(43) O predicado de uma predicaco de qualidade é, geralmente, um adjectivo que é o particip  de um verbo intransitivo, de qualidade, embora também possa ser o particip  passivo ou activo de qualquer verbo, um "nisb " formado sobre uma preposico e um pronome interrogativo, vd. A. Gardiner, *o. c.*, pp. 108-113.

(44) O substituto do substantivo é, neste caso, o pronome dependente.

(45) Quando o sujeito é um substantivo e o predicado é um adjectivo, pode surgir uma certa ambiguidade. Com efeito, se por acaso o adjectivo se conjugar como um verbo, poderemos estar em presença de uma forma verbal do tipo *sdm.f*, e não perante uma predicacão de qualidade. Se o sujeito é pronominal já não existe esta ambiguidade.

(46) Vd. A. Gardiner, *o. c.*, 158.

(47) *Nsy* corresponde à contracção da preposicão *n(y)* + o pronome pessoal *sw*, vd. J. Černý, S. I. Groll, *o. c.*, pp. 542 ss.

(48) A "anexão de qualificacão" é uma construcão na qual o adjectivo é seguido por um substantivo, que lhe é directamente justaposto e que define o seu domínio de aplicacão.

(49) A frase verbal é normalmente uma forma da flexão sufixal directa (*sdm.f*) ou da flexão verbal indirecta (*sdm.n.f*), vd. G. Lefebvre, *o. c.*, p. 279.

(50) Pressupõe-se o verbo transitivo activo. No caso de um transitivo passivo, o complemento directo falta forçosamente. No caso de um intransitivo, não há complemento directo e o dativo é extremamente raro. Cf. *Ibidem*, 235.

(51) Vd. *Ibidem*, 234.

(52) Designam-se por partículas proclíticas um certo número de preposições que se colocam no princípio de uma frase, vd. *Ibidem*, pp. 272-277 e A. Gardiner, *o. c.*, pp. 175-182.

(53) Cf. G. Lefebvre, *o. c.*, 584.

(54) Vd. *Ibidem*, pp. 280-282.

(55) *Ibidem*, pp. 324 ss. e ainda A. Gardiner, *o. c.*, pp. 319-334.

(56) *Ibidem*, 652.

(57) *Ibidem*, 652-653.

(58) Vd. a propósito dsete nome, as correcções feitas por M. Thirion, *RdE* 31, p. 86.

(59) M. Thirion corrige uma informação anterior de H. Ranke (*PN I*, 255, 5), graças à publicação do "Papyrus Salt 124 (Brit. Mus. 10055)" por J. Černy, in *JEA* 15, pp. 243-258. Vd. M. Thirion, *RdE* 33, p. 81.

(60) Cf. J. Černy, S. I. Groll, *o. c.*, cap. 19.

(61) M. Thirion apresenta-nos a correcção feita por S. Bosticco (*Le Stele egiziane. Museo Archeologico di Firenze*, II, nº 5) ao nome catalogado por Ranke. O nome é usado por uma personagem da estela *Florença 1555*, que Ranke datava do Império Médio e que Bosticco data do princípio da XVIII dinastia; vd. M. Thirion, *RdE* 31, p. 83.

(62) Para a estrutura do nome, vd. H. Ranke, *PN III*, pp. 17 e 63.

(63) Segundo M. Thirion deve reportar-se a notícia *PN I*, 133, 23 à notícia *PN I*, 133, 21, vd. *RdE* 33, p. 81.

(64) Esta notícia de Ranke é corrigida por M. Thirion, *RdE* 42, p. 226. Segundo a autora, este nome pode apresentar duas grafias: *mn-snw(t)* (*PN I*, 150, 18; *II*, 360) e *mn-tjnw* (*PN I*, 150, 25). Vd. a propósito *PM II*, p. 280.

(65) M. Thirion corrige Ranke, afirmando que dois nomes citados com referências diferentes (*pth-di-i3wt*, *PN 11*, 287, 23 e *di-pth-i3w*, *PN 1*, XXX; *J*, 396, 18) são afinal o mesmo nome. Este exemplo faz remontar à XIX dinastia a existência do nome *di-pth-i3w(t)*, muito frequente a partir da época líbia e até ao período persa, com a variante gráfica: *pth-di-i3w(t)*, por anteposição honorífica do nome do deus. As grafias *i3wt* e *i3w* confundem-se a partir do Império Novo.

Segundo M. Thirion, e tendo em conta o estado actual da documentação, podemos afirmar que o nome próprio masculino *di-pth-i3w(t)* é conhecido a partir dos monumentos provenientes da região menfita onde predomina a grafia com anteposição honorífica do nome de Ptah.

(66) A forma *sdm.n.f* caracteriza-se pela afixação de um sufixo *n* ao radical do verbo. Esta forma descreve uma acção já acabada, traduzindo-se sempre, salvo no caso especial das fórmulas de carácter arcaico que acompanham as cenas rituais, por um tempo passado, cf. G. Lefebvre, *o. c.*, p. 142.

(67) Segundo o autor, a negação *bwé* bem atestada, na grafia abreviada *ⲃ*, em alguns nomes próprios, quer figurando em estelas de particulares, quer num papiro de contabilidade, vd. J. J. Clère, "L'ancienneté des négations à b initial du néo-egyptien" in *MDAIK 14*, pp. 29-33.

(68) Segundo M. Thirion, esta é a forma completa de duas abreviaturas que Ranke registou (*PN 1*, 97, 3 e *PN 1*, 418, 16), não tendo, no entanto, registado o nome completo.

(69) Este tipo de frase não só é atestado em *PN* como noutros autores, vd. J. Quaegebeur, "Considérations sur le Nom Propre Egyptien Teephthaphonukhos" in *DLP 4*, p. 86. Nestes nomes está representada uma parte considerável do panteão egípcio.

Um nome próprio complexo também pode ser utilizado como elemento

constitutivo de um outro nome, vd. os exemplos apresentados por J. A. Wilson, "A Group of Sixty Dynasty Inscriptions" in *JNES* 13 (1954), p. 264, dos quais o mais importante é o do vizir deificado Kagemeni, *Gm.n.i-m-ḥ3.t* (*PN* 1, 351, 19) em *Gm.n.i*.

Um nome próprio pode ainda alterar-se pela adição de um morfema indicativo do feminino, como por exemplo, *ḥm.t* (específico do Império Médio e Novo) ou *ḥ3*, vd. J. Quaegebeur, "A propos de Teilouteilou, nom magique, et de Terouterou, nom de femme" in *Enchoria* 4, p. 23. H. G. Fischer apresenta-nos também um exemplo elucidativo, no Império Antigo, vd. "Old Kingdom Inscriptions in the Yale Gallery" in *MIO* 7, p. 301.

(70) Vd. J. Černý, S. I. Groll, *o. c.*, p. 248 e ainda P. Vernus, *Future at Issue...*, p. 19.

(71) M. Thirion é a responsável pelas correcções feitas a este nome, apresentado em *PN*, vd. *RdE* 36, p. 125.

(72) O elemento *šm* "escutar" de origem semítica que entra na composição deste nome é examinado por Giveon, *Mélanges Zandee*, pp. 38-42. Aos nomes formados sobre este esquema e conhecidos em *PN*, o autor junta (*šr*) *m-šm* de origem cananaica, de uma estela do Império Novo, encontrada em Sérabit el Khadim (R. Giveon, "A New Kingdom stela from Sinai" in *The Israel Exploration Journal* 31, pp. 168-171).

(73) M. Thirion apresenta a correcção feita por J. J. Janssen à grafia do nome apresentado por Ranke, vd. *RdE* 31, p. 92. Assim, deveremos ler *r^c-ms-sw-ḥr* onde Ranke lia *r^c-ms-sw-pri-ib*. A grande confusão era entre os signos $\overline{\text{m}}$ / $\overline{\text{h}}$, vd. H. de Meulenaere, *RdE* 11, p. 80.

(74) Segundo M. Thirion as duas referências apresentadas por Ranke podem ainda ser precisadas: a 1ª data do princípio da XVIII dinastia e a 2ª do fim do Império Médio. C. Hayes propõe reconhecer o mesmo *ḥr-mniw* numa das

personagens da estela Nymma, que data do fim da XIII dinastia (trata-se da estela de Horemkhauef, proveniente do seu túmulo) e cita ainda um quarto documento, onde figuram duas mulheres que usam este nome, datando do fim do Império Médio. O nome é específico de Edfu, vd. C. Hayes, "Horemkha uef of Nekhen and his trip to Jt-towe" in *JEA* 33, p. 8.

(75) Vd. G. Lefebvre, *o. c.*, 311 e 312.

(76) Correção feita por M. Thirion, *RdE* 33, p. 79.

(77) M. Thirion acrescenta algumas informações a este nome, muito raro, que ela data da XVIII dinastia, vd. *RdE* 33, p. 84.

(78) M. Thirion faz as correções a este nome, vd. *RdE* 31, p. 85.

(79) Vd. J. Černý, S. I. Groll, *o. c.*, pp. 525-537. A este propósito vd. ainda J. B. Callender, "Clefting" in *Middle Egyptian*, pp. 91-95 e S. I. Groll, "The Cleft Sentence" in *Non-Verbal sentence Patterns in Late Egyptian*, pp. 47-91.

(80) Vd. a este propósito P. Vernus, "Études de philologie et de linguistique" (VI) in *RdE* 38, p. 177.

(81) Vd. H. Ranke, *PN* II, pp. 65-70.

(82) Vd. P. Vernus, *o. c.*, p. 178.

(83) *Ibidem*, pp. 177 ss.

(84) Vd. um exemplo apresentado por P. Vernus, "Namensbildung" in *LÄ* IV, p. 334 e retirado de *PN* I, B, 8 (*Louvre c 236*).

(85) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE* XI, p. 322.

(86) Vd. P. Vernus, "Namensbildung" in *LÄ IV*, p. 334.

(87) M. Thirion fez as correcções a Ranke, identificando referências que este autor apresentava como pertencendo a nomes diferentes, vd. *RdE 31*, p. 83. Este nome pertenceu a uma cantora de Amon, que figura no túmulo tebano 85 (*PM I*, 1, p. 172).

(88) Este nome é revisto por M. Thirion, *RdE 33*, p. 84. A autora confronta-o com *PN I*, 184, 5 e 184, 6 e apresenta-o como um nome característico da região tebana na XVIII e XIX dinastia.

(89) Chamamos "anexão de qualificação" a uma construção, na qual o adjectivo é seguido por um substantivo que lhe é directamente justaposto e que define o seu domínio de aplicação.

(90) Vd. P. Vernus, "Une grammaire du Néo-égyptien" in *Orientalia 50*, pp. 432-437.

(91) Cf. *Ibidem*

(92) M. Thirion diz-nos que a única referência citada para este nome provém da estela *Cairo CG 34517* que foi publicada em seguida por D. A. Lowle, "Two monuments of Perynefer, a senior official in the Court of Ramesses II" in *ZÄS 107*, pp. 57-59, vd. M. Thirion, *RdE 33*, p. 84.

(93) Este nome é revisto por M. Thirion, *RdE 31*, p. 82. Esta personagem foi pai de *imn-ms* (*PN I*, 29, 11), contemporâneo de Ramsés II. Djarty foi uma cidade de importância considerável, vd. A. H. Gardiner, *Ancient Egyptian Onomastica*, II, pp. 21-22. Neste toponímio, a partir da XVIII dinastia, o *i* final transformou-se em *y*, *Drti>Drty*, vd. M. Megally, *o. c.*, p. 170, n.2 e ainda A. H. Gardiner, *Egyptian Grammar*, 20; G. Lefebvre, *o. c.*, p. 21.

(94) Este nome também é citado por M. Thirion, *RdE 31*, p. 95, e como

pertencente a um intendennte, chefe dos rebanhos de Tutmósis I.

(95) Vd. P. Vernus, *o. c.*, p. 437.

(96) Vd. *PN II*, 238.

(97) Vd. M. Thirion, *RdE 31*, p. 92.

(98) Vd. *Ibidem*, p. 86. Sobre este nome vd. G. Posener, "Une liste de Noms Propres étrangers sur deux ostraca hiératiques du Nouvel Empire" in *Syria 18*, p. 191. Este nome também é apresentado por T. Schneider, *Asiatische Personennamen in Agyptischen Quellen des Neuen Reiches*, p. 63, como um nome que pertence à antroponomástica semítica.

(99) Segundo M. Thirion, *RdE 31*, p. 95 este nome representa a transcrição hieroglífica de um nome asiático. Helck diz-nos que ele é formado com um elemento hurrita *piz*, significando "Baal regozija-se" (vd. W. Helck, *Die Beziehungen Aegyptens zu Vorderasien*, p. 356 e ainda D. B. Redford, *A study of the biblical story of Joseph*, pp. 228-229, n. 6). O exemplo dado em *PN* é tirado da estela *Louvre C 50*, datada do reinado de Tutmósis III. O nome volta a encontrar-se na época de Ramsés II, no túmulo de *nht-ymn* (N. de G. Davies; A. Gardiner, *Seven Private Tombs at Karnak*, p. 35, pl. 24; cf. W. Helck, *o. c.*, p. 361).

(100) O autor data este nome da XIX dinastia e refere-o como proveniente do templo funerário de Merenptah, em Tebas.

(101) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres" in *CdE XI*, pp. 321.

(102) *Ibidem*, p. 322.

(103) H. de Meulenaere apresenta-nos um exemplo bem elucidativo deste tipo de situação, vd. "Les Stèles de Nag el-Hassaia" in *MDAIK 25*, p. 92.

(104) Segundo J.J. Clère, "Notes d' Onomastique à propos du dictionnaire des Noms de Personnes de H. Ranke" in *RdE* 3, p. 104, esta é uma abreviatura do nome *ḥf-n-ḥm*, do *Papiro Mayer A*, B, 16 onde a mesma personagem é mencionada. Cf. também T. E. Peet, *The Great Tomb-Robberies of the XXth Egyptian Dynasty*, vol. I, p. 133.

(105) Nome abreviado usado por uma personagem da XVIII dinastia, cujo mobiliário funerário forneceu algumas peças, recenseadas em *PM* já no nome completo de *Pr-p3-r* (vd. *PM* I, 2, 838, 842 e 843).

(106) Vários autores nos apresentam exemplos deste tipo de situação, vd. A. H. Gardiner, *The Adominations*, p. 81, n.1 e ainda L. Bland e J. Malék, "Newtywew, the beholder of the beauty of his Lord" in *OLP* 8, p. 122.

(107) Este nome também pode ser uma abreviatura de *Pth-m-ḥb* (*PN* I, 140, 2), de *Mntw-m-ḥb* (*PN* I, 154, 8), etc.

(108) A autora dá um exemplo com *ḥm-nb-w* vd. H. Wall Gordon, "A new kingdom libation basin dedicated to Ptah. Second Part. The Inscriptions" in *MDAIK* 16, pp. 172-173.

(109) M. Thirion apresenta este nome como uma abreviatura de *s3w-ḥrt-it.f*, com anteposição honorífica do nome do deus, vd. M. Thirion, *RdE* 31, p. 83. Ranke datava-o tanto do Império Médio como do Império Novo, mas S. Bosticco data-o simplesmente do Império Novo, vd. *o. c.*, nº 5.

(110) Vd. a este respeito K. Sethe, "Über einige kurznamen des neuen reiches" in *ZÄS* 44, pp. 87-92.

(111) Segundo M. Thirion *mḥ* quando seguido de *m-ḥb* esconde, sem dúvida, um nome de rei ou de personagem divinizada. *Mḥ* é conhecido, sobretudo, como um segundo hipocorístico de um Amenemheb e de um Amenemhat (*PM* I, 2, 607), vd. *RdE* 36, p. 128.

(112) A este respeito vd. os exemplos apresentados por W. F. Albright, *The Vocalization of the Egyptian Syllabic Orthography*, pp. 21-22; W. F. Edgerton, "Stress, vowel quantity and syllable division in Egyptian" in *JNES 5*, p. 9; H. de Meulenaere, "Anthroponymes égyptiennes de Basse Époque" in *CdE 38*, p. 213 e ainda E. Edel, *Die Felsengraber*, II/1/2, pp. 53-65.

Existem diferentes sufixos que são marcas de hipocorísticos. Eles são apresentados em *PN II*, 129-161, mas podemos juntar-lhes os exemplos encontrados por J. Parlebas, "Sur l'origine de la valeur *Dhwthy* de ⲁ et le groupe $\text{ⲁ} \text{ⲓ}$ dans les noms de personnes" in *GM 15*, p. 41 e J. Málek, "A Graffito of Year 17 of Amenamhet II at el-Hosh" in *GM 24*, pp. 51-52.

(113) Vd. variantes: *PN I*, 23, 2.

(114) Vd. G. Lefebvre, *o. c.*, p. 54 e ainda K. Sethe, "Über einige kurznamen des neuen reiches" in *ZÄS 44*, pp. 89-90.

(115) É um hipocorístico de *K3-m-w3st*, vd. T. G. H. James, *o. c.*, p. 105.

(116) H. G. Fischer apresenta-nos vários exemplos deste tipo de situação no Império Antigo e Médio, vd. "Epithets of Seniority" in *Egyptian Studies 1*, pp. 81-95.

(117) Vd. M. Gitton, *L'Épouse du dieu - Ahmès Néfertary*, p. 11.

(118) Vd. H. Ranke, *PN II*, 10-12 e ainda J. Clère, "Un Hymne à Abydos sur une stèle inédite d'Époque Ramesside" in *ZÄS 84*, p. 94, n.1 e ainda P. Vernus, "Noms Propres Juxtaposés au Moyen Empire" in *RdE 23*, p. 198.

III- A Análise Semântica dos Nomes Próprios



dd-3s.t-iw.s-nh

"Isis disse: ela viverá"

PN I, 409, 17

Os nomes próprios egípcios têm vindo a ser agrupados segundo dois princípios fundamentais: o princípio da forma (análise linguística) e o princípio da substância (análise semântica). Vários autores se debruçaram sobre esta problemática tendo sugerido diversas classificações. Vejamos os casos de H. Ranke, no seu artigo "Les Noms Propres Egyptiens" (1) e de J. Sainte Fare Garnot, "Les fonctions, les pouvoirs et la nature du Nom Propre dans l' Ancienne Egypte d'après les Textes des Pyramides" (2). No entanto, a maior parte das classificações, sobretudo no que toca às "classes semânticas", revelaram-se pouco operativas e não constituíam um verdadeiro sistema. Deste modo, torna-se importante reanalisar a questão da classificação semântica dos Nomes Próprios Egípcios, de modo a que estes possam ser agrupados num sistema inteligível e operativo, onde substância e forma marquem simultaneamente presença.

P. Vernus (3) propõe-nos, assim, uma nova classificação dos nomes próprios egípcios, que gravita à volta de dois pólos fundamentais: um primeiro, em que o semantismo do nome evoca um ser ideologicamente transcendente (divindade, rei ou homem prestigioso), e um segundo pólo, em que este semantismo não afecta senão o seu portador e/ou os seus progenitores. À primeira categoria chamaremos nomes "exofóricos" e à

segunda, "endofóricos".

Esta análise mergulha-nos, finalmente, no coração da problemática da nomeação e dos nomes próprios egípcios. A mãe emerge, aqui, como a figura fundamental de toda a acção, dado que lhe cabe a ela, simultaneamente, a função de gerar e o acto de nomear. E ao nomear o seu filho recém-nascido ela não só o designa, como lhe dá a existência, por que a palavra no Antigo Egipto é mágica, tem o poder de realizar. Mas atenção, porque por detrás da aparente clareza e transparência dos nomes se esconde toda uma problemática de vida e de morte, de conquista e alcance da eternidade. Vivia-se e morria-se, também, graças à força e à manutenção do nome sobre a terra dos vivos e sob o "mundo dos ocidentais" (4).

3.1- Nomes Exofóricos

Debrucemo-nos, então, sobre esta primeira categoria, a dos nomes exofóricos. Nesta classificação iremos encontrar nomes teofóricos e nomes basifóricos. Estes não implicam uma relação imediata com o portador do nome e/ou com os seus progenitores.

3.1.1- Nomes Teofóricos

Nomes Teofóricos são todos aqueles nomes em cuja composição entra o nome de uma ou mais divindades, segundo modelos de formação semântica diversos e respondendo a diferentes funções. Eles surgem-nos, sempre, como indicadores da piedade pessoal dos antigos egípcios. Algumas vezes, eles são simples exclamações do nome de uma ou mais divindades, demonstrando assim, de uma forma inequívoca, a sua preferência em termos de devoção pessoal, num momento crucial e difícil da vida de dois seres. Noutros momentos, eles são indicadores de uma das qualidades de um deus, explicitando, deste modo, a sua apetência por esta ou aquela divindade, cuja personalidade é vincada no seu nome. Como é evidente, num e noutro caso, a escolha desta divindade nunca é inocente, daí que os nomes teofóricos sejam bem o reflexo ou o retrato fiel do sentimento religioso, num dado tempo (5). Uma terceira possibilidade surge-nos com determinados nomes evocativos de festas religiosas. Estes identificam bem o momento do nascimento do portador do nome.

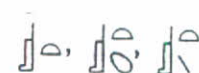
Num sentido mais restricto, os nomes teofóricos são bem reveladores das crenças familiares assim como da origem geográfica dos dadores de nomes, os progenitores. Por outro lado, eles constituem uma fonte importante e fecunda que nos pode fornecer dados sobre a religiosidade pessoal dos antigos egípcios e sobre a relação dos indivíduos com os deuses e as deusas do panteão, pois no Antigo Egipto, e sobretudo a partir do Império Novo, a relação do homem com o mundo divino não se limitava às visitas aos templos e às capelas, ao espectáculo das festas religiosas ou às práticas oraculares. O divino manifestava-se, quotidianamente, através de uma acção benéfica ou maléfica na vida dos indivíduos. Por isso, todos aqueles que não tinham, anteriormente, um acesso directo à divindade, à sua protecção, procuravam agora aproximar-se dela, através de uma relação de pessoa a pessoa, rompendo assim a rigidez do protocolo e da estrutura político-religiosa.

Um novo mundo divino e humano desenhava-se no horizonte do Vale do Nilo e o nome crescia aí, deixando os seus ramos penetrar o ancestral imaginário egípcio.

Como a grande maioria dos nomes egípcios tem um conteúdo

religioso (6), esta é, sem dúvida, uma das grandes categorias no sistema classificatório dos Nomes Próprios Egípcios. Para a compreensão desta problemática contribuíram autores como E. Lévy, *Über die Theophoren Personennamen der alten Agypter zur Zeit des neuen Reiches (Dyn. XVIII. XX.)*, T. Hoffmann, *Die Theophoren Personennamen des alteren Agyptens* e ainda H. Ranke em *PN* (7). A eles pertenceu a penúltima palavra sobre esta questão.

3.1.1.1- Nomes que consistem num só nome de uma divindade



3s. t

"Isis"

PN I, 3, 18



1mn

"Amon"

PN I, 26, 18



In-hr.t
"Onuris"

PN 1, 35, 19



Wp. W3. Wt
"Upuauate"

PN 1, 77, 17



B3st.t
"Bastet"

PN 1, 90, 3



Bs
"Bes"

PN 1, 98, 14



Pth

"Ptah"

PN I, 138, 9



Mw.t

"Mut"

PN I, 147, 4



Mr. w

"Min"

PN I, 151, 14



Mnt. w

"Montu"

PN I, 153, 20



Mr-sgr

"Merseger"

PN I, 157, 27



Nj.t

"Neit"

PN I, 181, 24



R^c

"Ré"

PN I, 217, 7; II, 373



Rnn.t

"Renenet"

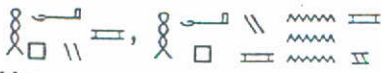
PN I, 224, 15



Rnn. wt. t

"Renenutet"

PN I, 224, 17



H-py

"Hapy"

PN I, 234, 7



Ht-ḥr

"Hathor"

PN I, 235, 6



Hr

"Horus"

PN I, 245, 18



Hns. w

"Khonsu"

PN I, 270, 16



Skm. t

"Sekhmet"

PN I, 319, 21



Stb

"Set"

PN I, 321, 29



Stj. t

"Satis"

PN I, 322, 22



T3-wr.t

"Tueris"

PN I, 355, 13



Dhwtj

"Tot"

PN I, 407, 13

Estamos perante a formação teofórica mais simples. O nome da divindade citada pode surgir com ou sem artigo. Este primeiro tipo de nomes expressa-nos de uma forma clara, a preferência pessoal ou familiar por determinada divindade. Esta pode corresponder ou não à devoção institucionalizada ou generalizada, num dado período, como veremos através da análise pontual de cada caso. No entanto, esta preferência ou crença pessoal pode ser determinada pela origem geográfica dos progenitores e, portanto, pela sua ligação a determinada divindade local ou pela sua categoria sócio-profissional e, conseqüentemente, pela sua preferência pela divindade protectora do seu ofício ou função.

Vejamos, então, que tipo de realidade se esboça através dos nomes inventariados. Em primeiro lugar, e por razões que se prendem com a sua importância no panteão divino, durante o Império Novo, encontramos a tríade tebana: Amon, Mut e Khonsu. Eles simbolizam a ideologia do Império e testemunham a sua eficácia em termos de imaginário nacional.

a) Análise histórico-antropológica



Amn

Amon

PN I, 26, 18



Mwt

Mut

PN I, 147, 3



Hns. w

Khonsu

PN I, 270, 16

Esta tríade figura, em primeiro lugar, nos compostos teofóricos (8), sendo o nome de Amon, o mais frequente na região tebana (9). A sua história prende-se mesmo com a história desta região. Na origem, Amon fora apenas uma divindade obscura de Tebas, promovida pela acção inteligente dos seus sacerdotes, à qualidade de "rei dos deuses", vindo assim a desempenhar um papel relevante no aparelho ideológico-político do estado egípcio. No entanto, a sua posição na hierarquia divina nunca o afastou do imaginário popular e, por isso, ele representa, no panteão, uma ponte entre o culto oficial e a fé popular, incarnando, deste modo, " a

unidade profunda dos factos religiosos" (10).

A mesma mão que conduzia os faraós do Império Novo à vitória, afagava os camponeses e artífices das terras do Egipto por que, para além da sua dimensão de deus nacional e local, vingava a sua faceta de deus criador, transcendente, pai de toda a humanidade. Assim, podemos entender a sua presença constante na onomástica egípcia do Império Novo.

Dar a um filho recém-nascido o nome de Amon era garantir-lhe a protecção por parte da mais alta individualidade do panteão egípcio.

Quanto a Mut, companheira de Amon em Karnak a partir da XVIII dinastia (11), também ela é objecto de devoção pessoal. Recordemos a este propósito o caso do escriba tebano, Sa-Mut, chamado Kyky que, ainda em vida, faz uma doacção de todos os seus bens à sua deusa protectora, a fim de garantir a preservação do seu túmulo com as suas inscrições, do seu nome e, através destes, da sua eternidade (12). Esta confiança na providência divina demonstra bem a nova postura do homem egípcio do Império Novo.

Khonsu (13), o deus de características lunares, é a terceira figura desta família tebana. Quando, anualmente, se realizava, em Tebas, a festa de Opet, ele acompanhava Amon e Mut, seus pais, na procissão festiva que saía do templo de Karnak em direcção a Luxor. Esta e outras festas semelhantes que se realizavam por toda a terra do Egipto marcavam, simultaneamente, um momento importante do calendário litúrgico e da vida quotidiana do cidadão egípcio, pois no curso destas procissões, todos os fiéis tinham o privilégio de estar próximo do objecto divino, comungando, assim, de uma forma particular e íntima com a sua divindade de devoção.

A importância de Amon, Mut e Khonsu pode medir-se, naturalmente, pelo número importante de santuários que lhe são consagrados nesta época, na região tebana. Também estes garantiam a prática de uma devoção individual.

A presença da tríade tebana na Onomástica egípcia do Império Novo vem demonstrar a eficácia da sua popularidade junto de toda a população.

Muito próximo da tríade tebana está Montu, também representado

neste tipo de formação teofórica :



Mnt.w


Montu

PN I, 153, 20


Montu fora um dos principais deuses tebanos, em épocas mais antigas, vindo a ser suplantado por Amon a partir da XII dinastia (14). No entanto, a sua faceta de "deus combatente", perfeitamente integrada num Império que faz da guerra a sua expressão política, permitir-lhe-á reconquistar o prestígio que perdera enquanto divindade local. Os seus templos de Djerty (15), Armant (16) e Tebas (17) testemunham a veneração dos seus fiéis. Lembremo-nos, a título de exemplo de *In-hr-h^cw* //, chefe de um grupo de mineiros, cuja adoração por Montu o leva a dedicar-lhe uma estela e a dar o seu nome, a um dos seus filhos, *k3-m-ph^ty.f-Mnt.w* (18). Embora estas duas personagens pertencessem à comunidade de Deir el-Medîna, onde existem poucos vestígios de veneração deste deus, a sua família deveria ser originária de Tebas, onde Montu era venerado (19). Curiosamente, entre os Medjay, uma espécie de "polícia do deserto", Montu era o segundo deus mais popular, logo depois de Amon. A sua popularidade, no entanto, vai aumentando significativamente, nas últimas dinastias do Império Novo, afirmando-se plenamente durante o Terceiro Período Intermédio, sobretudo na área tebana.

Durante este período, não nos surge, no entanto, um único nome feminino construído com o nome desta divindade. As suas características marcadamente guerreiras afastavam-no do imaginário feminino egípcio.

Se, por um lado, a ideologia do Império está marcadamente representada neste tipo de formação teofórica, através de nomes como Amon e Montu, por outro, a dimensão criadora de determinadas divindades, revela-se de extrema importância em termos de imaginário. Não é por acaso que três das principais teologias egípcias nos surgem representadas, através dos seus deuses tutelares, nesta forma de nomeação tão directa. Assim encontramos Amon (de Tebas), já anteriormente citado, Ptah (de Mênfis) e Ré (de Heliópolis).


Ptḥ
 "Ptah"

PN I, 138, 9


Rḥ
 "Ré"

PN I, 217, 7; II, 373.

Todos eles representam um modelo de criação. Todos eles têm uma ligação profunda a determinado espaço geográfico. Todos eles são suportados por uma casta específica que, ao longo da história desta civilização, teima em não perder nunca um papel privilegiado no tecido político e social, disputando, entre si, privilégios, preferências e poderes.

E, curiosamente, o Império Novo mostra-se um palco excelente desta disputa que parece travar-se nos bastidores, pois muito embora a casta tebana tenha sabido alicerçar o seu poder ao longo da história recente (desde o Império Médio), este começa a ser progressivamente disputado, sobretudo, pelos sacerdotes menfitas e heliopolitanos.

A nova realidade política do Império provocará alterações profundas em termos sociais, económicos e mentais, como já vimos anteriormente (20). Mas, aqui, o que nos importa analisar é as consequências desta atitude em relação aos poderes religiosos vigentes. Assim, se por um lado, ao longo da XVIII dinastia nós assistimos ao crescimento político e económico da casta tebana, suporte ideológico-religioso do Império, por outro, verificamos que à medida que os reis egípcios se apercebem do poder desmesurado desta instituição, procurarão travá-lo, apoiando com doações e privilégios, outras castas sacerdotais. "Dividir para reinar", foi isto que fizeram reis como Tutmósis III, Amenófis II, Tutmósis IV e, sobretudo, Amenófis III que retira ao clero de Amon a função de "Chefe dos Profetas do Sul e do Norte" (21). A ruptura definitiva protagonizada por Amenófis IV, "Akhenaton", adivinhava-se já no horizonte, mas entretanto as castas menfita e heliopolitana viram os seus poderes reforçados ao longo desta dinastia.

E, assim, Ré e Ptah, antigas divindades egípcias, continuaram a ocupar um espaço privilegiado em termos políticos, religiosos, económicos e mentais. Persistindo através dos tempos, reinando em todos os espaços, pela força da nomeação.

A emergência do mundo e da vida preenchem, deste modo, o pensamento do homem egípcio. E a problemática da criação estava sempre presente nas suas facetas mais diversas e complementares. Constatamo-lo, neste tipo de formação teofórica, através dos nomes inventariados:



"Min"

PN I, 151, 14



Nj.t

"Neit"

PN I, 181, 24



H'py

"Hapy"

PN I, 234, 7



Stj.t

"Satis"

PN I, 322, 22

Min é uma das divindades mais populares e emblemáticas da antiga

civilização egípcia, personificando a força geradora da natureza, materializada na sua forma itifálica. As suas faculdades generativas vão transformá-lo no deus da reprodução sexual, cujo poder procriador e fecundador está sempre presente no imaginário egípcio. Nesta qualidade, ele é muitas vezes identificado com Amon, tornando-se assim uma das presenças mais significativas na temática da procriação e da fertilidade.

Quanto a Neit (22), que tinha como principais centros de culto Esna e Saís, também ela preenche o imaginário criador dos antigos egípcios, na sua qualidade de deusa primordial, segundo a cosmogonia de Esna. A androgenia divina e o poder criador são-lhe inerentes, muito embora a sua figura ganhe outros atributos e poderes. Neit surge como protectora do rei e, muito particularmente, da necrópole tebana.

Hapy é outra das divindades mais citadas na onomástica tebana do período ramessésida. Também ele potencializa uma função vital, surgindo-nos como a força criadora e fertilizante inerente ao rio. Nesta qualidade, ele é o responsável pela vida e pela abundância que brotam após a inundação benéfica dos solos, tornando-se assim, a expressão de um ciclo e de uma realidade económica, que a própria onomástica permite recordar (23).

Quanto a Satis, primeira dama da região das cataratas, ela é a responsável pelas "águas frias" que nascem no Sul e trazem ao Egipto a vida, permitindo-lhe vencer a *secura* do deserto e a presença da morte. Por isso, para o imaginário popular também ela aparece como uma força criadora, muito embora o seu papel, os seus atributos e funções se multipliquem ao longo da história (24). Sózinha ou fazendo parte de uma tríade familiar com Khnum e Anukis, ela é não só adorada na região da Primeira Catarata, como também em Deir el-Medina e nos grandes templos núbios (25). Curiosamente, até ao Império Novo, as mulheres são as únicas a utilizar o nome de Satis na sua própria nomeação. Mas a partir deste período, o nome da deusa começa a surgir também na composição de nomes masculinos (26). Esta realidade prova, sem dúvida, a importância que esta deusa ganhou ao longo desta fase da história egípcia. Podemos comprová-lo, pelos epítetos por ela usados: "olho de Ré" (*t3 irt r<*) (27),

"Senhora do Duplo País" (*ḥnw.t t3.wy*) (28), "Soberana de todos os deuses" (*ḥnw.t ntr.w nb.w*) (29) e "Senhora da festa-sed" (*nb.t ḥb-sd*) (30). Todos estes epítetos são aplicados à maior parte das grandes deusas do Egito, o que vem provar o papel de relevo que esta deusa, aparentemente secundária, consegue conquistar no Império Novo.

A emergência da vida, o poder criador, fecundador ou fertilizante estão, assim, sempre presentes no imaginário egípcio e são reconhecíveis através da Onomástica deste período. Mas a vida é, simplesmente, uma das faces desta problemática. Ela encontra a sua complementaridade, a outra face, na morte. As duas, vida e morte, preenchem um ciclo, o ciclo harmonioso da natureza, do mundo e do cosmos. Por isso, também a morte não é esquecida e afastada da problemática da nomeação. A comprová-lo temos, neste tipo de formação teofórica mais simples, duas presenças complementares, uma masculina, Upuauat e outra, feminina, Merseger.



wṗ. w3. wt

"Upuauat"

PN I, 77, 17

 (31)

Mr-sgr

"Merseger"

PN I, 157, 27

Upuauat, "aquele que abre os caminhos", deus com forma de chacal adorado sobretudo em Assiut, aparece-nos ligado ao culto de Osíris, em Abidos, sendo por isso considerado como o zelador e guia dos mortos na região ocidental. Quanto a Merseger, a deusa serpente com cabeça de mulher, ela surge-nos como a patrona da necrópole tebana, tornando-se, por extensão, a divindade protectora de Deir el-Medina. E, nesta qualidade, ela é, sem dúvida, uma das divindades que mais beneficiou do fenómeno de "devoção" ou "piedade pessoal", no Império Novo (32).

Mas a vida e a morte são ultrapassadas por um poder mais forte, o do amor, também ele presente e bem representado, neste tipo de nomeação:



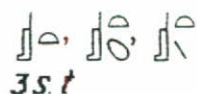
Bs

"Bes"

PN I, 98, 14

Bés, a anão monstruoso utilizado como amuleto por quase todas as mulheres grávidas, era uma divindade popular de características benéficas. Ele protegia não só a gravidez, como o próprio nascimento das crianças, afastando e combatendo qualquer mal que pudesse perturbar a harmonia de um momento tão singular.

Mas o amor não se esgotava aqui. Ele crescia e ganhava forma, numa série de divindades femininas ligadas, preferencialmente, à temática da mulher, nos seus aspectos mais diversos. Senão, vejamos:



35. t

(33)

"Isis"

PN I, 3, 18



B3st.t

"Bastet"

PN I, 90, 3



Rnn.t

"Renenet"

PN I, 224, 15



Rnn.wt.t

"Renenutet"

PN I, 224, 17

deusa do amor, do prazer, da dança e da bebedeira. De todas as delícias. Amando e castigando com o mesmo ardor. Criando e destruindo, para reinar, pela eternidade como "Senhora de todos os deuses" (36). Impondo-se mesmo na morte, na sua qualidade de "senhora do Ocidente". Por isso, ela ocupa o primeiro lugar, desde o início do período ramesseída em Deir el-Medina (37) e, em Deir el-Bahari, num santuário restaurado por Tutmósis III, foi objecto de um culto privado que congregava todos os "ricos e pobres" (38) de Tebas, que aí depositavam *ex-votos* : escaravelhos, bagas, estatuetas femininas da fertilidade, cabeças de Hathor e outros amuletos variados.

Em Edfu, a deusa protagonizava o principal papel na festa do Ano Novo, a festa da Boa Reunião, do casamento sagrado entre Hathor de Dendera e Hórus de Behedet (39). A sua presença simbólica percorre as terras do Vale do Nilo, fundamentando assim, plenamente, o seu epíteto de a mais universal de todas as deusas do panteão egípcio. Eternamente presente pela força da nomeação.

Quanto a Isis, ela surge-nos como um modelo de esposa (rainha) e de mãe (40), pelo papel que desempenhara no desenrolar do mito de Osíris. Mas, para além disso, ela conquista ainda o lugar de Senhora do Céu, graças ao seu filho , Hórus. De Grande Deusa, Grande Mágica e Deusa Mãe, como Hathor, disputando-lhe ainda o epíteto de Senhora do Ocidente. A deusa de múltiplos nomes.

Por outro lado, a mitologia apresenta-a como uma das intervenientes divinas na cerimónia do nascimento, acudindo e apoiando com a sua sabedoria, a parturiente (41). A mesma sabedoria que a tornara protagonista do mito referente ao nome secreto de Ré (42). Paulatinamente, Isis vai conquistando um espaço no coração dos antigos egípcios, procurando afastar o brilho de Hathor do seu horizonte, no entanto a sua presença na onomástica do Império Novo (43), não é tão significativa como poderíamos esperar e isto deve-se, fundamentalmente, ao facto de a verdadeira expressão do seu culto só se verificar a partir desta altura.

Mas se Isis e Hathor nos surgem como complementares nas suas



Ht-hr

"Hathor"

PN I, 235, 6



Skm.t

"Sekhmet"

PN I, 319, 21



T3-wr.t

"Tueris"

PN I, 355, 13

De todas estas divindades, Hathor e Isis, "explodem" naturalmente, como as figuras tutelares (34).

Hathor é, sem dúvida, a mais universal de todas as deusas do panteão egípcio (35). Deusa Celeste, na sua qualidade de mãe de Hórus, Grande Mágica, comandando os destinos da realeza e dos homens e Deusa Mãe, por excelência, Hathor desempenha melhor do que qualquer outra figura a especificidade da problemática feminina no Antigo Egito. Ela é a

funções, o mesmo se verifica, relativamente a outras divindades citadas. Sekhmet, por exemplo, adorada em Mênfis, onde forma uma tríade com Ptah e Nefertum, surge-nos como a faceta agressiva de Hathor, encarnando deste modo, a deusa no seu papel vingativo de "olho de Ré". Assim como Bastet, a deusa gata adorada em Bubastis, que aparece como a contrapartida apaziguadora de Sekhmet. Todas elas, no fundo, procurando preencher a dualidade de sentimentos e acções inerentes à mulher. Fornecendo-lhes modelos, exemplos e apoios específicos e particulares. Era este, também, o papel desempenhado por Tueris, a deusa hipópotamo, protectora das mulheres grávidas, que exercia um papel benéfico e mágico, sobretudo no momento do nascimento. Assim como Renenet (44), "deusa do destino", que as mulheres não esqueciam na altura de nomear. E Renenutet (45), adorada no Fayum, como a serpente que dava o alimento. Todas elas eram deusas e mulheres. Procurando, com as suas múltiplas especificidades, proteger e defender a mulher no seu duplo aspecto, na sua realza: mulher-fêmea, mulher-mãe.

Voltemos agora, de novo, ao horizonte masculino. Neste, já citámos os deuses criadores, aqueles que nos surgiam ligados a uma função fertilizante ou fecundadora, os deuses ligados à guerra, à morte e ao amor. Mas se levantármos o nosso olhar em direcção ao céu, vamos vislumbrar uma das figuras mais fascinantes do panteão egípcio:

 (46)

Hr

"Hórus"

PN I, 245, 18

Hórus é uma das divindades mais complexas do vasto panteão

egípcio. Por um lado, ele é o legítimo herdeiro de seu pai Osíris sobre o trono do Egito, a expressão viva do Estado, materializada na pessoa do faraó (47), garantindo com a sua presença a unificação política das Duas Terras, a eternidade da realeza divina, a estabilidade e a ordem sobre a terra dos faraós. Mas paralelamente a esta sua função, ele surge desde os Textos das Pirâmides, como deus falcão, o "Hórus Celeste", o "soberano do céu" (48), cujos olhos são o Sol e a Lua.

Esta sua ligação ao poder celeste intensifica-se no Império Novo, pela sua própria identificação com o deus solar, Ré. Mas se tivérmos em conta que o Sol, Ré, é para o mundo egípcio não só o deus primordial, único, pai dos deuses, mas também dos homens e especialmente do rei, verificamos afinal que as duas principais coordenadas da figura divina de Hórus acabam por se entrecruzar: o seu atributo de deus da realeza integra-o de imediato no ciclo cósmico universal.

Indissoluvelmente ligado à figura de Hórus encontramos Set, outra das divindades citadas nesta formação teofórica :



sth

Set

PN I, 321, 19

Set, tal como Hórus, é um dos elementos da Enéade de Heliópolis e o seu nascimento marca o início da desordem e da confusão (49). Uma desordem que ele inicia com o assassinato de Osíris e prolonga na luta sem tréguas com Hórus (50), seu irmão e herdeiro legítimo da realeza sobre a terra do Egito. No seu próprio nome estava inscrito o seu destino:

"personificação da violência e da má fé" (51). Por isso, Set era olhado pelos egípcios antigos de uma forma bem particular. Com desprezo, por alguns, com respeito, por outros, mas a sua história estava indissolivelmente ligada à história mítica do início da civilização.

No Império Novo, o seu culto parece assumir uma nova dimensão. Esta resulta, sem dúvida, da política imperialista dos reis egípcios que, abrindo-se ao mundo, permitem sincretismos, aculturações e adaptações do seu património cultural e religioso.

Set emerge como o patrono das terras estrangeiras e do deserto, desempenhando no panteão um papel muito especial, o do deus representativo que era adorado no estrangeiro, através de diversas formas e nomes a partir dos quais se revelava (52). No deserto, os seus locais de culto marcam a rota das caravanas (53).

Hórus e Set representam para o imaginário egípcio, a oposição simbólica e constante entre duas forças opostas, mas complementares. O bem e o mal. A realeza e a anarquia. A imensidão do céu e o espaço sem limites do deserto. A vida (eterna) e a morte.

Mas o equilíbrio entre estas duas forças é garantido por outra figura divina, Tot (54), senhor de Hermópolis, responsável pela manutenção da ordem no Mundo. Nesta qualidade, ele aparece como o juiz de todas as contendas, escolhido "na origem" pelo rei dos deuses. A ele cabe a decisão final na contenda (eterna) entre Hórus e Set, por isso ele é o responsável pelo equilíbrio entre as forças opostas. O juiz que anota o resultado do julgamento (55), mediante a constatação do equilíbrio entre os dois pratos da balança. Mas para além desta sua faceta tão determinante, ele surge ainda como o patrono e o intendente das oferendas (56), o escriba divino, "senhor das palavras divinas" (*nb mdw ntr*), cuja relevância pode ser medida pela abundância de ofícios ligados à escrita e à administração (57). Assim sendo, as dimensões protectora, geográfica e específica de determinada profissão estão bem representadas no seu nome que é muito utilizado, quer nesta formação teofórica mais simples, quer em nomes compostos (58).

E resta-nos Onuris, para concluirmos esta análise dos nomes

citados:



in-pr.t

"Onuris"

PN I, 35, 19

Onuris é um antigo deus da caça, cujo domínio é o deserto. Aí ele restabelece o "olho de Ré", ligando-se deste modo à mitologia solar, tão determinante no Império Novo. Com ela inciámos este estudo e a ela regressamos, para o concluir.

Percorremos um percurso, fizémos uma viagem por entre os nomes teofóricos mais simples, usados neste período. Todos eles representam uma escolha. Uma preferência ideológico-religiosa. Por detrás dela esconde-se um discurso "mágico" cujo véu principiámos a levantar. Cautelosamente e sem sobressaltos.

3.1.1.2- Nomes formados pela justaposição de dois nomes de divindades



Imn-hꜥpy

"Amon-Hapy"

PN I, 30, 6



Inp.w-Rꜥ

"Anúbis-Ré"

PN I, 37, 17



Bꜥr-Mnt.w

"Baal-Montu"

PN I, 93, 24



Pth-Sbk

"Ptah-Sobek"

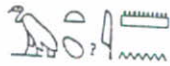
PN I, 141, 14



M3. t-Pth

"Maat-Ptah"

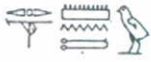
PN I, 144, 26



Mw. t-Imn

"Mut-Amon"

PN I, 147, 7



Min. w-Mnt. w

"Min-Montu"

PN I, 152, 2



Mnt. w-Imn

"Montu-Amon"

PN I, 153, 23



Mnt. w-mn. w
"Montu-Min"

PN I, 154, 15



Ré-Pth
"Ré-Ptah"

PN I, 217, 14



Ré-M3^c. t
"Ré-Maat"

PN I, 217, 21



Hr-M3^c. t
"Hórus-Maat"

PN I, 248, 17

QUADRO I

2º nome 1º nome	Iḥ	Imn	Pṯḥ	M3ꜥ.t	Mn.w	Mnt.w	Rꜥ	Hꜥpy	Sbk
Imn								●	
Inp.w							●		
Bꜥr						●			
Pṯḥ									●
M3ꜥ.t			●						
Mw.t		●							
Mn.w						●			
Mnt.w		●							
Rꜥ			●	●					
Hꜥr				●	●				
Hns.w		●							
Dḥwty	●								

Names formed by the juxtaposition of two names of deities



Hr-Min.w

"Hórus-Min"

PN I, 248, 19



Dhwtj-I'eh

"Tot-Ioh"

PN I, 409, 3

Este tipo de formação teofórica, ainda muito simples, é muito rara no Império Antigo (59), começa a ter alguma expressão no Império Médio e aumenta significativamente no Império Novo. Esta alteração prende-se, naturalmente, com o acentuado sincretismo religioso (60), que se verifica neste período da história egípcia.

Como num acto de mágica, os deuses associam-se, fundem-se, identificam-se através da associação dos seus nomes, surgindo assim, cada um deles, com uma "multiplicidade de nomes". Esta multiplicidade, esta variedade de nomes não é, senão, uma forma de aproximar a realidade do seu ser (divino).

Através da associação de dois ou três nomes, os deuses vêem a sua natureza alterada, pela conquista das características e dos atributos do outro, que se enleiam nos seus, e pelo próprio alargamento da sua esfera de acção. Não estamos perante uma anulação do eu face ao outro, mas antes perante uma conquista do outro que se casa, de uma forma perfeita,

com o eu. Assim, podemos entender o sincretismo como uma das formas mais antigas de resolver o problema do politeísmo (61), pois estas combinações de nomes divinos podem ser dissolvidas em qualquer momento, em cada um dos seus elementos constitutivos, permitindo ainda que estes participem noutras combinações, reafirmando assim, pela eternidade, a multiplicidade da divindade e gerando, sempre, algo de novo para o culto.

Deste modo, ao olharmos para estas formações teofóricas deveremos reconhecer nelas uma expressão de fé pessoal face à pressão da situação política e religiosa (62). A celebração de um contrato entre o eu pessoal e o eu institucional de cada egípcio.

Debrucemo-nos, agora, sobre os casos concretos. Amon, deus tutelar de Tebas, surge-nos, em primeiro lugar, numa única referência, muito embora o seu nome seja ainda citado em três outros exemplos, mas na segunda posição, como veremos adiante.



Imn-H-py

"Amon-Hapy"

PN I, 30, 6

Este nome sugere-nos que "Hapy está em Amon". Amon, deus nacional, deus criador e gerador de vida como já vimos anteriormente, vê aqui a sua popularidade ser assumida pelo deus Hapy (63), personificação da fecundidade inerente ao rio, dilatando assim, significativamente, as suas "virtudes", reforçando o seu potencial criador.

Anúbis é a segunda divindade citada neste tipo de formação

teofórica, surgindo-nos com um único exemplo.



Inp. W-R^c

"Anúbis-Ré"

PN I, 37, 17

Este nome refere-nos que "Ré está em Anúbis" afirmando assim a associação do próprio sol, a fonte criadora por excelência, do Antigo Egipto ao deus responsável pelo embalsamamento e pela necrópole, no fundo, ao deus responsável pela passagem a uma outra vida (64), consolidando, deste modo, a ideia de renascimento (65) de que nos falam os textos (66). O portador deste nome sairia como Ré, do mundo dos Ocidentais, dobrando assim não só a vida, como a morte, pela eternidade.

O terceiro exemplo citado apresenta-nos uma divindade estrangeira, Baal, deus supremo dos semitas.



B^cr-Mnt^t w

"Baal-Montu"

PN I, 93, 24

A leitura deste nome afirma-nos que Montu, deus da guerra, muito ligada à antiga tradição tebana, está em Baal, divindade cananaica da fecundidade. Este exemplo é de uma relevância fundamental para a análise dos comportamentos e das atitudes do homem egípcio do Império Novo. Através dele nós não só constatamos a penetração de uma divindade estrangeira no panteão egípcio, como a sua própria assimilação a uma divindade local. Mas este fenómeno traduz realidades mais profundas. Realidades políticas e realidades culturais. Com efeito, a política imperialista levada a cabo pelos reis egípcios do Império Novo, abrirá o Egipto ao mundo, permitindo a entrada de muitos estrangeiros. Estes irão integrar-se na sociedade egípcia através do casamento ou da sua categoria profissional, mas esta integração provocará trocas culturais, fenómenos de sincretismo e assimilação.

O Egipto abrirá os seus braços às divindades adoradas pelos homens captivos ou pelas mulheres estrangeiras. Mas ao fazê-lo, permitirá que a sua área de influência vá bem mais longe, até ao capítulo da onomástica, ou seja, até à dimensão criadora da nomeação.

Ptah é a quarta divindade citada neste tipo de formação teofórica. Ele surge-nos, em primeiro lugar, num único exemplo, muito embora o seu nome apareça ainda na composição de dois outros nomes, como veremos adiante.

𓆎𓆏𓆐𓆑𓆒𓆓, 𓆎𓆏𓆐𓆑𓆒𓆓

Pth-Sbk

"Ptah-Sobek"

PN I, 141, 14

A leitura deste nome indica-nos que "Sobek está em Ptah",

afirmando, deste modo, que a fecundidade aquática, ctônica e solar personificadas em Sobek (67) estão ligadas à actividade criadora potencializada em Ptah (68), deus tutelar de Mênfis. Curiosamente, podemos verificar pelo conjunto de nomes já assinalados que a dominante criadora ou fecundadora, inerente às divindades, está muito presente na nomeação. Esta presença explica-se, em parte, pelos índices de mortalidade infantil na antiga civilização egípcia (69) e, portanto, pela necessidade que os "dadores de nomes" sentiam em "profetizar" vida para os seus filhos, dando-lhes para isso, um bom nome. Um nome que era já uma esperança de vida, reforçada na aliança de potencialidades divinas.

O quinto exemplo inventariado apresenta-nos Maat que surge, em primeiro lugar, tal como Ptah, num único exemplo, muito embora o seu nome apareça ainda na composição de dois outros nomes teofóricos.



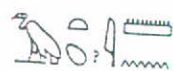
M3. t-Pth

"Maat-Ptah"

PN I, 144, 26

Este nome indica-nos que "Ptah está em Maat", expressando assim que a divindade criadora de Mênfis, Ptah, está em harmonia com o Cosmos, com a vontade/lei dos deuses, com a justiça e a moral, potencializadas em Maat, a ordem do mundo (70).

Mut é a outra figura feminina para além de Maat, que nos surge neste tipo de composição teofórica:



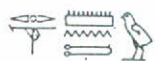
Mw. t-Imn

"Mut-Amon"

PN I, 147, 7

Estamos perante um exemplo nítido de "sincretismo familiar" (71). Mut é a companheira de Amon, em Tebas, e a associação dos seus nomes, através da expressão "Amon está em Mut" não pretende senão reafirmar e consolidar a associação das suas funções tutelares.

O sétimo nome citado envia-nos para Min que nos surge, também, em primeiro lugar, num único exemplo, muito embora o seu nome, tal como aconteceu com Ptah e Maat, apareça ainda na composição de dois outros nomes teofóricos.



Mr. w-Mnt. w

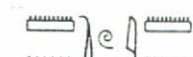
"Min-Montu"

PN I, 152, 2

Este exemplo diz-nos que Montu, antigo deus de Tebas, transformado no Império Novo, no divino senhor da guerra, estava em Min, reforçando assim o "ideal vitorioso" do Império, sobre uma zona "estrangeira", o deserto, de que Min era o protector.

A mesma divindade, Montu, citada em dois outros nomes,

anteriormente, aparece-nos agora, em primeiro lugar, em duas formações teofóricas distintas:


Mnt. w-Imn

"Montu-Amon"

PN I, 153, 23


Mnt. w-Mn. w

"Montu-Min"


PN I, 154, 15

A ligação Montu-Amon expressa no nome "Amon está em Montu" expressa bem uma aliança entre a tradição, a ancestralidade dos cultos tebanos, potencializados em Montu, antiga divindade tebana, e a novidade, o novo culto que é apanágio do Império, personificado em Amon. As vertentes guerreiras dos dois deuses são ainda consolidadas pela união dos seus nomes.


No segundo caso, estamos perante a afirmação de que "Min está em Montu", garantindo, deste modo, o vigor, uma das características de Min, ao divino senhor da guerra, Montu.

Ré é a nona divindade citada neste tipo de formação teofórica,

surgindo-nos, na primeira posição, com dois exemplos:


Ré-Ptah
"Ré-Ptah"

PN I, 217, 14


Ré-Maat
"Ré-Maat"

PN I, 217, 21

O primeiro destes nomes afirma-nos que "Ptah está em Ré" simulando, deste modo, a identificação entre dois processos criadores, o menfita, potencializado no Verbo, na palavra realizadora e o solar, personificado no próprio astro, Ré. Grande seria a esperança de vida do portador de um tal nome. Gloriosos o seu destino.

O segundo exemplo indica-nos que "Maat está em Ré", expressando assim a "maatização" (72) do deus solar. Este vive de Maat, alimenta-se de Maat, e estabelece Maat- o equilíbrio cósmico, a justiça, a "boa palavra"- por toda a terra do Egito. Através de Maat, ele mantém o seu ciclo, cósmico, pela eternidade. Pela identificação com Ré-Maat, o recém nascido "maatiza-se", triunfa sobre a caducidade da vida e sobre a própria morte,

"solariza-se", alimentado por Maat.

Hórus é a décima divindade citada neste tipo de formação teofórica. Também ele surge, na primeira posição, em dois nomes distintos:



Hr-M3.t

"Hórus-maat"

PN I, 248, 17



Hr-Mn.w

"Hórus-Min"

PN I, 248, 19

O primeiro exemplo afirma-nos que "Maat está em Hórus" (73), expressando, deste modo, a profunda ligação de Maat à instituição faraônica de que Hórus é o patrono. E, como refere J. Assmann, o homem é incapaz de viver sem Maat, na vida terrestre, mas também é incapaz de viver sem o Estado, pois é este, através do rei, duplo de Hórus, que realiza e garante Maat (74). "Maat é pois o princípio sociogónico da solidariedade, estendido às dimensões políticas da empresa faraônica e às dimensões cósmicas do regime solar" (75).

Felizes aqueles que tinham como destino viver de Maat, aspiração

máxima de qualquer egípcio.

O segundo exemplo diz-nos que "Min está em Hórus", afirmando assim a fertilidade (76) de Hórus, patrono da realeza. A perenidade desta instituição sobre a terra do Egito, assemelhando-se a uma garantia de perenidade para alguém que utilizasse o seu referencial simbólico na sua própria nomeação.

Khonsu é a penúltima divindade citada neste tipo de construção:



Hns. w-Imn

"Khonsu-Amon"

PN I, 270, 18

Também aqui estamos, de novo, perante um caso de "sincretismo familiar". A afirmação de que "Amon está em Khonsu", seu filho, em Tebas, não pretende senão reafirmar e consolidar os seus laços e as suas funções tutelares.

Somos chegados ao fim de um percurso, na companhia de Tot, que nos surge no último exemplo inventariado:



Dhwtj-I'ah

"Tot-Iah"

PN I, 409, 3

A afirmação "Ioh está em Tot" é bem elucidativa do peso e da importância que os cultos lunares tinham no Império Novo. Ioh, deus da lua e Tot, divindade com características lunares, surgem aqui associados, de modo a consolidar a força do astro noturno.

Estes foram alguns dos nomes que os antigos egípcios deram aos seus filhos. Através deles nós podemos vislumbrar confissões de dogma teológico, pronunciadas na ocasião do nascimento de uma criança. Declarações de fé que expressam uma crença localizada (77), institucionalizada ou pessoal.

A análise conjunta destes nomes dá-nos um quadro, ainda que relativo, da realidade política e religiosa do Egito, no Império Novo.

Amon e Montu, deuses que encarnam melhor do que quaisquer outros, a realidade política imperialista dos faraós deste período são os deuses mais citados. Em segundo lugar surgem duas das principais divindades criadoras do Antigo Egito, Ptah e Ré, juntamente com Maat, responsável pelo equilíbrio cósmico e terrestre, e Min, deus ligado à fecundação e à fertilidade. Como se o crescimento do Império, protagonizado por Amon e Montu, fosse garantido pela mão de Maat e encontrasse a sua expressão real, na criação da vida protagonizada por Ptah e Ré e na fertilidade dos campos simbolizada em Min.

Curiosamente, Maat e Min são as únicas divindades femininas presentes neste tipo de formação teofórica, sincrética. Cada uma delas esboça um modelo fundamental para a manutenção do equilíbrio da sociedade egípcia. Mut garante, pela sua ligação com Amon, "deus imperial" e tebano, o modelo familiar, base da sociedade humana, mas Maat garante um modelo ainda mais amplo, dado que se apresenta como o "guia existencial" de todos os homens, o seu "alimento espiritual", a sua consciência cósmica.

Não podemos, nem devemos esquecer, a presença de Baal, neste quadro referencial. Ela simboliza bem a abertura do Egito ao mundo. Abertura política, económica, cultural e mental.

Uma nova realidade principiava a abrir-se para o homem egípcio. Nesta, os valores do passado conviviam, pacificamente, com as

referências do presente.

O mundo crescia, cobrindo-se de novas e coloridas imagens. Mas este era só o princípio de um percurso sedutor...

3.1.1.3- Nomes que qualificam uma divindade

Estamos perante uma terceira categoria, muito bem representada na onomástica egípcia. Os nomes que nos surgem nesta classificação podem ser entendidos como exclamações proferidas pela mãe, na altura do nascimento de uma criança. As motivações deste tipo de nomeação são diversas. Podem ser entendidas como manifestações de uma fé pessoal em relação a uma divindade local, a uma divindade protectora de determinada profissão ou testemunhar uma adesão à corrente religiosa de dimensão nacional, como é o caso de todos os nomes que contêm Amon, Mut e Khonsu, na sua formação.

Estas qualificações podem apresentar-se na forma de uma predicação de qualidade (Predicado: Adjectivo + Sujeito: X-nome da divindade), na forma de uma construção do tipo: Sujeito (X-nome da divindade) + Adjectivo epíteto, na forma de uma frase com predicado pseudo-verbal (X-nome da divindade + Predicado pseudo-verbal), através de uma predicação de identidade do tipo: Predicado (X-nome da divindade) + Sujeito ou ainda do tipo : Predicado (Substantivo) + Sujeito (X-nome da divindade) e através de uma predicação de situação: Sujeito (X-nome da divindade) + Predicado (grupo proposicional) .

Vejamos, então, as divindades que nos surgem nas diferentes situações (78):

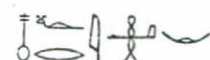
**a) Predicação de Qualidade: Predicado (Adjectivo) + Sujeito
(X-Nome da divindade)**



Wsr-1^h

"loah é poderoso"

PN I, 85, 7



Nfr-1^h

(79)

"loah é bom"

PN I, 194, 6



'3-lmn

"Amon é grande"

PN I, 57, 7



Wr-Imn

"Amon é grandioso"

PN I, 80, 16



Wsr-Imn

(80)

"Amon é poderoso"

PN I, 85, 8



Nfr-Imn

(81)

"Amon é bom"

PN I, 195, 1



Nḫt-Imn

(82)

"Amon é vigoroso"

PN I, 209, 22

 (83)

Kn-Imn

"Amon é vitorioso"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 89

PN I, 334, 18

 (84)

Nfr.t-'nk.t

"Anúkis é boa"

PN I, 201, 20



Wr-Pth

"Ptah é grandioso"

PN I, 81, 1



Wsr-Pth

"Ptah é poderoso"

PN I, 85, 13



(85)

Nfr-ptḥ

"Ptah é bom"

PN I, 196, 10



Nfr-M3.t

"Maat é boa"

PN I, 196, 17



3ḥ-Mw.t

"Mut é gloriosa"

PN I, 2, 24



Nfr-Mw.t

"Mut é boa"

PN I, 196, 20



Ngt-Mw.t

"Mut é vigorosa"

PN I, 210, 15



Ndm-Mw.t

"Mut é doce"

PN I, 215, 15



3h-Mn.w

"Min é gloriosa"

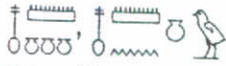
PN I, 2, 25



Wf-Mn.w

"Min é grandioso"

PN I, 81, 4



Nfr-Mn. w

"Min é bom"

PN I, 196, 21



(86)

Nbt-Mn. w

"Min é vigoroso"

PN I, 210, 17



Wr-Mnt. w

"Montu é grandioso"

PN I, 81,6 e 81,7



Wsr-Mnt. w

"Montu é poderoso"

PN I, 85, 1B



Nḥt-Mnt.w

"Montu é vigoroso"

R. van Walsen, *o. c.*, p. 203



H3.t-R^c

"Ré é primeiro"

M. Thirion, *Rde 33*, p. 84 (87)



Nḥt-Hr

"Hórus é vigoroso"

PN I, 211, 3



(88)

Hry-Hr

"Hórus é Supremo"

PN I, 253, 10



Kn-Hr

"Hórus é vitorioso"

PN I, 334, 21



Wr-Hns. w

"Khonsu é grandioso"

A. Gasse, *o. c.*, pp. 127 e 132



(89)

Nht-Hnm. w

"Khnum é vigoroso"

PN I, 211, 10



Kn-Hnm. w

"Khnum é vitorioso"

PN I, 334, 24

(90)

Nht-Sbk

"Sobek é vigoroso"

PN I, 211, 13

Htp-Shtm.t

"Sekhmet é misericordiosa"

PN I, 259, 16

'3-Stj

"Set é grande"

PN I, 416, 22

Wsr-Stj

"Set é poderoso"

PN I, 86, 11

𓆎𓆏𓆑𓆒𓆓𓆔, 𓆕𓆖𓆗 (91)

Wsr-Stj.t

"Satis é poderosa"

PN I, 86, 10

𓆎𓆏𓆑𓆒𓆓𓆔

Nfr.t-Stj.t

"Satis é boa"

D. Valbelle, *Satis et Anoukis*, p. 105

𓆎𓆏𓆑𓆒𓆓𓆔

Nht-Dhwty

"Tot é vigoroso"

PN I, 211, 22

divindade	ich	imn	enk.t	pth	m3.t	mv.t	mn.w	mn1.w	r<	hr	hns.w	hnm.w	sbk	sbm.t	stj.t	sth	dhvty
Adjectivos																	
3b						•	•										
c3		•														•	
vr		•		•		•	•	•			•						
vsr	•	•		•				•	•						•	•	
nfr	•	•	•	•	•	•	•								•		
nbt	•	•				•	•	•		•			•				•
ndm						•											
h3.t									•								
hry										•							
htp														•			
kn		•								•		•					•

Nomes qualificados através de uma predicação de qualidade:
Adjectivo + X (nome divindade)

Que conclusões poderemos nós tirar desta primeira listagem de nomes inventariados? Que tipos de sentimentos e atitudes é que eles encerram? E qual será a realidade que se esboça por detrás deste tipo de nomeação?

Vejam, então. Amon, deus criador, solar, patrono de Tebas e dos faraós do Império novo surge-nos, de imediato, como a divindade mais citada neste tipo de formação teofórica, demonstrando assim a sua supremacia não só no panteão, mas também no coração dos homens e das mulheres que o nomeavam. Curiosamente, ele é qualificado como poderoso (*wsr*), vigoroso (*nht*) e vitorioso (*Kn*), adjectivos que exprimem bem o carácter guerreiro da divindade tebaná. Com efeito, a política imperialista do Império Novo irá reflectir-se na personalidade dos deuses nacionais e, assim, Amon, deus tutelar de Tebas, ver-se-á transformado no "divino senhor da guerra", aquele que conduz os exércitos do faraó à glória. O verdadeiro vencedor de todas as batalhas. Grandioso (*wr*) e grande (*ʿ3*), mas simultaneamente, um deus bom (*nfr*).

Não é por acaso que as qualidades mais citadas neste tipo de formação teofórica são a bondade e o vigor, associadas a Amon e a muitas outras divindades. A sua presença na construção de um nome demonstram bem a importância que estas tinham para um cidadão egípcio. Elas simbolizam o perfil do novo homem que emerge no Império Novo. O vigor do guerreiro reflecte a bondade do crente, pois é em nome de Amon e por Amon, que se faz a guerra no Império Novo, uma guerra tendente a levar a "verdade da fé" a todos os povos e a todas as regiões, para que elas pudessem ser salvas do caos e viver felizes, em Maat, pela eternidade (92). Sem o saberem, os antigos egípcios antecipavam assim um ideal político-religioso que mais tarde seria utilizado por cristãos e muçulmanos. A ideia de "guerra santa" surge, pela primeira vez, no Vale do Nilo e as suas consequências foram determinantes para os homens e para o desenrolar da história de toda uma civilização.

Mas regressemos a Amon. Através dos nomes inventariados, nós podemos delinear a personalidade da divindade tebaná. Amon é o chefe do panteão e é o senhor de uma enorme riqueza, material e humana,

inteligentemente gerida pelo clero tebano (93). Esta riqueza é uma consequência das campanhas vitoriosas que os faraós do Império Novo fizeram na Palestina e na zona do Retenu. Se a vitória se devia a Amon, a ele cabia então também uma parte significativa dos saques, dos despojos e dos tributos recebidos. Por que ele era o "único" (*PN I, 27, 3; 103, 22*) (94).

Este epíteto surge-nos, na realidade egípcia, como uma designação independente, aplicada a uma qualquer divindade, desde os inícios do período dinástico (95). Ele não pretende afirmar a exclusividade em termos de culto ou de crença de um deus específico, mas antes sublinhar o carácter único do divino, em geral, pois como refere E. Hornung, cada deus egípcio é "único à sua maneira" (*w hr hwt*) (96). Esta insistência na unicidade de uma divindade não pode, no entanto, ser entendida como uma concepção ou tendência monoteísta.

O ideal imperialista vem engrandecer e consolidar a personalidade da divindade tebana, tornando-a assim, símbolo e expoente de um Império grandioso (*wr*) e poderoso (*wsr*).

A acompanhar Amon no seu reinado tebano, encontramos Mut e Khonsu. E se este nos surge com uma única referência (*wr-Hns.w* "Khonsu é grandioso"), Mut é, juntamente com Min, a segunda divindade mais citada. Também ela é vigorosa (*nht*) como Amon, mas simultaneamente, boa (*nfr*) e doce (*ndm*), expressando, deste modo, através de qualidades aparentemente antagónicas, um ideal político e humano.

O Império construído com o vigor das armas era supostamente apoiado numa atitude de bondade e doçura para com os inimigos submetidos, procurando, deste modo, garantir a sua solidez e permanência ao longo do tempo.

A acompanhar a tríade tebana, neste tipo de formação teofórica, encontramos também outras divindades. Algumas com uma única referência como é o caso de Anukis, Maat, Ré, Khonsu, Sobek, Sekhmet e Tot, outras com duas referências como é o caso de Ioh, Khnum, Set e Satis, mas ainda um terceiro grupo constituído por divindades com três ou mais referências. Nesta situação vamos encontrar Min, Ptah, Montu e Hórus.

Min é, juntamente com Mut, a segunda divindade mais citada. A sua

dimensão de deus da fertilidade e da procriação, a sua profunda ligação e associação com Amon, no Império Novo (97), transformam-no, de imediato, numa das divindades mais amadas e adoradas pelo colectivo feminino. Curiosamente, ele vai surgir-nos, neste tipo de formação teofórica, com as qualidades mais citadas, a bondade e o vigor. Mas, como Khonsu, ele é grandioso (*wr*) e, como Mut, é glorioso (*3h*).

Não é, por acaso, que Min de Coptos surge qualificado com os mesmos adjectivos utilizados para Mut e Khonsu. Esta identificação vem confirmar uma associação profunda, a que se verifica entre Amon de Tebas e o velho deus tutelar de Coptos e de Akhmim.

Amon cresce à medida que as suas formas e as suas qualidades se multiplicam. Por isso, o "vigor" sexual de Min, não irá escapar à dimensão vigorosa do deus guerreiro tebano. No entanto, esta não o afastará do imaginário feminino. Pelo contrário, consolidará a sua presença e fortificará a sua imagem "criadora".

Ptah, deus criador de Mênfis, que vê a sua popularidade crescer ao longo do Império Novo, surge-nos qualificado como grandioso (*wr*), poderoso (*wsr*) e bom (*nfr*), qualidades associadas a vários outros deuses. Mas, curiosamente, escapará à qualificação de vigoroso (*nht*), que caracteriza um grande número de divindades neste período. Para os antigos egípcios, Ptah era fundamentalmente, "o deus criador, de quem a ordem cósmica emanou virtualmente" (98), fundador da ordem política no Egipto (99), "pai dos deuses" (100), "modelador dos homens" (101) e artífice de todos os animais (102). O seu modelo de criação é-nos apresentado como um acto de pensamento, cuja expressão criadora era a palavra mágica (103).

É esta dimensão criadora e nomeadora de Ptah, que o torna sujeito de uma devoção particular, muito significativa, na sociedade egípcia.

Mas regressemos a Tebas e a uma antiga divindade tebana, Montu, transformada no Império Novo, num deus com características guerreiras. Como Amon, também ele é qualificado de grandioso (*wr*), poderoso (*wsr*) e vigoroso (*nht*), demonstrando bem, através destes nomes, a ideologia política dominante neste período.

E Hórus, patrono da realeza, expressão divina do rei vivo, também não escapará a este tipo de nomeação. Ele é vigoroso (*nht*), como Amon, esboçando assim a característica fundamental da realeza no Império Novo. Mas ele é, também, simultaneamente, vitorioso (*Kr*), tal como Amon, pois não só vencera o seu inimigo ancestral Set, protagonizando deste modo a vitória da realeza, da ordem estabelecida sobre a anarquia, como venceria todos os inimigos do Egito. Por isso, ele é o Supremo (*Hry*) entre os deuses, estabelecendo assim a ligação perfeita entre o céu e a terra. Entre a realeza divina e a humana.

Mas a leitura do quadro número 2 chama-nos, de imediato, a atenção para uma outra realidade. Ré, o astro solar, surge-nos neste tipo de formação teofórica com uma única referência (*h3t-R^c*, "Ré é o primeiro") embora ela possa ser considerada de uma grande importância, merecendo assim uma análise mais pormenorizada.

Ré surge-nos ligado à cidade de Heliópolis, que se tornou famosa pela sua cosmogonia e pelos seus mitos (104). Neste local floresceram uma diversidade de cultos ligados à natureza, tais como árvores sagradas, os touros Mnévis e, sobretudo, as estrelas. Entre elas, Ré, o sol, desempenhou um papel fundamental, tornando-se protagonista do relato heliopolitano da criação, na sua forma compósita de Atum-Ré (105). Atum, o espírito do mundo e Ré, a sua consciência realizadora. A ele coube a tarefa de criar os deuses e os homens (106). E a preferência que os antigos egípcios sempre demonstraram pelo astro solar é plenamente justificada por toda a mitologia que o rodeia e que não faz senão explicitar a todos, aquilo que para eles é já visível no quotidiano.

O sol, Ré, é a vida na sua função mais plena, pois como fonte de calor faz crescer e prosperar a natureza e como fonte de luz (107) ilumina o homem, permitindo-lhe o conhecimento, mas o seu desaparecimento diário traz a "escuridão", simboliza a morte, marcando assim não só o ritmo do tempo, como também o próprio ritmo imaginário da vida. Por tudo isto podemos compreender que Ré se tenha tornado o principal objecto de culto, de dogma e de ritual da civilização egípcia, brilhando mesmo quando Ptah, Amon ou Hórus reinavam. Curiosamente, esta divindade por

excelência do solo egípcio surge-nos com uma única referência neste tipo de formação onomástica e com uma construção muito rara, como refere a propósito M. Thirion (108).

Este nome, proferido pela mãe no momento do nascimento, dá-nos de imediato, dois tipos distintos de mensagem: o testemunho de uma fé pessoal no dogma heliopolitano, que consagra Ré como o Demiurgo e a informação de que estaremos perante o primeiro filho daquela mulher.

A fraca expressão deste tipo de nomes construídos com Ré, pode ser explicado pelo facto de Heliópolis, cidade natal do astro solar, ter perdido muito da sua importância e prestígio, no Império Novo, devido ao desenvolvimento das crenças solares ligadas a Amon e à cidade tebana. O próprio sincretismo Amon-Ré, característico deste período, confirma esta situação.

Esta é a realidade política e humana que se esboça através dos nomes inventariados. Não é, pois, por acaso, que os adjectivos vigoroso (*nḫt*), bom (*nfr*) e poderoso (*wsr*), nos surgem como os mais citados. E se o primeiro e o último são expoentes da atitude guerreira que marca o homem do Império Novo, o segundo faz apelo a uma noção emergente deste período, a bondade. Ela é a outra face da ideologia dominante no Império, a marca de uma propaganda, simultaneamente, divina e real. Não é, também, por acaso que Anukis, Maat, Mut, Sekhmet e Satis, são as únicas divindades femininas que nos surgem aqui citadas. Mut, na sua qualidade de companheira de Amon, o deus vigoroso e vitorioso que conduz os exércitos do faraó à vitória, Maat responsável pela ordem e pela justiça, Sekhmet, a leoa agressiva que aqui nos surge como misericordiosa, explicitando deste modo, a emergência da dialéctica de pecado e do perdão (109) e, finalmente, Anukis e Satis, deusas da região das cataratas, que demonstram bem o domínio egípcio no Sul.

Eram estes os deuses que os egípcios buscavam para a nomeação dos seus filhos, procurando, deste modo, assegurar-lhes um bom destino. Vigoroso, poderoso, glorioso e grande.

b) Sujeito (Nome da divindade) + Adjectivo epiteto (110)

3s.t-wr.t

"A grandiosa Isis"

PN I, 4, 1

3s.t-nfr.t

"A boa Isis"

PN I, 4, 7

i^h-nfr

"O bom Iah"

PN I, 13, 6

l^m-nfr

"O bom Amon"

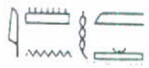
PN I, 29, 18

 (111)

Imn-nht

"O vigoroso Amon"

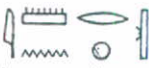
PN I, 29, 21



Imn-ndm

"O doce Amon"

PN I, 29, 23



Imn-rh

"O sábio Amon"

PN I, 30, 2



(112)

Imn-hd.w

"O agressivo Amon"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 83

PN I, 30, 3 (= II, 264,3); II, 341



Imn-Ḳn

"O vitorioso Amon"

PN I, 31, 4



(113)

In-ḥr.t-nḥt

"O vigoroso Onuris"

PN I, 35, 16



In-ḥr.t-rḥ

"O sábio Onuris"

PN I, 35, 17



Wnn-nfr

(114)

"O ser perfeito (Anúbis)"

PN I, 79, 19



wsir-wr

"O grandioso Osiris"

PN I, 84, 23



Pth-nfr

"O bom Ptah"

PN I, 140, 14



Pth-nht

"O vigoroso Ptah"

PN I, 140, 15



M3.t-nfr.t

"A boa Maat"

PN I, 145, 4

(115)



Mw. t-30. t

"A gloriosa Mut"

PN I, 147, 5



Mw. t-3. (t)

"A grande Mut"

PN I, 147, 12



Mw. t-brt. t

"A doce Mut"

PN I, 147, 13



Mw. t-brt. t

"A boa Mut"

PN I, 148, 5



Mw. t-ndm. t
 "A doce Mut"

PN I, 148, B



Mn. w-nfr
 "D bom Min"

PN I, 152, 5



Mn. w-nht
 "D vigoroso Min"

PN I, 152, 6

(116)



Mnt. w-wsr
 "D poderoso Montu"

PN I, 153, 27

(117)

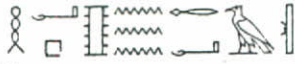


(118)

Mnt. w-nht

"O vigoroso Montu"

PN I, 154, 18



H'py-3

"O grande Hapy"

PN I, 234, 8



H'py-wr

"O grandioso Hapy"

PN I, 234, 9



Ht-hr-wsr.t

"A poderosa Hathor"

PN I, 235, 10



Hp-nfr

"O bom Apis"

PN I, 237, 15



Hr-3

"O grande Hórus"

PN I, 246, 9



Hr-wr

"O grandioso Hórus"

PN I, 246, 18



Hr-nfr

"O bom Hórus"

PN I, 249, 9

(119)



Hr-nht

"D vigoroso Hórus"

PN I, 249, 10



Hr-trr

"D vigoroso Hórus"

PN I, 251, 6



Hns.w-nht

"D vigoroso Khonsu"

PN I, 271, 9; 271, 10



Hnm.w-nfr

"D bom Khnum"

PN I, 275, 19



(120)

Hnm. w-nht

"O vigoroso Khnum"

PN I, 276, 1; II, 383



Sbk-wr

"O grandioso Sobek"

PN I, 303, 27



(121)

Sbk-nht

"O vigoroso Sobek"

M. Thirion, *RdE* 33, p. 79

PN I, 304, 15 (= II, 386, I, 304, 16)



Shm.t-nfr.t

"A boa Sekhmet"

PN I, 319, 26



Sth-nht

"D vigoroso Set"

PN I, 322, 3



Dhwtj-nfr

"D bom Tot"

PN I, 408, 6

(122)



Dhwtj-nht

"D vigoroso Tot"

PN I, 408, 7

(123)

QUADRO III

Adjectivo Epiteto Nome Divindade	3h	3	wr	wsr	nfr	nht	ngm	rh	hdw	kn	tnr
3s.t			•		•						
i-h					•						
imn					•	•	•	•	•	•	
in.br.t						•		•			
wnn					•						
wsir			•								
pth					•	•					
m3.t					•						
mw.t	•	•			•		•				
mn.w					•	•					
mnt.w				•		•					
h:py		•	•								
ht-br				•							
hp					•						
br		•	•		•	•					•
hns.w						•					
hnm.w					•	•					
sbk			•			•					
shm.t					•						
sth						•					
dhwtv					•	•					

**Nomes qualificados com epítetos: X
(nome divindade) + adjectivo epíteto**

A leitura deste terceiro quadro revela-nos uma realidade muito semelhante à anterior. Amon, surge-nos, de novo, como a divindade mais citada, acentuando unicamente quer o seu carácter guerreiro, através do epíteto agressivo (*hdw*) quer o seu carácter de "bom pastor", através do epíteto doce (*ndm*).

Hórus, o patrono da realeza, apresenta menos uma referência que o deus tebano, provando assim a importância que estes dois deuses tutelares tinham para o colectivo egípcio do Império Novo. Como Amon, ele é vigoroso (*nh̄t*) e bom (*nfr*).

Imediatamente a seguir encontramos Mut, a companheira do deus tebano (124). Também ela apresenta qualidades já explicitadas anteriormente: é gloriosa (*3h̄*), boa (*nfr*) e doce (*ndm*), mas é também grande (°3), epíteto concedido anteriormente, unicamente, ao deus tebano Amon e a Set (125) e que, neste quadro, surge também associado a Hapy (126) e a Hórus.

Encontramos depois um terceiro grupo de deuses com o mesmo número de citações: Min, Montu, Khnum, Sobek e Tot. Todos eles apresentam o epíteto de vigoroso (*nh̄t*). Min, Khnum e Tot são ainda bons (*nfr.w*). Montu é também poderoso (*wsr*) e Sobek, grandioso (*wr*).

A realidade divina feminina também não vem alterar este quadro referencial. Das divindades citadas, Isis, Maat, Mut e Sekhmet apresentam também o epíteto de boa (*nfr*), tendo em conta que Isis, a mãe de Hórus, é ainda grandiosa (*wr*), Mut, gloriosa (*3h̄*), grande (°3) e doce (*ndm*) e Hathor, unicamente, poderosa (*wsr*).

Mais uma vez, bom (*nfr*) e vigoroso (*nh̄t*) nos surgem como as qualidades mais citadas, neste tipo de formação teofórica. A sua presença constante na onomástica do Império vem confirmar a importância que qualidades como a bondade, expressão da relação humana e divina, e o vigor, expressão da força física, têm num período em que a guerra é exaltada e se torna a imagem de propaganda de uma civilização.

E Amon, melhor do que qualquer outra divindade, encarna bem este ideal divino e humano. Por isso, quando ele brilhava no horizonte, os antigos egípcios vislumbravam o guerreiro, mas viam ainda e também um

deus que sabia ser doce (*PN I*, 29, 23) e protector como um pastor (*PN I*, 30, 11).

O deserto e o vale, a morte e a vida, o guerreiro e o pastor, a dualidade, o jogo dos contrários tão característico da civilização egípcia surge-nos, naturalmente, bem representado na qualificação da divindade nacional. E, conseqüentemente, nas nomeações que surgirão neste período. Aquele que recebesse o nome de "O doce Amon" seria, no entanto, vigoroso como um touro. Protector e bom como um pastor. Um grande guerreiro. Era este o ideal de homem que o Império pretendia difundir.

c) Frase com predicado pseudo-verbal (127)

3s.t-h'ty

"Isis está resplandecente"

PN I, 4, 11

(128)

i-h-ris(w)

"Ioh está vigilante"

PN I, 13, 7



(129)

iw-htp

"Ioh está contente"

M. Thirion, *RdE* 39, p. 136

PN I, 13, 8



imn-nht

"Amon está vivo"

A. Gasse, *o. c.*, p. 195



(130)

imn-htp

"Amon está contente"

PN I, 30, 12



itm-htp

"Atum está contente"

PN I, 51, 24



Bꜣr-rm

"Baal está elevado"

PN I, 93, 26



(131)

Pth-nḥ.t

"Ptah está vivo"

Ch. Maystre, *o. c.*, p. 268

C. M. Zivie, *o. c.*, pp. 174-175



Pth-ḥtp

"Ptah está contente"

PN I, 141, 5



Mꜣ.t-mn.ty

"Maat está firme"

PN I, 145, 2


Mw.t-rs.ty


"Mut está vigilante"

PN I, 148, 10


Mw.t-htp.ty

"Mut está contente"

PN I, 148, 14


Mr.w-htp

"Min está contente"

PN I, 152, 9


Mnt.w-htp

"Montu está contente"

PN I, 154, 21



R^c-wbn(w)

"Ré está brillante"

PN I, 217, 9

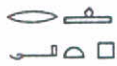


(132)

(P3)-R^c-htp(w)

"Ré está contente"

PN I, 114, 20

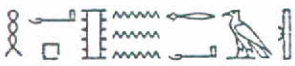


(133)

R^c-htp

"Ré está contente"

PN I, 219, 15



(134)

H^cpy-3

"Hapy está cheio"

PN I, 234, 8; I, XXVI



Hp-snt(w)

"Apis está de boa saúde"

PN I, 237, 19



Hr-ꜥnb

"Hórus está vivo"

A. Gasse, *o. c.*, pp. 77 e 82



Hr-ḥtp(w)

"Hórus está contente"

PN I, 250, 7



(135)

Hns.w-ḥtp(w)

"Khonsu está contente"

PN I, 271, 12



Hns. w-mn(w)

"Khonsu está firme"

PN I, 271, 5



(136)

Hnm. w-ris(w)

"Khnum está vigilante"

PN I, 276, 3



Hnm. w-htp(w)

"Khnum está contente"

PN I, 276, 6



Sbk-ꜥnh(w)

"Sobek está vivo"

PN I, 303, 25

 (137)

Sbk-htp(w)

"Sobek está contente"

PN I, 305, 6

 (138)

Sbk-snb(w)

"Sobek está de boa saúde"

PN I, 305, 12

 (139)

T3-wr.t-hr.ty

"Tueris está satisfeita"

PN I, 355, 16



T3-wr.t-htp.ty

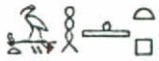
"Tueris está contente"

PN I, 355, 17

QUADRO IV

predicado pseudo- verb.	<3	<nḥ(t)	wbn	mn(w) mn.ty	ris(w) rs.ty	rm	ḥr.ty	ḥtp ḥtp.ty	ḥ.ty	snb(w)
3st									•	
iḥ					•			•		
imn		•						•		
itm								•		
b-r						•				
pth		•						•		
m3 ^c .t				•						
mw.t					•			•		
mn.w								•		
mnt.w								•		
r<			•					•		
ḥ-py	•							•		
ḥp										•
ḥr		•						•		
ḥns.w				•				•		
ḥnm.w					•			•		
sbk		•						•		•
t3-wr.t							•	•		
ḏḥwtj								•		•

**Nomes qualificados com predicado pseudo-verbal:
X(nome divindade) + predicado pseudo-verbal**



(140)

Dhwtj-htp(w)

"Tot está contente"

PN I, 408, 18



Dhwtj-snb.w

"Tot está de boa saúde"

PN I, 408, 19

Estamos, agora, perante um novo tipo de formação teofórica que traduz determinadas exclamações proferidas pela mãe, no momento do nascimento da criança. Estas esboçam situações de devoção pessoal, que podem ser explicadas pela origem geográfica dos dadores do nome, pela sua profissão ou muito simplesmente pela predilecção de um fiel face a determinada divindade (141).

Curiosamente, neste caso, a divindade mais citada é Sobek, um deus local adorado em numerosos pontos do Egipto, muito embora os seus principais locais de culto se situassem no Fayum e em Kom Ombo. Curiosamente, ainda, ele surge qualificado com as três referências mais significativas, neste tipo de construção: *Sbk-htp(w)* "Sobek está contente" (*PN I, 305, 6*), *Sbk-ꜥnh(w)* "Sobek está vivo" (*PN I, 303, 25*) e *Sbk-snb* "Sobek está de boa saúde" (*PN I, 305, 12*). Elas traduzem bem o contentamento íntimo da mãe, transferido para a sua divindade de eleição

(142), perante o nascimento eficaz e saudável de uma nova criança.

Amon e Mut também estão presentes, como seria de esperar, neste tipo de nomeação. Assim como Hórus, o deus tutelar da realeza, os deuses criadores Ptah e Khnum e Tot, o juiz de todas as contendas. Todos eles manifestando o seu contentamento perante o feliz evento. Assim como Ioh, o deus lunar por excelência que, para além disso, nos surge aqui numa faceta bem peculiar : ela está vigilante (*ris.w*), qualificação também associada a Mut e a Khnum, velando para que tudo corra bem. E Tueris, protectora das mulheres grávidas expressa bem uma dupla manifestação de alegria. Ela está contente (*T3-wr.t-htp.wy*) e está, também, satisfeita (*T3-wr.t-hr.ty*).

E Ré, o deus solar por excelência do solo egípcio ? Também ele manifesta o seu contentamento, por isso ele "está brilhante" (*wbn*). Isis, modelo de esposa e de mãe, surge-nos aqui representando bem o seu papel: ela está resplandecente (*ht.ty*). Assim como Hapy, que parece anunciar o futuro evento: *Hpy-3* "Hapy está cheio" (*PN I, 234, 8; I, XXVI*).

Atum, Min, Montu e Khonsu também traduzem o contentamento íntimo da mãe. E Apis garante a boa saúde da criança.

Baal é outra divindade presente neste tipo de formação teofórica (*Bcr-rrm* "Baal está elevado", *PN I, 93, 26*), que nos merece ainda uma referência particular, pois a sua presença na onomástica do Império Novo prova bem a aculturação sofrida quer pelos egípcios quer pelos estrangeiros, neste caso asiáticos, que é uma consequência previsível da política imperialista que o Egipto leva a cabo neste período da sua história. Os soldados e os comerciantes que vagueavam pela imensidão do Império acabariam por introduzir no solo egípcio determinadas divindades, que embora não fossem incorporadas na religião oficial, receberiam um culto popular, privado, bem característico do fenómeno de "piedade pessoal" que expressa a nova atitude religiosa do homem do Império Novo. Esta atitude é também expressa através da nomeação . Ela não só veicula determinadas divindades de eleição, como manifesta as principais preocupações sentidas pelos "dadores de nomes".

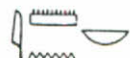
**d) Predicação de identidade do tipo: X(nome de divindade) +
Sujeito (143)**



Imn-m-K3

"Amon é um touro"

PN I, 29, 3; 337, 22



Imn-nb

"Amon é o Senhor"

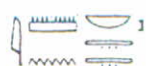
PN I, 29, 14



Imn-nb-ḥs. w

"Amon é o senhor dos cantores"

PN I, 29, 16



(145)

Imn-nb-t3.wy

"Amon é o Senhor das Duas Terras"

PN I, 29, 17



Imn-ka

"Amon é o Criador"

PN I, 31, 6



(146)

Wsit-m-R'

"Osíris é como Ré"

PN I, 84, 25



(147)

B'r-mhr

"Baal é um guerreiro"

PN I, 93, 23



Pth-p3-mniw

"Ptah é o pastor"

PN I, 139, 11



Pth-p3-h'py

"Ptah é o Nilo"

PN I, 139, 12



Pth-p3-ḳd

"Ptah é o criador"

M. Thirion, *RdE 31*, p. 88

PN II, 287, 13 = II, 355; I, 120, 2



Pth-p3-tr

"Ptah é a força"

PN I, 139, 13



Ptḥ-m-imn

"Ptah é (como) Amon"

PN I, 139, 16



Mwt-nb-t-ntr-w

"Mut é a Senhora dos Deuses"

PN I, 148, 4



Montu-w-p3-nb

"Montu é o Senhor"

PN I, 154, 1



Montu-w-p3-ti-py

"Montu é o Nilo"

PN I, 154, 2



Mnt. w-m-Mn. w

"Montu é Min"

PN I, 154, 6



R^c-m-rh

"Ré é um sábio"

PN I, 217, 17



Hr-m-nb-t3. wy

Hórus é o Senhor das Duas Terras"

PN I, 248, 2

A análise desta nova listagem de nomes e do quadro número cinco conduz-nos a resultados muito significativos, para a compreensão da nova mentalidade e do pensamento religioso que lhe é subjacente, no Império Novo.

Amon, deus criador, tebano, e Ptah, deus criador, menfita, surgem-nos como as divindades mais citadas, explicitando por um lado, o domínio

QUADRO V

Sujeito Divindade	p3- -mniw	p3- -nb	p3- -hpy	p3- -kd	p3- -tnr	m- -imn	m- -mn.w	m-nb- -t3.wy	m- -re	m- -rb	m- -k3	mhr.	nb	nb.t- -ntr.w	nb- -hs.w	nb- -t3.wy	kd
Imn									●		●	●	●		●	●	●
Wsir									●								
B+r												●					
Pth	●		●	●	●	●											
Mw.t														●			
Mni.w		●	●				●										
R ^s										●							
Hr								●									

Nomes qualificados através de uma predicção
de identidade: X(nome divindade) + Sujeito

da divindade tebana e a sua importância em termos de imaginário e por outro, a crescente influência que a divindade menfita vem alicerçando ao longo do Império Novo.

Pela primeira vez na história do Egito, o nome de Amon surge associado à figura de um touro (*PN I*, 29, 3; 337, 22) personificando, deste modo, a agressividade e o vigor que lhe eram característicos enquanto divindade guerreira. Mas esta sua faceta tão particular, tão localizada no tempo é, depois, apoiada em expressões que lhe são inerentes: "Amon é o Senhor" (*Imn-nb*, *PN I*, 29, 14), "Amon é o Senhor das Duas Terras" (*Imn-nb-t3.wy*, *PN I*, 29, 17), "Amon é o Criador" (*Imn-ḳd*, *PN I*, 31, 6), afirmando deste modo a sua supremacia sobre a terra do Egito, sobre os homens e os deuses, que ele criara, na origem (148). Mas para além disso, Amon apresenta ainda um atributo bem peculiar, ele é o "Senhor dos Cantores" (*Imn-nb-ḥs.w*, *PN I*, 29, 16). Com efeito, os cantores assim como os músicos tinham um papel importante na vida religiosa do templo (149), pois o culto, principal via de comunicação com o sagrado, era constituído não só por textos recitados, como também por cânticos acompanhados ao som da harpa e de outros instrumentos musicais.

Mas, a superioridade do deus tebano é, naturalmente, contestada pela casta menfita e pelo seu deus tutelar, Ptah. E essa realidade está bem patente no conjunto de atributos associados a Ptah, neste tipo de formação teofórica.

"Ptah é o Criador" (*Pth-p3-ḳd*, M. Thirion, *RdE 31*, p. 88) que concebeu no seu coração o cosmos, nas suas diversas manifestações, e o realizou através da palavra, mágica (150). Pai e mãe de toda a humanidade, ele "pôs no mundo tudo aquilo que existe" (151), "modelou os homens e fez nascer os deuses" (152). Por isso, ele é também responsável pela ordem política e pela sua expressão real. Ele é o pastor (*Pth-p3-mniw*, *PN I*, 139, 11) protector do seu rebanho, a expressão da força (*Pth-p3-tnr*, *PN I*, 139, 13), manifestando-se ainda, através de um processo curioso de identificações: "Ptah é o Nilo" (*Pth-p3-Ḥ'py*, *PN I*, 139, 12), "Ptah é Amon" (*Pth-m-Imn*, *PN I*, 139, 16).

Estas identificações não retiram ao deus menfita as suas

qualidades e atributos iniciais. Pelo contrário, elas servirão para aumentar o seu potencial divino e a sua expressão no cotidiano. Através da identificação com Hapy, deus do Nilo, Ptah vê explicitada a sua função de criador. Criador da vida que brota da terra, após a inundação benéfica do solo. Esta função é, ainda, consagrada pela identificação com Amon e, conseqüentemente, com os cultos solares.

Também Montu e Osiris se manifestam através deste processo de identificações: "Montu é o Senhor" (*Mnt. w-p3-nb*, *PN I*, 154, 1), mas para além disso, ele é ainda , o Nilo (*Mnt. w-p3-H^cpy*, *PN I*, 154, 2) e "Osiris é Ré" (*Wsir-m-R^c*, *PN I*, 84, 25).

As principais divindades do Império procuravam, deste modo, aumentar e/ou legitimar os seus poderes e funções. Através da identificação com uma fonte criadora, como é o caso de Montu ou pela identificação com os cultos solares, no exemplo de Osiris.

O sincretismo religioso tem assim, no Império Novo, uma expressão marcante, apresentando-se como a forma eficaz de resolver conflitos de poder religioso e/ou institucional. Curiosamente, esta realidade não escapará à dimensão nomeadora da linguagem e, assim, os nomes do Império Novo transportam consigo as lutas e as alianças entre os deuses, as diversas tendências do poder religioso e a sua manifestação real, em termos de imaginário.

Debrucemo-nos, ainda, sobre as outras divindades citadas: Hórus, o legítimo herdeiro de Osiris, surge-nos aqui com um atributo também partilhado por Amon: "Hórus é o Senhor das Duas Terras" (*Hr-m-nb-t3. wy*, *PN I*, 248, 2), qualificação perfeitamente legitimada pela sua função de deus do céu e da realeza. "Ré é um sábio" (*R^c-m-rb*, *PN I*, 217, 17), explicitando deste modo, a sua dimensão de fonte de luz que ilumina o homem e lhe permite o conhecimento (153). E, Baal, de novo presente na realidade egípcia, sobressai como um guerreiro (*B^cr-mhr*, *PN I*, 93, 23), mostrando assim a sua sensibilização à ideologia do Império.

Resta-nos Mut, a única divindade feminina citada neste tipo de formação teofórica: "Mut é a Senhora dos Deuses" (*Mw.t-nb.t-ntr.w*, *PN I*, 148, 4) qualificando-se assim, claramente, como a companheira de Amon,

"o rei dos deuses", figura tutelar do Império.

Através destes nomes, nós podemos vislumbrar a história dos homens e dos deuses. Dos seus conflitos e alianças. Das suas preocupações mais prementes e das suas referências fundamentais. Mas esta imagem não se esgota aqui. Ela será completada com outros nomes, outras mensagens e outros destinos, como veremos adiante.

**f) Predicação de identidade do tipo: Predicado (substantivo)
+ Sujeito (X-nome da divindade)**



Sr-Imn

"Amon é juiz"

PN I, 316, 26



Sr-Pth

"Ptah é juiz"

PN I, 317, 1


Sr-Mnt.w

(154)

" Montu é juiz "

PN I, 317, 2

Apenas três deuses nos surgem referenciados neste tipo de formação teofórica: Amon, Ptah e Montu. Curiosamente, três grandes figuras do Império, como já vimos anteriormente. E com uma qualificação muito particular, a de juízes.

A associação da função judicial a estas três divindades remete-nos, de imediato, para a crise das instituições no Império Novo e para o surgimento de uma nova concepção de justiça e de moral. Com efeito, a sociedade que se desenha após a política imperialista dos reis tebanos é uma sociedade que já não reconhece a excelência intrínseca da ordem estabelecida, nem a capacidade imanente de auto-regulação veiculada por Maat (155). A multiplicação de escândalos, os roubos e os saques conduzem o homem egípcio ao cepticismo e, de uma forma mais prática, à crítica das instituições que deveriam velar pelo exercício de Maat. Entre elas, a instituição judicial é, sem dúvida, aquela que sofrerá maiores ataques, pois nem os magistrados escapam à onda de corrupção que grassa no Império (156).

Deste modo, o homem egípcio, desiludido e descrente das instituições, irá concentrar toda a sua esperança na divindade, estabelecendo com ela, uma relação directa, íntima e individual (157). A tal ponto que a divindade surgirá como a única entidade capaz de supervisionar a ordem social (158). É por esta via que Amon, Ptah e Montu, serão consagrados como juízes, pois só eles garantem ao homem o exercício da justiça e a boa prática de Maat.

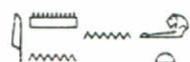
**g) Predicação de situação: X(nome da divindade) + Predicado
(Grupo Proposicional)**



3s. t-m-ḥ3. t

"Isis está no topo"

PN I, 4, 4



(159)

Imn-m-ḥ3. t

"Amon está no topo"

PN I, 28, 8



Imn-ḥr-mny. (t)

"Amon faz apascentar (como um pastor)"

PN I, 30, 11



Inp. w-m-h3. t

"Anúbis está no topo"

PN I, 37,9



(160)

Itm-m-t3-nb

"Atum está em toda a terra"

M. Thirion, *RdE 31*, p. 85

PN I, 380, 22 = PN II, 268, 12 e PN II, 398



Mw. t-m-nb. w

"Mut está nas Terras"

M. Thirion, *RdE 36*, p. 141



Mw. t-m-h3. t

"Mut está no topo"

PN I, 147, 21



(161)

Mnt. w-m-h3. t

"Montu está no topo"

PN I, 154, 7



(162)

Mnt. w-m-t3. wy

"Montu está nas Duas Terras"

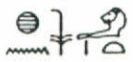
M. Thirion, *RdE 37*, p. 131



Hr-m-h3. t

"Hórus está no topo"

A. Gasse, *o. c.*, p. 18



(163)

Hns. w-(m-)h3. t

"Khonsu está no topo"

M. Thirion, *RdE 33*, p. 86

QUADRO VI

Grupo proposicional Divindade	m-nb.w	m-ħ3.t	m-ħ3.t- -nr-nb	m-t3.wy	m-t3-nb	ħr-mny(t)
3s.t		●				
imn		●				●
inp.w		●				
itm					●	
mw.t	●	●				
mnt.w		●		●		
ħr		●				
ħns.w		●	●			
ghwtȳ		●				

Nomes qualificados através de uma predicacão de situaçãõ:
X(nome divindade) + predicado(grupo proposicional)



(164)

Hns. w(-m)-h3. t-ntr-nb

"Khonsu está à cabeça de todos os deuses"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 88

PN I, 271, 11; II, 382 = II, 310, 19



Dhwtj-m-h3. t

"Tot está no topo"

PN I, 408, 1

A análise desta última listagem de nomes teofóricos remete-nos para a questão da realeza divina exercida sobre os deuses ou sobre a terra do Egito. Isis, Amon, Anúbis, Mut, Montu, Hórus, Khonsu e Tot, todos eles são apresentados como exemplos de "chefes do panteão", eles "estão no topo" (*m-h3. t*) e, Khonsu é, ainda explicitado nesta função, na sua qualidade de deus que "está à cabeça de todos os deuses" (*Hns. w(-m)-h3. t-ntr-nb*). Por outro lado, Montu, Atum e Mut surgem-nos como divindades protectoras de todo o solo egípcio.

Esta realidade explicita-nos que a realeza divina exercida sobre outros deuses ou sobre o Egito não é especificamente reservada a um deus. Assim, quando uma divindade é nomeada com este tipo de atributos, nós estamos perante um caso particular de "devoção pessoal", que escolhendo um deus da vasto panteão egípcio, o vai privilegiar, tornando-o objecto de um culto íntimo, mas sem nenhum carácter de exclusividade.

De qualquer modo, a nomeação particular destes deuses, neste tipo

de formação teofórica, vem provar-nos a popularidade de que eles gozavam junto da população egípcia. Amon, Mut e Khonsu, a tríade tebana, estão aqui bem acompanhados pelo deus criador de Heliópolis, Atum, pelo deus da realeza, Hórus, pela divindade guerreira, por excelência, do solo egípcio, Montu, pelo protector da necrópole tebana, Anúbis, pelo juiz de todas as contendas, responsável pela manutenção da ordem estabelecida na origem, Tot, e ainda por Isis, modelo de esposa e de mãe, da sociedade egípcia, que garantiu a Osíris uma sepultura digna e, a Hórus, seu herdeiro, o exercício da realeza.

Atrás de cada nome ou atributo aplicado a um deus encontra-se uma realidade mítica e cultural, mas o facto destes nomes possuírem uma realidade não significa, necessariamente, que eles sejam limitados a uma divindade particular. Pelo contrário, quase todos eles são aplicáveis a outros deuses, provando assim que a nomeação das qualidades de uma divindade era, fundamentalmente, objecto de uma devoção particular e íntima, não obedecendo a nenhuma regra ou hierarquia pré-estabelecida (165).

Estes foram alguns dos nomes escolhidos pelos antigos egípcios para a nomeação dos recém-nascidos. Através deles, nós podemos constatar diversas realidades. Podemos vislumbrar a sociedade vivida por estes homens, podemos sentir as suas principais angústias e preocupações, mas também podemos aperceber-nos da realidade divina e, ainda, sentir a força mágica da nomeação.

A sociedade que se abre aos olhos do homem, no Império Novo, é uma sociedade em profunda mutação. A realidade política da guerra alterará, definitivamente, a face do Império, em termos económicos, sociais e mentais. Os tributos, os saques e os despojos provenientes da guerra transformarão o Egipto numa grande potência económica, mas serão também responsáveis pela alteração da ordem social. As castas religiosas, principalmente a tebana e a menfita, assim como os militares,

tornar-se-ão nas figuras de proa desta nova sociedade que se desenha, beneficiando das suas próprias contradições internas. Por outro lado, a entrada maciça de estrangeiros, na sua maioria captivos de guerra, na sociedade egípcia, também terá as suas repercursões, pois estes transportam consigo a sua cultura e tradição, os seus deuses e a sua língua. E, deste modo, o Egípto irá sofrer um processo lento de aculturação. Este terá o seu clímax, o seu ponto de ruptura, quando a avidez da riqueza se substituir à prática social, ética e cósmica de Maat. Então, o homem egípcio irá questionar a legitimidade da ordem estabelecida, assumindo uma atitude crítica face às instituições. E a divindade surgirá, no seu horizonte, como a única referência capaz de assumir com justiça, o destino da sua vida na terra e no além. Mas esta divindade é fruto de uma escolha pessoal e íntima do indivíduo, ainda que essa escolha possa ser motivada por razões inconscientes. Assim, nós vamos encontrar os grandes deuses do império ao lado de divindades, aparentemente menores. Todos eles, sendo objecto de um culto privado, cuja manifestação exterior está bem patente nos nomes próprios.

3.1.1.4- Nomes evocativos de festas religiosas

A religiosidade egípcia, muito embora profundamente espiritual e intelectual, expressou sempre a sua mensagem através do gesto e da palavra, procurando assim exteriorizar e tornar visível, compreensível, o colorido, o múltiplo e o uno, as diferentes vozes, linguagens e imagens das suas divindades. As festas religiosas ou "festivais" inscrevem-se, assim, neste quadro de atitudes. Elas são uma imagem de marca de toda uma

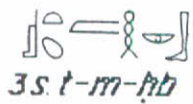
civilização, mas a sua importância particular para cada cidadão egípcio extravasa o seu conteúdo político, ideológico e religioso, permitindo uma aproximação directa entre o homem e o objecto do divino e, através dessa aproximação, um contacto/diálogo íntimo entre "filho" e "pai", uma expressão de sentimentos, angústias ou emoções. E um pedido de ajuda, de protecção ou ensinamento. Através do simples olhar, do genuíno sentir ou da força sábia do seu coração (166).

Estas festas eram escalonadas ao longo do ano e celebravam os fenómenos cósmicos ou as datas chaves do ciclo agrícola, rememorando assim os eventos mitológicos mais relevantes da história desta civilização. Embora a sua comemoração fosse anual, a acumulação de festividades era de tal modo significativa que acabava por comportar todos os meses vários dias "feriados".

O conhecimento que nós temos das datas específicas destas festas foi-nos dado por diversos calendários que os antigos egípcios nos legaram. Alguns em papiros, a partir do Império Novo e, outros, oriundos dos templos. O mais antigo de todos estes é o de Abu Gorab (167). O mais detalhado data do reinado de Ramsés III e é conhecido como a "lista de Medinet Habu" (168). Também os grandes templos de Dendera, Esna, Edfu e Philae conservaram um. Mas, para além deste tipo de fonte histórica, alguns templos forneceram-nos ainda outro tipo de referências: a representação, em baixo-relevo, bastante detalhada, das suas festas mais importantes. Podemos, por exemplo, comprová-lo nas grandiosas colunas que suportavam o templo de Luxor. Nelas está contada uma história. A história da viagem de Amon, Mut e Khonsu que, em procissão se dirigiam, anualmente, do templo de Karnak ao de Luxor, dando assim corpo à grande festa de Opet, um dos expoentes de manifestação de alegria e fervor dos habitantes de Tebas, a partir do Império Novo.

No entanto, nem todas as festas do calendário religioso foram gravadas nas colunas ou paredes dos templos. Os sábios egípcios escolheram-nas cuidadosamente, tendo em conta a sua importância relativa, o seu valor ritual e litúrgico e, sobretudo, o seu peso mitológico (169). Para além disso, cada templo tinha o seu próprio programa litúrgico

Vejamos, então, as divindades que nos surgem neste tipo de construção:



"Isis está em festa"

PN I, 4, 5



"Ioh está em festa"

A. Gasse, *o. c.*, p. 131



(177)

"Amon está em festa"

PN I, 28, 14

cuja importância se media pelo prestígio da divindade aí adorada (170).

Existiam, basicamente, duas categorias distintas de festas religiosas: aquelas que eram simples comemorações solenes e que se realizavam no interior do templo (171), sendo por isso vedadas à generalidade da população e as que implicavam uma saída ou uma viagem da divindade que, deste modo, podia ser "sentida e admirada" por todos os cidadãos (172). Estas eram as verdadeiras festas populares, pois proporcionavam a todos aqueles que não estavam envolvidos no culto, a possibilidade de estar próximo da sua divindade de eleição, muito embora esta não se mostrasse directamente aos olhos do público e se conservasse fechada, invisível num recinto sagrado, no interior da barca divina que a transportava (173).

No Império Novo competia ao faraó a condução das grandes procissões tebanas, no entanto, não podemos afirmar a sua presença assídua nestas cerimónias litúrgicas (174), assim, a participação directa ou indirecta dos faraós nestas festas, era bem reveladora da importância política que as motivava, pois elas não só serviam como forma de propaganda real, como também rememoravam e reactualizavam, de uma forma regular, a integração cósmica da realeza, abolindo o tempo e afirmando, pela eternidade, a sucessão cíclica dos reinados.

Festas religiosas, políticas e populares. A todos serviam, pois nelas estava inscrito o ciclo da natureza, a vitória divina, o poder regenerador do faraó.

Neste panorama atrás retratado inscrevem-se os nomes evocativos de festas religiosas. Estes eram nomeados quando o nascimento de uma criança coincidia com a data de determinada festa religiosa e continham, geralmente, exclamações produzidas na ocasião destas festividades (175).

Alguns destes nomes são bem explícitos, em relação à festividade em questão. Neste quadro inscrevem-se todos aqueles que são formados segundo o esquema *divindade X + m + hb* (A divindade X está em festa). Esta formação teofórica surge no Império Médio, é frequentemente utilizada no Império Novo e começa a rarear no Terceiro Período Intermédio (176).

(178)

lnp. w-m-hb

"Anúbis está em festa"

PN I, 37, 10

(179)

ltm-m-hb

"Atum está em festa"

M. Thirion, *RdE 34*, p. 108.

(180)

'nk. t-m-hb

"Anukis está em festa"

PN I, 69, 2

(181)

'nt-m-hb

"Anat está em festa"

M. Thirion, *RdE 34*, p. 108



W3dj.t -m-hb

"Uadjet está em festa"

PN I, 75, 8



Pth-m-hb

"Ptah está em festa"

M. Thirion, *RdE 34*, p. 107



Mwt.t-m-hb

"Mut está em festa"

PN I, 147, 22



Mn.w-m-hb

"Min está em festa"

PN I, 151, 20



(183)

Mnt. w-m-ḥb

"Montu está em festa"

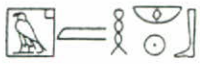
PN I, 154, 8



Hꜥpy-m-ḥb

"Hapy está em festa"

M. Thirion, *RdE 34*, p. 108



Ht-ḥr-m-ḥb

"Hathor está em festa"

PN I, 235, 13



(184)

Hr-m-ḥb

"Hórus está em festa"

PN I, 248, 7



(185)

Hns. w-m-ḥb

"Khonsu está em festa"

PN I, 271, 3



Hnm. w-m-ḥb

"Khnum está em festa"

PN I, 275, 15



Sbk-m-ḥb

"Sobek está em festa"

PN I, 304, 5



Sḫm. t-m-ḥb

"Sekhmet está em festa"

PN I, 319, 25



(186)

Sth-m-hb

"Set está em festa"

PN I, 321, 31



T3-wr.t-m-hb

"Tueris está em festa"

PN I, 355, 14



(187)

Dhwtj-m-hb

"Tot está em festa"

PN I, 408, 2

A maior parte das divindades que entram na composição destes nomes, já foram por nós "apresentadas" ao longo deste capítulo. No entanto, deveremos aqui focar, essencialmente, o seu papel no decorrer de uma festa ou cerimónia particular.

Isis, a deusa mais familiar do panteão egípcio, desempenha no mito osiríaco, a função de esposa dedicada que viaja por todo o Egito, a fim de reencontrar o corpo de Osíris, seu marido e irmão, para o reanimar através de fórmulas mágicas, permitindo-lhe assim o retorno à vida, a "ressurreição". Por isso, todos os anos, no mês de Khoiak, ela estava presente nos "mistérios de Osíris", representados em vários templos do Egito. Estes relatavam os episódios da "paixão" do deus fundador (188). O seu assassinato, o seu enterramento e a sua ressurreição. E Isis, juntamente com Néftis, velando o seu corpo, chorando a sua morte e clamando pela sua "reanimação".

A extensão e a popularidade destes "mistérios" justificam, plenamente, a utilização de Isis, neste tipo de formação teofórica. Protectora dos mortos e das crianças na sua condição de mãe de Hórus, "Isis está em festa" (*3s.t-m-hb*), garantindo assim, pela eternidade, o ciclo da vida e da natureza.

Também Ioh, o deus lunar, está aqui representado numa dimensão festiva (*I^ch-m-hb*, "Ioh está em festa"), embora esta sua nomeação não traduza uma festividade oficial, mas sim um fenómeno de "devoção pessoal" ou "celebração privada" (189), muito em voga a partir do Império Novo. Este tipo particular de "festividade", produzida na periferia dos grandes santuários, traduzia-se muitas vezes numa procissão dos fiéis, acompanhada de orações, oferendas e produção de oráculos. Curiosamente, os nomes teofóricos surgem, muitas vezes, como resposta a um pedido de oráculo. Neste caso, Ioh, o deus lunar que "mede" e "tece" os destinos (190) surge como o protector do recém-nascido que, provavelmente, abrisse os seus olhos ao mundo, durante a noite, sendo por isso abençoado pela divindade que iluminava os homens e o mundo, quando o Sol desaparecia no horizonte.

Já a nomeação do deus tebano, Amon (*Imn-m-hb*, "Amon está em festa"), profundamente ligado ao aparelho político, deverá ter sido exprimida por ocasião da famosa festa de Opet, que terá sido realizada pela primeira vez no reinado de Hatchepsut. Esta festa começava no décimo-quinto dia do segundo mês da inudação, de madrugada, terminando

onze dias depois. No entanto, a sua duração vai aumentando ao longo dos reinados da XVIII e XIX dinastia e, assim, quando chegamos à XX dinastia, ela tem já uma duração que varia entre os vinte e quatro e os vinte sete dias (191).

O seu ritual consistia na viagem, de barca, da estátua do deus Amon, acompanhado de Mut e Khonsu, do templo de Karnak em direcção ao templo de Luxor. Esta "procissão" era presidida pelo próprio rei, que assim confirmava um aspecto importante do dogma faraónico, a sua filiação divina. O cortejo era ainda acompanhado pelos sacerdotes e altos dignatários, assim como por muitos outros fiéis. A música e a dança davam o tom de festa à cerimónia litúrgica e as oferendas, institucionais ou privadas, multiplicavam-se.

Esta ocasião era, também, propícia para a produção de oráculos, que se vão multiplicar ao longo dos reinados do Império Novo (192).

O Egipto explodia, assim, em alegria, para viver a mais importante festividade do calendário litúrgico. Ela simbolizava, no plano religioso, a fusão de Amon de Karnak com Amon de Luxor, "à frente do seu harém", exprimindo deste modo, o poder gerador encarnado pela forma itifálica desta divindade. No plano político, protagonizava os ritos constitutivos da realeza, dando assim expressão à ligação profunda entre o ciclo religioso e o ciclo político da mitologia egípcia.

Quanto a Anúbis, deus local de Lycopolis, que nos surge no quarto nome apresentado (*Inp.w-m-hb*, "Anúbis está em festa"), ele era a divindade responsável pelo embalsamamento e o patrono e protector das necrópoles. Estes atributos tornaram-no sujeito de uma devoção particular, pois a problemática da morte, os seus tempos e espaços, representados nos diversos rituais, eram questões fundamentais para a sobrevivência e eternidade do homem egípcio e de toda a civilização. Assim podemos entender o peso da popularidade de Anúbis, na comunidade de Deir el-Medina (193), a comunidade de artífices, artesãos e construtores dos túmulos tebanos. A morte "espreitava" a montanha tebana e Anúbis velava pela sua integridade física, garantindo assim aos filhos da mãe-terra um regresso pacífico ao "ventre materno", um retorno à origem, ao princípio

da vida, ao tempo sagrado (194).

Atum, o Demiurgo de Heliópolis, que nos surge na composição do quinto nome (*itm-m-ḥb*, "Atum está em festa"), é uma divindade que, ao longo do período ramessésida, vê reconhecida a sua antiga eficácia religiosa e política. De resto, Heliópolis era o primeiro lugar santo nas representações religiosas e a segunda metrópole, depois de Tebas, no Império Novo. A esta cidade estão ligados muitos mitos arquétipos e modelos rituais. Deste modo, podemos entender a expressão desta nomeação como um fenómeno de devoção particular a uma das divindades mais importantes do panteão egípcio.

Anukis é a divindade que nos surge na composição do sexto nome (*ꜥnk.t-m-ḥb*, "Anukis está em festa"). A sua personalidade, ainda um pouco obscura durante o Império Médio, vai desenvolver-se e ampliar-se ao longo do Império Novo, e a sua popularidade junto das várias camadas da sociedade será tão grande que a tornará objecto de diversos cultos e manifestações de piedade pessoal.

Em Elefantina, das cinco festividades existentes, conhecidas graças ao calendário legado por Tutmósis III (195), três eram dedicadas a esta deusa, isoladamente (no último dia do terceiro mês da inundação) ou juntamente com Khnum (no quarto dia do segundo mês da inundação) e Satis (no vigésimo-quarto dia do segundo mês da inundação).

Em Sehel, Anukis era também objecto de uma devoção muito viva, como o provam os numerosos grafitti gravados em sua honra nos rochedos da ilha (196). Mas este culto individual, expressão de uma fé íntima, tinha também uma dimensão institucional, traduzida na festividade que aí se realizava durante três dias (197), durante os quais a deusa viajava de barca, pelo rio, recebendo então inúmeras oferendas. Também em Assuão e ao norte da Primeira Catarata, Anukis era objecto de um culto bastante representativo (198), assim como na comunidade de Deir el-Medina (199).

Os santuários edificadas para a sua adoração vão multiplicar-se ao longo do Império Novo, assim como os testemunhos de piedade pessoal. Por isso, a sua presença é tão significativa na Onomástica do Império. Ela é a prova viva da força e da popularidade de Anukis junto das várias camadas

da população egípcia.

Anat é a divindade que nos surge no sétimo nome apresentado (*ꜥnt-m-ḥb*, "Anat está em festa"), e a sua presença neste tipo de formação teofórica revela-se de uma importância fundamental para a compreensão da nova realidade política, religiosa e mental do Império Novo. Anat, esposa e irmã de Baal, é uma deusa de origem siro-pelestinense que entra no Egipto na época ramesséssida, sendo venerada, em particular, na cidade de Pi-Ramsés, onde lhe foi construído um templo. Também constatamos a sua presença noutros locais, nomeadamente na zona de Deir el-Medina (200). Com efeito, a política imperialista do Império Novo vai trazer consequências materiais, humanas e mentais a uma sociedade profundamente enraizada na sua cultura e espaço muito próprios e ancestrais.

O Egipto abre-se ao mundo e esta abertura provocará contactos, trocas, sincretismos, aculturações. As diferentes campanhas asiáticas levadas a cabo pelos reis deste período fazem entrar no território egípcio muitos estrangeiros: núbios, sírios e hititas. Podemos constatar a sua presença através dos nomes estrangeiros que nos surgem nesta altura, embora a sua frequência seja muito inferior à realidade dos factos, pois muitos destes mudavam os seus nomes semíticos ou núbios para nomes genuinamente egípcios (201). Mas estes estrangeiros não traziam só os seus nomes. Transportavam também uma cultura, costumes, tradições. Uma religião e divindades próprias, que estavam indissoluvelmente ligadas ao seu solo e à sua história particular. Foi assim, por esta via, que Anat penetrou no território egípcio, viajando no coração dos homens cativos e conquistando um espaço, para além do espaço ocupado pelos seus ancestrais adoradores.

Ligada à cidade de Buto surge-nos Uadjet, a deusa serpente, protectora do Baixo Egipto. Também ela está presente neste tipo de nomeação (*w3dj.t-m-ḥb*, "Uadjet está em festa"), comprovando a importância que os deuses ligados a determinadas cidades ou espaços desempenhavam na "piedade" ou "devoção individual" (202), dando assim origem a verdadeiras "festividades" de carácter popular.

Buto era uma das cidades sagradas para os antigos egípcios, pois segundo a mitologia osiríaca fora ali que Hórus e Isis se tinham refugiado, antes de regressar ao Egipto para reconquistar a realeza. Por isso, Uadjet, a deusa tutelar de Buto, estava simbolizada na cobra uraeus presente na frente do faraó, protegendo, deste modo, a realeza de qualquer ataque ilegal, como o fizera no passado com o legítimo herdeiro de Osíris, Hórus, a expressão divina do faraó.

Na "fronteira" entre o Norte e o Sul "reinava" Mênfis, suportada pela poderosa casta menfita e pelo seu deus criador, Ptah. A sua participação neste tipo de formação teofórica (*Pth-m-hb*, "Ptah está em festa") expressa bem o peso político e a consequente popularidade que esta divindade tão antiga vai conquistando ao longo dos reinados do Império Novo.

Ptah era o principal protagonista das cerimónias rituais realizadas nos grandes "festivais de Mênfis" (203). Aqui, o próprio povo podia participar das celebrações, no exterior do templo, onde Ptah "escutava as suas orações", os seus pedidos e súplicas, a sua devoção (204). Mas, também em Deir el-Medina, ele era objecto de um culto particular, na sua qualidade de senhor do Vale das Rainhas, sendo assim adorado nas pequenas capelas rupestres construídas pelos artesãos, da XIX dinastia, ao longo do caminho que conduzia de Deir el-Medina ao vale das Rainhas. No entanto, os testemunhos de piedade pessoal em relação a Ptah, nesta vila, estendem-se a outros aspectos da sua personalidade, ao seu carácter criador, à sua qualidade de artífice, explicando assim a dimensão real da sua popularidade nesta zona, que se exprime pela existência de diversos "monumentos" dedicados ao seu culto (205).

Quanto a Mut, a sua presença neste tipo de formação teofórica (*Mw.t-m-hb*, "Mut está em festa") é explicada pela sua relação familiar com Amon, que lhe permitia um certo protagonismo na grande festa de Opet.

O mesmo não diremos de Min, deus local de Coptos e Akhim, cuja nomeação poderá ser explicada pelos seus atributos de deus da procriação e da fecundidade, bem simbolizados na sua forma itifálica. Estes eram

ritualizados no decorrer de uma cerimônia religiosa importante para o calendário litúrgico dos antigos egípcios, a festa da "saída de Min". Esta festa remonta ao Império Antigo e a sua "realidade" poderá ainda hoje ser contemplada nos muros do templo de Medinet Habu.

Todos os anos Min saía, em procissão, na sua forma itifálica, sendo acompanhado pelos sacerdotes e pelo próprio rei e precedido por um touro branco, o animal sagrado do deus. Esta procissão terminava no limite dos campos da ceifa onde se erguia um santuário onde era colocada a imagem do deus. Então, o rei, com um gesto simbólico, ceifava um molho de trigo que oferecia ao touro branco de Min, reforçando, deste modo, a sua virilidade e evitando a esterilidade. Ao fazê-lo, procurava garantir a renovação da fertilidade de todo o país, pela identificação divina com o deus, que simbolizava a harmoniosa ligação entre a natureza e a sociedade, através da pessoa divina do faraó. Podemos assim compreender a importância deste deus, para o imaginário familiar do Antigo Egipto. Ele era não só o responsável pela perenidade da instituição real como também pela fertilidade da própria terra, do próprio solo, dos peixes no rio e no mar, dos homens e das mulheres que habitavam o Vale do Nilo.

A devoção expressa através da onomástica ultrapassa as raízes do seu culto local, expressando bem, motivações mais amplas e particulares. Aquelas que se prendiam com o próprio acto de gerar e conceber a vida.

Montu é outra das divindades escolhidas pelos egípcios, para este tipo de nomeação (*Mnt. w-m-hb*, "Montu está em festa"). A antiga divindade tebana parece ter sido, também, expressão de um culto local e popular em Deir el-Medina, durante o período ramessésida (206). R. van Walsen (207) dá-nos mesmo conhecimento de um tal *Mnt. w-m-hb*, chefe dos Medjay, que vivia fora da vila de Deir el-Medina. Curiosamente, muitos dos nomes compostos com Montu eram dados a chefes dos Medjay (208), talvez devido ao facto deste grupo desempenhar um papel militar e Montu ser um deus guerreiro.

Quanto a Hapy, o seu aparecimento nesta formação teofórica tão particular (*H^c py-m-hb*, "Hapy está em festa"), deve-se, sem dúvida, ao facto de ele estar presente nas "procissões de carácter económico",

desempenhando assim um papel simbólico, de relevo, para toda a sociedade egípcia.

Hathor é a grande figura feminina citada neste tipo de construção (*Ht-Hr-m-hb*, "Hathor está em festa"), na sua qualidade de a mais universal de todas as deusas egípcias: deusa do amor e da alegria, da dança e da bebedeira, protectora dos amantes e das mulheres grávidas. "Deusa Celeste, Grande Mágica e Deusa Mãe" (209), "Senhora do Ocidente, Senhora do Sicômoro do Sul, protectora dos mortos (210), símbolo feminino da escatologia solar" (211), representando, melhor do que ninguém, toda a complexidade de sentimentos, poderes e emoções inerentes a uma mulher. Mãe e amante. Simultaneamente doce e agressiva. Criando e destruindo, para reinar (212). Por isso, ela é representada com formas tão diversas: como uma mulher magra, de peruca, com uns cornos de vaca enquadrando um disco solar; numa forma inteiramente animal; com uma cabeça de vaca e rosto humano, mas ainda na forma de uma leoa, de uma serpente, de um hipopótamo ou de uma árvore (213).

A ternura maternal da vaca, a ferocidade da leoa, a imprevisibilidade da serpente e a magia da mulher estavam, assim, concentradas na mais complexa das figuras femininas do panteão egípcio. A protagonista de uma das festas mais populares do Antigo Egipto, a festa da "Boa Reunião".

Anualmente, Hathor, deusa tutelar de Dendera, subia o Nilo para se encontrar com Hórus, seu filho e amante, em Edfu, consumando aí o ritual da casamento divino. Uma parte deste ritual era representado no pátio do templo, mas a maior parte dos ritos passavam-se, com efeito, fora dos muros, à vista de toda a população (214). Para que todos pudessem olhar directamente (215) a Grande Deusa, comungar da sua divindade, suplicar amor, protecção ou vingança. Através do seu nome ou da sua nomeação.

E depois havia Hórus, figura tutelar de toda uma civilização, por um lado ligado ao ciclo eterno da realeza, por outro à sua justificação divina, na sua qualidade de herdeiro legítimo de Osíris. Por isso, ele era venerado nas cidades e nas vilas do Norte ao Sul do país. Mas, para além disso, as festividades de que era protagonista, em Edfu, apresentam-se como

aquelas de maior importância e impacto junto de toda a população.

A festa do Ano Novo celebrava a reunião de Hathor de Dendera com Hórus, na sua forma de falcão. No decorrer desta cerimónia assistia-se ao seu coroamento e este simulava, de certo modo, as festas-sed reais. O pão e a cerveja corriam entre os peregrinos vindos de todos os pontos do país. A música e a dança embalavam os fiéis que podiam vislumbrar, directamente, a divindade, na sua forma animal. A devoção ou piedade pessoal explodia em preces, súplicas e pedidos a uma das mais significativas figuras do panteão egípcio.

Depois do coroamento assistia-se à "festa da vitória de Hórus" que ritualizava o mito do combate entre Hórus e Set (216), assegurando, deste modo, a permanência, estabilidade e eternidade da realeza. O triunfo do bem sobre o mal. E, quando alguma criança nascia no decorrer destas festividades, o seu nome celebrava para sempre o acontecimento ao qual estava, indissolivelmente, ligado (217).

Quanto a Khonsu (*Hns.w-m-ḥb*, "Khonsu está em festa"), o deus criança da tríade tebana, também ele era celebrado na ocasião da grande festa nacional de Opet.

E o que dizer de Khnum, deus de Elefantina, onde formava uma tríade com Satis e Anukis, deusas das cataratas? Em Elefantina acreditava-se que ele dominava as fontes do Nilo, influenciando portanto na inundação (218). Mas em Esna, outro centro importante de culto, ele era o protagonista de um modelo de criação (219), modelando no seu torno de oleiro, toda a humanidade.

A mitologia que o liga ao rio, fonte vivificadora, por excelência, da população do Vale do Nilo, aliada à sua dimensão de deus criador, fazem de Khnum uma das divindades mais importantes do panteão egípcio. Em Elefantina, ele era o protagonista isolado de duas festas realizadas no primeiro e último dia da inundação (220), mas a sua popularidade vai ultrapassar as fronteiras do seu culto local (Elefantina, Esna, Hypselis e Antinöe) para assumir uma dimensão verdadeiramente nacional (221), penetrando no imaginário e na vida dos homens, pela força do seu nome.

Quanto a Sobek (*Sbk-m-ḥb*, "Sobek está em festa"), o deus com

forma de crocodilo, ele é adorado em muitos pontos do país, muito embora tenha um culto especial no Fayum e em Kom Ombo, onde uma parte do duplo templo lhe é consagrado. A sua presença neste tipo de formação teofórica é, assim, plenamente justificada.

Sekhmet é outra das figuras femininas presentes neste tipo de nomeação (*Sḫm.t-m-ḥb*, "Sekhmet está em festa") (222). O seu principal lugar de culto era Mênfis, onde formava uma triade com Ptah e Nefertum, mas para a população egípcia, em geral, ela era a "poderosa", a guerreira (223) implacável presente em todas as "batalhas", na sua forma de leoa. Combatendo os inimigos reais e imaginários, as doenças e outros males.

Na XVIII dinastia, para além do seu culto institucional em Mênfis, foi também objecto de uma veneração muito forte, no Norte, em Abusir.

Sekhmet encarnava bem o ideal guerreiro do Império, um novo tipo de conduta, que estava expresso no seu nome e se mantinha, pela eternidade, pela força da nomeação.

Set é a antepenúltima divindade citada nesta construção teofórica tão particular (*Stḥ-m-ḥb*, "Set está em festa"). O seu nome está sempre presente no horizonte egípcio, ao longo da história, ainda que com formas e poderes diferenciados.

Ombos ou *Nwbt* "a cidade do ouro" era o mais importante centro de culto deste deus, que aqui terá sido inicialmente adorado na sua qualidade de "protector dos mineiros" (224). Em Ombos ficava a sua morada, o seu templo, mandado erigir por Tutmósis I e restaurar durante o reinado de Ramsés II (225). Na fronteira entre a terra dos faraós e o deserto. Conquistando "espaços" e "tempos" a uma história que lhe fora adversa, na origem.

Quanto a Tuéris, a sua presença neste tipo de formação (*T3-wr.t-m-ḥb*, "Tueris está em festa"), é plenamente justificada pelo seu carácter de divindade protectora das mulheres grávidas, dando assim expressão a um culto privado, individual, em que a mãe se dirigia directamente à divindade. A manifestação exterior dessa relação pessoal entre o fiel e a divindade é visível através da onomástica.

E, por último, temos Tot, senhor de Hermópolis, juiz das contendas

divinas e humanas, patrono dos escribas e de todas as profissões ligadas à escrita e à administração, cujo festival se celebrava no primeiro mês do ano (226), recordando o ciclo osiríaco, as contendas entre Hórus e Set, o triunfo da justiça e da ordem, a permanência da realeza divina sobre a terra do Egípto. Para ele se viravam muitos olhos. Celebrando, através do seu nome, muitas vitórias e uma certeza absoluta: o triunfo eterno de Maat, garante da estabilidade, da ordem e da justiça sobre o Vale do Nilo, desde que o coração dos homens se abrisse à sua mensagem.

Todos estes nomes explicitavam bem o acontecimento e a personagem divina, a que estavam ligados. Mas existiam ainda outros, que também evocavam festas e acontecimentos particulares. Não eram tão explícitos e abrangentes na sua formulação. A sua mensagem era mais cerrada. Exigia um conhecimento mitológico ou ritual especial. Entre estes, o grupo mais significativo é constituído pela construção: *X + ms* "(A divindade X) é nascida" (227).

Estes nomes comemoravam, simultaneamente, o "nascimento" ritual do deus, repetido, anualmente, no decorrer de uma festa e o nascimento real de uma criança que abria os olhos ao mundo, no mesmo dia e momento em que determinada divindade aparecia/nascia perante uma multidão de devotos. Vejamos, então, as divindades citadas neste tipo de formação teofórica:

(228)

I'ḥ-ms

"Ioh é nascido"

PN I, 12, 19; II, 338



(229)

Imn-ms

"Amon é nascido"

PN I, 29, 8; var. 29, 9; var. 29, 11



In-hr.t-ms

"Dnuris é nascido"

PN I, 35, 14



Wp-w3.wt-ms

"Uapuauat é nascido"

PN I, 77, 23



(230)

Pth-ms

"Ptah é nascido"

PN I, 140, 9



(231)

Mn-ms

"Min é nascido"

PN I, 152, 4



(232)

Mnt.w-ms

"Montu é nascido"

PN I, 154, 17



(233)

R'-ms

"Ré é nascido"

PN I, 218, 3



(234)

Rh.wy-ms

"os dois (Hórus e Set) são nascidos"

PN I, 225, 22



(235)

Hr-ms

"Hórus é nascido"

PN I, 249, 1



(236)

Hns. w-ms

"Khonsu é nascido"

PN I, 271, 7



(237)

Hnm. w-ms

"Khnum é nascido"

PN I, 275, 18



(238)

Sbk-ms

"Sobek é nascido"

PN I, 304, 13

Spd. w-ms

"Sopdu é nascido"

PN I, 306, 21

(239)

Stj-ms

"Set é nascido"

PN I, 322, 2

(240)

Dhwtj-ms

"Tot é nascido"

PN I, 408, 5

De todos os nomes atrás citados, os compostos com Amon, Ptah e Tot são os mais representativos no Império Novo. A importância destas divindades já foi suficientemente elucidada, ao longo das páginas deste capítulo. O mesmo poderemos dizer em relação a Onuris, Upuauat, Min, Montu, Ré, Hórus, Khonsu, Khnum, Sobek e Set. Restam-nos, no entanto,

duas figuras divinas cujo peso e presença na onomástica do Império Novo, deveremos explicitar.

Sopdu é uma divindade local do Baixo Egípto, que aparece constantemente ligado ao deus Hórus (241), sendo mesmo representado como um falcão com plumas. Para além deste seu culto geográfico, Sopdu é ainda adorado como deus guerreiro, senhor das fronteiras orientais, "castigador dos asiáticos" (242). Estas duas razões tornam-o sujeito de uma nomeação bem característica do Império Novo. Sujeito de uma "devoção" localizada num determinado espaço, Saft el-Hina e sujeito de uma crença nas potencialidades das divindades ligadas à terra e ao culto guerreiro.

Quanto ao culto do deus lua, Ioh, ele é bem conhecido em Tebas, apesar de ocupar um papel modesto em comparação com o culto dos grandes deuses lunares, Khonsu e Tot (243). No entanto, a sua presença na onomástica tebana do Império Médio e Novo é deveras significativa (244) e Ioh aparece bem representado em muitos nomes de famílias reais. Deverá residir aqui, de resto, uma das principais razões da sua popularidade. Mas, as provas de devoção pessoal vão além da onomástica. Encontramos a presença deste deus num certo número de documentos tebanos de carácter administrativo (245).

A lua, pela sua simbólica, está profundamente ligada aos ritmos biológicos. Cresce e desaparece, mimando assim o ciclo da vida e da morte, pela eternidade. Para os antigos egípcios, esta imagem está indissolúvelmente ligada ao deus Ioh, aquele que representa exclusivamente toda a temática simbólica e mítica inerente ao astro lunar. Khonsu e Tot também o preenchem, mas não em exclusividade, dado que participam também noutras "histórias", preenchem outras mensagens, representam outros princípios e valores.

Mas os nomes evocativos de festas religiosas não terminam aqui, pois a onomástica egípcia apresenta-se tão criativa e rica como todas as outras manifestações do pensamento religioso e cultural. Deste modo, vamos ainda encontrar um outro grupo, bastante significativo, de nomes formados segundo o esquema $X + m + wj3$ "(A divindade X) está na barca

sagrada". Vejamos alguns exemplos:



Am-m-wi3

"Amon está na barca sagrada"

PN I, 28, 1



Imp. w-m-wi3

"Anúbis está na barca sagrada"

PN I, 37, 1; II, 342

M. Thirion, *RdE 31*, p. 94



(246)

Pth-m-wi3

"Ptah está na barca sagrada"

PN I, 139, 18



Mw. t-m-wi3

"Mut está na barca sagrada"

PN I, 147, 17



Mnt. w-m-wi3

"Montu está na barca sagrada"

PN I, 154, 5



R^c-m-wi3

"Ré está na barca sagrada"

PN I, 217, 15



Hr-m-wi3

"Hórus está na barca sagrada"

PN I, 247, 18

intermediário.

Amon, Anúbis, Ptah, Mut, Montu, Ré, Hórus e Set são as divindades que nos surgem neste tipo de formação teofórica, indicadora de determinadas festividades. Amon e Mut recordando-nos a grandiosa festa de Opet (253), assim como todos os ofícios solenes prestados às principais divindades do Império. Montu, sugerindo-nos a sua procissão de barca do templo de Tód para Armant (254), assim como os seus ofícios solenes no seu "domínio" em Karnak ou no seu templo em Armant (255). Hórus, dando expressão à festa da Boa Reunião, à festa do Coroamento e à festa da vitória, onde estava também presente, Set (256). Ptah, remetendo-nos para os festivais de Mênfis onde, na sua forma de Ptah-Sokaris, era transportado sobre um trono à volta do seu templo (257) e Ré e Anúbis participando, respectivamente, nos festivais de Heliópolis (258) e no ofício solene prestado à divindade protectora do embalsamamento.

Outros deuses havia que também eram transportados, em barca, numa procissão festiva. Mas esses não foram escolhidos para participar da realidade do ser nomeado, pelos "dadores de nomes" no Império Novo.

No entanto, os nomes evocativos de festas religiosas não terminam aqui. A sua expressão é bastante variada, em termos de construção. Vejamos, assim, um outro exemplo formado segundo o modelo: *X (nome da divindade) + ḥꜣy* "(A divindade X) apareceu":

 (259)

Imn-ḥꜣy

"Amon apareceu"

PN I, 30, 18; var. 30, 19



Sth-m-w13

"Set está na barca sagrada"

PN I, 321, 30

Todos estes nomes são evocativos das procissões que se realizavam por altura de festividades anuais ou ofícios solenes (247), em que a divindade era conduzida, numa barca, em viagem pelas terras do Egipto ou pelas ruas da cidade que lhe prestava culto.

O ofício solene procurava "mimar" a festividade anual dedicada à divindade, que saía do templo, numa barca de tamanho reduzido (248), ornada na proa e na popa com a cabeça do deus que transportava, sendo carregada pelos sacerdotes "portadores da barca" (249). Atrás destes iam os sacerdotes cantores e à sua volta, todos os fiéis que se juntavam assim à festividade.

Estas cerimónias apresentavam-se como um dos momentos mais importantes da vida religiosa dos egípcios, que, no curso de uma procissão, tinham o privilégio de se aproximar do seu objecto divino de adoração: estátua, barca ou emblema sagrado (250).

Existem opiniões divergentes entre os egiptólogos no concernente à questão de saber se a estátua divina que se encontrava no tabernáculo da barca durante a saída em procissão, era ou não visível pelo povo (251). Para Van der Plas, existem várias provas do "aparecimento real" da estátua perante a multidão (252). Esta era uma das formas possíveis de "ver" deus, de estar próximo da divindade. E para os fiéis, esta proximidade tornava-se extremamente importante. Ela permitia uma maior "intimidade" entre os homens e a divindade, sem o recurso necessário a qualquer tipo de

Estes nomes traduzem-nos exclamações pronunciadas perante a visão da imagem de determinada divindade, no curso de uma festividade ou ofício solene (260), indicando-nos também que os portadores de tais nomes teriam nascido por ocasião destas cerimónias rituais. De novo, verificamos a presença de Amon e Mut, neste tipo de formação teofórica, assim como a de Ptah, o seu "rival" menfita. Mas, para além disso, é curiosa a participação de Anukis, cuja popularidade no Império Novo, como já vimos anteriormente, não cessa de aumentar e a referência a Uadjet, a deusa protectora do Baixo Egipto (261), que conheceu durante a XIX dinastia uma certa popularidade, sendo frequentemente representada nos monumentos ramesséssidas de Tanis, de preferência na sua qualidade de deusa do Delta oriental. Todos estes deuses nos apareceram já no decurso de uma cerimónia festiva e ritual. Mas, Amon e Mut, parecem verdadeiramente "reinar" sobre todas as outras divindades, estando ainda presentes, juntamente com outros deuses ou sozinhos, em três outros tipos de formações teofóricas alusivas a festividade. O primeiro destes exemplos assenta no modelo: *X(nome divindade) + iy.(w)* "(A divindade X) veio" :

(262)
Imn-iy.(w)
 "Amon veio"

PN I, 26, 21; II, 222

𓀃𓀣𓀤
𓀤𓀣𓀤
ʿnk.t-ḥꜣ.ty

"Anukis apareceu"

PN I, 69, 3

𓀣𓀤𓀣𓀤𓀣𓀤
w3dj.t-ḥꜣ.ty

"Uadjet apareceu"

PN I, 75, 10

𓀣𓀣𓀣
𓀣𓀣𓀣
Pth-ḥꜣ.(w)

"Ptah apareceu"

PN I, 141, 9

𓀣𓀣𓀣
𓀣𓀣𓀣
Mw.t-ḥꜣ.ty

"Mut apareceu"

PN I, 148, 15



Mw.t-iy.ty

"Mut veio"

PN I, 147, 6



(263)

Hp-iy.(w)

"Apis veio"

PN I, 237, 5



Hr-iy.(w)

"Hórus veio"

PN I, 245, 21

Os nomes deste tipo aparecem, pela primeira vez, no Império Médio e parecem comemorar o facto da criança ter nascido no mesmo dia em que se verificou a chegada do deus ao templo da localidade. Segundo J. Vergote podem ainda significar que a divindade em questão, respondeu aos pedidos e súplicas da mãe, permitindo, deste modo, o nascimento da criança (264).

Vejamos agora o segundo exemplo, construído segundo o modelo:
X(nome divindade) + m + wsh.t " (A divindade) está no Pátio " (265):



lmm-m-wsh.t

"Amon está no Pátio"

PN I, 28, 2



Mw.t-m-wsh.t

"Mut está no Pátio"

PN I, 147, 18



R^c-m-wsh.t

"Ré está no Pátio"

PN I, 217, 16



Hr-m-wst.t

"Hórus está no Pátio"

PN I, 247, 20

Também estes nomes evocam a presença da divindade, no vestibulo do templo, por ocasião das suas festas nacionais. Marcando a sua chegada ao lugar sagrado, por excelência e, possibilitando o convívio com a multidão, antes de mergulharem no "interior" (*Khenu*, em egípcio), no coração do templo, onde estava concentrada toda a energia divina que animaria a estátua do deus.

Debrucemo-nos agora sobre o terceiro exemplo, que assenta no modelo: *X(nome divindade) + m + int* "(A divindade X) está no Vale":

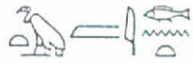


(266)

lmn-m-int

"Amon está no Vale"

PN I, 27, 22



(267)

Mw. t-m-int

"Mut está no Vale"

PN I, 147, 16; II, 360

De novo, Amon e Mut, nos surgem em dois outros nomes evocativos da sua festa religiosa, em Tebas. Comprovando, através da nomeação, a sua superioridade real face a todos os outros deuses. Esta é, ainda, confirmada em vários outros exemplos, como poderemos verificar.


Vejamos, pois, um caso em que Mut e Min, cuja identificação ao deus Amon é uma realidade do Império Novo, nos aparecem referenciados. Estas formações teofóricas assentam no modelo: *X(nome divindade) + m + ꜥ* "(A divindade) X está na colina":



Mw. t-m-ꜥ

"Mut está na colina"

PN I, 147, 23


Mn. w-m-h

"Min está na colina"

PN I, 151, 22

Também estes nomes parecem confirmar a coincidência do nascimento de uma criança com a chegada do deus ao templo da localidade, por ocasião de uma data festiva. Mas, muitos outros nomes testemunham-nos a superioridade de Mut e Amon, face a todos os outros deuses. Senão, vejamos:

 (268)

Imn-m-ipt

"Amon está no Harém (em Luxor)" (269)

PN I, 27, 1B


Imn-m-pr-Mw.t

"Amon está no templo de Mut"

PN I, 2B, 4



Imn-m-š

"Amon está no lago"

PN I, 29, 2



Imn-nht-m-wb3

"O vigoroso Amon está no pátio do templo"

PN I, 29, 22

Estes nomes recordam-nos a passagem de Amon pelos diversos templos e a viagem percorrida ao longo do rio, por ocasião da sua procissão festiva. Esta é vivida, com preces e louvores. Os mesmos louvores que levam uma mãe a conceder ao seu filho recém-nascido, a seguinte nomeação:



i3w-n-imn

"Louvores para Amon"

M. Thirion, *RdE* 42, p. 232

Quanto a Mut, ela surge-nos ainda em três formações teofóricas, alusivas às suas festividades, comprovando assim o papel de relevo que tinha no coração das gentes do Império. Este era, no entanto, fortemente condicionado pelas prerrogativas reais e institucionais de que gozavam os deuses tutelares de Tebas.



MW. t-m-i wn. t

"Mut está em Dendera"

PN I, 147, 15



MW. t-m-mr. s

"Mut está no seu mar"

PN I, 147, 20



(270)

MW. t-m-nb. w

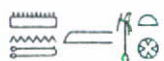
"Mut está no Duro"

M. Thirion, *RdE 35*, p. 141

A superioridade de Amon e Mut face a todos os outros deuses, neste tipo de formação teofórica, terá sempre de ser entendida à luz da ideologia e das práticas dominantes. Não podemos esquecer que a nova prática política, económica e social é sustentada pela figura divina de Amon. As glórias e as riquezas do Império são entendidas como dádivas do deus tebano. Por isso, os reis, como recompensa, transformam as suas festividades nos maiores acontecimentos litúrgicos do calendário religioso e assim, a população egípcia é fortemente condicionada, na sua formulação, pelo peso e pelo impacto que estas festividades têm, face a todas as outras.

No entanto, o coração e os olhos dos homens egípcios abrem-se, também, a outras divindades, a outros acontecimentos festivos, como já verificámos anteriormente e ainda poderemos testemunhar através de novos nomes.

Assim, Montu, outra divindade profundamente ligada ao ciclo tebano e à ideologia guerreira do Império, surge-nos ainda na composição de um outro nome teofórico, alusivo à sua festividade:



Mnt. w-m-w3 s. t

"Montu está em Tebas"

PN I, 154, 4

E Ré, o astro solar, aparece-nos também na composição de dois outros nomes, cujo aparecimento data do Império Novo (271):



R^c-(m-)mn-nfr

"Ré está em Mênfis"

PN I, 217, 18



R^c-hr-wnm.f

"Ré está à sua direita"

PN I, 219, 14

Também Hórus, o patrono da realeza, a expressão divina do rei, nos surge na formação de um nome evocativo da sua festividade:



Hr-m-3h-bj.t

"Hórus está em Chemmis"

PN I, 247, 15

Assim como Hathor, deusa de Dendera, cujas festividades enchem de alegria e de "cerveja" toda a população:



Nbw (272) -hr-mr

"O ouro está sobre o canal"

PN I, 191, 17



Nbw-hr-mh.w

"O ouro está sobre as águas"

PN I, 191, 18



Nb-hr-hsbd

"Duro sobre lápis-lázuli"

PN I, 191, 21

Os deuses tutelares do Império, os deuses tutelares da realeza e os deuses criadores têm, com efeito, um papel de relevo na construção deste tipo de nomes evocativos de festas religiosas. Amon, Mut, Montu, Ré e Hórus são continuamente nomeados. E, Khnum, o deus oleiro, é também protagonista de uma formação bem particular, que Ranke classifica entre os "nomes festivos" (273).



Hnm.w-m(?)-s3-n3.ph-sw

"Khnum persegue aqueles que o atacaram"

PN I, 275, 17

É importante referirmos aqui que a maior parte dos grandes deuses e deusas do Egito são concebidas, no Império Novo, como divindades solares (274). Isto acontece com Ptah, Khnum e mesmo com Osíris, a figura lendária e emblemática desta civilização. Por isso, numa época de doutrina solar, vamos encontrar a presença deste deus numa construção bem particular e original:



Ph-sw-hr.w

"Aquele que o atacou caiu"

PN I, 135, 25

QUADRO VII

B	A	iy.w	ph- -sw- -hr.w	m- -3b- -bj.t	m- -iwn.t	m- -ip.t	m- -in.t	m- -wss.t	m- -wis	m- -wbs	m- -wsh.t	m- -pr- -mw.t	m- -mn- -nfr	m- -mr.s	m- -nb.w	m- -hb	m- -h'	m- -ns.pt -sy	m- -s	ms	hr- -wnm.t	by
ss.t																•						
i-h																•				•		
imn	•				•	•			•	•	•	•				•			•	•		•
in.hr.t																				•		
inp.w									•							•						
ilm																•						
ink.t																•						•
int																•						
wsgj.t																•						•
wp- -ws.wt																				•		
wsir		•																				
pth									•							•				•		•
mw.t	•			•		•			•		•			•	•	•	•					•
mn.w																•	•			•		
mnt.w								•	•							•				•		
r'									•		•		•							•	•	
h-py																•						
ht-hr																•						
hp	•																					
hr	•		•						•		•					•				•		
hns.w																•				•		
hnm.w																•		•		•		
sbk																•				•		
spd.w																				•		
shm.t																•						
sth									•							•				•		
ts-wr.t																•						
dhwly																•				•		


Esta "exclamação" teria sido produzida por ocasião das grandes festas de Osíris, no momento em que os adversários do deus recebiam a punição pelos seus actos.

"No princípio dos tempos, Osíris fora um mítico rei-deus dos habitantes do Nilo, responsável pela emergência da paz e da prosperidade no território egípcio. Filho de Geb (o deus Terra) e de Nut (a deusa do Céu) Osíris surge como o protótipo do rei ideal, pacificador e venturoso, responsável pela unidade geográfica, pela união entre os diferentes nomos, pela ligação entre o Norte mediterrânico e o Sul africano" (275).

O herói político-cultural. Mas, para além disso, Osíris simboliza ainda o ciclo da natureza (276), o ciclo da morte-renascimento, confundindo-se com as águas criadoras, vivificadoras e regeneradoras do Nilo. Depois, o seu papel dilata-se e ele aparece como o "arquétipo do rei-morto" (277), vendo assim consagrada a sua faceta de deus dos mortos, a quem é permitido o retorno à vida.

Herói político-cultural, símbolo do ciclo da natureza, arquétipo do rei-morto. Por isso, Osíris é "aquele que tem muitos nomes" (*ḥ-ḥ-ḥ*) (278), "o rei divino de formas" (*nsw ntry ḥpr.w*) (279), adorado em todos os locais onde reina a vida e espreita a morte, mas com um culto especial em Abidos, Dendera e Busiris (280), onde anualmente se celebravam os "mistérios de Osíris" (281). Estes desenrolavam-se entre o dia 12 e o dia 30 do mês de Khoiak, o quarto mês da estação da Inundação, e ritualizavam os diversos episódios do "mito osiriaco", desde a morte do deus até ao nascimento de Hórus, seu filho e herdeiro.

Eram estes os nomes que os antigos egípcios escolhiam para os seus filhos, quando o seu nascimento coincidia com uma data festiva. Esta coincidência assumia, para eles, uma dimensão simbólica e mágica. Como se se tratasse de uma espécie de sinal, de proclamação antecipada de um rumo de vida. Depois, cabia-lhes a eles cumprir ou não, o seu destino. Fazer história, manter pela "eternidade" as referências míticas dos seus pais e avós, com a mesma estabilidade da pedra sagrada. Assim proclamou uma mãe, para o seu filho, numa ocasião festiva:


Mn-thr.w

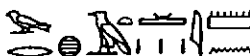
"Que sejam estáveis os obeliscos"

PN I, 150, 25

M. Thirion, *RdE 42*, p. 226

Chegámos ao fim de um ciclo, o ciclo dos nomes evocativos de festas religiosas. A análise, conjunta, de todos os nomes inventariados permite-nos concluir que as divindades mais citadas neste tipo específico de formação teofórica são, sem dúvida, aquelas que estão ligadas à ideologia do Império, o caso de Amon, Mut e Montu, as que expressam o ciclo da realeza, o caso de Hórus e as antigas divindades criadoras do solo egípcio, como Ré e Ptah que, no decorrer do Império Novo, lutam para reconquistar o papel preponderante que tinham assumido noutras épocas.

Os principais deuses do Antigo Egipto vingam, assim, pela eternidade, através da dimensão criadora da linguagem. Mas, sobre todos eles, "reina" Amon, o deus tebano, patrono dos faraós do Império Novo, responsável pelas vitórias alcançadas e pelas riquezas conquistadas. Por isso, ele é premiado pelos reis tebanos, com privilégios e doações, transformando-se num deus "poderoso de bens", como o designa uma mãe, no momento de nomear o seu filho recém-nascido:

 (282)

Wr-ihh-imn

"Amon é poderoso de bens"

M. Thirion, *RdE 42*, p. 232

3.1.2- Nomes Teofóricos Implícitos

Os nomes teofóricos implícitos são todos aqueles nomes que expressam uma mensagem do religioso, alusiva a uma determinada divindade, mas que o fazem de uma forma contida, subentendida, não exprimindo, assim claramente, o sujeito dessa descrição ou qualificação.

Estes nomes podem dividir-se em dois grandes grupos, o dos nomes narrativos e o dos nomes indicativos ou qualificativos. *Caveat*, nem sempre é fácil, por isso, decifrar se estamos perante um nome teofórico implícito ou perante um nome profano.

3.1.2.1- Nomes narrativos

Os nomes narrativos ou descritivos (283) são os nomes que constituem um enunciado completo, de tipo não verbal, verbal ou pseudo-verbal e enunciam um facto, descrevem uma situação ou formulam uma ideia. Em qualquer dos três casos, eles tendem sempre a servir os interesses do portador do nome (284).

Vejamos, então, que tipos de "enunciados" encontramos nesta primeira categoria.

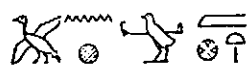
a) Predicação de situação: X(nome teofórico implícito) + predicado (grupo proposicional)



P3-nh. w-m-w3s.t (285)

"O protector está em Tebas"

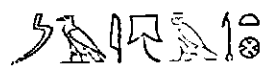
PN I, 113, 15



P3-nh. w-m-niw.t

"O protector está na cidade"

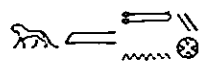
PN I, 113, 16



M3j-m-w3s.t

"O leão está em Tebas"

PN I, 144, 4



M3j-m-tnj

"O leão está em Tis"

PN I, 144, 6

QUADRO VIII

Predicado Sujeito	m- -w3s.t	m- -niw.t	m- -tɔj	hr- -hnty	t3- -nb
P3-nh.w	●	●			
M3j	●		●		
Nht.f					●
k3				●	

Nomes teofóricos implícitos na forma de uma predicação de situação: X(sujeito) + predicado (grupo proposicional)

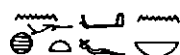


K3-hr-hnty

"O touro está na primeira linha de combate"

M. Thirion, *RdE 39*, pp. 133-134 (286)

PN I, 338, 9



Nht.f-t3-nd

"A sua força está em toda a terra"

M. Thirion, *RdE 31*, p. 86

PN II, 301, 9 = PN I, 424, 22; II, 403.

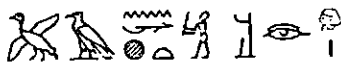
A análise destes nomes remete-nos, de imediato, para a principal formulação religiosa do Império Novo: a crença solar, materializada em Amon-Ré, figura tutelar e emblemática do universo político e mental, deste período.

Amon é o leão que está em Tebas, símbolo da força e da soberania, transmitindo com a sua presença, solar, a força penetrante da luz e do verbo, garantindo a eternidade do tempo e da vida, o próprio renascimento, cíclico, a ideia "possível" de ressurreicção (287). Mas a universalidade da figura solar estende-se por toda a terra. Não está, unicamente, exclusivamente, concentrada na capital, na sua "morada de origem". A força da sua mensagem chega a todos os pontos do Egito. A This, no Sul, capital dos reis das duas primeiras dinastias do Egito unificado, na forma de Dnuris. E ainda a

zonas para além das fronteiras ancestrais. "O leão está sobre o campo de batalha" (*M3j-hr-prj*), protegendo o rei e os seus exércitos com a força divina e poderosa da luz. Levando o poder da sua mensagem, universal, a todos os povos, a todas as regiões, para que todos pudessem comungar de uma mesma crença e, assim, através de um ideal religioso, viver pacificamente como "irmãos".

Amon é o leão que está em Tebas. "Os seus ossos são em prata, a sua carne é de ouro e a sua cabeleira é em verdadeiro lápis-lazuli" (288). Para os antigos egípcios o ouro, metal perfeito, simbolizava não só a carne do sol, mas também, por extensão, a dos deuses e dos faraós. A partir do Império Médio, vários textos nos afirmam que o ouro é a carne dos deuses (289). Nos Textos das Pirâmides, ele surge como o reflexo do brilho do Sol (290). Assim, Amon-Ré iluminava o céu com o ouro do seu rosto (291) e iluminava o mundo e os homens, sobre a terra e sobre o mar. Por isso, ele era o protector presente em Tebas ou em qualquer outra cidade. Protegendo com o seu brilho, com a sua luz, com a imagem tranquilizante da sua força solar. Uma força que estava em toda a terra (*nht-f-t3-nb*), semelhante à força do "touro (292) que está na primeira linha de combate" (*K3-hr-hnty*).

b) Frase com predicado pseudo-verbal



P3-nht-rs-tp (293)

"O vigoroso está vigilante"

"O vigoroso está vigilante"

PN 1, 113, 21

Nesta classificação daparamos com um único nome, alusivo, sem dúvida, ao mais vigoroso de todos os deuses egípcios do Império Novo, Amon.

O "vigoroso Amon", pai dos deuses e dos reis, está vigilante, para que o universo divino e humano em que os antigos egípcios vivem e trabalham, se mantenha tranquilo, pela eternidade. E para que o momento mágico da "vida" se produza, sem qualquer sobressalto.

A vigilância de Amon pacifica a mãe no momento do parto, garantindo-lhe ainda a protecção do recém-nascido ao longo de toda a vida e pela eternidade.

3.1.2.2- Nomes indicativos ou qualificativos

Os nomes indicativos ou qualificativos atribuem ao portador do nome, homem ou mulher, uma certa qualidade, física ou moral ou situam-no num certo plano, no seio de uma qualquer hierarquia (294). Apresentam-se com a estrutura de nomes incompletos ou abreviados.

a) Nomes incompletos que funcionam como epítetos



Nb. wy

"Os dois senhores"

PN I, 187, 12



Nb. t-imn.t (295)

"A Senhora do Ocidente"

PN I, 188, 2; II, 367



Nb. t-t3.wy

"A Senhora dos Dois Países"

PN I, 189, 20

Todos estes nomes, atribuídos a uma criança no momento do seu nascimento, são alusivos a determinadas divindades, divindades tutelares

do solo egípcio, sobretudo a partir do Império Novo.

O nome de "Os Dois Senhores" (*Nb. wy*) remete-nos para a mitologia osiriaca (296), onde Hórus e Set desempenham dois papéis antagônicos, mas complementares. Hórus é o legítimo herdeiro de Osíris sobre o trono do Egito, representando a divindade e a vitalidade da função real e Set personifica a contradição, a oposição necessária ao dinamismo da criação. E, se durante um tempo, o imaginário egípcio procurou abater o peso divino inerente a Set, os reis do Império Novo, sobretudo a partir da XIX dinastia elevaram-no, de novo, à realeza a que tinha direito. E ao fazê-lo, consagraram a reconciliação entre os opostos, na busca da totalidade divina, alcançada pela união entre os contrários (297).

Os outros dois nomes "A Senhora do Ocidente" (*Nb. t-irmn. t*) e "A Senhora dos Dois Países" (*Nb. t-t3. wy*) remetem-nos, também, para as duas divindades femininas mais importantes, no Império Novo: Isis e Hathor. Tanto uma como outra podem preencher este epíteto divino. Hathor surge-nos, muitas vezes, nos textos como "A Senhora do Duplo País" (298) ou "A Senhora da Necrópole Sagrada" (299). Mas, para além destes epítetos particulares, ela é, ao longo de toda a civilização egípcia, a figura feminina mais importante do panteão. Curiosamente, a partir dos finais do Império Novo, como já referimos anteriormente, Isis é projectada para o primeiro plano, assumindo muitas das características inerentes a Hathor. E, assim, as duas deusas confundem-se no imaginário popular, preenchendo ambas os mesmos referenciais divinos e mitológicos.

**b) Nomes com base na construção: adjectivo + substantivo
(anexão de qualificação)**


Nfr-hr

(300)

"Aquele cujo rosto é bom" (o benevolente)

PN I, 198, 6



SW-wsr-ph (301)

"Aquele cujo ataque é forte"

T. G. H. James, *Corpus...*, p. 71, pl. XLIV

Estamos perante dois exemplos que se reportam à mesma divindade: Hórus, uma das figuras mais ricas e complexas do vasto panteão egípcio (302), cuja história pessoal ilustra as suas diferentes e diversas manifestações. "Ele é Hórus, o antigo -Harperis, o filho de Atum, deus primordial. A mesma linhagem identifica-o depois como filho de Isis e Osíris- Harsiesis- o deus que se gera a si próprio na sua mãe, exprimindo assim a ideia de imortalidade, até se manifestar no Hórus vitorioso-Harendotés, o vingador de seu pai, que se torna no humano, o Hórus sobrenatural, que reúne os complementos divididos e resume toda a oposição" (303).

Os dois nomes atrás citados referem-se ao Hórus vitorioso-Harendotés, o vingador de seu pai, juiz equitativo e justiceiro, "cujo rosto era bom" (304) e "cujo ataque era forte" (305).

c) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre um participio



P3y-h-y (306)

"Aquele que se eleva"

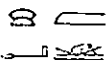
PN I, 116, 10; II, 354



h-y-m-w3.s.t (307)

"Aquele que se eleva está em Tebas"

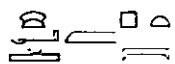
PN I, 263, 19



h-y-m-wi3

"Aquele que se eleva está na barca sagrada"


PN I, 263, 20



h-y-m-p.t


"Aquele que se eleva está no céu"

PN I, 263, 22


h·y-m-mnw

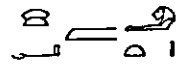
"Aquele que se eleva está no monumento"

PN I, 263, 24


h·y- m- nwn (308)

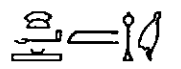
"Aquele que se eleva está no Nun"

PN I, 264, 1


h·y- m- h3. t

"Aquele que se eleva está à cabeça"

PN I, 264, 2


h·y- m- hdt (309)


"Aquele que se eleva está na Coroa Branca"

PN I, 264, 3

QUADRO IX

Grupo proposicional Participio		m- -w3s.t	m- -vi3	m- -p.t	m- -mnw	m- -nwn	m- -h3.t	m- -hdt	m- -tr	t3.wy
P3y-H'y	•									
H'y		•	•	•	•	•	•	•	•	
Smn										•

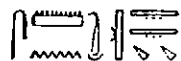
Names teofóricos implícitos que funcionam como epítetos formados sobre um participio


ḥꜣ-y-m-tr (310)

"Aquele que se eleva está no salgueiro"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 92

PN I, 264, 5; II, 380


Smn-t3.wy (311)

"Aquele que está estabelecido nas Duas Terras"

PN I, 307, 11

A análise deste quadro remete-nos para duas das mais importantes divindades da sociedade egípcia, no Império Novo: Amon, deus de Tebas, patrono da ideologia faraônica deste período, deus criador e deus solar e Hórus, deus da realeza e deus celeste que assimila um conjunto de deuses na sua forma de falcão. Os dois juntos asseguram a manutenção da ordem política, expressa na figura do faraó e garantem a estabilidade e o equilíbrio "maático" expresso nas origens. A ligação do céu à terra e a presença vivificadora do astro solar permitirão ao homem egípcio sonhar um mundo para além do tempo e do espaço. Um mundo-homem-cosmos cujo ciclo universal, cuja marcha regular, era um garante de eternidade.

Todos os nomes citados nesta classificação, com excepção do último exemplo, são construídos com o verbo *ḥꜣ* (aparecer, brilhar), que designa o elevar do astro solar no horizonte (312) ou a presença de Sobek no salgueiro. No Império Novo, o astro solar apresenta-se na forma de Amon-Ré, mas também Hórus, na sua

dimensão celeste, é muitas vezes conotado com esta realidade. "Aquele que se eleva" (*P3y-ḥꜣy*) é, naturalmente, Amon, mas como refere D. Devauchelle (313) também pode ser um diminutivo de *Pn-Hr*, designando Hórus, a divindade celeste, por excelência, cuja popularidade na piedade pessoal da época é muito significativa (314).

"Aquele que se eleva está em Tebas" (*ḥꜣy-m-w3.s.t*) e "está no céu" (*m-p.t*). Tebas é a sua morada, na terra, entre os homens. O céu é o seu espaço longínquo entre os deuses. Estes dois nomes aproximam-nos das noções de transcendência e de imanência inerentes a Amon (315). Ele é o deus prodigioso, rico em transformações, cujo *ba* está no céu longínquo, cujo corpo está na necrópole e cujo *ka* está em Tebas (316). Enquanto criador pré-existente que existiu antes e à parte do mundo criado, Único no primeiro momento, Amon é transcendente, mas a criação que se manifesta nos elementos e nas forças do mundo criado, exprimem a sua parte imanente (317).

O grande desenvolvimento destas noções ocorre com os teólogos ramesséssidas e aparece detalhada em muitos textos do Império Novo. No entanto, de todos eles, o *Papyrus Leiden I 350* (318), que data do reinado de Ramsés II, parece-nos o mais eloquente. Nele são exprimidos os três aspectos inerentes a Amon- deus primordial, princípio criativo e administrador da existência. Ele é o único, criador auto-criado, deus transcendente, que se torna imanente como fonte de toda a vida, congregando assim Ré, o Sol, a sua face, e Ptah, o seu corpo, o seu ser (319).

Ele está na origem, confundindo-se assim com as águas do Nun (320), o oceano primordial, o pré-mundo, inerte e infinito, que despertando (321) provoca o aparecimento do Demiurgo. "Aquele que se eleva está no Nun" (*ḥꜣy-m-nwn*), por isso ele é o deus que está à cabeça de todos os deuses ("Aquele que se eleva está à cabeça"- *ḥꜣy-m-ḥ3.t*), o primeiro, o principal. Presente na Coroa Branca (322), do Sul, no monumento-templo solar, e ainda, no salgueiro (323). E viajando na barca sagrada (324).

"Aquele que está estabelecido nas Duas Terras" (*Smm-t3.wy*). Ele é Amon, o criador auto-criado, gerador de vida e modelo de existência. Mas

ele é, também, Hórus, aquele que estabeleceu a realeza divina sobre a terra do Egípto. Deus celeste, cujos olhos identificados miticamente com o Sol e a Lua, garantem ao homem o conhecimento e a protecção (325).

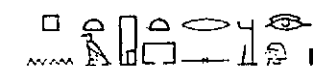
d) Nomes com base na formação *p3 n/ t3 n* (326)



P3-n-t3-h.t-nht (327)

"Aquele do templo está vigoroso"

PN I, 111, 23



P3-n-t3-h.t-rs.tp (328)

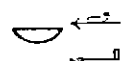
"Aquele do templo está despertado"

PN I, 111, 24

Estes dois nomes alusivos a uma divindade não especificada procuram fazer uma analogia entre o recém-nascido que "está vigoroso" e "despertado" e, provavelmente, o deus do templo mais próximo. Como já

vimos, anteriormente, vários são os deuses que nos surgem com o epíteto "vigoroso" (*nḥt*) (329): Onuris (*PN I*, 35, 16), Ptah (*PN I*, 140, 15), Amon (*PN I*, 209, 22), Min (*PN I*, 210, 17), Montu (*PN I*, 154, 18), Hórus (*PN I*, 211, 3), Khnum (*PN I*, 211, 10), Sobek (*PN I*, 211, 13), Tot (*PN I*, 211, 22), Khonsu (*PN I*, 271, 9) e Set (*PN I*, 322, 3) são as divindades masculinas que apresentam este tipo específico de caracterização. Quanto ao segundo exemplo, ele é alusivo da cerimônia ritual do "despertar do deus" (330), o primeiro acto do culto quotidiano prestado à divindade. Este consistia, basicamente, na alimentação do deus, na sua higiene e toilette. Todo o cerimonial era ainda acompanhado de adorações e louvores "cantados" pelos sacerdotes oficiantes.

e) Nomes abreviados: por redução de um nome ao seu último elemento



nḥt-wc (331)

"O Senhor Único"

PN I, 184, 4



nḥt (332)

"O protector"

PN I, 209, 10 e 16

Também estes dois últimos exemplos são alusivos a uma divindade, que poderá ser Amon. Ele é o "senhor único" semelhante ao recém-nascido, "único" para os seus pais e ele é também "protector", como o será esta criança para os seus progenitores. Protector em vida, protector dos seus nomes, dos seus túmulos, do seu culto funerário. Garante de sobrevivência e de imortalidade.

Para os antigos egípcios, o nome é uma espécie de força imanente que "forma" a vida e a natureza do seu possuidor. Assim, o facto de um nome pessoal ser formado com um nome divino, explicita ou implicitamente, assegura ao possuidor deste nome, a protecção e a sobrevivência, por que lhe permite participar, simbolicamente, nos rituais prestados aos deuses, nas festividades solenes, em todas as cerimónias de devoção institucional ou pessoal. E ao fazê-lo, comunga do divino, entra na esfera da própria divindade, perdendo-se como homem para se encontrar mundo-cosmos-deus, pela eternidade.

3.1.3- Nomes Basilofóricos



Nfr-k3-R'-m-pr-imm

"Neferkaré está na casa de Amon"

PN I, 200, 19

Os nomes basifóricos são todos aqueles nomes em cuja composição entra um nome real. A escolha deste nome dependia sempre da celebridade do rei em questão (333), da sua popularidade, daquilo que ele tinha feito em vida para manter a eternidade do seu nome (334). No Império Novo, dada a ideologia e a prática dominantes, esta eternidade do nome real era, geralmente, alcançada graças aos feitos heróicos e aos casos de bravura praticados pelos diferentes reis, ao longo dos seus reinados. Assim sendo, nós podemos constatar a maior ou menor popularidade das diferentes figuras reais deste período, através da sua participação na composição dos nomes basifóricos. Eles espelham bem a receptividade dos homens egípcios face aos comportamentos reais.

Para podermos compreender bem, toda a problemática dos nomes basifóricos, os seus diferentes tipos e construções, deveremos primeiro debruçar-nos sobre a realidade dos nomes reais.

Os reis, diferentemente de todas as outras pessoas, possuíam cinco nomes "canónicos" (335): o (seu) nome de Hórus, o (seu) nome das Duas Senhoras, o (seu) nome de Hórus de Ouro, o seu nome de coroamento e, finalmente, o seu nome pessoal.

O nome de Hórus de um rei, também designado como o nome do *Ka*, apresenta-nos o soberano como o representante do falcão divino Hórus, que se tornou o deus dinástico do Egipto.

O nome das Duas Senhoras estabelece uma relação estreita entre a pessoa do rei e as duas deusas tutelares do Alto e Baixo Egipto, quando este ainda se encontrava dividido em dois reinos, a deusa abutre Nekhbet, protectora do Alto Egipto e a deusa cobra Uadjet, protectora do Baixo Egipto.

O nome de Hórus de Ouro de um rei foi durante muito tempo interpretado como o nome que simbolizava a vitória de Hórus, legítimo herdeiro do trono do Egipto, sobre o seu irmão Set, símbolo da discórdia e da confusão. Autores mais modernos, como A. Gardiner (336) parecem questionar esta interpretação, sobretudo no que diz respeito ao antagonismo Hórus/Set e ao carácter belicoso desta oposição.

O nome de coroamento, também designado como pré-nome real,

revela-nos a existência institucional do faraó, enquanto descendente do deus solar (337), apresentando-se assim como o principal nome do rei. E, finalmente, o nome pessoal que correspondia à pessoa física do rei e lhe era dado pela sua mãe, no momento do nascimento. Geralmente era introduzido pelo epíteto "filho de Ré" (S3-R).

Vejamos o exemplo dos cinco nomes de Tutmósis III (338):

1. *Hr K3 nht tr m w3st*

Hórus, o touro vitorioso que está em Tebas

2. *Nb.ty w3h nsyt mi R^c m pt*

As Duas Senhoras "Duradouras de realeza como Ré no céu"

3. *Hr nbw shm phty dsr h^cw*

Hórus de Ouro, "Poderoso de força, cujos diademas são sagrados"

4. *N sw bit Mn hpr R^c*

Rei do Alto e Baixo Egito, "A forma de Ré permanece"

5. *S3 R^c Dhwtj ms nfr hprw mry Hthr nb.t mfk3t*

Filho de Ré, "Tot é nascido belo de formas, amado de Hathor, senhora da turquesa"

Destes cinco nomes, dois apareciam, geralmente, nas cartuxas reais: o nome de coroamento ou pré-nome e o nome pessoal. Eram eles que revelavam o conteúdo da identidade do rei que, no plano da função faraônica, se apresentava como duplo e denotando, claramente, as etapas da sua formação. A sua existência institucional, indicada pelo nome solar, o nome de coroamento, e a sua existência física, revelada pelo nome pessoal (339). Ele correspondia à primeira nomeação. Todos os outros

eram-lhe dados quando acedia ao trono, simbolizando assim um novo nascimento, marcando o princípio de uma nova existência, apresentando-se, por isso, como indicadores do crescimento da personalidade real. Em suma, a pluralidade dos nomes dos faraós pode explicar-se pelos diversos estados das suas manifestações. Assim sendo, o seu nome pessoal enunciava as suas qualidades reais, enquanto que os outros quatro nomes manifestavam os diferentes aspectos da sua existência particular. Sob apelações diversas, cada um dos nomes reais traduzia a mesma realidade, a soberania do rei sobre a terra do Egipto.

Para além destes cinco nomes canónicos, os reis, como todos os outros cidadãos, possuíam ainda, muitas vezes, um "nome familiar" ou "afectivo" que era, sempre, uma abreviatura do nome pessoal. Por exemplo, Sessu era o diminutivo do nome de Ramsés II (340).

As abreviaturas, assim como o nome pessoal dos diferentes reis, dependiam, exclusivamente, do circuito familiar. Dos "dadores de nomes", geralmente, da mãe. Mas os outros quatro nomes resultavam da especulação da ciência sacerdotal, sendo escolhidos pelos sacerdotes-leitores (*hryw-hb*). Eram eles que formulavam e proclamavam o "protocolo" (341) que consistia, no fundo, numa definição da pessoa do rei e num programa de reinado. Para isso, eles consultavam as listas reais e alguns documentos de arquivo considerados "arquétipos" (342), a partir dos quais eram combinados e adaptados os epítetos escolhidos para constituir o novo protocolo real (343). Este era inspirado, em parte, pela conjuntura, correspondendo, portanto, a um programa específico de reinado. Mas a partir, sobretudo, do I milénio a. C., o protocolo parece reflectir uma tradição anterior, revelando uma espécie de "programa de reinar" imutável e intransformável (344), que parecia profetizar o próximo reinado, de acordo com modelos antigos, vaticinando assim, através da nomeação um voto e um desejo de sucesso.

Por outro lado, os sacerdotes-leitores, mediadores entre deus e os sábios do Egipto, asseguravam a intervenção divina na formulação deste protocolo. Ele não era fruto de uma revelação, mas sim de uma inspiração que descia, directamente, sobre o "coração dos sacerdotes" (*m ibw.sn*),

activando, deste modo, a sua inteligência (345).

Este protocolo era, sempre, elaborado antes da "promoção sacral" (346), provando assim decorrer um certo tempo entre o dia do acontecimento e o dia do coroamento. Em síntese, os quatro nomes que constituíam o protocolo eram, pois, recapitulativos das aspirações do Egípto numa dada época e proféticos do reinado que se aproximava, apresentando-se, deste modo, como uma das principais fontes do seu património cultural. No entanto, nunca poderemos confundir ou identificar o nome real com a pessoa do rei ou com o rei propriamente dito: ele tem uma existência própria, participando, no entanto, do seu ser (347).

O rei apresentava-se, assim, no Império Novo, como o "chefe do estado", o garante da ordem e da estabilidade, o "filho eleito dos deuses", o "chefe dos exércitos". Ele era um símbolo da unidade política e geográfica do país e o seu nome era expressão de qualidades, atributos e poderes específicos que poderiam fazer parte ou não de um plano de reinado pré-concebido, mas que se apresentavam, geralmente, como específicos de cada figura real. Por isso, encontramos nomes que podem definir um elemento da personalidade teológica do rei (348), um elemento da sua personalidade ideológica (349) ou ainda um elemento da sua personalidade social (350).

No Império Novo vai afirmar-se uma tendência para utilizar, por exemplo, os nomes pessoais dos reis como designadores de situações ou circunstâncias concretas da vida quotidiana. Era esta a realidade dos nomes reais. A compreensão de toda a problemática que lhe é inerente, permite-nos agora entender melhor a especificidade dos nomes basifóricos exofóricos. Estes dividem-se, fundamentalmente, em dois grandes grupos: o dos nomes formados com o nome pessoal de um rei e o dos nomes constituídos com o pré-nome do faraó.

3.1.3.1- Nomes formados com o nome (pessoal) de um rei

Nesta classificação entram todos os nomes formados com o nome pessoal de um rei. Através deles, nós podemos constatar quais os reis que mais fortemente tocaram o coração dos homens egípcios e, depois, procurar as razões desta eleição. A participação destes reis nestas formações basifóricas pode apresentar-se na forma de uma construção do tipo: Sujeito (X- nome rei) + adjectivo epíteto, na forma de uma frase com predicado pseudo-verbal (X- nome rei) + predicado pseudo-verbal), através de uma predicção de identidade do tipo : X(nome rei) + sujeito, através de uma predicção de situação: sujeito (X- nome rei) + predicado (grupo proposicional), através de uma "anexão de qualificação" e ainda através de uma frase formada com epítetos formados sobre um participio.

Vejamos, então, os reis que nos surgem nas diferentes situações:

a) Sujeito (nome rei) + adjectivo epíteto

Imn-htp-wsr

"O poderoso Amenófis"

PN I, 30, 13

Rc-ms-sw-ht (351)

"O vigoroso Ramsés"

PN I, 219, 3

ḥtj-nḥt

(352)

Stj-nht

"O vigoroso Seti"

PN I, 322, 11

Alguns reis e rainhas, a partir do Império Novo, vão surgir-nos como objecto de venerações nacionais e particulares, chegando mesmo a ser deificados. Isto acontece, por exemplo, com dois dos reis citados neste tipo de formação basilofórica, com Amenófis I e com Ramsés II.

De todos os cultos de reis egípcios, o de Amenófis I (~1514~1493, XVIII dinastia) parece ter sido o mais importante e aquele que durou mais tempo (353). Encontramos vários monumentos alusivos a este culto na necrópole dos "servidores da praça da verdade" em Deir el-Medina (354). Nesta vila, o rei era celebrado em diversas festas e todo o cerimonial se apresentava como semelhante ao cerimonial das grandes festas das diferentes divindades. A estátua do rei era conduzida, em procissão, ao longo da necrópole de Deir el-Medina chegando, por vezes, até ao Vale dos Reis. Durante este percurso ou quando se encontrava no santuário, o rei produzia então os seus oráculos, respondendo assim às questões levantadas pelos trabalhadores que, neste culto, ocupavam o lugar tradicionalmente destinado aos sacerdotes. Eram eles, por exemplo, os responsáveis pelo transporte da estátua divina.

Esta ligação de Amenófis I a Deir el-Medina poderá ser explicada pelo facto dele ter sido o primeiro rei a mandar construir o seu túmulo na necrópole tebana, tornando-se assim uma espécie de patrono divino da necrópole real e dos seus trabalhadores.

Tal como Amenófis I, também Ramsés II (~1279~1213, XIX dinastia) foi objecto de uma veneração nacional e particular muito forte (355). Esta pode ser explicada pela importância política deste rei, mas também pela força da sua presença ao longo de todo o território egípcio. Ramsés II foi,

sem dúvida, o rei que nos legou mais estátuas, inscrições e monumentos alusivos ao seu reinado e à sua figura real. A importância e grandiosidade da estatuária e dos monumentos ramessésidas pretendem simbolizar a força e a importância desta figura real.

Seti I (~1291~1279, XIX dinastia) é o único rei presente neste tipo de formação basilo fórica que não foi deificado. De qualquer modo, a sua nomeação é, plenamente, justificada pelo papel político de relevo que este rei teve no princípio da XIX dinastia, fazendo renascer a política de conquista no Médio Oriente e restabelecendo a influência egípcia até ao sul da Síria (356).

É, também, curioso verificarmos que, mais uma vez, os adjectivos utilizados na constituição destes nomes são alusivos da ideologia e da prática dominantes no Império, onde a guerra faz do poder e do vigor, características expoenciais de qualquer ser humano. Mas este tipo de nomes basilo fóricos não se esgota aqui. Vejamos, ainda, uma outra formulação possível:

b) Frase com predicado pseudo-verbal

R^s-ms-sw-mn(w) (357)

 "Ramsés está firme"

PN I, 218, 13

⊙ ḥꜣ ḥꜣ ḥꜣ e
| ← → ←

R^c-ms-sw-ḥꜣ.w (358)

"Ramsés está satisfeito"

PN I, 219, 4; II, 373

⊙ ḥꜣ ḥꜣ ḥꜣ ḥꜣ

R^c-ms-sw-ḥꜣ(w)

"Ramsés está de volta"

PN I, 219, 5

⊙ ḥꜣ ḥꜣ ḥꜣ = ḥꜣ

R^c-ms-sw-ḥꜣ(w)-m-w3s.t

"Ramsés está aparecido em Tebas"

PN I, 219, 6

⊙ ḥꜣ ḥꜣ ḥꜣ = ḥꜣ ḥꜣ

R^c-ms-sw-ḥꜣ-m-nṯr.w

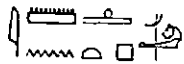
"Ramsés está aparecido graças aos deuses"

I. Pomorska, *o. c.*, p. 190 (359)

O único nome real presente neste tipo de construção é o de Ramsés II. Ele está firme (*mn.w*), está satisfeito (*hr.w*), está de volta (*hsy.w*) e está aparecido (*hy.w*), em Tebas, graças aos deuses, protegendo com o seu nome, a vida e o futuro de todos aqueles que o nomearam. E, demonstrando, mais uma vez, a sua popularidade junto da população egípcia.

Debruçemo-nos, no entanto, sobre uma outra forma de construção:

c) Predicação de identidade do tipo: X (nome rei) + sujeito



Imn-htp-wsr-h3.t

"Amenófis é um chefe poderoso"

PN I, 30, 14



Imn-htp-s3-s

"Amenófis é o filho de um homem (=aristocrata)"

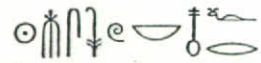
S. Whale, *o. c.*, p. 186



Imn-htp-p3-3

"Amenófis é o mais velho"

PN I, 415, 13; 415, 14



R^c-ms-sw-nb-nfr

"Ramsés é um bom homem"

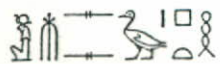
PN II, 69



R^c-ms-sw-s3-itm

"Ramsés é o filho de Atum"

PN I, 219, 7



R^c-ms-sw-s3-ptḥ

"Ramsés é o filho de Ptah"

PN I, 219, 8



R^c-ms-sw-s3-ḥpry

"Ramsés é o filho dos Khepri"

PN I, 219, 9

QUADRO X

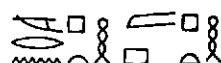
Sujeito Nome rei	wsr- -ḥ3.t	p ^c - -‘3	nb- -nfr	s3- -itm	s3- -pth	s3- -ḥpry	s3- -s
Imn-ḥtp	●	●					●
R ^c -ms-sw			●	●	●	●	

Nomes basifóricos formados com base numa predicação de identidade: X(nome divindade) + sujeito



Mais uma vez, Amenófis I e Ramsés II, os reis deificados do Império Novo, nos surgem neste tipo de formação basifofórica. A permanência e a persistência dos seus nomes neste tipo de composição vem confirmar o papel relevante que estes reis desempenharam em termos de imaginário, vencendo o tempo e o espaço, com a força do seu nome, presente pela eternidade.

d) Predicação de situação: X (nome rei) + predicado (grupo proposicional)



Mr-n-ptḥ-m-pr-ptḥ (360)

"Merneptah está na casa de Ptah"

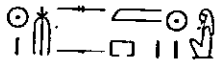
A. R. Schulman, *CdE LXV*, p. 13



R-ms-sw-m-pr-itm*

"Ramsés está na casa de Atum"

PN I, 218, 10



R^c-ms-sw-m-pr- r^c (361)

"Ramsés está na casa de Ré"

PN I, 218, 11



R^c-ms-sw-sth-pr-wmm.f (362)

"Ramsés, Set está à sua direita"

A. R. Schulman, *CdE LXX*, p. 17



Sth.j-m-pr-imn

"Seti está na casa de Amon"


PN I, 322, 9



Sth.j-m-pr-dhwtj

"Seti está na casa de Thot"

PN I, 322, 10



Stḥ.j-r-nhh

"Seti vive pela eternidade"

PN I, 322, 12

QUADRO XI

Grupo proposicional Nome rei	m-pr- -imn	m-pr- -itm	m-pr- -pth	m-pr- -r<	m-pr- -dḥwtj	r-nhh	hr-wnm.f
Mr-n-ptḥ			●				
R<-ms-sw		●		●			
R<-ms-sw,sth							●
sth.j	●				●	●	

Nomes basifóricos formados com base numa predicacão de situação: X (nome divindade) + predicado (grupo proposicional)

A leitura do quadro nº XI remete-nos, de novo, para as figuras reais da XIX dinastia, Seti I, Ramsés II e, uma novidade, Merneptah (363), décimo-terceiro filho e sucessor de Ramsés II

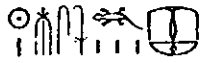
Os acontecimentos do seu curto reinado (~1213~1204) revelam que o poder militar e a segurança exterior do Egípto começavam a regredir. Mas o velho rei tentou, ainda, manter a política de construções de seu pai: um templo funerário e o hipogeu, em Tebas. Um palácio e um templo de Ptah, em Mênfis, capelas rupestres e santuários ao longo de todo o Egípto. Um Egípto povoado agora, de estrangeiros que, como no caso apresentado, alteravam o seu nome de origem e escolhiam uma nova nomeação. Neste caso, um nome alusivo à presença do seu rei na casa de Ptah, em Mênfis.

Também Seti I e Ramsés II estão presentes em nomes alusivos à sua visita a templos divinos. De Amon, de Thot, de Atum e de Ré. Curiosamente, ainda, o nome de Ramsés surge-nos, num exemplo, ligado ao nome do deus Set, divindade que ao longo da XIX dinastia irá alcançar um certo prestígio e poder (364), mercê da protecção dos reis deste período, provenientes do Delta oriental, local onde Set era adorado como divindade tutelar (365). Assim, Seti I e, mais tarde, Ramsés II irão demonstrar uma evidente predilecção pela sua divindade ancestral. No entanto, fê-lo-ão com a prudência necessária, de modo a não chocar as castas dominantes e a mentalidade de todos aqueles fieis que ainda viam Set como o deus criminoso, responsável pela morte de Osíris, origem de todo o mal, da desordem e da confusão.

Deste modo, a ligação do nome de Set ao nome de Ramsés não é, senão, uma manifestação exterior e, plenamente assumida, de uma preferência político-religiosa.

Quanto ao último exemplo aqui citado, ele é formado com o nome do rei Seti, que vive pela eternidade (*r nḥt*), graças à força do seu nome. Graças àquilo que ele fez, em vida, para alcançar a eternidade do nome.

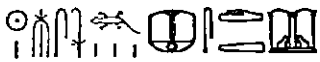
e) Nomes com base numa anexão de qualificação



R^c-ms-sw-š3-hb(w)

"Ramsés é rico em jubileus"

PN I, 218, 7



R^c-ms-sw-š3-hb-sd

"Ramsés é rico em festas-sed"

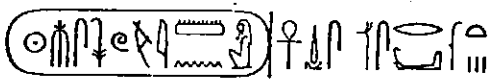
M. Vallogia, *o. c.*, p. 173



R^c-ms-sw-wsr-phity

"Ramsés é poderoso de vigor"

PN I, 218, 8



R^c-ms-sw-mry-imm-wsr-rnp.wt

"Ramsés, o amado de Amon, é rico em anos"

PN I, 218, 15

os homens e as mulheres da necrópole tebana davam-lhe corpo e alma, mantendo vivo, pela eternidade, o seu patrono e protector

Seti I, segundo rei da XIX dinastia, não teve o impacto e a importância de Amenófis I, no coração dos homens do seu tempo. Não foi deificado, no entanto o seu nome foi um dos escolhidos para a nomeação de um certo número de recém-nascidos.

A glória deste rei está indissolúvelmente ligada à conjuntura que o vê nascer. O Egipto vive então uma fase de "reconstrução" após os acontecimentos nefastos que ditaram o final da XVIII dinastia. E caberá a Seti I restabelecer o antigo prestígio internacional, após a pacificação do território desde Napata até ao mar. Dobrar os líbios, a oeste, e os beduínos que perturbavam a ocidente a circulação comercial para Gaza. Depois é a reconquista da Palestina e da Transjordânia. E a marcha para Norte, provocando o primeiro encontro desta nova época, com os Hititas (382). Abrindo caminho para o reinado glorioso do seu filho e sucessor, Ramsés II.

A tranquilidade e a prosperidade voltavam a reinar no território egípcio e Seti I agradecia aos deuses a sua protecção, glorificando-os através de uma política de construção: "o templo de milhões de anos" em Gurna (383), o grande hipogeu do Vale dos Reis e a gigantesca sala hipóstila de Karnak.

Era uma nova época que se anunciava, gloriosa e rica, sob o olhar protector do seu mais directo responsável, Seti I, pai e educador da grande figura deste reinado, Ramsés II. O rei que compreendeu melhor do que qualquer outro, que a glória e a estabilidade da civilização egípcia dependia, em primeiro lugar e fundamentalmente, da sua capacidade de gerir um colectivo, permitindo-lhe sonhar e transformando esse sonho numa força invencível, materializada na solidez da pedra e na eternidade da palavra. Por isso, Ramsés II (384) ficou para a história como o mais carismático de todos os reis egípcios, ultrapassando mesmo as grandes figuras do seu tempo: Tutmósis III e Amenófis IV.

Ramsés II, familiarizado já com o ofício de reinar, dado ter sido co-regente de seu pai, conduzirá, de novo, o Egipto à glória e à

Os últimos quatro nomes que nos surgem neste tipo de formação basilo fórica são, todos eles, formados com o nome do rei Ramsés II. Dois deles afirmam-nos que este rei "é rico em jubileus" (*š3-ḥb.w*) ou "festas-sed" (*š3-ḥb-sd*). Com efeito, de todos os reis egípcios, Ramsés II, dada a sua longevidade, foi aquele que celebrou mais jubileus, treze, concretamente (366).

O jubileu ou festa-sed, como era designado pelos egípcios antigos, correspondia a um conjunto de rituais (367) que visavam garantir um renovamento ou renascimento da pessoa e do poder faraónico. Estes eram efectuados, pela primeira vez, ao fim de trinta anos de reinado e não tinham uma regra fixa quanto à data da sua realização. Podiam inscrever-se no curso individual da carreira faraónica e festejar, por exemplo, o aniversário do coroamento real ou corresponder, simplesmente, a um fenómeno de importância cósmica. De qualquer modo, a realização destas festividades era fundamental para garantir o brilho permanente da soberania faraónica, pois no fim de um ciclo de reinado, o faraó necessitava de "regenerar-se", a fim de inaugurar uma nova era da sua soberania. Esta correspondia a uma espécie de renascimento da pessoa e do poder real, simbolizando, deste modo, o triunfo do faraó sobre a velhice e sobre a morte, a ultrapassagem do seu destino de mortal (368).

De todos os reis egípcios, Ramsés II foi aquele que celebrou mais festas-sed, "renovando" ou "regenerando" assim, ciclicamente, o seu poder e as suas capacidades reais. Podemos nós questionar-nos, hoje, se o fez porque viveu mais anos do que qualquer outro rei egípcio ou, pelo contrário, se viveu mais anos, exactamente por que regularmente passou por um cerimonial "mágico" de renascimento. Independentemente da resposta, os egípcios antigos irão recordá-lo, sempre, como o rei "rico em jubileus" (*š3-ḥb.w*) ou festas-sed (*š3-ḥb-sd*). E, talvez por causa delas, ele se tenha tornado num rei "poderoso de vigor" (*wsr-pḥty*).

Através dos nomes próprios, nós descortinamos uma história. A história dos homens que viveram num certo tempo e que expressaram, através dos seus nomes, as suas preocupações e emoções. A realidade do seu tempo.

Amenófis I, Seti I e Ramsés II são as três figuras que parecem ter tocado mais profundamente o coração dos homens do Império Novo. Resta-nos, agora, esclarecer as razões desta "eleição".

Amenófis I, segundo rei da XVIII dinastia, veio restabelecer a soberania egípcia até à segunda catarata, acabando com as contínuas rebeliões núbias que se tinham feito sentir durante o Segundo Período Intermédio. Pacificou o Egito, internamente. Revivificou a cultura, dando um grande impulso à política de inventariação e de reprodução das obras antigas. Inovou em termos funerários, separando pela primeira vez, o túmulo real que mandou construir na necrópole tebana, do templo funerário. Criou uma organização encarregada de decorar este túmulo, dando assim origem à comunidade de artífices e de artesãos da "montanha sagrada". Estes não o esqueceram e tornaram-no objecto de um dos cultos mais importantes e populares na zona ocidental tebana (369). O culto ao rei Amenófis I deificado (370), no terceiro mês de *pṛt* (371).

Esta festividade (372) começava com o enterramento simbólico do rei divinizado, no décimo-quinto dia deste mês. A vinte e um, a estátua de Amenófis I era conduzida até ao Vale dos Reis. Aí retiravam-se de um armazém os potes de *smi* (373) que, então, eram oferecidos aos artesãos, por um escriba (374). No dia vinte e oito, os homens preparavam a cerveja e a vinte e nove começava a festa propriamente dita, para a qual eram também convidadas as mulheres e as crianças. Esta durava quatro dias, durante os quais corria a cerveja e os homens davam largas ao seu contentamento. Neste período, o "rei deificado" produzia os seus oráculos, respondendo assim aos anseios e preocupações de todos os fiéis que procuravam nele uma resposta para as suas dores mais íntimas.

A importância do culto a Amenófis I deificado é, ainda, testemunhado pela variedade e abundância dos sacerdotes que o garantem (375): vários "profetas" ou "Primeiros Profetas" (*ḥm-ntr tpy*) (376), uma quantidade considerável de sacerdotes *wꜥb* (377), um sacerdote-leitor (*ḥry-ḥb*) (378), um *ꜥꜣ n* (379), um portador de leque (*ḥbs bnt*) (380) e dois *šmsw* (381).

Os sacerdotes garantiam a realização do culto ao rei Amenófis I e

prosperidade do passado.

A situação internacional não lhe é favorável. Na zona do Retenu, o poderio hitita apresenta-se consolidado. Mas Ramsés II sabe que a realização do "sonho egípcio" passa por um confronto entre os velhos rivais. Este terá lugar no ano quinto do seu reinado.

O exército egípcio irá enfrentar uma coligação (385), liderada pelo rei hitita Muwatalli, em Kadesh. A descrição da batalha (386) dá-nos, de imediato, a visão de dois vencedores. De um lado, o exército egípcio, massacrado nos primeiros momentos, mas depois vitoriosamente conduzido pela mão do seu rei, que obrigará os coligados a abandonar, desordenadamente, a zona de Kadesh. Do outro, o exército hitita que após um primeiro momento de vitória, prefere abandonar o "campo de batalha", aonde regressará após as tropas egípcias partirem "vitoriosas" para a "terra dos faraós".

Com este confronto, Ramsés II consegue, simultaneamente, restabelecer a confiança e auto-estima do colectivo egípcio e renovar o orgulho nacional, no exterior. Kadesh é uma manobra de propaganda real e Ramsés II, o seu sábio mentor (387).

Alguns anos mais tarde, quando a ameaça assíria (388) se faz sentir na cena internacional, de novo, o rei egípcio dá provas de uma sabedoria e diplomacia, sem igual. Sela então uma aliança com o velho rei hitita, um tratado de paz (389) e cooperação, tendente a não permitir o avanço do exército assírio para os territórios dos dois senhores. Finalmente, o Egipto reencontrara a paz e a tranquilidade há tanto tempo sonhada. Mas sem perder o seu orgulho e a sua "dimensão imperial". As fronteiras do império de Ramsés estendem-se de Kush, na Alta Núbia, ao sul do Líbano, incluindo ainda a planície de Damasco (390).

No interior destas fronteiras reina um único senhor, Ramsés II, o faraó triunfante, que irá imortalizar na pedra a sua glória, a glória e a magestade do Egipto, dos seus deuses e dos seus homens, dando assim início a um vasto programa de construções que testemunham a grandeza do seu reinado (391): uma nova capital, Pi-Ramsés (392), dois templos em Abu-Simbel, o seu templo tebano-o Ramessum (393), a decoração dos

templos mandados erigir por seu pai (Abidos, Gurna e a sala hipóstila de Karnak), os seus obeliscos e os seus colossos. A sua presença, materializada na pedra, eternizada pela força do seu nome, estende-se por todo o país, do Delta à Núbia (394), para que todos os homens pudessem olhar e louvar a magestade do seu faraó.

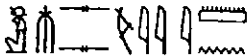
O seu reinado foi dos mais longos da história egípcia (395), permitindo-lhe celebrar treze jubileus e gerar mais de uma centena de filhos. Durante este período foi fiel aos homens e aos deuses. Hábil nas suas relações com o clero tebano de Amon (396), favorecendo, no entanto, o culto heliopolitano do sol e promovendo o culto de Set, patrono da sua família. Adorou divindades cananaicas e propôs mesmo a adoração de ídolos particulares designados como "deuses de Ramsés" (397).

Revolucionário em termos políticos, artísticos e religiosos, Ramsés II foi-o também em termos económicos. Iniciou uma espécie de "reforma agrária" que consistia, principalmente, na divisão do solo em lotes de uma superfície constante e na atribuição destas terras, particularmente, aos seus soldados (398).

Por tudo isto, os homens não o esqueceram. Em Deir el-Medina construíram-lhe o único verdadeiro templo dedicado à glória de um rei, a "residência de Ramsés II", onde se rendia culto ao seu *Ka* real (399).

O "rei triunfante" soubera impôr-se no tempo e na história.

f) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre um participio


R^s-ms-sw-my-im

"Ramsés é o amado de Amon"

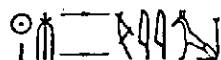
PN I, 218, 14



R^c-ms-sw-mry-itm

"Ramsés é o amado de Atum"

PN I, 218, 16



R^c-ms-sw-mry-sth (400)

"Ramsés é o amado de Set"

PN I, 219, 2

Terminámos a análise da penúltima listagem de nomes, dizendo: "O rei triunfante (Ramsés II) soubera impôr-se no tempo e na história". Por isso, ele nos surge, simultaneamente, como o "amado" de Atum, (*mry-itm*), o demiurgo de Heliópolis, que remonta aos primeiros tempos da história egípcia, como o "amado de Amon" (*mry-imn*), o criador tebano, patrono do Império e, ainda como o "amado de Set" (*mry-sth*), o "deus maldito" do mito osiríaco que, pela sua mão é, de novo, conduzido a um protagonismo que lhe fora retirado nas origens da história dos homens e dos deuses.


Ramsés II, o amado dos deuses, soubera impôr-se, moldando a própria mentalidade ancestral dos egípcios, alargando-a a um novo mundo que se abria perante os seu olhos de sábio.

3.1.2.2- Nomes formados com o pré-nome de um rei

Nesta segunda classificação entram todos os nomes formados com o pré-nome ou nome de coroamento de um rei. Estes podem apresentar-se na forma de uma frase do tipo: Sujeito (X- pré-nome real) + adjectivo epéteto, na forma de uma frase com predicado pseudo-verbal (X - pré-nome real + predicado pseudo-verbal) e através de uma predicacão de situação: sujeito (X- pré-nome real) + predicado (grupo proposicional).

Vejamos, então, os reis que nos surgem nas diferentes situações

a) Sujeito (pré-nome real) + adjectivo epíteto


Wsr-ḥ. W-rꜥ-nḥt

"O vigoroso Wsr-ḥ. W-rꜥ" (401)

PN I, 86, 7



Wsr-m3^c.t-r^c-nht

"O vigoroso *Wsr-m3^c.t-r^c*" (402)

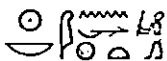
PN I, 85, 16



Mn-m3^c.t-r^c-nht

"O vigoroso *Mn-m3^c.t-r^c*" (403)

PN I, 150, 7



Nb-m3^c.t-r^c-nht

"O vigoroso *Nb-m3^c.t-r^c*" (404)

PN I, 184, 27

A análise desta pequena listagem permite-nos, de imediato, dois tipos de constatações. A primeira é a de que todos estes nomes basifóricos são formados com o adjectivo *nht* (vigoroso) que, ao longo deste trabalho, nos tem surgido sempre como um dos qualificativos fundamentais dos homens e dos deuses egípcios, deste período, demonstrando bem que a concepção imperial egípcia assentava, fundamentalmente, numa prática guerreira onde o vigor era uma qualidade essencial.

A segunda constatação é a de que Seti I e Ramsés II surgem, de facto, como duas figuras fundamentais, continuamente rememoradas pelo homem egípcio. Seti I, com o seu pré-nome de *Mn-m3.t-r* "Firme de Maat é Ré", transporta consigo a mensagem da "maatização" do deus solar, reafirmada ainda no pré-nome de Ramsés II: *Wsr-m3.t-r* "Poderoso de Maat é Ré".

Esta mensagem explicita-nos dois aspectos fundamentais da monarquia faraónica: que o rei foi instalado sobre a terra do Egipto, por Ré, o demiurgo, para cumprir uma função definida e que essa função consistia na plena realização de Maat (405), no estabelecimento de uma ordem social e na conquista de uma integração universal (406).

Era este o "programa" de reinado de Seti I e de Ramsés II. Pai e filho marcaram profundamente uma época. Cumpriram o seu destino e, por isso, a sua memória persistiu entre os homens, pela força do seu nome criador.

Curiosamente, também outro dos reis citados neste tipo de formação basifórica, Amenófis III (~1391~1353), nono rei da XVIII dinastia, apresenta um pré-nome que obedece à mesma mensagem dos reis anteriores: *Nb-m3.t-r*, "O senhor de Maat é Ré", demonstrando assim a importância da "maatização" do deus solar, ao longo de todo o Império.

O reinado de Amenófis III, caracterizado politicamente pelo domínio hegemónico do Egipto na zona da Ásia, mantido graças aos tratados de paz e cooperação com os Mitânios (407), é um reinado de riqueza e de ostentação. O ouro da Núbia e os produtos que chegam de todos os pontos do Império garantem o fausto imperial.

A sociedade egípcia torna-se fortemente cosmopolita. Refina-se e esse refinamento é perceptível na arte, no vestuário e nas cabeleiras. Abre-se ao mundo, acolhendo novas gentes, novas ideias, novos costumes e novas crenças. A língua transforma-se (408) e o rei, figura emblemática do novo mundo que se avizinha, publicita de uma forma eficaz as suas acções (409).

O reinado de Amenófis III fecha um ciclo da história recente egípcia. E talvez por isso é recordado com saudade e orgulho pelos seus

cidadãos. A porta que se abre, com Amenófis IV, à sua morte, trará ao Egito novas e revolucionárias tonalidades. Mas elas nunca serão verdadeiramente entendidas pelo "coração" dos homens que habitavam o Vale do Nilo.

O último rei que nos surge neste tipo de formação basifórica é Sethnakhte (~1190~1189), primeiro rei da XX dinastia, cujo pré-nome real, *Wsr-ḥr. W-r* "Poderoso de aparecimentos em glória é Ré", consagra ainda o credo solar.

O seu curto reinado (410) corresponde à liquidação da guerra civil e da anarquia moral que se instalara no Egito, nos finais da XIX dinastia. Não deixou grandes testemunhos da sua obra, mas o seu nome é recordado em memória da sua tentativa de prolongar o sonho egípcio de grandeza e de glória durante mais alguns anos.

b) Frase com predicado pseudo-verbal

ⲟⲓⲃⲡⲓ

°3-ḥpr-r°-snb.(w)

"°3-ḥpr-r° (411) está de boa saúde"

PN 1, 58, 2

ⲟⲓⲃⲡⲓ

°3-ḥpr-k3-r°-snb.(w)

"*ḥ3-ḥpr-k3-rꜥ* (412) está de boa saúde"

PN I, 5B, 7

𓄎𓄏𓄐𓄑

Mn-ḥpr-rꜥ-snb.(w) (413)

"*Mn-ḥpr-rꜥ* (414) está de boa saúde"

PN I, 150, 15

𓄎𓄏𓄐𓄑

ḥpr-k3-rꜥ-snb.(w)

"*ḥpr-k3-rꜥ* (415) está de boa saúde"

PN I, 269, 3

𓄎𓄏𓄐𓄑

Dsr-k3-rꜥ-snb.(w) (416)

"*Dsr-k3-rꜥ* (417) está de boa saúde"

PN I, 409, 12

A análise desta listagem de nomes alerta-nos para a "boa saúde" (*snb*) de um certo número de faraós. Esta era uma das fórmulas utilizadas para demonstrar a permanência do ser, no meio da colectividade. Curiosamente, os reis que nos surgem neste tipo de formação remontam todos à XVIII dinastia, a mais gloriosa do Império Novo, com excepção de Sesóstris I, segundo rei da XII dinastia, considerada também como a mais importante do Império Médio.

Os dois períodos mais significativos da história recente egípcia são assim recordados e eternizados pela nomeação de alguns dos seus protagonistas fundamentais.

Sesóstris I (~1971-1926), o faraó do Império Médio que os egípcios do Império Novo eternizam através da função criadora da nomeação, transporta no seu pré-nome *hpr-k3-r* "Trazido à existência é o *Ka* de Ré", a sua própria filiação divina, solar, apresentando-se assim como o representante legítimo de Ré no trono do Egipto. É esta legitimidade que lhe garante a ultrapassagem da grave crise política gerada após o assassinato de seu pai, Amenemá I (418). É ela, ainda, que está na base de toda a produção literária apologética produzida ao longo do seu reinado: *O Ensino do rei Amenemá I* (419), espécie de testamento político proferido pelo rei assassinado, *O Conto de Sinuhé* (420), obra prima da literatura egípcia que ilustra o tema da clemência de Sesóstris I e *O Ensino Lealista* (421), tratado sapiencial que apelava à fidelidade à monarquia.

Estas obras são bem um testemunho de propaganda real dirigida especialmente à elite letrada, responsável pelas tentativas divisionistas no seio da sociedade egípcia.

Demonstrando uma sabedoria invulgar, Sesóstris I, consegue, deste modo, garantir a estabilidade interna do reino. Externamente, a sua expedição contra os líbios, no início do seu reinado, e as operações na Núbia asseguram a tranquilidade das fronteiras egípcias.

O Egipto conhece assim um dos seus períodos mais tranquilos e mais profícuos em termos literários e artísticos (422). E, Sesóstris I, responsável pela "maatização" do estado egípcio, transforma-se numa

lenda a que os gregos deram corpo (423). Os egípcios perpetuam o seu culto funerário em Licht, durante muito tempo e immortalizam o seu nome, através da dimensão nomeadora e criadora da linguagem.

Amenófis I (~1514~1493), segundo rei da XVIII dinastia é, como já vimos anteriormente, um rei deificado pelos seus cidadãos. Curiosamente, o seu pré-nome real surge-nos com uma mensagem muito semelhante à de Sesóstris I: *Dsr-k3-R* "Esplêndido é o *Ka* de Ré", demonstrando assim a persistência da fonte solar sobre todas as outras realidades divinas e a legitimidade da sua função real sobre a terra do Egipto.

Tutmósis I (~1493~1481), terceiro rei da XVIII dinastia, é outra das figuras reais citadas neste tipo de formação basifórica.

O seu curto reinado de onze anos e nove meses lança os alicerces da futura política imperialista seguida pelos faraós da XVIII dinastia.

Ao sul, a fronteira egípcia estende-se até à 3ª catarata. Ao norte, as incursões reais alongam-se até Carcemish e ao Eufrates, renunciando já as pretensões do Egipto sobre esta região (424).

Mênfis, melhor colocada estrategicamente do que Tebas, e enriquecida com a construção de um porto fluvial e de uma residência real, transforma-se no ponto de partida privilegiado para a Ásia. Por isso, é em Mênfis que se fixa um exército permanente, equipado com carros e dirigido pelo príncipe herdeiro. Mas Tebas, a cidade do deus Amon, não é negligenciada. Novas construções, supervisionadas pelo arquitecto Inéni, vêm enriquecer o aspecto monumental da cidade (425).

Tutmósis I, o percursos das grandes figuras imperiais do Novo Império, encarna bem a diversidade de facetas inerentes ao faraó: chefe político e diplomático, chefe militar e suprema referência religiosa. É esta a mensagem veiculada pelo seu nome de coroamento, o seu pré-nome real: *3-hpr(w)-k3-r* "Grande de formas é o *Ka* de Ré".

Tutmósis III (~1478~1426) (426), quinto faraó da XVIII dinastia, é a quarta figura real citada neste tipo de formação basifórica. O seu reinado de cinquenta e três anos corresponde, sem dúvida, ao período mais glorioso da história egípcia do Império Novo. Um período de grandes alterações políticas, económicas, sociais e mentais.

O Egípto irá transformar-se, pela mão de Tutmósis III, no maior império da Antiguidade. As suas fronteiras estendem-se da IV catarata, ao sul, até ao Eufrates. Durante vinte anos, Tutmósis III realiza dezassete operações militares (427), estendendo progressivamente a influência egípcia na zona da Ásia, submetendo sírios e cananeus e anulando a pretensão mitânica sobre a zona do Naharina.

As consequências económicas da política imperialista de Tutmósis III, rapidamente se farão sentir. O Egípto transforma-se numa país de novas e renovadas riquezas, provenientes dos saques da guerra, dos tributos pagos pelos povos submetidos e do comércio internacional que controla, agora, com eficácia (428). Mas todas estas riquezas irão reflectir-se, também, no tecido social. O clero de Amon, suporte ideológico da política de conquista e a casta militar, instrumento de criação e conservação do império, irão ser premiados pelas suas actividades. Assim, ligada à nova realidade económica surge agora uma nova estruturação social, onde sacerdotes e militares ocupam o primeiro lugar.

A noção de Império alterara, visivelmente, a face e o coração do Antigo Egípto que agora se abria a novas formulações divinas, a novas criações artísticas e literárias, que transportavam consigo uma mensagem imperial.

Tutmósis III não foi só a grande figura da XVIII dinastia. Ele foi a própria expressão do Império bem simbolizada no seu pré-nome real: *Min-hpr-r* "A forma de Ré permanece" (429).

Resta-nos, agora, recordar a última figura real citada neste tipo de formação basifórica: Amenófis II (~1426~1401) (430), sexto faraó da XVIII dinastia.

O seu reinado de vinte e cinco anos é consagrado, por um lado, a defender a hegemonia egípcia no levante (431), tão brilhantemente consolidada por seu pai, Tutmósis III e, por outro, a continuar a actividade de construções também iniciadas no reinado anterior (432).

Durante este período são já bem visíveis as consequências da abertura egípcia ao mundo. O contacto com outros povos provocará,

inevitavelmente, fenômenos de aculturação. Novos costumes e novos deuses vão penetrando, lentamente, no solo egípcio, alterando, significativamente, a postura e o espírito do novo rei (433) e da corte que o acompanha. Mas a marca visível da velha tradição faraônica persiste no seu nome de coroamento: *‘3-hpr.w-r’* "Grande de formas é Ré".

c) Predicação de situação: X (pré-nome real) + predicado (grupo proposicional)



‘3-hpr.w-r-(r)-nhh

" *‘3-hpr.w-r’* (434) vive pela eternidade"

PN 1, 58, 3



Wsr-m3.t-r-m-hb

" *Wsr-m3.t-r* (435) está em festa"

PN 1, 85, 15



Nb-m3^c. t-r^c(r)-nhh

"*Nb-m3^c. t-r^c* (436) vive pela eternidade"

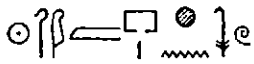
PN I, 184, 26



Nfr-k3-r^c-m-pr-imm (437)

"*Nfr-k3-r^c* (438) está na casa de Amon"

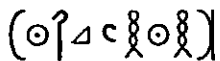
PN I, 200, 19



Hk3-m3^c. t-r^c-m-pr-hns.w

"*Hk3-m3^c. t-r^c* (439) está na casa de Khonsu"

PN I, 256, 9



Hk3-m3^c. t-r^c-(r)-nhh (440)

"*Hk3-m3^c. t-r^c* vive pela eternidade"

PN II, 308, 12

QUADRO XII

Grupo Pre- -nome real proposicio- nal	m-pr-imo	m-pr-hns.w	m-hb	r-nhh
'3-hpr.w-r				●
wsr-m3'.t-r			●	
nb-m3'.t-r				●
nfr-k3-r	●			
hk3-m3'.t-r		●		●

**Nomes basilo-fóricos formados com um pré-nome real:
X(pré-nome real) + predicado(grupo proposicional)**

A análise do quadro nº XII dá-nos conta de uma realidade bem mais rica e variada, do que aquela que foi veiculada pelos quadros anteriores. Dos cinco reis citados, só dois deles nos surgem pela primeira vez neste tipo de formação basilo-fórica: Ramsés IV e Ramsés IX, dois faraós da XX dinastia, que corresponde ao período obscuro dos Ramesséssidas. Os outros, Amenófis II, Amenófis III e Ramsés II já tinham

aparecido, mais do que uma vez, nesta composição tão particular.

Curiosa é, ainda, a diversidade de informações veiculada por estes nomes basilofóricos. Amenófis II, Amenófis III e Ramsés IV "vivem pela eternidade" (*r nḥḥ*), demonstrando assim a persistência do seu nome e da sua memória entre os homens e os deuses, sobre a terra do Egito e no "mundo dos ocidentais".

Ramsés IV (~1156~1106), um dos faraós citados pela primeira vez nesta formação basilofórica, é uma figura apagada e com pouca expressão política.

O Egito vivia, então, um período de decadência institucional e moral (441), intensificada pela crise económica e pela perda dos seus referenciais imperiais. E, talvez por isso, Ramsés IV entrega-se, fundamentalmente, à dimensão religiosa da sua função. Vira-se para os deuses e procura neles a glória que os seus antepassados alcançaram por outros meios. Reclama a Osiris um governo longo (442), tão longo como o de Ramsés II, julgando assim reviver o sonho de uma outra época. A morte, com todos os seus significados, transforma-se numa realidade obsessiva a que é preciso escapar. Ramsés IV multiplica as doações a Osiris (443), procurando, deste modo, garantir a sua sobrevivência. Comprar a sua imortalidade. No entanto, o seu nome de coroamento transporta ainda a mensagem dos tempos tranquilos do passado: *Hk3-m3^c.t-r^c* "O soberano de Maat é Ré", numa tentativa forçada de negar um presente, onde a realidade da justiça (Maat) já não tinha lugar.

Os egípcios viviam o "fim dos tempos" e embora Ramsés IV e Ramsés IX mantenham a sua ligação à casta tebana, visível nas formulações: *Hk3-m3^c.t-r^c-m-pr-ḥnsw* "Hk3-m3^c.t-r^c está na casa de Khonsu" e *Nfr-K3-r^c (444)-m-pr-imn* "Nfr-K3-r^c está na casa de Amon", esta já não lhes garante uma protecção ideológico-política. A crise de valores vivida no seio da sociedade põe em causa a instituição monárquica e abre as suas portas a um novo modelo social, a Teocracia (445).

Os tempos gloriosos dos faraós da XVIII e XIX dinastias pertenciam ao passado. Um passado que tinha permitido a Amenófis II e a Amenófis III "viver pela eternidade" (*r nḥḥ*). Um passado que recordava Ramsés II, como

o rei "sempre em festa", dado o número dos seus jubileus reais. Por isso, ele nos surge aqui numa formulação tão particular: *Wsr-m3^c.t-r^c-m-hb* " *Wsr-m3^c.t-r^c* está em festa".

Estes foram os reis que os antigos egípcios recordaram e eternizaram através dos seus nomes. Eles desenham uma época, transportando consigo realidades políticas, económicas e sociais. Por detrás delas, está o homem. O coração e a alma do homem egípcio, criador e produto criado, de toda uma civilização. "Ele não estava sozinho no nada. Ele era e estava. Era tempo e espaço, movimento. Fazia parte de uma poesia cuja rotura só ele próprio poderia romper" (446). Por isso, se agarrava tanto às palavras, por que elas "eram e agiam" (447). Divinas, criadoras, onipotentes, donas do homem e do conjunto da natureza, nomeando e especificando, pela eternidade.

3.2-Nomes Endofóricos

Os nomes endofóricos são todos aqueles nomes que implicam uma relação imediata com o portador do nome e/ou com os seus progenitores. Nesta classificação iremos encontrar, de novo, nomes teofóricos, nomes basifóricos e, ainda, uma terceira categoria que poderemos designar de "nomes de conteúdo profano" (448).

3.2.1- Nomes Teofóricos

Os nomes teofóricos, como já referimos anteriormente, são todos aqueles nomes em cuja composição entra o nome de uma ou mais divindades, segundo modelos de formação semântica diversos e respondendo a diferentes funções.


Os nomes teofóricos endofóricos expressam-nos, de uma forma mais clara, a piedade pessoal dos antigos egípcios, assente numa relação íntima com a divindade.

A problemática do nascimento traz, inevitavelmente, ligada a si, a presença da morte. Morriam muitas crianças, durante o parto, no Antigo Egipto. Outras não ultrapassavam a adolescência e a esperança de vida era, como já vimos anteriormente, muito curta. Assim, os progenitores dirigiam-se, directamente, à divindade para pedir uma criança e para garantir a sua protecção. E, deste modo, o recém-nascido surgia, invariavelmente, como pertença de uma divindade a quem os pais tinham dirigido os seus clamores e as suas orações.


3.2.1.1- Nomes que indicam que o portador do nome foi pedido e obtido graças a uma divindade

O desejo natural de ter um filho é reforçado, no Antigo Egito, pela necessidade de um herdeiro para cumprir os rituais funerários e o culto funerário após a morte de seus pais (449), cuja "sobrevivência" dependia, em grande parte, da manutenção destas práticas. Assim, podemos compreender a existência de nomes que expressam claramente o facto de uma criança ter sido pedida a uma divindade. Esta prática, bem estabelecida desde épocas mais recuadas (450), apresenta no Império Novo um número significativo de diferentes formações onomásticas.

a) Nomes com a forma de uma frase verbal complexa (451)

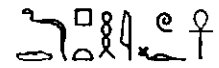

Dd-3s.t-iw.s-ꜥnh
"Isis disse: ela viverá"

PN I, 409, 17


Dd-inhr.t-iw.f-ꜥnh

"Onuris disse: ele viverá"

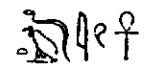
PN I, 410, 4



Pd-ptḥ-iw.f-ꜥnh

"Ptah disse: ele viverá"

PN I, 410, 11



Pd-mw.t-iw.f-ꜥnh

"Mut disse: ele viverá"

A. Gasse, *o. c.*, pp. 94 e 164



Pd-ḥr-iw.f-ꜥnh

"Hórus disse: ele viverá"

PN I, 411, 17



Dd-hns.w-iw.f-ꜥnb (452)

"Khonsu disse: ele viverá"

PN I, 412, 4

QUADRO XIII

2ª parte \ 1ª parte	<i>iw.s-ꜥnb</i>	<i>iw.f-ꜥnb</i>
<i>dd-ꜥs.t</i>	●	
<i>dd-inḥr.t</i>		●
<i>dd-ptḥ</i>		●
<i>gd-mw.t</i>		●
<i>dd-ḥr</i>		●
<i>dd-hns.w</i>		●

Nomes teofóricos endofóricos com a forma de uma frase verbal complexa

Todos estes nomes se reportam à consulta de oráculos (453), uma prática muito utilizada no Império Novo pelos particulares que, deste modo, colocavam directamente à sua divindade de eleição, as suas dúvidas

e súplicas relativamente a questões fundamentais (454). Neste caso, o nascimento e a sobrevivência de um herdeiro.

Dos seis nomes citados, só um se reporta a uma figura feminina, o que demonstra bem uma preocupação mais preemente relativamente ao herdeiro masculino. Era ele que garantia a "sobrevivência" do nome dos seus progenitores, era ele que herdava o ofício ou o cargo e era ele ainda o responsável pela continuação da linhagem.

As divindades que nos surgem nesta consulta oracular são, todas elas, grandes divindades tutelares do solo egípcio: Isis, a deusa mãe por excelência, Onuris, antigo deus da caça e senhor do deserto, Ptah, o deus criador menfita, senhor dos artífices e dos artesãos, Mut, a senhora de Tebas, Hórus, deus do céu e da realeza e, finalmente, Khonsu, o deus lunar de Tebas.

A presença destes deuses nos nomes próprios demonstra-nos a profunda ligação que os progenitores tinham com as suas divindades de eleição.

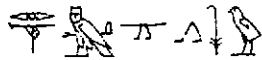
b) Nomes com a forma de "cleft sentence" (455)



Imn-ms-sw

"Foi Amon que o pôs no mundo"

PN I, 29, 9



Min. W-ms-sw

"Foi Min que o pôs no mundo"

PN I, 152, 3



Ré-ms-sw (456)

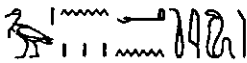
"Foi Ré que o pôs no mundo"

PN I, 218, 6

Também estes três nomes traduzem uma certeza. A de que o nascimento do portador do nome se deve, fundamentalmente, à protecção da sua divindade tutelar: Amon, Min ou Ré, todos eles deuses de características criadoras, como já vimos anteriormente.

O aproveitamento destas características, destas potencialidades é, neste caso, canalizado para o acto particular de gerar a vida. Era assim, de uma forma simples e directa, que os homens e os deuses conviviam no Antigo Egipto, por altura do Império Novo.

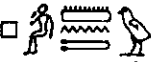
**c) Nomes incompletos do tipo: bn + X (nome divindade);
p³-šri-(n)-X (nome divindade); s³ /s³ .t + X (nome
divindade) e šri + X (nome divindade)**


an-ʿnt (457)

"O filho de Anat"


M. Thirion, *RdE* 31, p. 84

PN I, 96, 17; II, 277, 5


p3-šri-(n)-mnt.w


"O filho de Montu"

PN I, 118, 22


s3-3s.t (458)

"O filho de Isis"

PN I, 280, B


s3-ʿmn (459)

"O filho de Amon"

PN I, 280, 22



s3-in.hr.t

"O filho de Onuris"

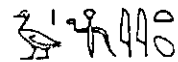
PN I, 280, 26



s3-itm

"O filho de Atum"

PN I, 281, 9



s3-w3dj.t

"O filho de Uadjat"

PN I, 281, 12



s3-b3stt

"O filho de Bastet"

M. Thirion, *RdE* 33, p. 85

PN I, 281, 19



s3-ptḥ

"O filho de Ptah"

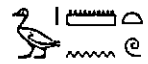
PN I, 282, 1



s3-mwt (460)

"O filho de Mut"

PN I, 282, 3



s3-mnt.w (461)

"O filho de Montu"

PN I, 282, 7



s3-njt

"O filho de Neit"

PN I, 282, 15



s3-rmn wt.t

"O filho de Renenutet"

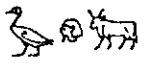
PN I, 283, 14



s3-hr-hr

"O filho de Hathor"

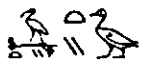
PN I, 283, 20



s3-tp-ihw

"O filho de *Tp-ihw* (462)"

PN I, 285, 1



s3-dhwtj

"O filho de Tot"

PN I, 285, 6



s3.t-kh (463)

"A filha de Ioh"

PN I, 285, 16



s3.t-amm

"A filha de Amon"

PN I, 286, 6



s3.t-in.hr.t

"A filha de Onuris"

PN I, 286, 14



s3.t-p3-r

"A filha de Rè"

PN I, 288, 15



s3.t-mw.t (464)

"A filha de Mut"

PN I, 289, 1



s3.t-mw.t-m-wi3

"A filha de Mut está na barca sagrada"

PN I, 289, 2



s3.t-mw.t-nfr.t

"A filha da bela Mut"

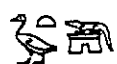
PN I, 289, 3



s3.t-r

"A filha de Ré"

PN I, 290, 21



s3. t-sbk

"A filha de Sobek"

PN I, 293, 9



s3. t-sth

"A filha de Set"

PN I, 294, 1



s3. t-dhwtj

"A filha de Tot"

PN I, 295, 5



šri. t-r'

"A filha de Ré"

PN I, 329, 15

QUADRO XIV

Divindades Tipos	zs.t	fh	imn	in.br.t	itm	nt	wsgj.t	bast.t	plh	mv.t- -m- wis	mv.t- -nfr.t	mtw	nj.t	rc	rnn- wt.t	ht-hr	sbk	slh	tp-ihw	dhwtv
bn						●														
p3-šri-(n)											●									
s3	●		●	●	●		●	●	●		●	●	●		●	●			●	●
s3.t		●	●	●					●	●	●			●			●	●		●
šri														●						

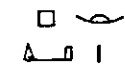
Nomes teofóricos endofóricos incompletos do tipo: $bn + X$
 $p3-šri-(n) + X$
 $s3/s3.t + X$
 $šri + X$

A maior parte dos nomes citados nesta formação teofórica endofórica são compostos com as palavras *s3* (filho) e *s3.t* (filha). O facto de só encontrarmos um exemplo formado com a expressão *ꜥ3-šrꜥ-n* (o filho de) deve-se ao facto de esta expressão ter surgido, unicamente, no princípio do Império Novo (465), para substituir exactamente as palavras *s3* e *s3.t*. No entanto, a sua vulgarização nos nomes próprios só começa a sentir-se a partir do III Período Intermédio. O exemplo formado com *bn* (o filho de) é de origem semita, como refere a propósito T. Schneider (466).

Todos estes nomes designam o recém-nascido como filho ou filha de determinada divindade a quem teriam sido pedidos. Das dezanove divindades citadas, nove referem-se a figuras femininas. Entre estas, Mut surge-nos como a deusa mais citada, demonstrando assim a influência que a ideologia tebana exerceu sobre o coração dos homens do Antigo Egipto. No entanto, Isis e Hathor, as grandes figuras do imaginário feminino, não são esquecidas. Assim como Uadjet, deusa protectora do Baixo Egipto, Bastet, a deusa gata de Bubastis, Neit, a deusa primordial da cosmogonia de Esna, que reinava em Sais, Renenutet, a deusa do trigo, venerada sobretudo no Fayum, *ꜥꜥ-ihw*, a senhora de Atfih, forma particular de designar Hathor e uma divindade estrangeira, Anat, deusa de origem siro-palestinense, adorada particularmente em Pi-Ramsés.

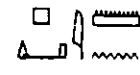
Entre os deuses, Amon, Ré, Montu, Onuris e Tot surgem-nos como as divindades mais citadas. Mas Atum, Ptah, Ioh, Sobek e Set também não são esquecidos. Cada um deles surge como o responsável divino pelo nascimento de uma criança, garantindo-lhe deste modo, a protecção ao longo de toda a vida e pela eternidade.

d) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre uma forma relativa


p3-dj-i'ḥ

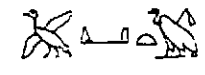
"Aquele que Ioh deu"

A. Gasse, *o. c.*, p. 129


p3-dj-imn

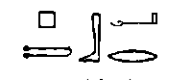
"Aquele que Amon deu"

A. Gasse, *o. c.*, pp. 20, 104 e 116


p3-dj-mw.t

"Aquele que Mut deu"

A. Gasse, *o. c.*, pp. 77, 78 e 79


p3-dj-b'ṛ

"Aquele que Baal deu"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 95
PN I, 123, 8; II, 356



p3-dj-ḥns. w (467)

"Aquele que Khonsu deu"

PN I, 125, 21



p3-dj-stḥ

"Aquele que Set deu"

A. Gasse, *o. c.*, p. 79



t3-dj.(t)-mw.t

"Aquele que Mut deu"

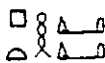
PN I, 373, 14



p3-3b. w-in.ḥr.t

"Aquele que é desejado por Dnuris"

PN I, 99, 26


 Dd.(w)-pth

"Aquele que Ptah dá"

PN I, 401, 11

QUADRO XV

Nome divindade Forma Relativa	ih	imn	in.hr.t	br	pth	mw.t	hns.w	sth
p3-3b.w			●					
p3-di	●	●		●		●	●	●
t3-di.(t)						●		
dd.(w)					●			

**Nomes teofóricos endofóricos que funcionam como
epítetos formados sobre uma forma relativa**

Os nomes do tipo *p3-di-X*, *t3-di-X* (aquele/aquele que a divindade deu) vão ser substituídos, a partir do Império Novo, pela forma *dd.w-X* (Aquele que a divindade X dá) (468). No entanto, a vulgarização desta utilização só começa a sentir-se, também, a partir do III Período Intermédio.

O recém-nascido surge, de novo, nestes nomes, como uma dádiva dos deuses. De Amon, Mut e Khonsu, a tríade tebana, de Ioh, o deus com características lunares, de Set, o antagonista complementar de Hórus, de Onuris, o deus do deserto e de Ptah, o criador menfita. Também Baal, divindade estrangeira de origem semita, marca a sua presença, demonstrando bem a influência de novas culturas no solo egípcio e a permeabilidade dos homens face a essa realidade.

Todos estes nomes apresentados nas diferentes classificações indiciam uma súplica, um pedido à divindade. Um pedido que é satisfeito, garantindo assim o nascimento de uma nova criança que traz, como herança "patrimonial", a protecção e o favor dos deuses.

3.2.1.2- Nomes que indicam que a divindade protege o progenitor ou o portador do nome

Para os antigos egípcios, o nome não só definia a natureza do ser, como exprimia o "programa" da sua realização. Assim sendo, os progenitores, preocupados com o destino dos seus filhos, dotavam-os de nomes optativos ou narrativos que os colocavam directamente sob a protecção de determinadas divindades (469). Esta protecção estendia-se, algumas vezes, ao progenitor e, em alguns casos, simultaneamente, ao progenitor e ao portador do nome, como veremos adiante.

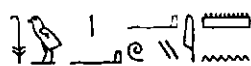
a) Predicação de situação



Nḥ-m-mw.t (470)

"A protecção está na forma de Mut"

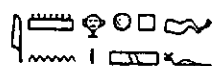
PN I, 209, 11



SW-(m-)wy-imn

"Ele está nas mãos de Amon"

PN I, 301, 23



imn-ḥr-ḥpš.t (471)

"Amon está no seu braço forte"

PN I, 30, 9



Mnt.w-hr-hpš.f (472)

"Montu está no seu braço forte"

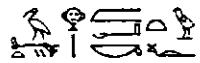
PN I, 154, 20



Sth-hr-hpš.f

"Set está no seu braço forte"

PN I, 322, 6



Dhtwy-hr-mktw.f (473)

"Tot é a sua protecção"

M. Thirion, *RdE* 33, p. 80

PN I, 408, 16; I, XXX

QUADRO XVI

Predicado \ Sujeito	m- ^t wy-imn	m-mw.t	hr-mktw.f	hr-hpš.f
Nh		●		
Sw	●			
Imn				●
Mnt.w				●
Sth				●
Dhtwy			●	

Nomes teofóricos endofóricos na forma de uma predicação de situação

A protecção divina, no Antigo Egipto e, de acordo com os exemplos citados, pode assumir uma dimensão de destino, de protecção generalizada ou ainda, de protecção canalizada para uma determinada função.

Quando se dá a um filho o nome "Ele está nas mãos de Amon" (*sw-m-ꜥ.wu-ymn*) deposita-se na mais importante divindade do Império Novo toda a responsabilidade pelo futuro do recém-nascido. A ela caberá protegê-lo e orientá-lo, convenientemente, nos desígnios divinos. O mesmo já não acontece com os outros nomes inventariados. Uns falam-nos de uma protecção generalizada, que é garantida pela divindade eleita pelos progenitores. Neste caso, Mut, a companheira tebana de Amon e Tot, o deus da sabedoria e da justiça. Outros canalizam essa protecção para uma função específica, procurando assim uma eficácia que poderá ser extremamente importante em termos de integração profissional.

Num Império em que a guerra é a expressão dominante em termos políticos, a carreira militar (474) assume um papel preponderante. Deste modo, os progenitores procuravam assegurar para o recém-nascido um auxílio canalizado especificamente para determinada função: a das armas. E ao fazê-lo, reclamavam a tutela de Amon, Montu e Set, todos eles deuses com características guerreiras, vitoriosos e soberanos, nos seus espaços.

b) Predicação de identidade do tipo: X (nome divindade) + sujeito

ymn-t3.y-nht

"Amon é a minha força"

PN I, 415, 17

Wpwt-t3-y-nht

"Upuauate é a minha força"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 92.

Estamos, agora, perante dois exemplos de protecção dirigida à progenitora e não ao portador do nome. Amon, deus tebano, imperial, criador e protector do mundo, por excelência, surge-nos aqui como a força e o apoio necessários a uma mãe que está prestes a dar à luz. O mesmo acontece com Upuauate, "o abridor de caminhos", adorado sobretudo em Assiut. Um e outro são protagonistas de um tipo de nomeação muito particular. Uma nomeação que rememora o momento mágico de dar à luz, com todo o seu sofrimento e prazer. E ainda com a protecção e a força divinas.

c) Frase com predicado verbal

Pn-sw-ny-imn (475)

"Que Amon se volte para mim (para me perdoar)"

PN 1, 133, 5



Mf-sw-r

"Que Ré o ame"

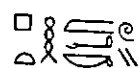
PN I, 157, 20



Msd-sw-r (476)

"Que Ré o deteste"

PN I, 165, 28



Mky-wy-pt

"Que Ptah me protega"

PN I, 166, 14



S3w-in.hrt-it.f

"Que Onuris protega o seu pai"

M. Thirion, *RdE 31*, p. 83

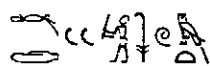
PN I, 295, 16



Šd-sw-*imn* (477)

"Que Amon o salve"

PN I, 331, 5



Šd-sw-*mw.t*

"Que Mut o salve"

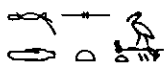
PN I, 331, 7



Šd-sw-*ḫns.w* (478)

"Que Khonsu o salve"

PN I, 331, 11



Šd-sw-*ḏḥwtj*

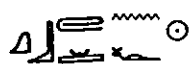
"Que Tot o salve"

A. Gasse, *o. c.*, p. 164

QUADRO XVII

Sujeito Predicado	Imn	In.hr.t	Pth	Mw.t	R ^c	Hns.w	Dhwty
Pn-sw-ny	●						
Mr-sw					●		
Msd-sw					●		
Mky-wy			●				
S3w-(X)-it.f		●					
šd-sw	●			●		●	●
K3b-n.f					●		
di-(X)-i3w			●				
di-(X)-w3s	●						

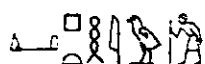
**Nomes teofóricos endofóricos na forma de uma frase
com predicado verbal**



K30-n.f-r

"Que Ré a duplique"

PN I, 333, 6



Di-ptah-izw (479)

"Que Ptah dê a velhice"

M. Thirion, *RdE 31*, pp. 86-87

PN II, 287, 23 = PN I, XXX; I, 396, 18



Di-imon-w3s

"Que Amon dê a prosperidade"

PN I, 396, 13

Estamos perante um novo conjunto de nomes que exprimem um desejo e subordinam a realização desse desejo ao consentimento ou ao favor de uma divindade.

Três destes nomes expressam o desejo de protecção para os progenitores do recém-nascido: "Que Amon se volte para mim" (*Pn-sw-ny-imon*) e "Que Ptah me protega" (*Mky-wy-ptah*) reclama,

provavelmente, a mãe no momento difícil e doloroso do parto. Já o terceiro exemplo: "Que Onuris proteja o seu pai" (*S3w-in.hr.t-it.f*) sugere uma realidade diferente. Onuris é um antigo deus da caça cujo domínio é o deserto (480), "o espaço afastado", aquele espaço que os egípcios do Império Novo desbravavam e conquistavam pela força das armas. Este nome reclama ao deus do "espaço invadido" uma protecção específica para o progenitor do recém-nascido, provavelmente um militar ausente, que se encontraria na guerra, na altura do nascimento do seu filho.

Todos os outros nomes reclamam uma protecção para o recém-nascido. Uma protecção no momento desesperado do parto, que lhe permita sobreviver a esta situação ("Que Amon/Mut/Khonsu/Tot o salve" *šd-sw-X*), uma protecção durante a vida, que lhe garanta o bem-estar, a prosperidade ("Que Amon dê a prosperidade" *di-imm-w3s*) e uma longa duração ("Que Ptah dê a velhice" *di-ptḥ-i3w*).

Este último nome salienta uma das características principais do deus menfita: a de "medidor do tempo" (481), tempo esse que, na civilização egípcia, assume um carácter cíclico e, portanto, eterno (482). As barreiras à integração nesse tempo pleno são impostas, sempre, pelo próprio e nunca pelo exterior (483). A perfeita integração cósmica de um indivíduo pressupunha, naturalmente, a ultrapassagem das dimensões tempo e espaço, perdendo-se como homem para se encontrar enquanto mundo, em Ptah, por exemplo.

Ainda preso à questão do tempo e da duração da vida surge-nos um outro nome, bastante curioso: "Que Ré a duplique" (*K3b-n.f-r<*). Neste caso específico, a mãe reclama a Ré, deus criador por excelência, a duplicação do tempo de vida do seu filho (484), expressando, deste modo, um dos desejos mais prementes de qualquer cidadão egípcio (485).

A mesma divindade, Ré, surge-nos ainda em dois outros nomes bem particulares. O primeiro exprime o desejo de que o recém-nascido seja amado pela divindade mais importante do solo egípcio: "Que Ré o ame" (*Mf-sw-r<*), garantindo, assim, uma protecção inequívoca para toda a vida. O segundo confronta-nos com as realidades dos nomes propiciatórios, nomes-tabu (486) que procuram proteger a criança de uma influência

negativa utilizando uma profilaxia *a contrario* : "Que Ré o deteste"
(*Msd-sw-r*).

Todos estes nomes exprimem um desejo. O desejo de protecção divina para o recém-nascido e, nalguns casos, para os seus progenitores. Mas, a satisfação desse desejo dependia, sobretudo, da capacidade íntima do indivíduo estabelecer diálogo com a sua divindade de eleição.

d) Nomes que funcionam como epítetos

𓄏𓄏𓄏 𓄏𓄏𓄏

Mry-imm (487)

"Aquele que é amado por Amon"

PN I, 160, 6

𓄏𓄏𓄏 𓄏

Mry-itm

"Aquele que é amado por Atum"

PN I, 160, 9

𓄏𓄏𓄏𓄏𓄏

Mry-b3st.t (488)

"Aquele que é amado por Bastet"

PN I, 160, 11

𓄏 [𓄏𓄏] 𓄏𓄏𓄏

Mry-b r

"Aquele que é amado por Baal"

PN I, 160, 12

𓄏𓄏𓄏𓄏

Mry-ptḥ (489)

"Aquele que é amado por Ptah"

PN I, 160, 14

𓄏𓄏𓄏𓄏𓄏

Mry-m3.t (490)

"Aquele que é amado por Maat"

M. Thirion, *RdE 31*, p. 90

PN I, 160, 19; II, 362

ⓘ𓆎𓆎

Mry-r (491)

"Aquele que é amado por Ré"

PN I, 160, 23

𓆎𓆎𓆎

Mry-ht-hr

"Aquele que é amado por Hathor"

M. Thirion, *RdE 34*, p. 112

𓆎𓆎𓆎

Mry-hr

"Aquele que é amado por Hórus"

PN I, 161, 6

𓆎𓆎𓆎

Mry-hns.w

"Aquele que é amado por Khonsu"

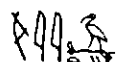
A. Gasse, *o. c.*, pp. 127-128



Mry-shm.t (492)

"Aquele que é amado por Sekhmet"

PN I, 161, 10



Mry-dhwtj

"Aquele que é amado por Tot"

PN I, 161, 13



P3-hn-dhwtj

"Aquele que That protege"

PN I, 419, 14

QUADRO XVIII

Nome divindade Forma Relativa	imn	itm	b3s.t	b-r	pth	m3't	r-	ht-hr	hr	hns.w	shm.t	dhwtj
P3-hn												●
Mry	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Nomes teofóricos basifóricos que funcionam como epítetos

Este último conjunto de nomes remete-nos, ainda, para a questão da protecção divina. Uma protecção que se pode expressar de uma forma explícita, como no caso do nome "Aquele que Tot protege" (*P3-hn-dhwtj*) ou uma protecção que se confunde com a dimensão do amor. Com efeito, a partir da época ramessésida, a problemática do amor divindade/homem assume um papel preponderante na "piedade pessoal" (493), surgindo como um acto de graça, livremente consentido pela parte de deus e sem qualquer relação com as acções humanas (494). Assim, aquele ou aquela que é, gratuitamente, amada por uma divindade é, também e simultaneamente, objecto da sua protecção. Uma protecção para o seu tempo de vida, que lhe garantisse a conquista da eternidade.

Amado pelos deuses, protegido pelos deuses, o recém-nascido era dotado à nascença de um "destino" memorável. Competia-lhe a ele, depois, cumprir esse destino. Dar-lhe vulto a fim de que os seus deuses protectores não o esquecessem no momento "mágico" da morte.

3.2.1.3- Nomes que indicam que o portador do nome pertence a uma divindade

Estamos perante uma terceira categoria de nomes teofóricos que nos apresentam o recém-nascido como pertença de determinada divindade. Estes nomes podem apresentar-se na forma de uma predicação de situação, na forma de uma predicação de identidade, na forma de uma predicação de qualidade, na forma de uma frase verbal e ainda na forma de nomes incompletos, epítetos simples ou formados com a construção *p3-n/t3-n*

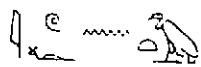
a) Predicação de situação



iw.f-n-imn (495)

"Ele pertence a Amon"

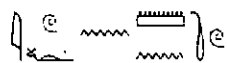
PN I, 14, 13



iw.f-n-mwt (496)

"Ele pertence a Mut"

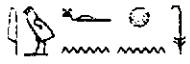
PN I, 14, 14



iw.f-n-mnt.w

"Ele pertence a Montu"

PN I, 14, 16



iw.f-n-hns.w

"Ele pertence a Khonsu"

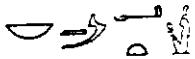
J. Cerny, *A Community...*, p. 194



iw.f-n-dhwty

"Ele pertence a Thot"

A. Gasse, *o. c.*, pp. 127, 131 e 132



Nb-n-m3'.t

"O senhor pertence a Maat"

M. Thirion, *RdE 39*, p. 133

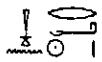
PN I, 184, 25; I, XXIV; II, 367



Sn-n-mw.t (497)

"O irmão pertence a Mut"

PN I, 309, 3



Sn-n-r'

"O irmão pertence a Ré"

PN I, 309, 4

QUADRO XIX

Nome divindade Forma Adverbial	<i>imn</i>	<i>m3't</i>	<i>mw.t</i>	<i>mnt.w</i>	<i>r'</i>	<i>hns.w</i>	<i>dhwtj</i>
<i>iw.f-n</i>	●		●	●		●	●
<i>nb-n</i>		●					
<i>sn-n</i>			●		●		

Nomes teofóricos endofóricos na forma de uma frase nominal com predicado adverbial

Este primeiro conjunto de nomes apresenta-nos várias variáveis. Uma primeira, em que o recém-nascido é apresentado, explicitamente, como aquele que pertence a uma divindade eleita pelos seus progenitores ("Ele pertence a X - *iw.f-n-X*). Uma segunda variável, a mais significativa, em que o portador do nome nos surge como o servo ou o servidor de determinada divindade ("O servo pertence a X" - *83k-n-X*) (498). Uma terceira, com um único exemplo, em que o recém-nascido é apresentado como o senhor (*nb*) que pertence, também, a uma divindade escolhida pelos seus progenitores ("O senhor pertence a X" - *Nb-n-X*). Uma quarta variável, que nos indica que não estamos perante um primeiro filho, pois o portador do nome é referido como o "irmão" (*sn*), o irmão que pertence a determinada divindade ("O irmão pertence a X" - *Sn-n-X*), o que pressupõe, de imediato, a existência de um outro filho anterior.

"O meu pai é o deus Khonsu"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 88

PN 1, 420, 4; 11, 403

𓄠𓄡𓄢

Mw.t-ꜥnkt (500)

"A mãe é Anukis"

M. Thirion, *RdE* 36, p. 141

𓂀𓂁𓂂

Hnm.w-ntr.s

"Khnum é o seu (dela) deus"

M. Thirion, *RdE* 43, p. 167

QUADRO XX

Sujeito \ Predicado	im	iry	ꜥnkt	ntr.s	ḥns.w
istr	●				
wpw3wt		●			
p3y-it.f					●
mw.t			●		
ḥnm.w				●	

Nomes teofóricos endofóricos na forma de uma frase nominal com predicado nominal

Ns-umn-(n)-ip.t (503)

"O que pertence a Amon, de Luxor"

PN I, 173, 20

Ns-umn-(n)-t3-wnt (504)

"O que pertence a Amon, da muralha"

PN I, 173, 21

Ns-p3-r

"O que pertence a Ré"

PN I, 175, 7

Ns-p3wty-t3.wy (505)

"O que pertence ao deus primordial das Duas Terras"

M. Thirion, *RdE 36*, p. 130

PN I, 176, 1; I, XXIV; II, 365

As divindades mais citadas nesta primeira classificação onomástica são Amon e Mut, os deuses tutelares do Império. Criadores e formadores ideológicos dos deuses e dos homens.


b) Predicação de identidade



istr-im

"Ishtar é a minha mãe"

PN I, 47, 1



wpw3wt-iry (499)

"Upuauate é o companheiro"

M. Thirion, *RdE 42*, p. 224



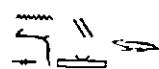
p3y-it.f-hns.w



Ns-kns.w-min.w

"D que pertence a Khonsu e Min"

PN I, 178, 23



Ns-sbk

"D que pertence a Sobek"

PN I, 179, 4

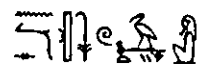


Ns-t3-wd3.t-3ht (506)

"D que pertence a Uadjat, o olho (de Hórus)"

M. Thirion, *RdE 31*, p. 84

PN I, 179, 12; II, 365



Nsy-dhwtj

"D que pertence a Tot"

A. Gasse, *o. c.*, p. 164

Este novo conjunto de nomes, que apresentam o recém-nascido como pertencente a determinada divindade, sugerem-nos, no entanto, em alguns casos, uma intimidade muito próxima, dado que a divindade escolhida é apresentada, em dois exemplos, como a mãe do portador do nome e num outro exemplo, como o pai do recém-nascido. Istar, uma divindade assíria de características guerreiras e Anukis, a deusa egípcia da região das cataratas são as divindades eleitas para a formulação destes nomes, juntamente com Khonsu, deus de características lunares, que a partir da XVIII dinastia forma uma triade, em Tebas, com Amon e Mut.

Paralelamente a estes exemplos, a divindade surge-nos ainda como o companheiro do portador do nome ("Upuauate é o companheiro"- *WpW3Wt-iry*) e como o seu deus pessoal ("Khnum é o seu deus"- *Hnm.w-ntr.s*).

Os progenitores procuravam, deste modo, estabelecer uma relação física e íntima, entre o recém-nascido e a sua divindade de eleição, pensando porventura que esta proximidade material ou afectiva, garantiria uma maior protecção ao portador do nome.

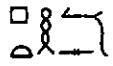
c) Predicação de qualidade formada com *ns* (501)



Ns-irmn (502)

"O que pertence a Amon"

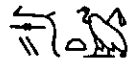
PN I, 173, 19



Ns-ptḥ

"O que pertence a Ptah"

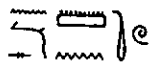
PN I, 176, 5



Ns-mw.t

"O que pertence a Mut"

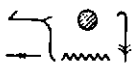
PN I, 176, 10



Ns-mnt.w

"O que pertence a Montu"

PN I, 176, 14



Ns-kns.w

"O que pertence a Khonsu"

PN I, 178, 20

QUADRO XXI

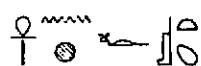
Sujeito Predicado	imn	imn- -n- -ip.t	imn- -n-t3 -wnt	p3- -r	p3wty- -t3.wy	pth	mw.t	mnt.w	hns.w	hns.w- -mn.w	sbk	t3- -wd3t -3ht	_dhwtj
Ns	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Nomes teofóricos endofóricos na forma de uma frase nominal com predicado adjectival com *ns*

Estamos, de novo, perante um outro grupo de nomes teofóricos endofóricos, que nos apresentam o recém-nascido como pertencente a uma determinada divindade. O mais saliente deste conjunto de exemplos é o facto de a divindade tebana, Amon, nas suas diferentes formas, nos surgir como o deus mais citado. Por outro lado, o exemplo curioso formado com Khonsu-Min ("O que pertence a Khonsu e a Min" - *Ns-hns.w-mn.w*) demonstra-nos até que ponto o fenómeno de sincretismo religioso estava perfeitamente integrado no horizonte mental dos homens egípcios. Este sincretismo não só dilatava os poderes inerentes a cada uma das divindades, devido à sua assimilação, como garantia também uma protecção mais eficaz ao portador de tal nome.

Ré, Ptah, Mut, Montu, Khonsu, Sobek, Uadjat e Tot surgem-nos, também, na composição destes nomes, demonstrando deste modo, a afeição particular que os progenitores tinham por algumas das divindades mais importantes do panteão egípcio.

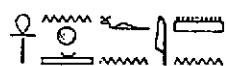
d) Nomes na forma de uma frase verbal



'nḥ.f-n-3s.t

"Possa ele viver para Isis"

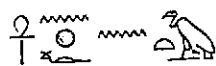
A. Gasse, *o. c.*, pp. 19, 69 e 100.



'nḥ.f-n-ḫmn (507)

"Possa ele viver para Amon"

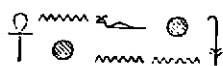
PN I, 67, 5



'nḥ.f-n-mwt (508)

"Possa ele viver para Mut"

PN I, 67, 8



'nḥ.f-n-ḫns.w (509)

"Possa ele viver para Khonsu"

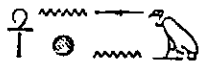
PN I, 67, 9



'nh.s-n-p3-itn

"Possa ela viver para Aton"

PN I, 67, 18



'nh.s-n-mw.t

"Possa ela viver para Mut"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 84

PN I, 169, 18

QUADRO XXII

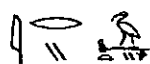
Nome divindade	3s.t	imn	p3-itn	mw.t	hns.w
Forma Verbal					
'nh.f-n	●	●		●	●
'nh.s-n			●	●	

**Nomes teofóricos endofóricos na forma de
uma frase verbal**

Estamos, agora, perante um conjunto de nomes em que a relação de pertença se estabelece com base no facto de o recém-nascido viver para determinada divindade. Dos seis exemplos apresentados, quatro dizem respeito a um elemento do sexo masculino e só dois pertencem a um elemento do sexo feminino. Curiosamente, as divindades protectoras do elemento masculino são divindades masculinas e femininas: Amon e Khonsu, Isis e Mut. O mesmo se verifica no caso dos nomes femininos: Aton e Mut surgem como as divindades protectoras.

É curioso verificarmos que Mut, a companheira tebana de Amon, aparece nos dois grupos de nomes inventariados, assumindo assim, plenamente, o papel de mãe divina, habitualmente utilizado por outras deusas do panteão, como Isis e Hathor. Por outro lado, não podemos deixar de referir o facto de um dos nomes femininos nos surgir com a divindade exclusiva de Amarna, Aton. Estamos, sem dúvida, perante um fiel do disco solar que, deste modo, demonstra a sua afeição por esta figura divina tao revolucionária (510), a ponto de colocar o seu filho perante a sua protecção divina. Uma protecção limitada no tempo, como nos provou a história.

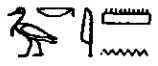
e) Nomes incompletos na forma de epítetos



Iry-dhwtj

"O companheiro de Tot"

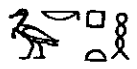
A. Gasse, *o. c.*, p. 164



B3k-imn

"O servo de Amon"

PN I, 90, 14



B3k-ptḥ

"O servo de Ptah"

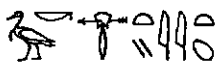
PN I, 90, 17



B3k-mw.t

"O servo de Mut"

PN I, 90, 18



B3k-stj.t (S11)

"O servo de Satis"

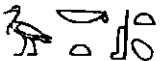
PN I, 91, 19



B3k-t3-wr.t

"D servo de Taueris"

PN 1, 92, 1



B3k.t-3s.t

"A serva de Isis"

PN 1, 92, 6



B3k.t-imn (512)

"A serva de Amon"

PN 1, 92, 7



B3k.t-itn (513)

"A serva de Aton"

PN 1, 92, 8



B3k.t-ptḥ

"A serva de Ptah"

PN I, 92, 14



B3k.t-mw.t (514)

"A serva de Mut"

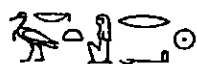
PN I, 92, 15



B3k.t-mn.w

"A serva de Min"

PN I, 92, 16



B3k.t-rꜥ

"A serva de Ré"

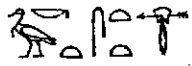
PN I, 92, 20



BSk. t-hns. w

"A serva de Khonsu"

PN I, 92, 21



BSk. t-stt

"A serva de Satis"

D. Valbelle, *Satis et Anoukis*, p. 105

PN II, 351



BSk. t-shm. t

"A serva de Sekhmet"

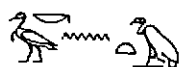
PN I, 92, 33



BSk. t-t3-wr. t

"A serva de Tueris"

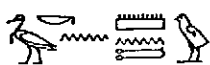
PN I, 93, 1



B3k-n-mw.t (516)

"O servo pertence a Mut"

PN I, 91, 9



B3k-n-mnt.w

"O servo pertence a Montu"

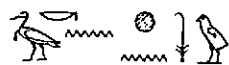
A. Gasse, *o. c.*, p. 205



B3k-n-hr

"O servo pertence a Hórus"

A. Gasse, *o. c.*, p. 126



B3k-n-hns.w (517)

"O servo pertence a Khonsu"

PN I, 91, 13

QUADRO XXIII

Name divindade Epíteto	3st	imn	itm	vsir	pth	m3st	mw.t	mn.w	mnj.w	nb.t- -hvt.t	r ^e	hr	ht-hr	hns.w	shmt	sth	stj.t	t3- -vr.t	ghvtu	
iry																				●
b3k		●			●		●										●			
b3k.t	●	●	●		●		●	●			●				●		●		●	
b3k-n		●		●	●		●		●			●			●		●			
b3k.t-n.t		●												●			●			
sn																				●
sn.t										●										●

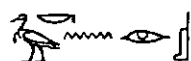
Names teofóricos endofóricos na forma de epítetos



B3k-n-iamn (515)

"O servo pertence a Amon"

PN I, 91, 1



B3k-n-wsir

"O servo pertence a Osiris"

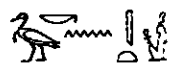
A. Gasse, *o. c.*, p. 78



B3k-n-ptj

"O servo pertence a Ptah"

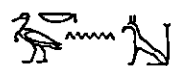
PN I, 91, 6



B3k-n-m3:t

"O servo pertence a Maat"

PN I, 91, 8



B3k-n-stb

"O servo pertence a Set"

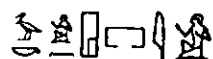
I. Pomorska, *o. c.*, p. 205 (518)



B3k.t-n.t-imn

"A serva pertence a Amon"

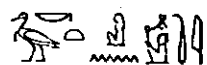
PN I, 92, 17



B3k.t-n.(t)-ht-hr

"A serva pertence a Hathor"

M. Thirion, *RdE 34*, p. 112



B3k.t-n.t-stb

"A serva pertence a Set"

PN I, 92, 19

Sn-dhwtj

"O irmão de Tot"

PN I, 310, 5

Sn.t-nb.t-hw.t

"A irmã de Néftis"

PN I, 311, 21

Sn.t-dhwtj

"A irmã de Tot"

PN I, 311, 26

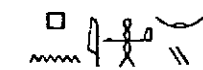
Estamos, de novo, perante um conjunto de nomes em que a relação de pertença se estabelece através de uma relação íntima ou familiar entre a divindade e o portador do nome. Este surge-nos como o "companheiro" (*iry*) ou o "servo/serva" (*B3k/B3k.t*) do deus escolhido pelos seus progenitores, mas também como o seu "irmão" ou "irmã" (*sn/sn.t*). Curiosamente, ainda, e denotando uma realidade já presente em exemplos anteriores, os nomes masculinos ou femininos surgem-nos formados quer

com nomes de deuses quer com nomes de deusas. Neste caso, os nomes femininos são em maior número do que os masculinos e algumas divindades estão, simultaneamente, presentes nuns e noutros. É o caso de Tot, Amon, Ptah, Mut e Tueris. A presença desta última divindade na formação destes nomes teofóricos vem demonstrar o papel de relevo que a deusa hipopótamo tinha, enquanto protectora das mulheres grávidas.

Mais uma vez, ainda, encontramos um nome formado com Aton, o disco solar ("A serva de Aton"- *B3k.t-itn*), que terá pertencido a uma das princesas de Amarna (519).

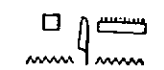
Todos estes nomes nos revelam, por um lado, o grau de intimidade que o fiel estabelecia com a divindade e, por outro, os deuses e as deusas que eram eleitos para este tipo tão particular de religiosidade pessoal ou individual.

f) Nomes incompletos com base na formação *p3 n/t3 n* (520)


P3-n-i-h

"Aquele que pertence a Ioh"

A. Gasse, *o. c.*, p. 129


P3-n-imn (521)

"Aquele que pertence a Amon"

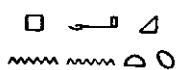
PN I, 106, 8



P3-n-in-nr.t (522)

"Aquele que pertence a Onuris"

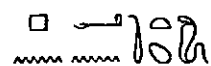
PN I, 106, 12



P3-n-nk.t (523)

"Aquele que pertence a Anukis"

PN I, 106, 22



P3-n-'nt

"Aquele que pertence a Anat"

PN I, 106, 23



P3-n-bs

"Aquele que pertence a Bes"

PN I, 107, 10



P3-n-p3-itn

"Aquele que pertence a Aton"

PN I, 107, 14



P3-n-p3-r (524)

"Aquele que pertence a Ré"

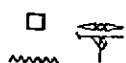
PN I, 107, 19



P3-n-mw.t

"Aquele que pertence a Mut"

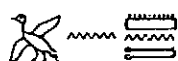
A. Gasse, *o. c.*, pp. 79 e 81



P3-n-mn.w

"Aquele que pertence a Min"

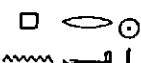
A. Gasse, *o. c.*, p. 80



P3-n-mnt.w

"Aquele que pertence a Montu"

PN I, 108, 11

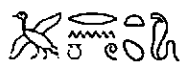


P3-n-r

"Aquele que pertence a Ré"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 95

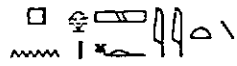
PN I, 109, 13



P3-n-mn.wtt

"Aquele que pertence a Renenutet"

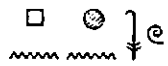
PN I, 109, 17



P3-n-nr-šfj.t

"Aquele que pertence a Horsafés"

PN I, 110, 9



P3-n-hns.w

"Aquele que pertence a Khonsu"

PN I, 110, 13



P3-n-knm.w

"Aquele que pertence a Khnum"

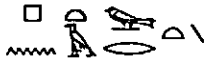
PN I, 110, 17



P3-n-gb

"Aquele que pertence a Geb"

PN I, 111, 12



P3-n-t3-wr.t (525)

"Aquele que pertence a Tueris"

PN I, 111, 17



P3-n-tp-ih.w

"Aquele que pertence à (deusa) de Atfi" (526)

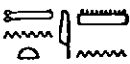
PN I, 112, 5



T3-n.t-3s.t

"Aquele que pertence a Isis"

PN I, 357, 20



T3-n.t-amm

"Aquele que pertence a Amon"

PN I, 358, 4



T3-n.t-in-pr.t

"Aquela que pertence a Onuris"

PN I, 358, 15



T3-n.t-'nk.t

"Aquela que pertence a Anukis"

D. Valbelle, *Satis et Anoukis*, p. 105



T3-n.t-bs

"Aquela que pertence a Bes"

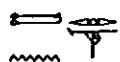
PN I, 359, 15



T3-n.t-mw.t

"Aquela que pertence a Mut"

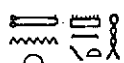
PN I, 360, 10



T3-n. t-mn. w

"Aquela que pertence a Min"

PN I, 360, 13



T3-n. t-mnh.t

"Aquela que pertence a Menhite"

M. Thirion, *RdE 42*, p. 228



T3-n. t-h.py

"Aquela que pertence a Hapy"

PN I, 361, 21



T3-n. t-hr

"Aquela que pertence a Hórus"

PN I, 362, 10

QUADRO XXIV

Nome / Formas: 80 P3, n/t3, n	3s.t	r'h	l'mn	en hr.t	it'm	*nk.t	*nt	bs	mv.t	mn.vim'pht	mn'w	rs	rnn.- vtt	ipy	hr	hr- -sfjt	hna w	hnm.w	gb	t3- -vr.t	tp- -lh.w	dhvty
P3-n-(p3)		•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•			•	•	•	•	•	•	
t3-n.t	•		•	•		•		•	•	•					•				•			•

Nomes teofóricos endofóricos com base

na formação p3 n/t3 n



T3-n.t-gb

"Aquela que pertence a Geb"

PN I, 363, 8



T3-n.t-dhwty

"Aquela que pertence a Tot"

PN I, 363, 14

A expressão *p3-n/t3-n.t* entra na composição de diversos nomes próprios a partir do Império Novo. Segundo P. Vernus, esta formação coloca o portador do nome em relação com a divindade graças à intervenção da qual a sua vinda ao mundo é atribuída (527). H. Ranke considera, ainda, que ela exprime a relação de um servidor face ao seu mestre, equivalendo assim aos nomes contemporâneos compostos com *b3k/b3k.t* (servo/serva) (528).

Dos trinta nomes inventariados, dezoito são masculinos e doze são femininos. Curiosamente, de novo, verificamos a presença de divindades masculinas e femininas, em cada uma das formações. Alguns deuses surgem-nos mesmo, simultaneamente, nos nomes masculinos e femininos. É o caso de Amon, Onuris, Anukis, Bes, Mut, Min e Geb.

Pela primeira vez, Geb (529), deus da terra segundo a cosmogonia heliopolitana, aparece na composição de um nome próprio, demonstrando a ligação que os egípcios do Império Novo não temem em estabelecer com os

primordiais. Esta ligação é, ainda, reforçada pela presença da deusa Menhite, uma divindade com forma de leoa, apresentada em alguns textos como a mãe e a consorte de Shu (530), deus do ar, na composição de um outro nome.

Bes, o protector das mulheres grávidas surge-nos também, de novo, na composição de dois nomes. E Anat, a divindade de origem semita, está também presente, marcando a influência dos cultos estrangeiros no interior do Egipto. Assim como Aton, o disco solar adorado em Amarna, recordando uma época e o seu rei.

Uma outra novidade é a presença de Horsafés (531), a forma criadora do deus Hórus, com cabeça de carneiro, adorada em Heracleópolis, na composição de um nome próprio.

Todos estes nomes nos revelam um conteúdo religioso. Através deles, os egípcios expressam a sua fé, a sua preferência em termos de divindade e a sua crença nas potencialidades mágicas inerentes ao próprio nome. É ele que lhes garante a vida e a sobrevivência, afirmando-se assim como uma espécie de talismã protector.

3.2.2- Nomes Teofóricos Implícitos

Estamos, de novo, perante um conjunto de nomes de conteúdo religioso, alusivos a uma determinada divindade, que não é nomeada explicitamente.

Todos os nomes inventariados apresentam a estrutura de nomes completos, com excepção de um único nome, que se revela como um nome incompleto. Podemos verificar que o número de nomes teofóricos endofóricos implícitos é muito inferior ao dos nomes teofóricos implícitos que não se relacionam directamente com a criança (exofóricos).

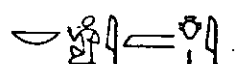
a) Predicação de situação



Nb. i-m-iwn.t

"O meu senhor está em Tebas"

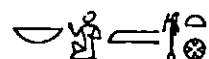
PN I, 184, 19



Nb. i-m-ib.i

"O meu senhor está no meu coração"

PN I, 184, 20



Nb. i-m-w3s.t

"O meu senhor está em Tebas"

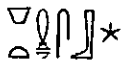
PN I, 184, 21



Hnw.t(i)-m-p.t

"A minha senhora está no céu"

PN I, 243, 7



Hnw.t.i-mi-sb3

"A minha senhora é como uma estrela"

PN I, 243, 11

QUADRO XXV

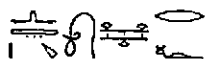
Grupo proposicional Sujeito	m- -iwn.t	m- -ib.i	m- -w3s.t	m- -p.t	m̄ -sb3
Nb.i	●	●	●		
Hnw.t(i)				●	●

Nomes teofóricos endofóricos implícitos na forma de uma frase nominal com predicado adverbial

Todos estes nomes apresentam a divindade como a figura protectora da mãe do recém-nascido. Em três dos exemplos, esta figura é masculina, nos outros dois é feminina.

O primeiro destes nomes refere-se a uma divindade que está em Dendera, provavelmente Osíris, cujas festas no mês de Khoiak assumiam um papel verdadeiramente importante em termos de devoção (532). O terceiro nome aponta, sem dúvida, para Amon, a divindade tebana, por excelência, enquanto que o quarto e o quinto nome se referem a divindades femininas. Nut, a deusa do céu, segundo a cosmogonia heliopolitana (533) e Sírius, a estrela representada sob a forma de uma mulher e frequentemente associada a Isis (534). Só o segundo nome não permite decifrar o "segredo" (535) da sua mensagem, tornando-se assim num "não-dito", numa espécie de nome secreto que protege, eficazmente, o seu portador, não permitindo que ele seja vulnerável face àqueles que conhecem o seu nome, a sua identidade, o seu destino, o seu programa realizador.

b) Na forma de uma predicação de existência



mn-t3-w3y-r.f

"Não há terra tombada para ele"

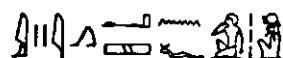
M. Thirion, *RdE* 31, p. 85

PN 1, 169, 3; 1, XXIV

A problemática da vida e da morte joga-se, de novo, neste tipo

particular de nomeação. O destino do "portador" de tal nome está bem expresso nesta formulação: "Não há terra tombada para ele" (*nn-t3-w3y-r.f*). A morte não o espreita. As areias do deserto não irão cobrir o seu corpo. A vida é o seu fado. Programado, nas origens, pela sua mãe.

c) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre um participio



iy-š-r.f

"Aquele que vem (quando) lhe fazemos apelo"

M. Thirion, *RdE* 42, pp. 223-224

Estamos perante um nome que pertence ao tema dos apelos à divindade (536) e que pode ser explicado pelas circunstâncias do parto e do nascimento, relembrando a intervenção desejada do deus junto da parturiente ou da criança. Segundo a autora, esta fórmula é muito utilizada na fraseologia dos hinos ramessêssidas, referindo-se explicitamente a Amon (537). E, com este nome fechamos um ciclo, o dos nomes teofóricos endofóricos implícitos. Mas a história não termina aqui. A magia e a força do nome expressa-se ainda de outras formas, como veremos adiante.

3.2.3- Nomes Basilo-fóricos

Como já referimos anteriormente, os nomes basilo-fóricos são todos aqueles nomes em cuja composição entra um nome real. Verificamos, através da inventariação deste tipo de formação onomástica que, enquanto existe um número significativo de nomes basilo-fóricos exo-fóricos, o mesmo não se verifica para os nomes basilo-fóricos endo-fóricos, ou seja, para aqueles que se relacionam directamente com o portador do nome ou o seu progenitor. Mais ainda, os únicos exemplos recolhidos são todos eles formados com o nome (pessoal) de um rei, não existindo um único caso constituído com o pré-nome ou nome de coroamento de uma figura real.

Antes de passarmos às razões que levaram a este tipo de comportamento, face à nomeação de carácter basilo-fórico, vejamos os únicos exemplos encontrados.

3.2.3.1- Nomes formados com o nome (pessoal) de um rei

Nesta classificação entram todos os nomes formados com o nome pessoal de um rei, aquele que correspondia à sua pessoa física, e que lhe era dado pela sua mãe, no momento do nascimento.

a) Nomes incompletos do tipo: s3/s3.t+ X(nome divindade)



s3-i-h-ms(w)

"O filho de Amosis"

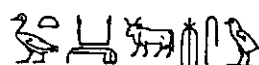
PN I, 280, 14



s3-ttj

"O filho de Teti"

PN I, 285, 3



s3.t-k3-msj.w

"A filha de Kamose"

PN I, 294, 8

Estes são os únicos exemplos formados com o nome pessoal de um rei. Nos três casos, o portador do nome é apresentado como filho ou filha da figura real em questão. Curiosamente, dos três reis citados, só um pertence ao Império Novo: Amosis, o fundador desta época nova e imperialista da história egípcia, primeiro rei da XVIII dinastia, já por nós apresentado anteriormente. Os outros dois pertencem a períodos bem distintos e anteriores. Teti (~2321~2289) foi o primeiro rei da VI dinastia, pertencendo, por isso, ao primeiro império da civilização egípcia, o Império Antigo. O seu reinado caracterizou-se por uma política de manutenção das relações comerciais com Biblos e de penetração mais profunda na zona da Núbia. A sua pirâmide, construída a nordeste do complexo de Djoser, apresenta nas paredes dos apartamentos funerários inscrições dos Textos das Pirâmides.

A escolha deste rei, para a nomeação de um recém-nascido, prende-se provavelmente, com razões de ordem geográfico-ideológicas. O portador deste nome teria nascido, talvez em Mênfis, capital do Egito no Império Antigo e os seus progenitores seriam, de modo provável, fiéis das antigas crenças solares, veiculadas através dos Textos das Pirâmides. Estes apresentavam as diferentes concepções, de tipo celeste ou osiriaco, da imortalidade do faraó (538). Conquistando o céu na forma de um pássaro ou de um escaravelho, ao encontro de Ré ou transformando-se num Osiris e, por esta via, participar na vida eterna, no seu mundo subterrâneo.

Quanto a Kamose (~1541~1539), ele foi o último faraó da XVII dinastia, tendo reinado unicamente três anos. No entanto, no curso do terceiro ano do seu reinado, este rei irá iniciar a guerra de libertação contra os hicsos, depois plenamente alcançada por Amosis. Assim, podemos entender que ele tenha representado para o imaginário egípcio, a figura do iniciador da libertação. E, provavelmente, os progenitores do portador deste nome, provenientes de Tebas, quiseram assim honrar este rei, perpetuar a sua memória e garantir a presença simbólica do seu "gesto libertador" no programa realizador do seu filho recém-nascido.

Podemos, agora, questionar-nos sobre as razões que levaram os antigos egípcios a não dotarem, de uma forma significativa, os seus filhos

com nomes basifônicos endofônicos. Estes pressupunham uma relação directa com o portador do nome e/ou o seu progenitor. E, muito embora os reis egípcios se apresentassem aos olhos do seu povo como "filhos dos deuses" e "duplos de Hórus", a sua eficácia protectora e mágica como dadores de vida, pais e protectores, apresentava-se, sem dúvida, como menor, relativamente àquela que era garantida pelos deuses. Por outro lado, a devoção popular permitia o estabelecimento de uma intimidade com a divindade, que o protocolo institucional e real não possibilitava face à figura real. Foram estas, sem dúvida, as razões que levaram os antigos egípcios a optar, maioritariamente, por outro tipo de nomeação.

3.2.4- Nomes profanos

𓂏𓂏𓂏-𓂏 𓂏𓂏
iy-iry

"Aquele que veio para junto de mim"

PN I, 10, 12

Designamos por nomes profanos todos aqueles nomes que não apresentam na sua formação, uma referência explícita ou implícita a divindades ou figuras reais. Muito embora a civilização egípcia tenha sido uma civilização profundamente religiosa, como podemos verificar pela totalidade dos nomes inventariados, constatamos, no entanto, que determinadas circunstâncias levam muitas vezes os progenitores a darem aos seus filhos recém-nascidos, nomes de conteúdo profano.

Estes referem-se, sempre, directamente ao portador do nome e/ou aos seus progenitores. Falam-nos da felicidade sentida perante o nascimento de uma nova criança, explicitam-nos a relação do portador do nome com os seus progenitores e com a sua linhagem e qualificam, ainda, o recém-nascido segundo diversas categorias: a esperança de vida, o estatuto do próprio, as suas qualidades morais e/ou intelectuais e as suas qualidades físicas. Nesta qualificação, o portador do nome surge, ainda, com nomes alusivos a profissões, animais, coisas e lugares.

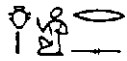
Através deste último grupo de nomes inventariados, descobrimos uma outra face da sociedade egípcia do Império Novo, onde os sentimentos e as emoções assumem um papel preponderante. Assim como as ligações familiares, a importância dada à família e à linhagem, aos antepassados. Por outro lado, apercebemo-nos, melhor, dos valores fundamentais dos homens deste período. Das suas preocupações éticas. Da importância dada

ao corpo. Dos seus sonhos em termos de "integração profissional" e do seu imaginário, onde o recém-nascido, poeticamente, é identificado com um animal (simbólico), com uma coisa (simbólica) ou com um lugar de eleição.

3.2.4.1- O gerador do nome é afectado de uma forma feliz pelo nascimento do portador do nome

O mundo "mágico" dos sentimentos e das emoções abre-se, perante nós. A mãe que, durante nove meses, esperou ansiosamente o seu filho, recorrendo a orações a Hathor, deusa do amor e mãe divina, utilizando amuletos protectores de Bes, Tuéris e Hórus (539), no momento crucial do parto balbucia as palavras que, depois, compostas, irão constituir o nome do recém-nascido, vulgarmente designado como o "seu nome de sua mãe" (*rn.f-n-mw.t.f*) (540). Este expressa a felicidade sentida perante o evento mágico da vida. Uma felicidade potencializada no coração, órgão central do indivíduo, centro oculto da vida emotiva, fonte de conhecimento e da experiência inata (541). Uma felicidade que se prolongava no nome, expressão de uma essência e, conseqüentemente, de uma existência (542). Uma felicidade que se traduzia em exclamações de bem-estar.

a) Predicação de situação



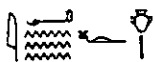
ib.i-r.s

"O meu coração está com ela"

PN I, 19, 9

Estamos perante um nome que nos demonstra a ligação íntima e profunda, que se estabelece entre a mãe e a recém-nascida, logo após o momento doloroso do parto. Uma ligação que ultrapassa a própria dimensão dos afectos e dos sentimentos, para se materializar numa união mais plena, simultaneamente, corpórea e cósmica, humana e divina.

b) Na forma de frase verbal



i-r-ib.i

"Ele refresca o meu coração"

PN I, 12, 8



Mh-n.t-ib.i (543)

"O meu coração está cheio (de amor) por ti"

S. Hodjash, O. Berlev, "Stela of Naya-men" in *The Egyptian Reliefs and Stelae*, p. 148.

Estes dois nomes são bem expressivos da felicidade sentida pela mãe, perante o nascimento do seu filho. Uma felicidade que se expressa no valor simbólico inerente à água (544), eficiente, fecunda, medicinal. Uma felicidade potencializada no coração, transbordante, criadora e mágica.

c) Na forma de uma frase com predicado pseudo-verbal



ib.i-htp.w

"O meu coração está contente"

PN 11, 202



rn.i-snb

"O meu nome está de boa saúde"

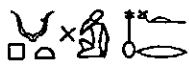
PN I, 222, 26

De novo, o coração e o nome nos surgem como realidades fundamentais, potencializadoras de afectos e sentimentos, mas também de vida, uma vida/conhecimento e uma vida/realização.

O contentamento sentido pela mãe, no seu coração, é um contentamento pleno e multifacetado. Contentamento pelo acto eficaz de gerar vida e contentamento pelo conhecimento de que essa vida é, essencialmente, sabedoria, sabedoria íntima e cósmica, potencializada no coração. Por outro lado, a "boa saúde" (*snb*) do nome da geradora de vida é prenúncio da protecção "mágica" que esta poderá garantir ao seu filho, através do seu nome, pela eternidade.

Unidos, pela força criadora inerente ao nome, mãe e filho iniciam uma viagem que, dificilmente, poderá ser quebrada.

d) Nomes com base na construção sujeito + adjectivo epíteto



wp.t-nfr.t

"Boa nova"

PN I, 78, 9



dw3.t-nfr.t

"Boa manhã"

PN 1, 398, 25

Estamos, agora, perante dois nomes femininos que se relacionam directamente com o acontecimento do nascimento. (545). Eles transmitem-nos exclamações pronunciadas pela parturiente no momento mágico em que o recém-nascido abre os seus olhos ao mundo. De manhã, como está implícito no segundo nome ou em qualquer outro momento não especificado, mas denotando sempre uma qualificação positiva, seja a de "boa nova" (*wpt-nfr.t*) ou a de "boa manhã" (*dw3.t-nfr.t*).

Estes são, apenas, alguns dos nomes pronunciados pela mãe no momento do nascimento. Todos eles se relacionam directamente com o portador do nome e/ou a sua progenitora, demonstrando-nos assim que a ligação mãe/filho era uma realidade muito profunda, complexa e íntima, na civilização egípcia (546).

3.2.4.2- Relação do portador do nome com os seus progenitores

Estamos, agora, perante uma nova categoria que nos demonstra o tipo de relação estabelecida entre o portador do nome e os seus progenitores. Também aqui, o papel da mãe como "dadora de vida" e "dadora

do nome" aparece como preponderante.

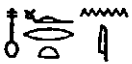
a) Predicação de situação



iw.s-n.j-r-ps̄.t (547)

"Ela será a minha herdeira"

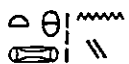
PN I, 15, 6



Nfr.t-n.i

"(que venha) uma bela para mim"

PN II, 86



t-n.i

"(que venha) pão para mim"

PN I, 353, 9

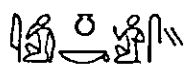
Dos três nomes apresentados, dois são femininos. O primeiro apresenta a recém-nascida como a herdeira de sua mãe. Esta afirmação remete-nos para a problemática inerente à capacidade jurídica e económica da mulher, no Império Novo. Com efeito, qualquer mulher livre tinha a possibilidade de gerir o seu património privado da forma que melhor entendesse, podendo assim legar, à sua morte, os seus bens directamente aos seus filhos ou unicamente a um dos filhos, por ela escolhido (548). Esta capacidade não invalida o facto de, geralmente, a mulher partilhar com o seu marido, a decisão a tomar.

O segundo nome apresentado exprime um desejo. O desejo de gerar uma "bela" (*nfr.t*), demonstrando assim a preocupação de uma mãe, perante as qualidades físicas da sua filha tão desejada. Com efeito, a beleza assume na civilização egípcia, uma dimensão fundamental. Basta recordarmo-nos da importância dada à toilette, à maquilhagem, às cabeleiras, aos adereços, aos perfumes e unguentos (549). Tudo isto contribuía para tornar uma mulher mais bela, mais sedutora, mais sensual, mais de acordo com a realidade erótica que os deuses tinham veiculado nas origens (550).

O terceiro e último nome também exprime o desejo de receber um filho que, neste caso, é referido como alimento ("pão"- *t*) para a sua mãe, recordando assim o papel assumido por Maat, filha de Ré, mas também alimento necessário à manutenção da vida de seu pai. Assim como o deus sol vivia de Maat, também esta mãe viveria do "alimento" materializado no seu próprio filho.

Os homens e as mulheres, no Antigo Egipto, recriavam no seu espaço e no seu tempo, as histórias vividas, nas origens, pelos deuses.

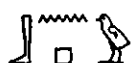
b) Predicação de identidade



ink-sj

"Ela pertence-me"

PN I, 38, 20



bn-pw

"Ele é um filho"

PN II, 202



bn.t-pw

"Ela é uma filha"

PN II, 202

Os três nomes apresentados são menos expressivos, relativamente aos atrás inventariados. No entanto, o primeiro destes nomes demonstra, apesar de tudo, uma ligação profunda entre a geradora de vida e a sua filha recém-nascida.

Os outros dois nomes identificam, simplesmente, o portador ou a portadora do nome: "ele é um filho" (*bn-pw*), "ela é uma filha" (*bn.t-pw*).

O jogo de sentimentos e emoções não transborda, neste tipo específico de nomeação. Pelo contrário, verificamos uma certa contenção, que poderá ser explicada por variadíssimas razões. Razões que se prendem com a personalidade da "dadora do nome" ou razões que se prendem com as circunstâncias do parto e do nascimento.

c) Frase com predicado pseudo-verbal

𓂏 𓂏 𓂏 𓂏

s3-nb.s-'nh


"O filho da sua senhora está vivo"

PN I, 282, 19

Estamos, finalmente, perante um nome que implica não só o seu portador como os dois progenitores, pai e mãe, do recém-nascido. É, justamente, o pai que refere que o filho da sua "senhora" (551) está vivo. Encontramo-nos, provavelmente, na presença de um nome que exprime as difíceis circunstâncias do parto. Um parto complicado, que poderá ter feito perigar a vida da criança, a ponto do seu pai exprimir no "programa realizador" do seu filho recém-nascido, o seu contentamento e a sua alegria perante a vitória da vida.

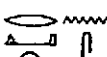
Este nome remete-nos, de novo, para a problemática da mortalidade infantil no Antigo Egipto. Esta verifica-se não só durante os primeiros anos de vida, mas também e sobretudo, no próprio momento do parto.

d) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre um participio


ly-iry (552)

"Aquele que veio para junto de mim"

PN I, 10, 12


Rdj.t-n.s

"Aquele que lhe foi dada (a ela)"

PN I, 228, 18

E, para terminar este segundo grupo de nomes profanos, deparamos com dois exemplos bem particulares. O primeiro é bem demonstrativo da ternura que a mãe sente perante o seu filho recém-nascido. O segundo foi, provavelmente, pronunciado pelo progenitor no momento do nascimento, declarando a "portadora do nome" como uma dádiva concedida à sua geradora.

Todos estes nomes nos falam da relação íntima, profunda e "mágica" estabelecida entre o portador do nome e os seus progenitores. Uma relação que ultrapassa a materialidade da vida, para se jogar numa

poética plena de força e significado. A poética do homem-mundo-cosmos, em movimento, pela eternidade.

3.2.4.3- Relação do portador do nome com a sua linhagem

Esta terceira categoria de nomes é motivada pela consciência da unidade da linhagem. Assim, deparamos com nomes que nos indicam o lugar da criança face à progenitura, nomes que situam essa mesma criança face a um antepassado, à sua família e, ainda, nomes que parecem expressar parecenças entre o recém-nascido e outros familiares.

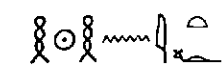
a) Predicação de situação



PN-57-174

"O irmão dele"

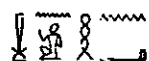
PN 1, 117, 7



Nhh-n-itf

"A eternidade para o pai"

PN I, 209, 1



Snj.-hn(i)

"O meu irmão está comigo"

PN I, 309, 15

QUADRO XXVI

Predicado (grupo proposicional) Sujeito (Substantivo)	iry	n-itf	hn(i)
P3-sn	●		
Nhh		●	
Sn.j			●

**Nomes profanos na forma de uma
predicação de situação**

Dos cinco nomes inventariados, um deles indica-nos, claramente, o lugar da criança face ao seu progenitor: "A eternidade para o pai" (*Nhh-n-itt*). Este nome expressa bem o papel importante que o recém-nascido terá na manutenção da memória do seu pai, sobre a terra do Egípto. Esta será perpetuada através do seu nome, um nome que permanecerá vivo, pela eternidade, através dos rituais funerários mantidos e garantidos pelo seu filho (553).

Dois outros nomes ("o pai do pai"- *itt-n-itt* e "o irmão da mãe"- *sn-n-mw.t*) situam-nos a criança face a um antepassado, podendo explicar-se a sua escolha pelo facto do recém-nascido apresentar algumas semelhanças físicas com esse familiar em questão.

E, finalmente, os dois últimos exemplos ("o irmão dele"- *p3-sn-iry* e "o meu irmão está comigo"- *sn.j-hm.i*) situam-nos o recém-nascido face à sua família, indicando-nos, claramente, a existência de filhos anteriores.

O pai, o avô, o tio e o irmão surgem, neste tipo particular de nomeação como referenciais indicadores do papel do recém-nascido no interior da sua família.

b) Na forma de frase verbal



Mr-Sw-itt

"Que o seu pai o ame"

PN I, 157, 19; II, 42

Sh3.j-m-itf.i

"Eu agradeço ao meu pai"

PN II, 38

Curiosamente, deparamos agora com dois nomes onde o "progenitor" assume um papel preponderante. No primeiro exemplo, a mãe expressa o desejo ardente que o seu filho recém-nascido seja amado pelo seu pai, preocupação que poderá ser explicada por desavenças ou conflitos familiares pré-existentes. No segundo caso inventariado é o próprio "portador do nome" que agradece ao seu pai a dádiva da vida.

Verificamos assim que, muito embora a ligação afectiva mãe/filho fosse algo de muito profundo e íntimo na civilização egípcia, o papel do pai como "referencial" ético, patrimonial e profissional nunca poderia ser esquecido (554).

c) Na forma de frase com predicado pseudo-verbal

itf.s-rš.w

"O seu pai está despertado"

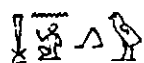
PN I, 51, 14



Mw.tj-snb.tj

"A minha mãe está de boa saúde"

PN I, 149, 1



Sn.j-iw

"O meu irmão está a vir"

PN I, 308, 11



Sn.j-mn.w

"O meu irmão está firme"

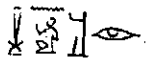
PN I, 308, 22



Sn.j-msj.w

"O meu irmão é nascido"

PN I, 309, 2; 310, 16



Sn.j-rš.w

"O meu irmão está despertado" (555)

PN I, 309, 12; 310, 17



Sn.j-htp.w

"O meu irmão está contente"

PN I, 309, 16; 310, 18



Sn.j-snb.w

"O meu irmão está de boa saúde"

PN I, 309, 19; 310, 20

QUADRO XXVII

Predicado \ Sujeito	iw	ma.w	msj.w	rš.w	htp.w	snb.w	snb.tj
itf.s				●			
mw.t.i							●
sn.j	●	●	●	●	●	●	

Names profanos na forma de frase com predicado pseudo-verbal

Dos oito nomes inventariados, seis situam-nos o recém-nascido face à sua família, indicando-nos, claramente, a existência de um irmão. Curiosamente, é esse irmão que parece expressar os diferentes estados do "portador do nome". A sua vinda ao mundo, a sua firmeza, o seu nascimento, o seu despertar, o seu contentamento e a sua boa saúde.

Os outros dois exemplos são bem distintos na sua formulação. O primeiro ("O seu pai está despertado" - *itt.s-rš.w*) pode inscrever-se no grupo de nomes que expressam parecenças físicas com um familiar. Neste caso, a recém-nascida é identificada, fisicamente, com o seu próprio pai. O segundo ("A minha mãe está de boa saúde" - *mw.t.i-snb.tj*) exprime-nos o estado físico da "dadora de vida", após o momento do parto. Ambos transportam consigo uma mensagem para a eternidade, onde o pai e a mãe surgem como figuras tutelares.


d) Nomes incompletos na forma de exclamações



Ky

"Um outro"

PN I, 343, 3



Ky-nbw (556)

"Outro vínculo"

PN I, 343, 8



Ky-nfr

"Outro belo"

PN I, 343, 9



Ky-sn

"Um outro irmão"

PN I, 343, 10

Estamos perante um novo conjunto de nomes que nos situam o recém-nascido face à sua família. Também nestes exemplos, como já verificámos anteriormente noutros casos, é expressa a existência de filhos anteriores. O recém-nascido não nos surge, num único exemplo, como um primeiro filho, mas sempre como "um outro" (*Ky*), "um outro vínculo" (*Ky-nbw*), "um outro belo" (*Ky-nfr*), "um outro irmão" (*Ky-sn*).

Esta forma tão particular de designar uma criança demonstra bem a preocupação que os antigos egípcios sentiam face à unidade da linhagem (557)

e) Nomes na forma de epítetos

itf-n-itf

"O pai do pai (avô)"

PN I, 50, 21

Nb.sn

"O seu (deles) mestre"

PN I, 186, 13

Sn-n-mw.t (558)

"O irmão da mãe"

PN I, 309, 3

Sn.nw

"O segundo"

PN I, 310, 21

O primeiro e o terceiro dos nomes aqui apresentados sugerem-nos uma semelhança física entre o recém-nascido e um antepassado, o avô ou o tio. O segundo nome exprime um desejo. Um desejo dos progenitores. O desejo que o recém-nascido se afirme como o novo mestre da família, capaz de substituir a figura tutelar do pai, provavelmente já cansado e envelhecido, necessitando desesperadamente de um substituto na sua função.

E, finalmente, o último exemplo explicita-nos, claramente, o lugar do "portador do nome" face à família já existente. Ele é o segundo filho, garantindo com a sua presença a continuidade da linhagem.

1) Nomes com base na construção sujeito + adjectivo epíteto (559)

it.i-nfr

"O meu bom pai"

PN II, 205

sn.i-nfr (560)

"O meu bom irmão"

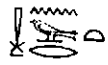
PN I, 309, 5



sn. i-ndm

"O meu doce irmão"

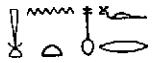
PN I, 309, 7



sn. t-wr. t

"A irmã mais velha"

PN I, 311, 16



sn. t-nfr. t

"A bela irmã"

PN I, 311, 22

QUADRO XXVIII

Adjectivo Epíteto Sujeito	wr. t	nfr	nfr. t	ndm
it. i		●		
sn. i		●		●
sn. t	●		●	

**Nomes profanos com base na construção sujeito
+ adjectivo epíteto**

O pai, o irmão e a irmã são as três figuras referenciadas neste tipo particular de nomeação. O primeiro exemplo "O meu bom pai" (*itf.i-nfr*) pertence, sem dúvida, ao grupo de nomes que designam o recém-nascido como semelhante, fisicamente, a um familiar, a um antepassado. Neste caso, a mãe ao olhar a criança recorda, imediatamente, e de uma forma terna, a figura bondosa do seu pai.

Os outros quatro exemplos situam-nos o "portador do nome" face à sua família. Uma família onde existem já outros filhos. Por isso, ele é um irmão (bom, doce) ou uma irmã (bela). Neste último caso, devemos ainda salientar o facto de uma das filhas nos surgir como "a irmã mais velha" (*sn.t-wr.t*), o que pressupõe a não existência de outras crianças do sexo feminino.

À medida que a família cresce, todos os elementos do grupo demonstram o seu contentamento. Um contentamento que é visível no acto criador da "nomeação".

g) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre um participio

𓂏𓂏𓂏 𓂏𓂏𓂏
ij-hr-s3

"Aquele que vem depois"

PN 1, 10, 14

Estamos, sem dúvida, perante um dos nomes mais problemáticos em

termos de compreensão. Que razões poderiam ter levado os progenitores a dotarem o recém-nascido com tal nome? O facto de ele ter nascido depois do tempo "esperado", os nove meses da gestação ou o facto de ele ter, simplesmente, aparecido depois de todos os outros filhos, num momento em que, provavelmente, os seus pais já não esperavam o milagre e a dádiva de uma outra criança?

Talvez um dia tenhamos resposta para esta incógnita, assim como H. Ranke (561), se hoje fosse vivo, encontraria demonstradas as respostas para muitas das questões por ele levantadas há algumas décadas atrás.

h) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre uma forma relativa

Mr. t-itf.s

"Aquele que ama o seu pai"

PN I, 158, 18

Mr. y-it.f

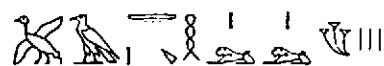
"Aquele que o seu pai amou"

PN I, 160, 8

3.2.4.4.1- a Esperança de vida

Esta primeira categoria de nomes exprime um desejo. O desejo da garantia de vida e da existência, do portador do nome. A expressão deste desejo remete-nos, de novo, para a problemática da "mortalidade infantil" no Antigo Egito, que já focamos anteriormente. Para fugir a essa realidade, os progenitores recorriam, então, à dádiva de um bom nome. Um nome que protegesse o seu filho recém-nascido dos perigos e da possibilidade da morte.

a) Predicação de situação



p3-t3-(m?)-hrr. wt

"A terra está florida"

PN I, 120, 19

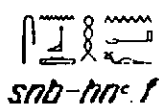


t3-m-rsf. w (563)

"A terra está na abundância (da aves e peixes)"

M. Thirion, *RdE 42*, p. 231

PN II, 328, 33



"A saúde está com ele"

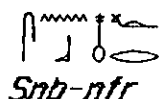
PN I, 313, 18

Todos estes nomes são alusivos à esperança de vida do recém-nascido. O último, de uma forma clara e imediata, expressando a "saúde" (*snb*) do "portador do nome". Este atributo surgirá, ao longo desta classificação, como uma constante fundamental na temática da "esperança de vida". Ela depende, com efeito, e em primeiro lugar, da boa saúde do recém-nascido.

Os outros dois exemplos inventariados são de uma riqueza simbólica, bem característica da civilização egípcia. Em ambos, a mãe identifica-se com a terra (deusa-mãe), uma terra abundante e fértil, quer de árvores, quer de animais. E esta fertilidade simboliza, melhor do que qualquer outra imagem, a plenitude da vida.

Sonhador do mundo, o homem egípcio transforma o seu "universo" na dimensão do seu próprio desejo.

b) Predicação de identidade



"O belo está de boa saúde"

PN I, 313, 12

Estamos, de novo, perante a temática da "boa saúde" do recém-nascido. Ela garante-lhe a probabilidade da vida, protegendo-o, como um talismã, ao longo da sua existência, pela força criadora da nomeação.

c) Na forma de uma frase verbal

bn-iw f-r-mh-sp-srw (564)

"Ele não vai (ser) uma segunda vez"

PN I, 96, 22

bn-kn.t w.f (565)

"Ele não é vencido"

PN I, 97, 5



ph-sw-hr (566)

"Ele alcançou o mundo inferior"

PN I, 135, 25; II, 358



n-smh.tw.f (567)

"Ele não deve ser esquecido"

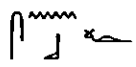
PN I, 168, 24



snb-sw-m-c.j

"Ele está de boa saúde nas minhas mãos"

PN I, 313, 21



snb.f

"Possa ele estar de boa saúde"

PN I, 314, 5

Estamos, agora, perante um conjunto de nomes que se exprimem através de uma frase verbal, na sua conjugação simples, na negativa e na passiva negativa formada com *bn* e *n*

Dois destes nomes prendem-se, de novo, com a "boa saúde" (*snb*) do recém-nascido, quer através da expressão de um desejo ("Possá ele estar de boa saúde" - *snb.f*), quer através da afirmação dessa realidade ("Ele está de boa saúde nas minhas mãos" - *snb-sw-m-^{cj}*).

Todos os outros nomes são exemplos mais ricos e simbólicos na sua formulação. Vejamos o primeiro destes nomes: "Ele não é vencido" (*bn-^{kn}.tw.f*). Nesta pequena frase, a mãe do recém-nascido expressa a vitória do seu filho sobre a possibilidade da morte. Tal como Hórus, no passado, não foi vencido pela desordem e pela confusão materializadas em Set, também esta criança não foi vencida pelas forças antagónicas à vida. Ele é um vencedor, como Hórus, "reinando" pela eternidade.

O segundo exemplo apresentado prende-se, de novo, com a mitologia osiriaca: "Ele não vai nascer uma segunda vez" (*bn-^{iw}.f-r-^{m^h}-sp-snw*). A vida e a morte eram, na civilização egípcia, duas faces de um mesmo percurso existencial. O grande perigo, o derradeiro mal, não era a morte física, o fim de um corpo, mas antes o perigo possível de uma segunda morte (568). Assim, um "segundo nascimento", o "nascimento osiriaco" pode conduzir, inevitavelmente, o indivíduo a uma segunda morte.

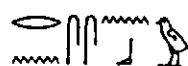
Aquilo que esta mãe expressa ao nomear o seu filho é, exactamente, a impossibilidade de um segundo nascimento e, conseqüentemente, de uma morte plena e anuladora.

O terceiro exemplo apresentado fala-nos, ainda e também, da problemática da vida e da morte. A "dadora do nome" expressa que o seu filho "alcançou o mundo inferior" (*ph-sw-^{hr}*), ou seja, ultrapassou a dimensão terrena da vida, para se projectar no mundo-cosmos, pela eternidade, através da sua identificação com Osiris (569).

E, finalmente, fechamos o ciclo com um nome bem particular: "ele não deve ser esquecido" (*n-sm^h.tw.f*). Esquecido pelos deuses que lhe permitiram a vida e que deverão protegê-lo, ao longo da sua existência, sobre a terra do Egipto, no mundo subterrâneo de Osiris ou no céu, ao

encontro de Ré (570).

d) Frase com predicado pseudo-verbal



rn.s-snb.w

"O seu nome está de boa saúde"

PN I, 224, 1

Este exemplo remete-nos para a problemática inerente à força do nome (571). "Este prefigura um ciclo que circunscreve uma existência-um destino, num tempo, o de vida. Mas, de acordo com a crença no poder mágico da palavra, o proferir ininterrupto a 'existência contínua', eterna, do nome de um indivíduo era a garantia da sua criação permanente, em suma, da sua integração no ciclo cósmico, o que conduzia à sua eternidade" (572).

O "portador" deste nome estava duplamente protegido. Protegido no seu corpo (de boa saúde- *snb.w*), protegido pela força inerente ao seu nome.

e) Nomes com base na construção sujeito + adjectivo epíteto



h^c-nfr

"Boa vida"

PN I, 71, 1



sp-nfr

"Boa sorte"

PN I, 296, 5

Estes dois nomes transportam consigo um desejo. Um desejo exprimido pela "dadora do nome" no próprio momento do nascimento (573). O desejo de uma "boa vida" (*h^c-nfr*) para o seu filho recém-nascido e o voto sincero de "boa sorte" (*sp-nfr*). No fundo, ambos expressam o anseio e a aspiração de uma mãe que pretende, um "bom destino" para o seu filho.

f) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre um participio

ly-nfr

"Aquele que vem bem"

PN I, 10, 5

ly-nfr.t

"Aquele que vem bem"

M. Thirion, *RdE 36*, p. 125

PN I, 10, 7; II, 34

ly-tj

"Ela veio"

PN I, 11, 10

iw-nfr

"Aquele que vem bem"

PN I, 15, 21



iw-snb

"Aquele que vem de boa saúde"

PN I, 15, 22



d3-nb (574)

"O vivo"

R. J. Demarée, *o. c.*, p. 39



rs-snb

"Aquele que é despertado com saúde"

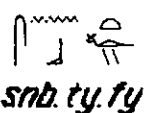
PN I, 226, 25



snb

"O que está de boa saúde"

PN I, 312, 15



"Aquele que estará de boa saúde"

PN / 314, 23

QUADRO XXIX

A \ B	nfr	nfr.t	snb	tj	tj.fy
ly	●	●		●	
lw	●		●		
P3- nh	●				
Rs			●		
Snb	●				●

Nomes na forma de epítetos formados sobre um participio

Podemos dividir este conjunto de nomes em três grupos distintos. Um primeiro grupo que expressa, claramente, a "boa saúde" (*snb*) do recém-nascido. Um segundo grupo que exprime que o "portador/a" do nome veio bem, ou seja, nasceu sem qualquer tipo de problemas, inclusive de saúde e, um último grupo, mais restricto, que nos afirma a presença viva do recém-nascido.

Todos estes nomes se prendem, claramente, com a problemática da "esperança de vida". Curiosamente, no primeiro grupo, essa "esperança de vida" é, num dos exemplos, projectada para o futuro ("Aquele que estará de boa saúde- *snb.ty.fy*), garantindo, deste modo, a perenidade do estado de saúde do portador do nome. Noutro exemplo, ainda pertencente a este grupo, o nascimento do recém-nascido é qualificado como um "despertar". A vida, no Antigo Egipto era, com efeito, um "eterno despertar". O despertar do ventre materno e, mais tarde, o despertar do "sono da morte".

g) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre uma frase relativa



W3d-rr

"Aquele cujo nome prospera"

PN II, 24

Encontramo-nos, de novo, face a uma nomeação que nos remete para a problemática inerente ao "crescimento" do nome, ao longo da existência de um indivíduo (575). Este "crescimento", este "alargamento" do nome não pretende, senão, reflectir as múltiplas facetas da personalidade do seu portador (576). A sua evolução enquanto "personalidade", personalidade moral, política e social (577). É, por isso, que os nomes designam espaços e fronteiras no social (578), conferindo ao seu portador uma história e multiplicando as figuras do seu destino.

h) Nomes abreviados



ˁnḫꜣ (579)

"Que ele viva"

PN I, 67, 2



MSW (580)

"Aquele que é nascido"

PN I, 165, 11

Estamos, finalmente, perante os dois últimos nomes desta categoria. Estes nomes apresentam-se como abreviaturas de nomes teofóricos (581). Estas abreviaturas eram, habitualmente, feitas pelos pais, que consideravam o nome (pessoal) dos seus filhos como demasiado longo ou complicado para ser usado no quotidiano.

O uso destas abreviaturas ou diminutivos torna-se de tal modo corrente que muitas vezes passam a ser utilizados como nomes próprios. Esta situação verifica-se, por exemplo, no primeiro nome apresentado. J. Černý cita-o, como nome próprio, para um escriba do período ramessésida (582).

E, com estes dois nomes fechamos um ciclo. Mais um ciclo que nos expressa a importância da nomeação no Antigo Egipto. A preocupação com a "esperança de vida" dos recém-nascidos. Mas a história ainda não termina aqui. Estamos, somente, na reta final de uma viagem pelo mundo mágico e maravilhoso dos homens e das mulheres que habitaram o Vale do Nilo, há muitos, muitos anos atrás.

3.2.4.4.2- O estatuto da criança

Este novo grupo de nomes introduz-nos, de uma forma particular, no seio das relações familiares, situando-nos o recém-nascido como uma entidade própria, à qual é concedido um estatuto, no próprio momento do nascimento.

a) Na forma de uma predicação de situação



iW.f-r-ij

"Para que é que ele serve ?"

PN I, 14, 19



iW.s-r-ij

"Para que é que ela serve ?"

PN I, 15, 9

Estamos, sem dúvida, perante dois nomes perturbadores. Dois nomes que parecem exprimir uma certa angústia dos progenitores, face ao nascimento do seu filho. Uma angústia que ele transportará consigo, como memória, ao longo da sua vida.

Segundo H. Ranke (583), estes dois nomes podem ser explicados pela situação desesperada em que os trabalhadores do Império Novo viviam. O Imperialismo mudara, com efeito, a face social do Antigo Egipto. Militares, sacerdotes e alguns artífices eram, sem dúvida, privilegiados. Mas os pequenos artesãos e, sobretudo, os trabalhadores rurais (584) viram o seu mundo subvertido, diminuído, quase destruído, em função de uma nova realidade que parecia, à primeira vista, "encher o estômago de toda a população".

Face a esta realidade, podemos entender a angústia de uma família, provavelmente já numerosa e mal alimentada, face ao nascimento de mais um herdeiro.

"Pobres de nomes" foram estas duas crianças, que nasceram no tempo errado, num espaço em convulsão.

b) Predicação de identidade



it-nt (585)

"Quem é ela?"

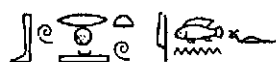
PN I, 45, 9

A perturbação parece ser a característica dominante, face à leitura deste grupo de nomes: "quem é ela?" (*ih-nts*) balbucia, porventura, uma mãe ao presenciar a sua filha recém-nascida, não reconhecendo no seu rosto, no seu olhar, na sua presença física, o pequeno ser a quem acabara de conceder a vida.

Esperaria ela um herdeiro, em vez de uma filha? Seria esta criança, tão especial, tão diferente de todas as outras, para não a reconhecer, de imediato, como sua? Ou estaríamos, porventura, perante uma situação pós-parto difícil e traumática que perturbara a lucidez desta mulher?

Talvez um dia tenhamos a resposta. Por agora, só nos resta a certeza que a portadora de tal nome não carregava consigo um destino privilegiado. "Pobre de nome" num mundo rico de sonhos e "ilusões".

c) Na forma de uma frase verbal



bw-rh.tw-iwr.f (586)

"A sua essência não é conhecida"

PN I, 94, 12; PN II, 39



m33.ni-nht.w.f (587)

"Eu vi a sua vitória"

PN I, 143, 23

O primeiro destes exemplos remete-nos, de novo, para a problemática inerente à força do nome e da nomeação. O nome era, para o homem egípcio, a expressão de uma essência e, portanto, consequentemente, de uma existência, exprimindo a personalidade do seu portador, o "programa da sua realização" (588). Assim sendo, o conhecimento deste nome, desta essência, por parte do colectivo, constituía um perigo para o seu portador, que se tornava "transparente" e, portanto, vulnerável face aos ataques dos seus concidadãos (589).

Estamos, sem dúvida, perante um nome que poderemos classificar na categoria de "nomes secretos" (590), aqueles que escondiam de uma forma perfeita, a personalidade do seu portador.

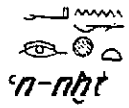
O segundo exemplo remete-nos, claramente, para o acontecimento do nascimento, do qual o recém-nascido sai vitorioso. Tão vitorioso, que a sua mãe expressa no seu nome essa vitória, que o acompanhará, como talismã, pela eternidade.

d) Na forma de uma frase com predicado pseudo-verbal (591)


'n-ms. w

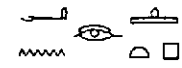
"O belo está nascido"

PN I, 61, 22



"O belo está vigoroso"

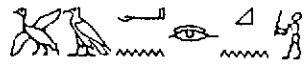
PN I, 61, 25



'n-htp(w) (592)

"O belo está contente"

PN I, 61, 26



p3-n-kr

"O belo está forte"

PN I, 102, 28

𐤎𐤓𐤕𐤍𐤕

mry-ms.(w) (593)

"O amado está nascido"

PN I, 160, 21

𐤎𐤕𐤓𐤕𐤍𐤕

nfr-htp.(w) (594)

"O belo está contente"

PN I, 198, 14

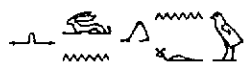
QUADRO XXX

Predicado \ Sujeito	ms.w	nht	htp.w	kn
ˁn	●	●	●	
p3-ˁn				●
mry	●			
nfr			●	

Nomes na forma de uma frase com predicado pseudo-verbal

Este conjunto de nomes apresenta-nos o recém-nascido como um "belo" (*nfr, <n*) ou um "amado" (*mry*), qualidades que demonstram, sem dúvida, a afeição de uma mãe. Este belo e este amado está nascido, vigoroso, contente e forte. De novo, o vigor e a força se afirmam como qualidades fundamentais inerentes a um império que faz da guerra, a sua expressão. Mas o estado de "nascido" inerente ao "portador do nome" mantem-se, também, como uma referência essencial. Assim como o seu contentamento, um contentamento por estar vivo, que é partilhado, igualmente, pela sua mãe.

e) Predicação de não existência



n-wn-nf-w

"O mal não existe"

M. Thirion, *RdE* 33, p. 84

PN I, 168, 13; II, 363

De novo, a perturbação. Perante um país em transformação política e social, em convulsão de valores e de costumes, uma mãe, maravilhada pelo acto de conceber a vida, consegue afirmar: "o mal não existe" (*n-wn-nf-w*). Como se o "milagre" da vida pudesse afastar todos os perigos, todas as traições, todos os actos de "desordem e confusão setiana". Mas, para o portador deste nome, o mal não estará no seu horizonte, no seu destino, no seu "programa de realização".

f) Nomes que funcionam como epítetos



kri (595)

"O companheiro"

PN I, 346, 27; 346, 28 (var.)



t3y (596)

"O macho"

PN I, 387, 11



d3y (597)

"O opositor"

PN I, 404, 19

Estamos perante um conjunto de nomes bem curioso, em que o

recém-nascido é qualificado como o "companheiro" (*Krt*), companheiro de sua mãe, do seu pai e, naturalmente, de outros irmãos, como o "macho" (*ʿ3y*), alusão provável às suas características marcadamente masculinas e, ainda, como o "opositor" (*ḏ3y*). Este último nome é, sem dúvida, o mais problemático. Terá esta mãe identificado o seu filho com a divindade Set, o opositor, por excelência, de Hórus e de Osíris? Pertenceria ela, ao grupo dos convertidos a esta divindade, promovida pelos reis ramessésidas? Não o sabemos, mas o "portador" deste nome transporta consigo a mensagem osiriaca, uma mensagem que remonta às origens e sustenta política, social e mentalmente, toda a civilização egípcia.

g) Nomes com base na construção sujeito + adjectivo epíteto



šri-bin

"A má criança"

PN I, 329, 10

Estamos, sem dúvida, perante um nome-tabu (59B), um nome que pretende proteger o recém-nascido, considerado sagrado, de todos os perigos e ameaças.

**h) Nomes com base na construção adjetivo + substantivo
(anexão de qualificação)**



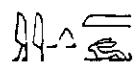
'n-h' w

"Aquele cuja aparência é bela"

PN I, 61, 28

Encontramo-nos, de novo, perante um nome que qualifica a "aparência" do recém-nascido como bela, prognosticando-lhe assim um destino bem favorável.

**i) Nomes que funcionam como epítetos formados sobre um
particípio (599)**



iy-m-wn

"Aquele que vem aberto"

PN I, 8, 27

𐎓𐎕𐎗𐎚𐎛𐎜𐎝𐎞𐎟𐎠𐎡𐎢𐎣

iy-m-wrw.t

"Aquele que vem na hora"

PN I, 9, 1

𐎓𐎕𐎗𐎚𐎛𐎜𐎝𐎞𐎟𐎠𐎡𐎢𐎣

iy-m-htp

"Aquele que vem contente"

PN I, 9, 2

𐎓𐎕𐎗𐎚𐎛𐎜𐎝𐎞𐎟𐎠𐎡𐎢𐎣

iy-mi-sb3

"Aquele que vem como uma estrela da manhã"

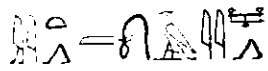
PN I, 9, 11

𐎓𐎕𐎗𐎚𐎛𐎜𐎝𐎞𐎟𐎠𐎡𐎢𐎣

iy-htp

"Aquele que vem contente"

PN I, 10, 16



iy.t-m-w3.w

"Aquele que vem de longe"

PN I, 11, 12



bnr-mr.wt

"O bem-amado"

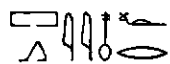
PN I, 97, 16



p3-'dd

"O adolescente"

PN I, 103, 18



pry-nfr (600)

"Aquele que saiu em beleza"

PN I, 134, 16

mry-nfr

"Aquele que é bem amado"

PN II, 24

mry-rmt.f

"Aquele que é amado pelas suas gentes"

M. Thirion, *RdE 31*, p. 84

PN I, 161, 5

mr.t

"Aquele que é amada"

PN I, 158, 13

nhy

"Aquele que foi pedido"

PN I, 207, 19

QUADRO XXXI

Infinitivo ou Grupo proposicional Participio		m- -w3.w	m- -wn	m- -wnw.t	m- -nsw.t	m- -htp	mi- -snb3	nfr	rmt.f	htp
ly			•	•		•	•			•
ly.t		•								
Bnr-mr.wt	•									
P3-gd	•									
Pry								•		
Mry								•	•	
Mrt	•									
Nhy	•									
Hyt					•					
Hmy	•									

Nomes na forma de epítetos formados sobre um participio

ḥ-y.t-(m)-nsw.t (601)

"Aquele que aparece como rainha"

PN I, 265, 24

ḥmy

"Aquele que foi ignorado"

PN I, 269, 15

Este último conjunto de nomes é bem diversificado no que respeita à explicitação do estatuto da criança. Em primeiro lugar, somos confrontados com um grupo de nomes que definem o recém-nascido como o "amado": "Aquele que é amada" (*mr.t*), "Aquele que é bem-amado" (*mry-nfr*), "Aquele que é amado pelas suas gentes" (*mry-rmt.f*) e o "bem-amado" (*bnr-mr.wt*). Todos estes exemplos nos provam a profunda afeição dos progenitores pelo recém-nascido. Uma afeição que se prolonga pela sua existência, como um talismã protector. Um segundo grupo, apresenta-nos o "portador" do nome "como aquele que vem" ou "aparece": "aquele que vem aberto" (*iy-m-wn*), "Aquele que vem na hora" (*iy-m-wnw.t*), "Aquele que vem contente" (*iy-m-ḥtp; iy-ḥtp*), "Aquele que vem de longe" (*iy-m-w3.w*) e, ainda, "Aquele que vem como uma estrela da manhã" (*iy-mi-sb3*) ou "Aquele que aparece como uma rainha" (*ḥ-y-(m)-nsw.t*).

O recém-nascido é, sempre, um recém-chegado. Chegado de longe,

mas na hora certa e com grande contentamento, próprio, e para os outros. Aberto à vida e à família que o acolhe. Belo, como "uma estrela da manhã" ou como "uma rainha".

Todos os outros nomes inventariados, definem um "estatuto" diferenciado do recém-nascido. Assim, encontramos, por exemplo, um nome que nos fala do próprio momento do nascimento: "Aquele que saiu em beleza" (*pry-nfr*). Outro, exprime-nos que o recém-nascido foi muito ansiado e desejado pelos seus pais: "aquele que foi pedido" (*nfy*). Outro, define-nos o estatuto do recém-nascido no interior da família: "O adolescente" (*p3-gd*) e, finalmente, um último nome que poderemos classificar, de novo, no grupo dos nomes-tabu: "Aquele que foi ignorado" (*hmy*).

E, com estes nomes, fechamos mais um ciclo. Mas a porta continua aberta para a aventura maravilhosa da "nomeação".

3.2.4.4.3- As qualidades morais e/ou intelectuais

Encontramo-nos perante um conjunto de nomes que, geralmente, eram motivados pela personalidade do objecto da nomeação (602). Assim sendo, estamos face a uma segunda nomeação que ocorria, habitualmente, no decurso da vida do seu "portador" (603).

Todos os exemplos inventariados se apresentam na forma de epítetos qualificativos.



i-hm (604)

"Oh, ignorante"

T. Schneider, *o. c.*, p. 289

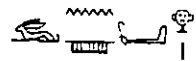


~~~~~ |

*wn-hr*

"O inteligente"

*PN I, 79, 5*



*wn.t-hr*

"A inteligente"

*PN I, 79, 8*



*p3-bnr*

"O doce"

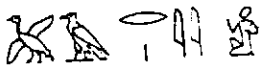
*PN I, 104, 24*



*p3-ndm*

"O doce"

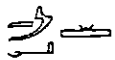
*PN I, 114, 10*



*p3-ry*

"O falador"

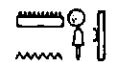
T. G. H. James, *Corpus...*, p. 106, plate LXIII



*m3<*

"O justo"

*PN I, 144, 16*



*mntj*

"O excelente"

*PN I, 153, 3*



*mnh. t*

"A excelente"

*PN I, 153, 14*



*ndm*

"O doce"

*PN I, 215, 8*



*ndm. t*

"A doce"

*PN I, 215, 24*



*rs*


"O feliz"

*PN I, 227, 10*

  
*spd-hr*

"O hábil"

*PN I, 306, 17*

  
*kn* (605)

"O bravo"

*PN I, 334, 17*

  
*t3-im3.(t)*

"A cordial"

*PN II, 179*

  
*t3-w·b.t*

"A pura"

*PN II, 179*



t3-bin.t

"A má"

PN I, 356, 12; II, 180



t3-bnj.t

"A doce"

PN I, 356, 13

Deste vasto conjunto de nomes inventariados encontramos sete que definem, claramente, as qualidades morais do (da) "portador(a) do nome". As qualidades mais citadas são a doçura e a excelência, características expressas quer para o sexo masculino, quer para o sexo feminino. A bravura, em oposição à doçura, também está presente, como não poderia deixar de ser, demonstrando que, enquanto algumas mães salientavam características mais afectivas inerentes aos seus filhos, outras, pelo contrário, valorizavam as qualidades apreciadas pelo Império. Outros atributos definidores do "portador do nome" são a justiça e a felicidade, demonstrativos, porventura, da boa conduta do filho e da sua boa sorte. As raparigas surgem, ainda, com dois outros nomes bem curiosos: a cordial e a pura, qualidades que exprimem não só o carácter da sua "portadora" mas, também, no segundo caso, eventualmente, a sua função.

Quanto às características intelectuais, a qualidade mais citada é a inteligência, sendo a outra a habilidade. Estas definem, sem dúvida, as

capacidades demonstradas pelo "portador do nome" até ao momento desta segunda nomeação.

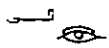
Depois, encontramos, ainda, três nomes que poderemos classificar como "negativos": o ignorante, o falador e a má. Também estes expressam uma conduta menos positiva por parte do seu "portador" no decurso da sua ainda curta existência.

Todos estes nomes nos dão uma imagem dos valores mais apreciados pelos homens e pelas mulheres, do Império Novo. Por isso, eles são salientados, quando presentes, numa segunda nomeação dos seus filhos.

#### **3.2.4.4.4- As qualidades físicas**

Esta nova categoria de nomes indica as diferentes qualidades físicas do seu "portador".

##### **a) Na forma de exclamações**



67 (606)

"O belo"

*PN* I, 61, 9



*p3-nfr* (607)

"Este belo"

*PN I, 113, 1*



*nfr*

"O belo"

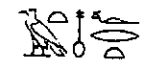
*PN I, 194, 1*



*nfr.t*

"A bela"

*PN I, 201, 10*



*t3-nfr.t* (608)

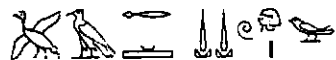
"Esta bela"

*PN I, 364, 1; II, 180*

A beleza era, sem dúvida, uma das qualidades mais apreciadas pelos antigos egípcios. E, ainda hoje, quando um curioso recorda esta civilização, raramente não lhe vem à ideia, a imagem da bela Nefertiti ou da tardia Cleópatra. Mas a beleza não era, exclusivamente, uma preocupação feminina. Também os homens cuidavam do seu aspecto, utilizavam pinturas sobre o rosto, cabeleiras, adornos, perfumes e unguentos. E, por isso, ainda hoje algumas mulheres se maravilham com as representações estatuárias de Tutmósis III ou Ramsés II ou outras mais originais, como eu, preferem as formas e expressões afro-asiáticas de Akenaton.

Podemos assim compreender a exclamação maravilhada de uma mãe perante a beleza presenciada no seu filho ou na sua filha.

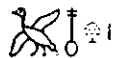
### **b) Na forma da construção adjectivo + substantivo (anexão de qualificação)**



*p3-<sup>c</sup>3-d3d3*

"Aquele cuja cabeça é grande"

*PN I, 102, 20; 112, 12; 126; 22*



*p3-nfr-hr*

"Aquele que é belo de rosto"

*PN I, 113, 10*



t3-‘3. t-d3d3

"Aquele cuja cabeça é grande"

*PN I, 354, 17*

Um destes nomes fala-nos da beleza do rosto do "portador do nome". E, muito embora na civilização egípcia, o corpo assumisse um papel muito importante, o rosto era sempre a primeira imagem a reter e, por isso, muito privilegiada. Os outros dois exemplos apresentam-nos o "portador do nome" como alguém cuja cabeça era grande, pretendendo talvez salientar a sua excessiva dimensão face ao resto do seu corpo.

### **c) Na forma de epítetos**



‘3

"O grande"

*PN 1, 57, 2*



'3m (609)

"O asiático"

*PN 1, 59, 2*



'3m t

"A asiática"

*PN 1, 59, 3*



*p3-isy (610)*

"O calvo"

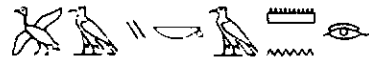
R. J. Demarée, *o. c.*, p. 37



*p3-šsp*

"A largura da mão"

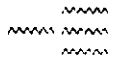
*PN I, 119, 12*



*p3-k3mn*

"O cego"

*PN I, 120, 7; II, 178*



*nmw*

"O anão"

*PN I, 204, 10*



*nht*

"O vigoroso"

*PN I, 209, 16*



*Km*

"O negro"

*PN I, 344, 27*



*t3-ʿ3. t*

"A grande"

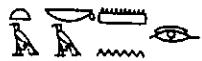
*PN I, 354, 14*



*t3-wsr. t*

"A vigorosa"

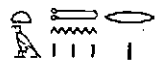
*PN I, 355, 22; II, 180*



*t3-k3mn. t*

"A cega"

*PN I, 371, 2; II, 180*



*t3-nr.(t)*

"A vigorosa"

*PN I, 372, 9*



*d3f*

"O russo (de cabelo)"

*PN I, 405, 6*



*d3d3y (611)*

"Belo crâneo"

*PN I, 405, 21*

Estamos, de novo, perante um conjunto bem diversificado de nomes, alusivos às qualidades físicas do seu portador. Um primeiro grupo apresenta-nos as características inerentes ao seu corpo: grande ( *t3* ) e vigoroso ( *nr* ), qualidades fundamentais para um bom "guerreiro". Um segundo grupo dá-nos as características alusivas à sua cor ou aos seus

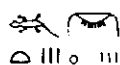
**a) Nomes com base na construção adjectivo + substantivo  
(anexão de qualificação)**



‘š3-ih.wt

"Aquele que é copioso de riquezas"

*PN I, 71, 12*



‘š3.t-nb

"Aquele que é rico em ouro"

*PN I, 71, 18*

Estes dois exemplos definem-nos o "portador do nome" como alguém que é bastante rico. A sua riqueza poderá ter diversas proveniências, muito embora as mais prováveis estejam ligadas à actividade guerreira, comercial ou religiosa.

traços: "o negro" (*km*), "o russo (de cabelo)" (*d3f*) e o asiático (*‘3m*), procurando, deste modo, determinar a origem estrangeira destas crianças. Um terceiro grupo aponta, sobretudo, as "anomalias" ou defeitos físicos do "portador do nome": "o calvo" (*p3-isy*), o cego (*p3-k3mn*) e o anão (*nmw*). E, para finalizar, um último grupo de nomes que poderemos considerar de simbólicos: "a largura da mão" (*p3-šsp*) e "belo crâneo" (*d3d3y*). O primeiro destes nomes foi, sem dúvida, uma alcunha dada pelos progenitores ao seu filho, devido ao seu reduzido tamanho. O segundo, aponta para a perfeição inerente à cabeça do portador do nome. Uma perfeição física e, porventura, mais ampla, espiritual e mental.

O conjunto destes nomes dá-nos aquilo que eram as características físicas, positivas ou negativas, mais valoradas pelos antigos egípcios. Indica-nos, também, a sua forma de diferenciar os estrangeiros. Fala-nos do homem, enquanto corpo, realidade material, mas implícita está sempre a sua dimensão intelectual ou psico-espiritual, pois o corpo não era senão o suporte de potencialidades e funções que identificavam o homem com as funções essenciais do Universo (612).

#### **3.2.4.4.5- Nomes de profissões ou categorias sócio-económicas**

Encontramo-nos, agora, perante um conjunto de nomes que nos indicam a profissão ou a categoria sócio-económica do "portador do nome". Obviamente que, nem todas as profissões estão presentes. Isto não implica a sua inexistência, no Império Novo, mas antes exprime que os progenitores optaram por uma qualquer outra qualificação, que não a profissional, ao nomearem, pela segunda vez, o seu filho.

## **b) Nomes na forma de epítetos**

### **1-Títulos**



(613)

*wr-hpr-hmw.t*

"O chefe dos artifices"

*PN I, 81, 18*



*p3-imj-r3-ihw*

"O superintendente da manada (dos bois)"

*PN I, 100, 16; II, 189*



*p3-imj-r3-hm*

"O comandante da fortaleza"

*PN I, 100, 20; II, 180*



*p3-imj-r3-šnw.t*

"O superintendente do celeiro"

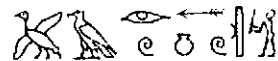
*PN I, 101, 1; II, 189*



*p3-imj-r3-šnw.tj*

"O superintendente dos dois celeiros"

*PN II, 189*



*p3-ir-swn.t (614)*

"O comerciante"

*PN I, 101, 11; II, 189*



*p3-irj-ʿ3*

"O porteiro"

*PN I, 101, 19*

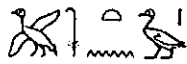


**p3-hrj-pd.t (616)**

"O comandante das tropas"

M. Thirion, *RdE* 36, p. 127

*PN* I, 115, 27; II, 189



**p3-s3-nsW**

"O príncipe"

*PN* I, 116, 25



**p3-sr (617)**

"O príncipe"

*PN* I, 117, 12; II, 189



**p3-t3j-srj.t**

"O porta-estandarte"

*PN* I, 121, 6; II, 190



*p3-w'ḏ*

"O sacerdote- w'ḏ"

*PN I, 103, 24; II, 189*



(615)

*p3-h3tj-ꜥ*

"O príncipe"

*PN I, 115, 12; II, 189*



*p3-hm-ntr*

"O servidor do deus (sacerdote)"

*PN I, 115, 16; II, 189*

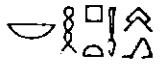


*t3-hnw.t-(n.t)-p3-mtr*

"A dama das abluções"

M. Thirion, *RdE* 39, p. 135

*PN I, 365, 20; II, 396*



*nb-hp.t* (618)

"O senhor dos remadores"

*PN I, 186, 3*



*nb-df3.w* (619)

"O senhor das provisões"

*PN I, 187, 2*



*hrj-nbj.w*

"O chefe dos ourives"

*PN II, 190*



*sr*

"O príncipe"

*PN I, 316, 25; II, 191*



*ḥpy-ihwy*

"A superintendente do gado"

T. G. H. James, *Corpus...*, p. 88, plate LII



*ḥ3tj*

"O vizir"

*PN I, 389, 15; II, 191*

Encontramo-nos, agora, perante um conjunto de títulos que são dados ao "portador do nome", provavelmente, por ocasião de uma segunda nomeação. Estes podem encerrar uma mensagem simbólica ou muito simplesmente indicar-nos a posição profissional e social do portador de tal nome. Curiosamente, estes títulos remetem-nos para a complexa realidade sócio-profissional da sociedade egípcia. Com efeito, no Antigo Egipto não verificamos uma separação nítida entre o civil e o religioso. Assim, uma mesma personagem pode acumular cargos num e noutro domínio. Isto permitia, por um lado, ao Estado, controlar a gestão dos templos e, por outro, aos sacerdotes intervir nos negócios do Estado. O peso relativo de cada um dos intervenientes na economia do país era um dado essencial do equilíbrio de poder (620).

Verificamos através da listagem de nomes apresentados que a maioria destes títulos estão ligados aos templos e à actividade religiosa, não excluindo isto, como dissemos anteriormente, a possibilidade destas

mesmas personagens acumularem outras funções de carácter puramente civil.

O sacerdote- *w<sup>c</sup>b* (*p3-w<sup>c</sup>b*) e o servidor do deus (*p3-hm-ntr*) são dois dos títulos dados como nomes a diferentes personagens. O primeiro indica-nos que o portador de tal nome era, sem dúvida, um *w<sup>c</sup>b*, um sacerdote puro, que fazia parte de um dos grupos mais representativos do pessoal do templo. As suas funções eram diversas e iam desde o abastecimento de provisões para a alimentação do deus até à participação no transporte da barca que conduzia a "estátua divina" por altura de festividades anuais ou officios solenes.

O segundo afirma-nos que estamos perante um servidor do deus, sacerdote que pertence ao alto clero e que presta serviço a tempo inteiro, podendo por isso beneficiar de instalações anexas ao templo. Esta categoria sacerdotal era responsável por todas as actividades culturais e superintendia ainda as diversas tarefas que se executavam nos vastos domínios do templo a que pertenciam (621).

Um outro nome curioso é o de "chefe dos artífices" (*wr-hpr-hmw.t*), título utilizado, habitualmente, pelo grande sacerdote de Ptah (622), que nos indica, assim, estarmos perante uma das personagens mais importantes, no seu tempo, da sociedade egípcia.

"O porteiro" (*p3-irj-<sup>c</sup>3*) é outro dos títulos que tanto pode ser usado por uma personagem ligada ao templo como ao domínio real ou até particular (623). Este funcionário estava, habitualmente, incumbido de tarefas relacionadas com cobranças (624), competindo-lhe a ele chamar o "mau pagador" à razão, sempre que isso se tornava necessário (625).

Outros títulos que poderemos englobar nos quadros do pessoal ligado ao templo são: "a dama das abluções" (*p3-hnw.t-(n.t)-p3-mtr*), "o senhor dos remadores" (*nb-hp.t*), "o senhor das provisões" (*nb-df3.w*), "o superintendente da manada" (*p3-imj-r3-ihw*), "a superintendente do gado" (*tpy-ihwy*), assim como "o chefe dos ourives" (*hrj-nbj.w*). Alguns destes funcionários podem, também, exercer a sua actividade no domínio real, como é o caso dos artesãos (626).

Debrucemo-nos, agora, sobre os outros nomes que se apresentam

como títulos ligados, preferencialmente, ao pessoal do Estado, muito embora possam também pertencer a funcionários do templo, como é o caso do "superintendente do celeiro" (*p3-imj-r3-šnw.t*) e do "superintendente dos dois celeiros" (*p3-imj-r3-šnw.tj*). Os dois cargos surgem, pela primeira vez, no decorrer da V dinastia e persistem ao longo da civilização egípcia (627). O primeiro era responsável pela recolha dos cereais, numa grande área do país (628). O segundo operava à escala de todo o território, acumulando muitas vezes o cargo com o de vizir (629).

Outros títulos que indicam cargos preferencialmente ligados ao estado e, neste caso particular, ao exército são: "o comandante da fortaleza" (*p3-imj-r3-htm*), responsável por uma fortificação, o "comandante das tropas" (*p3-hrj-pd.t*), oficial superior que actua na dependência de uma fortaleza e o "porta-estandarte" (*p3-t3j-srj.t*), que comandava uma unidade de 250 homens (630), exercendo a sua actividade quer no exército quer na marinha (631).

Restam-nos, simplesmente, três nomes. Três títulos. Um deles representa o mais alto funcionário do estado: o vizir (*t3tj*). No Império Novo, este cargo era apanágio de certas famílias, passando assim de geração em geração ou podia inclusive ser ocupado por um filho real, como no caso de Seti I, vizir de Ramsés I.

Competia ao vizir a gestão da mão-de-obra, do património real e nacional, o exercício da justiça ao mais alto nível, a recolha dos impostos e dos tributos estrangeiros, o controle dos arquivos centrais, a nomeação dos magistrados, comissários da polícia, administradores provinciais e demais funcionários superiores.

Quanto ao outro título, "o comerciante" (*p3-ir-swn.t*), ele só é atestado a partir do Império Novo, altura em que passa a existir um comércio profissional, marginal à economia do estado. O comerciante não só transacionava bens manufacturados, animais, cereais e metais, como também e, principalmente, escravos (632).

E, para terminar, temos uma categoria honorífica "o príncipe" (*p3-h3tj-;* *p3-s3-nsu*; *p3-sr* e *sr*). Ele é, sempre, um filho real, tendo assim à partida um bom futuro assegurado, quer nos quadros do

do funcionalismo quer nas castas sacerdotais.

Todos estes nomes encerram uma mensagem. Uma história que se prende com a problemática da nomeação. Ela nunca é definitiva e pode ser renovada ao longo da vida, por circunstâncias várias. Neste caso, explicitando a profissão ou a categoria sócio-económica alcançada pelo "portador do nome".

## 2- Categorias sócio-profissionais

4.000

*ity* (633)

"O patrão"

Ch. Maystre, *o. c.*, p. 323



*w03-inr*

"O pedreiro"

*PN I, 77, 7; II, 188*



*ḏ3k* (634)

"O servo"

*PN I, 90, 13*



*ḏ3k.t* (635)

"A serva"

*PN I, 92, 5*



*ḏ3-ḏ3*

"O guerreiro"

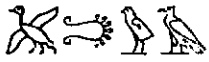
*PN I, 103, 9; II, 189*



*ḏ3-ḏ3 wty*

"O guerreiro"

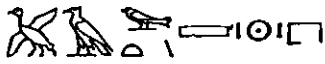
*PN I, 103, 12; II, 189*



*ḏ3-ḥwty*

"O lavrador"

*PN I, 103, 13; II, 189*



*ḏ3-wrš*

"O guarda"

*PN II, 189*



*ḏ3-mš*

"O soldado"

*PN I, 105, 15*



*ḏ3-ḳd.w*

"O oleiro"

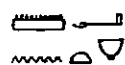
*PN I, 120, 2; II, 189*



*ḥ3-kt(r)*

"O cocheiro"

*PN II, 190*



*am.t*

"A ama"

*PN I, 151, 7; II, 190*



*st*

"O pintor"

*PN I, 297, 27; II, 191*



*kt*

"O mendigo"

*PN II, 191*

𐎓𐎗𐎙

*k3ty*

"O carregador"

M. Thirion, *RdE* 36, p. 132

*PN* I, 342, 20

𐎓𐎗𐎚

*kt(n)*

"O cocheiro"

*PN* I, 349; II, 191

𐎓𐎗𐎙𐎗𐎙

*t3-šmj.t*

"A vendedora"

*PN* I, 367, 23; II, 191

𐎓𐎗𐎙𐎗𐎙

*t3-šmj.t*

"A música"

*PN* I, 368, 3; II, 191



*t3-k3rj.t*

"A jardineira"

*PN I, 371, 5; II, 191*

Encontramo-nos, agora, perante um conjunto de nomes que nos indicam a categoria sócio-profissional do "portador do nome", objecto de uma segunda nomeação.

Várias são as categorias profissionais aqui mencionadas. O grupo mais representativo é, sem dúvida, o dos militares: o guerreiro (*p3-ḥ3* ; *p3-ḥ3wty*), o soldado (*p3-mš*), o guarda (*p3-wrš*) e o cocheiro (*p3-ktn*). Esta realidade não nos surpreende se tivémos em conta que a carreira militar se torna, ao longo do Império Novo, uma das mais prestigiadas, poderosas e rentáveis. Logo a seguir vêm os artifices ou artesãos, que dependiam do templo ou do domínio real: o pedreiro (*wb3-jnr*), o oleiro (*p3-ḥd w*) e o pintor (*jsš*). Também eles ocupam um papel determinante no novo quadro político e mental. Basta recordarmo-nos da importância da comunidade de Deir el-Medina (636), da sua funcionalidade face à problemática da vida e da morte, da sua operatividade na construção e decoração dos túmulos dos reis, das rainhas e dos nobres na "montanha tebana".

Depois, encontramos dois nomes alusivos à actividade agrícola: o lavrador (*p3-ḥwty*) e a jardineira (*t3-k3rj.t*). Eles representam o suporte económico, por excelência, da antiga civilização egípcia. No entanto, a sua importância em termos sócio-económicos nunca é verdadeiramente reconhecida, muito menos num Império que faz da guerra a sua principal actividade política e económica.

Deparamos ainda com um nome alusivo à actividade comercial, a vendedora (*t3-šmj.t*) e outro representativo dos quadros ligados ao

templo, a música (*t3-šm.j.t*) (637). Para finalizar descobrimos um nome que se pode integrar quer na actividade agrícola, quer na actividade artesanal: o carregador (*k3ty*).

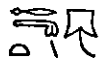
Paralelamente a estes nomes que nos indicam a categoria profissional do "portador do nome", verificamos a existência de um outro conjunto que nos dá o seu posicionamento no quadro social: o servo (*š3k*), a serva (*š3k.t*), o mendigo (*kr*) e o patrão (*ity*).

Eles alertam-nos para uma nova realidade social, a da servidão (638), e apontam-nos, ainda, as consequências sócio-económicas de um Império profundamente alterado em termos estruturais. O mendigo surge, assim, como o representante de um novo grupo social, depauperado e não integrado social e economicamente. Por outro lado, o patrão aparece-nos como o expoente contrário dessa nova realidade sócio-económica.

A abertura ao mundo, a quebra das tradições, a crise das instituições e dos valores ético-religiosos vem alterar, inevitavelmente, a face do Império.

#### **3.2.4.4.6- Nomes de animais**

Este novo conjunto de nomes estabelece uma relação entre a criança e a divindade à qual o animal se reporta (639) ou, nalguns casos, entre o "portador do nome" e a personalidade e as características potencializadas por esse animal.



‘3

"O burro"

*PN II, 183*



*p3-ib*

"O carneiro"

*PN I, 100, 14; II, 183*



*p3-‘3*

"O burro"

*PN II, 183*



*p3-wnš*

"O lobo"

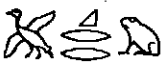
*PN I, 104, 3*



*p3-mjw*

"O gato"

*PN I, 105, 7*



*p3-kr*

"A rā"

*PN I, 120, 1*



*p3-ḡf*

"O cercopiteco"

*PN II, 184*



*pnw*

"O rato"

*PN I, 133, 6*



*m3j*

"O leão"

*PN I, 144, 1*



*mymj.t*

"A girafa"

*PN II, 184*



*nr3w*

"O bode"

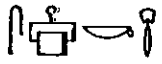
*PN II, 184*



*s3nḥm*

"O gafanhoto"

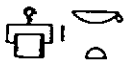
*PN I, 428, 10; II, 184*



s3k

"O burrico"

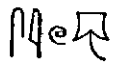
PN II, 184



s3k.t

"A burrica"

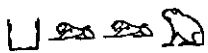
PN II, 184



sjw

"O carneiro"

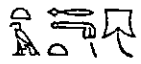
PN II, 184



kff (640)

"A rã"

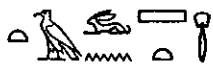
PN I, 336, 8; II, 185



t3-3.t

"A burra"

PN II, 185



t3-wr3.t

"A loba"

PN I, 355, 12; II, 185



t3-pnw.t

"A rata"

PN I, 356, 21; II, 185

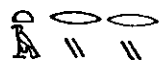


t3-mj.t (641)

"A gata"

M. Thirion, *RdE* 34, p. 107

PN I, 357, 5; II, 185



*t3-rr.t*

"A porca"

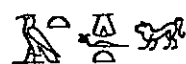
*PN II, 185*



*t3-s3k.t*

"A burrica"

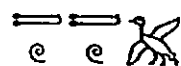
*PN II, 185*



*t3-gf.t*

"A cercopiteca"

*PN I, 371, 19; II, 185*



*tt*

"O pardal"

*PN I, 395, 19; II, 185*

A análise desta lista de nomes próprios apresenta-nos Set como a divindade mais citada, neste tipo particular de nomeação. Ele é identificado com o burro (𓆎), com o rato (*pnw*) e, ainda, com a girafa (*nymj.t*) (642). A preferência expressa por esta divindade vem demonstrar mais uma vez, a eficácia político-religiosa dos reis da XX dinastia, que promovem o seu deus ancestral a um protagonismo sem precedência na história recente da sociedade egípcia. Curiosamente, o rato, um dos animais identificados com Set, é adorado como o assassino preferencial das cobras, apresentando-se, também, muitas vezes, como a encarnação de Atum. Quanto ao burro, o animal mais citado como expressão de Set, ele surge no Império Novo como protagonista de um rito particular no festival de Osíris.

O carneiro, o lobo, o gato, a rã e o cercopiteco surgem-nos, depois, como o segundo grupo de animais mais citados.

O carneiro é um animal mítico, identificado quer com Amon, quer com Khnum, duas divindades criadoras, bem representativas da "piedade pessoal" no Império Novo, para além da sua importância em termos institucionais.

O lobo é a expressão animal de Uapuuat, "o abridor de caminhos", adorado em Assiut (643), enquanto o gato nos surge como uma das formas de Ré, na sua função de devorador da cabeça de Apófis (644). A gata representa a deusa Bastet, muito adorada em Bubastis, sobretudo a partir de finais do Império Novo e a rã é o animal sagrado da deusa Heket, esposa de Khnum, associada ao fenómeno da criação e dos nascimentos.

E, finalmente, temos o cercopiteco, espécie de símio, identificado com o deus Thot (645).

Todos os outros animais citados surgem com uma única referência. O leão, animal mítico de Dnuris e a porca, expressão de Nut, na sua função de devoradora voraz.

Restam-nos três animais cuja identificação a uma divindade não é muito clara, na mitologia egípcia: o bode, o gafanhoto e o pardal. O primeiro simboliza a ambivalência divina, simultaneamente criadora e destruidora, enquanto o segundo é a imagem mítica da devastação (646).

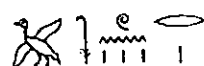
Só o pardal parece não encontrar uma justificação simbólica no seio da civilização egípcia. O seu aparecimento como nome próprio data do Império Novo e, segundo H. Ranke (647), é pouco representativo.

Os nomes de animais utilizados como nomes próprios encontram-se não só na antiga civilização egípcia, como entre os povos semíticos da antiguidade. Eles demonstram bem a importância que os animais sagrados ou míticos assumiam em termos de devoção popular.

Na origem, estes nomes terão surgido como cognomes ou alcunhas e só gradualmente se terão transformado em nomes próprios (648).

#### **3.2.4.4.7- Nomes de plantas ou frutos**

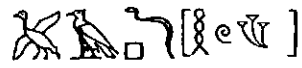
Este novo conjunto de nomes estabelece uma relação entre o "portador do nome" e o potencial simbólico ou mágico inerente à planta ou fruto com a qual é identificado.



*p3-snr (s1)*

"A planta"

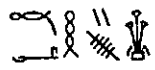
*PN I, 117, 10; II, 181*



*p3-gp(h)*

"A maçã"

*PN II, 181*



*mhj*

"O linho"

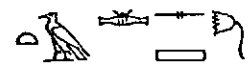
*PN II, 181*



*snr (sl)*

"A planta"

*PN I, 316, 10; II, 181*



*t3-g3 w. t-sšr. w*

"O feixe de lótus"

*PN I, 371, 18; II, 181*

A leitura destes nomes permite-nos, de imediato, uma constatação. Um único fruto é citado como nome próprio: a maçã ( $\rho\beta$ - $gp(h)$ ). Esta, para além da sua importância na vida alimentar dos antigos egípcios, revela-nos imediatamente uma mensagem simbólica. A maçã é apreendida como um meio de conhecimento, conhecimento da vida, da sabedoria, do bem e do mal (649).

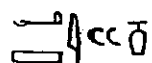
Relativamente às plantas, constatamos a presença de dois nomes próprios designativos da própria planta, em si ( $\rho\beta$ - $snr$  e  $snr$ ), e de dois outros nomes, um referente ao linho ( $mhj$ ) e outro ao feixe de lótus ( $t\beta$ - $g\beta w.t$ - $s\beta n w$ ).

O linho desempenhava um papel primordial na economia egípcia, em virtude de ser a matéria prima, por excelência, do vestuário masculino e feminino dos antigos egípcios. Quanto ao feixe de lótus, a sua importância é determinante no imaginário religioso dos homens do Império Novo. Com efeito, segundo a cosmogonia hermopolitana, os quatro casais de deuses que constituíam o pré-mundo vão depositar no lótus que emerge da água primordial, uma semente. Esta semente, semelhante ao líquido seminal, fecundará a flor que posteriormente se abrirá para dar à luz, o Sol (650). Deste modo, o lótus é o primeiro nascido das águas primordiais, simbolizando, simultaneamente, o nascimento e os renascimentos.

Verificamos que os nomes de plantas ou de frutos são pouco representativos entre os nomes próprios egípcios do Império Novo. Segundo H. Ranke (651), esta realidade verifica-se ao longo dos vários períodos da história egípcia, muito embora no Império Antigo eles surjam com maior expressão.

#### **3.2.4.4.8- Nomes de objectos**

Estamos, agora, perante um grupo de nomes que estabelece uma relação entre o "portador do nome" e o potencial simbólico ou mágico de determinados objectos.



ś

"O cântaro (de cerveja)"

*PN II, 186*

zns

wj3 (652)

"A barca sagrada"

*PN I, 75, 24*



p3-wj3 (653)

"A barca sagrada"

*PN I, 103, 20*



*p3-mdh*

"A faixa"

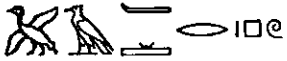
*PN I, 105, 17*



*p3-hmn.j* (654)

"O falso"

*PN I, 115, 20*



*p3-hrp*

"A espada"

*PN II, 186*



*p3-sd* (655)

"A cauda"

*PN I, 117, 21*



*hmw*

"O leme"

*PN I, 240, 8*



*hsbd*

"O lápis-lázuli"

*PN I, 274, 11; II, 187*



*sd* (656)

"A cauda"

*PN I, 323, 10*

Do conjunto de nomes apresentados podemos salientar alguns, cuja mensagem simbólica é bastante clara.

"O cântaro (de cerveja)" ( š ), por exemplo, remete-nos, de imediato, para toda a mitologia hathoriana, onde esta bebida desempenha um papel primordial. Recordemos, a propósito, a "festa da bebedeira", dedicada à deusa Hathor, onde a cerveja transbordava, para alegria

dos fiéis e da divindade. E ainda o "Mito da Destruição da Humanidade" (657), onde esta bebida simulará o sangue dos homens, embriagando Hathor e impedindo, deste modo, a sua acção vingadora e destruidora. A cerveja, bebida nacional por excelência, assumia na civilização egípcia um valor simbólico e mágico.

A barca sagrada (*wi3*; *p3-wi3*) é, também, outro dos nomes próprios com uma mensagem bem clara. Ela desempenha um papel fundamental nas festividades populares, transportando em procissão, a estátua do deus e, simulando, deste modo, a sua viagem pela eternidade, a ultrapassagem do espaço e do tempo, a vitória sobre todos os perigos, mais tarde plenamente representada no culto funerário, quando o morto já transformado num Osiris faz a sua última viagem de barca, em direcção ao Além, ao mundo dos ocidentais. Também o falo (*p3-hnn.j*), membro viril masculino que surgia como símbolo de fecundidade, a espada (*p3-hrp*), símbolo militar e o lápis-lázuili (*hstg*), pedra sagrada considerada como talismã protector, estão representados neste conjunto de nomes próprios.

Encontramos, depois, três nomes cuja explicação não é muito clara: a faixa (*p3-mdh*), a cauda (*p3-sd*; *sd*) e o leme (*hmw*). H. Ranke (658) refere-nos, a este propósito, ser ainda impossível de determinar a razão que levou os progenitores a escolherem estes nomes como nomes próprios de uma criança.

#### **3.2.4.4.9- Nomes étnicos ou alusivos a lugares**

Encontramo-nos, agora, perante um conjunto de nomes que nos indicam a origem étnico-geográfica do portador ou portadora do nome (659).

## a) Epitetos

𓂏𓂏𓂏

*hwꜥy*

"O Heliopolitano"

T. Schneider, *o. c.*, p. 26

*PN I*, 17, 22; 17, 23 (var.)

𓂏𓂏𓂏𓂏

*hwꜥy.t* (660)

"A Heliopolitana"

M. Thirion, *RdE 31*, pp. 82-83

𓂏𓂏𓂏𓂏

*wꜥsty* (661)

"O Tebano"

M. Megally, *CdE LXVI*, pp. 112-113; 116-117

𓂏𓂏𓂏𓂏𓂏

*P3-imꜥw*

"O Amorita"

*PN I*, 101, 4



*p3-nhsj*

"O Núbio"

*PN I, 113, 13; II, 193*



*p3-rk*

"O Lício"

*PN I, 115, 2; II, 193*



*p3-ḥr.j* (662)

"O Sírio"

*PN I, 116, 17; II, 193*



*p3-š3.sW* (663)

"O Beduíno"

*PN I, 117, 24; II, 193*

𓏏𓏏

*Nhs.j*

"O Núbio"

*PN I, 209, 4*

𓏏𓏏 𓏏𓏏

*Hr.j*

"O Sírio"

*PN I, 273, 24; II, 193*

𓏏𓏏 𓏏𓏏 𓏏𓏏

*Hr.j t*

"A Síria"

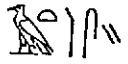
*PN I, 274, 1; II, 193*

𓏏𓏏 𓏏𓏏

*S3-ibšk*

"O filho de Abu-Simbel"

*PN I, 280, 16; II, 193*



t3-nḥs.j.t

"A Núbia"

*PN I, 364, 4; II, 194*



t3-ḥr.j.t

"A Síria"

*PN I, 367, 3; II, 194*



t3-ḥt3

"A Hitita"

*PN II, 194*



t3-š3sw.t


"A Nómada"

*PN II, 194*

Este primeiro conjunto de nomes pode dividir-se em dois grupos distintos. Um grupo que nos designa o portador do nome como originário de uma determinada cidade (o heliopolitano, a heliopolitana, o tebano, o filho de Abu-Simbel) e um outro, bem mais numeroso que, segundo H. Ranke (664), apresenta o portador do nome como um estrangeiro, estabelecido no Egito: o amorita, o núbio, a núbia, o lício, o sírio, a síria, o beduíno, a hitita e a nômada.

Este segundo grupo é bem representativo da política de abertura ao mundo que os reis do Império Novo desenvolveram durante os seus reinados. A terra dos faraós cobre-se de estrangeiros e estes são nomeados de acordo com a sua origem étnico-geográfica.

#### b) Nomes com base na formação *p3 n/t3 n*

  
*p3-n-3bw*

"Aquele de Elefantina"

*PN II, 192*

  
*p3-n-3bdw*

"Aquele de Abidos"

*PN I, 105, 19; II, 192*



*p3-n-iw-n-itr(w)*

"Aquele de Gebelein"

*PN I, 106, 1; II, 192*



*p3-n-iwnj*

"Aquele de Hermontis"

*PN I, 106, 3; II, 192*



*p3-n-iwnw*

"Aquele de Heliópolis"

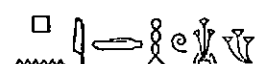
*PN II, 192*



*p3-n-imr*

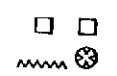
"Aquele de Amurru"

*PN II, 192*

  
*p3-n-idh.w*

"Aquele do Delta"

*PN 11, 192*

  
*p3-n-p*


"Aquele de Buto"

*PN 1, 107, 12*

  
*p3-n-p3-idh.w*

"Aquele do Delta"

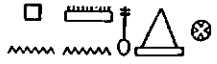
*PN 11, 192*

  
*p3-n-p3-t3* (665)

"Aquele do país"

M. Thirion, *RdE* 33, p. 84

*PN 1, 107, 23*



*p3-n-mn-nfr*

"Aquele de Mênfis"

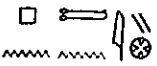
*PN I, 108, 9; II, 192*



*p3-n-ni.w.t*

"Aquele da cidade (Tebas)"

*PN I, 108, 20; II, 192*



*p3-n-(n)*

"Aquele de This"

*PN I, 112, 8; II, 192*

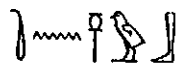


*p3-n-drtj* (666)

"Aquele de Djarty"

M. Thirion, *RdE* 31, p. 82

*PN I, 112, 14; II, 192 e 354*



*t3-n.t-3bw*

"Aquela de Elefantina"

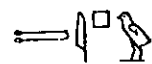
*PN I, 357, 19; II, 193*



*t3-n.t-iwr.t* (667)

"Aquela de Dendera"

*PN I, 357, 24; II, 194*



*t3-n.t-ipw*

"Aquela de Akhmin"

*PN I, 358, 3; II, 194*



*t3-n.t-bhd.t*

"Aquela de Edfu"

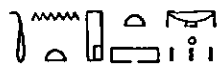
*PN I, 359, 14; II, 194*



*t3-n.t-niw.t* (668)

"Aquela da cidade (Tebas)"

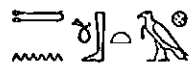
*PN I, 360, 17; II, 194*



*t3-n.t-hw.t-nb.w*

"Aquela de Hatnub"

*PN I, 362, 2; II, 194*



*t3-n.t-gbtjw*

"Aquela de Coptos"

*PN I, 363, 9*



*t3-n.t-dsr*

"Aquela de Deir el-Bahari"

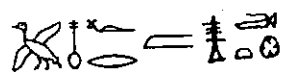
*PN I, 363, 15; II, 194*

Todos estes nomes designam o "portador do nome" como proveniente de determinada cidade ou espaço particular, permitindo-nos assim decifrar a história da sua origem. A ela está ligado um conteúdo político-ideológico e uma mensagem do religioso. Tebas, a capital por excelência do Egipto imperialista, reina sobre todas as outras cidades, exprimindo, deste modo, a sua importância em termos políticos e económicos, a importância da sua casta sacerdotal e do seu deus tutelar, Amon.

Paralelamente, o Delta surge-nos como o espaço privilegiado, recordando-nos o seu papel em termos estratégicos e o seu contributo a nível económico (669). Curiosamente, no entanto, a maior parte das cidades citadas situam-se no Sul (Elefantina, Abidos, Gebelein, Hermontis, Tebas, Tis, Djarly, Dendera, Akhmim, Edfu, Hatnub, Coptos e Deir el-Bahari). Só três (Heliópolis, Buto e Mênfis) pertencem ao Norte. A cidade do deus Sol, a "Muralha Branca", morada de Ptah e a lendária capital do XIX nome do Baixo Egipto, citada nas lendas da guerra entre Set e Osíris.

Todos os nomes inventariados pertencem a cidadãos egípcios, com excepção de um único, que designa o seu portador como um estrangeiro: "Aquele de Amurru" (*p3-n-imr*), um amorita que como tantos outros estrangeiros se instalara no Egipto, durante o seu período de abertura ao mundo, o Império Novo.

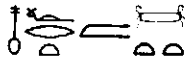
### c) Na forma de uma predicação de situação



*p3-nfr-m-gdw.t*

"O belo está em Mendes"

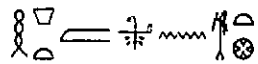
J. Černý, *o. c.*, p. 203



*nfr. t-m-st. t*

"A bela está na Asia"

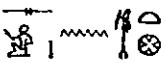
*PN I, 202, 6*



*hnw. t-m-šm-w-n-w3s. t*

"A dama está no Sul, em Tebas"

*PN I, 243, 9*



*s-n-w3s. t (670)*

"O homem está em Tebas"

M. Thirion, *RdE 31*, p. 90

*PN I, 278, 26; II, 193*



*sw-m-niw. t (671)*

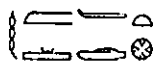
"Ele está na cidade (Tebas)"

*PN I, 302, 11*

Este novo conjunto de nomes indica-nos, de novo, a origem geográfica dos seus portadores. Três deles são provenientes de Tebas, a cidade do deus Amon, expressão política do Império. Um outro é originário de Mendes, no Delta. Todos eles designam cidadãos egípcios. Mas, mais uma vez, deparamos com um nome, neste caso feminino, indicador de uma personagem de origem estrangeira: "A bela está na Asia" (*nfr.t-m-st.t*).

A política externa do Egípto, no Império Novo, está assim bem representada neste tipo particular de nomeação.

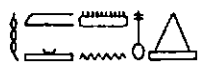
#### d) Na forma de uma predicação de qualidade



*ndm-bhd.t*

"Agradável é Edfu"

*PN I, 215, 13*

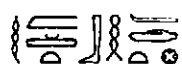


*ndm-mn-nfr*

"Agradável é Mênfis"

*PN I, 215, 16*





*ndm.t-bhd.t*

"Agradável é Edfu"

*PN I, 216, 1*

E, para finalizar, três nomes que parecem indicar-nos o espaço privilegiado e agradável de nascimento do "portador do nome": Edfu, no Sul, e Mênfis, no Norte. A cidade sagrada da festa do Ano Novo, que celebrava a Boa Reunião de Hathor de Dendera com Hórus de Behedet, o seu coroamento e o seu triunfo sobre Set e a "Muralha Branca", morada do deus criador, Ptah. Dois espaços privilegiados em termos de imaginário e de importância política. O Sul e o Norte unidos sob a égide do "falcão vivo" e da força criadora potencializada na palavra de Ptah.

E assim completámos um ciclo. Um ciclo que encerra todas as possibilidades em termos de nomeação. Ao percorrê-lo, fizemos uma viagem pelo interior do "coração" da civilização egípcia. Descobrimos um homem. A sua sensibilidade, os seus sentimentos, as suas emoções. A sua capacidade mágica de ultrapassar o espaço e o tempo, através da força realizadora da nomeação.

## Notas

- (1) H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, pp. 295-323.
- (2) J. Sainte Fare Garnot, "Les Fonctions, les pouvoirs et la nature du Nom Propre dans l' Ancienne Egypte d'après les Textes des Pyramides" in *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*
- (3) P. Vernus, *Le Surnom au Moyen Empire*, pp. 120-121.
- (4) Esta é uma das designações utilizadas para referir o mundo dos mortos.
- (5) J. Vergote, *Les Noms Propres du P. Bruxelles Inv. E. 7616-Essai d'interpretation*, p. 1.
- (6) Cf. J. Vuyotte, "Une étude sur l'Anthroponyme Gréco-Egyptienne du Nome Prosôpite" in *B.I.F.A.O. 55*, p. 139.
- (7) H. Ranke, *PN II*, pp. 216-224.
- (8) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *o. c.*, p. 311.
- (9) Vd. A. Gasse, *Données Nouvelles Administratives et Sacerdotales sur l'Organisation du Domaine d'Amon*, pp. 159 e 163 e ainda D. Valbelle, *Les Ouvriers de la Tombe-Deir el-Médineh à l'Époque Ramesside*, p. 314. A propósito da divindade Amon, vd. K. Sethe, *Amun und die Acht urgötter von Hermopolis*
- (10) S. Morenz, *La Religion Egyptienne*, p. 147.

(11) Este casal divino fazia parte da Octóade hermopolitana, que veio a ter um papel importante na cosmogonia tebana.

(12) Vd. P. Vernus, "Littérature et autobiographie: les inscriptions de S3-Mwt surnommé Kyky" in *RdE* 30, pp. 115-146 e ainda J. A. Wilson, "The Theban Tomb (Nº 409) of Si-Mut, called Kiki" in *JNES* 29, pp. 187-192.

(13) R. J. Demarée afirma a presença significativa de Khonsu na onomástica de Deir el-Medina, vd. *o. c.*, p. 107 e A. Gasse confirma-a para toda a zona de Tebas, vd. *o. c.*, p. 163. Vd. ainda J. Černy, *A Community of Workmen at Thebes in the Ramesside Period*, p. 124, 125 e 135 e D. Valbelle, *o. c.*, p. 93, 189, 194 n.1, 302, n. 2; p. 294, n. 3, n. 5, n. 7; p. 295, n. 1-3 e 5-7; p. 296, 297 e 324.

(14) Vd. J. F. Borghouts, "Month" in *LA* IV, col. 200.

(15) Vd. C. Desroches-Noblecourt, C. Leblanc, "Considérations sur l'existence des divers temples de Monthu à travers les âges, dans le site de Tôd" in *BIFAO* 84, pp. 81-109.

(16) Vd. R. van Walsen, "The God Monthu and Deir el-Medina" in *Gleanings from Deir el-Medina*, pp. 197.

(17) *Ibidem*

(18) *Ibidem*, p. 196.

(19) *PM* II, 567.

(20) Vd. Cap. I

(21) S. Sauneron, *Les Prêtres de l' Ancienne Egypte*, p.

(22) Vd. a propósito desta figura divina, R. El-Sayed, *La déesse Neith de Saïs*

(23) Podemos encontrar a presença de Hapy quer na formação teofórica mais simples, quer na composição de nomes mais longos, vd. M. Thirion, *RdE 34*, p. 110.

(24) Vd. D. Valbelle, *Satis et Anoukis*, p. 121.

(25) *Ibidem*, p. 120.

(26) *Ibidem*, pp. 102-105.

(27) *Ibidem*, p. 110. Esta ligação à temática solar é um fenómeno que toca todas as divindades com alguma importância a partir do Império Novo.

(28) *Ibidem*, p. 110.

(29) *Ibidem*, p. 111.

(30) *Ibidem* Este epíteto é comum às divindades presentes nas festas que celebram o renovamento do poder real.

(31) A mulher do grande sacerdote de Amon, Baken-Khonsu, surge-nos com este nome, vd. G. Lefébvre, *Histoire des Grands Prêtres d'Amon de Karnak jusqu'à la XXI dynastie*, p. 136, n.1. Este nome também é citado por A. Gasse, *o. c.*, p. 103.

(32) Vd. D. Valbelle, *o. c.*, p. 315.

(33) Isis era o nome da mãe e de uma das filhas de Tutmósis III. Também foi usado pela mulher do grande sacerdote de Ramsés II, Unéfer, vd. G. Lefébvre, *o. c.*, pp. 249-250. Este nome também é citado por M. Gitton, *Les*

*divines épouses de la 18e dynastie*, pp. 73, B1 e 103.

(34) Vd. M. H. T. Lopes, "Les déesses Isis et Hathor, représentantes d' un type de pouvoir" in *Le Monde Copte*, nº 16, pp. 21-26.

(35) Sobre a importância de Hathor, vd. S. Allam, *Beiträge zum Hathorkult* e ainda o importante estudo de C. J. Bleeker onde Hathor, juntamente com Thot, emergem como as duas figuras mais importantes da antiga religião egípcia. Relativamente a Hathor, o ênfase vai para o seu carácter procriador. O autor salienta mesmo um dos seus epítetos mais esclarecedores, "senhora da vulva" (*nb.t htp.t*), vd. C. J. Bleeker, *Hathor and Thot. Two Key Figures of the Ancient Egyptian Religion*, p. 39.

(36) Cf. "Hymnes et Prière à Hathor" in *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, p. 439.

(37) Vd. D. Valbelle, *o. c.*, p. 313.

(38) F. Dunand, C. Zivie-Coche, *Dieux et Hommes en Égypte*, p. 120.

(39) *Ibidem*, p. 102.

(40) Vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, pp. 21-26. A propósito da importância de Isis, vd. M. Münster, *Untersuchungen zur Göttin Isis vom Alten Reich bis zum Ende des Neuen Reiches mit hieroglyphischen Textanhang*

(41) Em Athribis, uma das funções de Isis era a de protectora (*hwyf*), vd. P. Vernus, *Athribis*, p. 459.

(42) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e sua integração no cosmos*, pp. 213-216.

(43) Isis surge-nos sobretudo representada na onomástica tebana, vd. A.

Gasse, *o. c.*, pp. 164-198.

(44) Vd. G. Fecht, "Schieksalsgottin und König in der Lehre eines Mannes für seinen Sohn" in *ZÄS 105*, pp. 14-42.

(45) Vd. J. Brockhuis, *De Godin Renenwetet* Um dos epítetos de Ramsés II é o de "provenda do Egípto, Renenutet de todo o país" (*K3(w) n Kmt Rnnwt.t s= nḥ t3.wy*), cf. C. Coche-Zivie, "les Colonnes du 'Temple de l'Est' à Tanis-épithetes royales et Noms Divins" in *BIFAO 74*, p. 110. O rei é aqui identificado com uma divindade feminina, fenómeno que podemos considerar vulgar desde o Império Médio, onde os reis nos surgem identificados com Sekhmet e Bastet. Os exemplos vão multiplicar-se ao longo das XIX e XX dinastias.

(46) Vd. A. Gasse, *o. c.*, pp. 16, 77, 80, 81 e 104 e ainda P. Vernus, *o. c.*, pp. 67, 106, 115, 190, 197 e 392.

(47) Vd. J. P. Allen, *Genesis in Egypt*, pp. 33-34.

(48) Vd. apêndice 22 em M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e sua integração no Cosmos*, pp. 194-195.

(49) H. te Velde, *Seth, god of confusion*, pp. 27 ss.

(50) *Ibidem*, pp. 32-33..

(51) J. Sainte Fare Garnot, *La Vie Religieuse dans l'ancienne Egypte*, p. 22.

(52) O deus supremo dos líbios, Ash, o deus supremo dos semitas, Baal e o deus supremo dos hititas, Teshube eram reconhecidos como formas através das quais Set se revelava, vd. H. te Velde, *o. c.*, p. 109.

(53) H. Kees, "Seth" in *PW II*, col. 1902.

(54) Vd. a propósito da importância de Tot, C. J. Bleeker, *Hathor and Thoth. Two Key Figures of the Ancient Egyptian Religion*

(55) Vd. Cap. CXXV de *O Livro dos Mortos do Antigo Egípta*

(56) Vd. P. Vernus, "Inscriptions de la Troisième Période Intermédiaire. Inscriptions de la cour péristyle nord de VI pylône dans le temple de Karnak" in *BIFAO* 75, p. 21.

(57) Vd. J. Cl. Goyon, C. Traunecker, "La chapelle de Thot et d'Amon du sud-ouest du lac sacré" in *Karnak VII*, p. 362.

(58) Vd. S. Whale, *The Family in the Eighteenth Dynasty of Egypt*, pp. 37, 43, 112, 160, 170 e 218.

(59) H. Ranke apresenta-nos só três exemplos para o Império Antigo: Ptah-Sokar, Ré-Apis e Hórus-Min in "Les Noms Propres Egyptiens" in *o. c.*, p. 309.

(60) A propósito deste fenómeno, vd. H. Bonnet, "Zum Verständnis des Synkretismus" in *ZÄS* 75, pp. 40-52; Ph. Derchain, "Divinité. Le problème du divin et des dieux dans l'Égypte ancienne" in *Dictionnaire des Mythologies*, p. 327; F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, pp. 36-37; E. Hornung, *Les Dieux de l'Égypte-le un et le multiple*, pp. 78-86 e W. Schenkel, "Amun-Re-Eine Sondierung zu Struktur und Genese altägyptischer synkretistischer Götter" in *SÄK* 1, pp. 275-288.

(61) Vd. E. Hornung, *o. c.*, p. 84.

(62) Vd. Ph. Derchain, *o. c.*, p. 327.

(63) Vd. A. de Buck, "On the meaning of the name (*H<sup>c</sup>py*) in *Orientalia Neerlandica*, pp. 1-22.

(64) Vd. J. Assmann, "Death as an Initiation in the Funerary Religion of Ancient Egypt" in *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, pp. 135-159 e ainda E. Morin, *O Homem e a Morte*, p. 25 e F. Dunand, CC. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 173.

(65) Vd. E. Morin, *o. c.*, p. 170.

(66) Vd. a título de exemplo a passagem: "Faz com que eu saia da necrópole, para ver o disco solar, quando ele se levanta" in "Prières à Osiris-Onnofris" in *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, p. 100.

(67) A propósito das características deste deus, vd. C. Dolzani, "Il dio Sobk" in *Atti dalla Accademia nazionale dei Lincei*, pp. 163-269.

(68) A propósito deste deus, vd. M. Sandman-Holmberg, *The God Ptah*

(69) Vd. T. Rodrigues, "A população no Antigo Egípto. Quantitativos e Comportamentos Demográficos" in *Hathor 2*, pp. 33 ss. e ainda J. Baines, "Society, Morality and Religious Practice" in *Religion in Ancient Egypt*, p. 176.

(70) Vd. J. Assmann, *Maat, l'Égypte Pharaonique et l'idée de justice sociale*, pp. 137 ss.

(71) E. Hornung, *o. c.*, p. 80.

(72) Vd. J. Assmann, "Death and Initiation in the Funerary Religion of Ancient Egypt" in *o. c.*, p. 105.

(73) A propósito dos nomes teofóricos com Hórus, vd. E. Lüddeckens, *Die Ägyptischen Namen der Griechisch-Römischen Zeit und ihre Bedeutung*, pp. 257 ss.

(74) Vd. J. Assmann, *o. c.*, pp. 124 ss.

(75) *Ibidem*, p. 135.

(76) A fertilidade é uma das características do deus Min. A propósito dos nomes teofóricos com Min, vd. P. W. Pestman, "Der Demotisch Text der Mumientafelchen aus Amesterdam" in *OMRO 46*, p. 50.

(77) Como diz Ph. Derchain, podemos ver nestes nomes os efeitos da preponderância política ou ideológica de certos santuários ou, ainda, outras causas históricas, cf. *o. c.*, p. 327. Os limites do método histórico foram rigorosamente tratados por K. Sethe, *Urgeschichte und älteste Religion der Ägypter*.

(78) Os nomes teofóricos são sempre classificados, alfabeticamente, pelo nome da divindade.

(79) Vd. M. Thirion, *RdE 39*, p. 132.

(80) Vd. M. Thirion, *RdE 31*, p. 90 que o cita, para o vizir, pai de *mry-m3<sup>c</sup>.t* e S. Whale, *o. c.*, p. 55 que também o referencia para um proprietário de um túmulo tebano do reinado de Hatchepsut-Tutmósis III.

(81) Este nome também é citado, várias vezes, por A. Gasse, *o. c.*, p. 20, 21, 22 e 195, como proveniente da região tebana.

(82) Este nome é citado, por exemplo, por A. R. Schulmann, como proveniente da região menfita e pertencendo a um servo de Ramsés III, vd. "The Royal Butler Ramessessami'on" in *CdE LXV*, p. 16 e ainda por A. Gasse, para a região tebana em *o. c.*, p. 195.

(83) Este nome é duas vezes citado por S. Whale, para proprietários de túmulos tebanos, um do reinado de Amenófis II e outro do reinado de

Amenófis II-Tutmósis IV, vd. S. Whale, *o. c.*, pp. 153 e 183, respectivamente. A. Gasse também o cita, como exemplo de um teofórico composto com Amon, proveniente da região tebana, vd. *o. c.*, p. 195. O mesmo nome é também citado por C. M. Zivie, *Giza au deuxième millénaire*, p. 205 e 333, para a zona de Giza.

(84) Este nome é conhecido desde o Império Médio. D. Valbelle cita-o na sua obra, *Satis et Anoukis*, p. 106.

(85) Este nome também é citado para a zona de Giza por C. M. Zivie, *o. c.*, p. 184.

(86) J. Černý cita este nome, duas vezes, para dois guardas de túmulos tebanos, do período ramessésida, vd. *o. c.*, p. 150 e p. 267.

(87) A autora informa-nos que este nome só tinha uma referência (*PN I*, 232, 21) que o datava da época grega. Mas a estátua de *h3t-r Louvre E 25550* deve ser datada do Império Novo (Vd. J. L. de Cénival, "Les Textes de la statue E. 25550 du Musée du Louvre" in *RdE 17*, pp. 15-20) e a sua proveniência é de Imet (Tell el-Faraum).

(88) Este nome também é citado por A. Gasse, *o. c.*, pp. 34, 171, 173, 205 e 221.

(89) Vd. a propósito deste nome, M. Thirion, *RdE 33*, p. 82. Esta forma é conhecida desde o Império Médio.

(90) Este nome também é citado por J. Černý, *o. c.*, pp. 213, 267 e 273, para o período ramessésida.

(91) D. Valbelle refere-nos que este nome já existe no Império Médio e que é utilizado no Império Novo, pelo menos por cinco pessoas diferentes, vd. *Satis et Anoukis*, p. 104.

(92) Vd. M.-A. Bonhême, A. Forgeau, *o. c.*, pp. 188 ss.

(93) Vd. S. Sauneron, *Les Prêtres de l'Ancienne Egypte*, pp. 188 ss. e ainda F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 94.

(94) *P3-w-Imn* "Amon é o único" (*PN I*, 27, 3; 103, 22).

(95) Vd. P. Kaplony, *Die Inschriften der Ägyptischen Frühzeit*, I. pp. 431-432.

(96) Vd. E. Hornung, *o. c.*, p. 169 e ainda J. Sainte Fare Garnot, *Les Sagesses*, pp. 189-190.

(97) Vd. E. Hornung, *o. c.*, p. 113.

(98) M. H. T. Lopes, *O homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, p. 18.

(99) *Ibidem*, p. 17.

(100) Vd. "Hymne à Ptah du papyrus Harris I" in *Hymnes et Prières de l'Egypte Ancienne*, nº 117, p. 388.

(101) *Ibidem*

(102) Vd. "Hymnes à Ptah du papyrus 3048 de Berlin" in *o. c.*, p. 399.

(103) Vd. J. P. Allen, *Genesis in Egypt*, pp. 38 ss.

(104) A propósito da importância política e cultural de Heliópolis, vd. H. Kees, *Ancient Egypt-A Cultural Topography*, pp. 147-182.

(105) Vd. J. P. Allen, *o. c.*, pp. 30 ss.

(106) "Ele ergueu-se do Nun quando a terra estava em trevas

Vê-se graças aos seus raios, porque ele é jovem.

Os deuses saíram da sua boca, os homens do seu olho" in "Hymnes à Ré-Harakhtès du papyrus 3049 de Berlin" in *o. c.*, p. 264.

(107) Aqui a luz tem de ser entendida numa dupla identidade: a de fluxo, que produz sensação visual e a de conhecimento que, imanente do deus, ilumina o espírito humano.

(108) M. Thirion, *RdE 33*, p. 84.

(109) A dialéctica do pecado e do perdão domina a relação do fiel com o seu deus. O homem peca mas pede perdão a deus, que é misericordioso, vd. P. Vernus, "Le dieu personnel dans l'Égypte Pharaonique" in *Colloque de la Société Ernst Renan*, p. 150.

(110) Este tipo de classificação, como já referimos no capítulo respeitante à análise linguística, é um pouco ambíguo. A opção pela classificação utilizada não invalida a possibilidade de estes mesmos nomes serem classificados nas frases com predicado pseudo-verbal. o adjectivo epíteto e o pseudo-particípio são, geralmente, semelhantes na sua formulação.

(111) Vd. M. Thirion, *RdE 31*, p. 91. Este nome é muito difundido na comunidade de Deir el-Medina, vd. J. Černy, *o. c.*, p. 123 e p. 134 e R. J. Demarée, *o. c.*, p. 21.

(112) Este nome pertence a uma cantora de Amon que figura no túmulo tebano nº 85.

(113) Este nome é citado, por exemplo, por I. Pomorska, *Les Flabellifères à la droite du roi en Égypte ancienne*, p. 17B, para o reinado de Ramsés III.

(114) *Wnn-nfr* é, com efeito, uma das designações do deus com cabeça de chacal, Anúbis, divindade protectora da necrópole e encarregada do embalsamamento. Este nome é, também, citado por J. Černý, *o. c.*, p. 200.

(115) Vd. M. Thirion, *RdE 34*, p. 107 que corrige a datação de Ranke.

(116) Este nome é citado pela autora como pertencendo ao proprietário de um túmulo tebano, do reinado de Tutmósis III, vd. S. Whale, *o. c.*, p. 88.

(117) Vd. M. Thirion, *RdE 31*, p. 93.

(118) R. van Walsen cita um indivíduo com este nome na comunidade de Deir el-Medina, *o. c.*, p. 202.

(119) Este nome também é citado por A. Gasse, *o. c.*, p. 146.

(120) Vd. M. Thirion, *RdE 33*, p. 82.

(121) H. G. Fischer propoe uma outra leitura para este nome: *ikr-nht* *ikr* é o nome do deus crocodilo de Dendera, vd. H. G. Fischer, *Dendera in the Third Millenium B. C. down to the Theban Domination of Upper Egypt*, fig. 31, p. 13, n. 59 e p. 186. A propósito desta leitura, o autor remete para H. Kees, *Studia biblica et Orientalia 3: Oriens antiquus*, pp. 161-164 e J. Yoyotte, "Le Soukhos de la Maréotide et d'autres cultes régionaux du Dieu-Crocodile d'après les Cylindres du Moyen Empire" in *BIFAO 56*, p. 93. J. Černý cita o nome de *Sbk-nht* para um escriba do túmulo do período ramessésida, vd. *o. c.*, p. 219.

(122) Este nome é citado por S. Whale para um proprietário de um túmulo tebano do princípio da XVIII dinastia, vd. S. Whale, *o. c.*, p. 13.

(123) Vd. M. Thirion, *RdE 33*, p. 81.

(124) Apesar de tudo, a sua presença na onomástica é mais discreta do que a de Amon. Esta é também a opinião de A. Gasse para o domínio de Amon, nas XX-XXI dinastias, vd. *o. c.*, pp. 115-196.

(125) Vd. quadro I.

(126) O Império Novo, sobretudo o período ramessésida, está bem representado em documentos tebanos, na sua maioria com o nome de Hapy, vd. M. Thirion, *RdE 34*, pp. 110-111.

(127) Esta classificação é, como a anterior, ambígua.

(128) Vd. M. Thirion, *RdE 33*, p. 83.

(129) Este nome é abundantemente usado por mulheres, no Império Médio e Novo, sobretudo na região tebana.

(130) Este nome também é citado, por exemplo, por S. Whale, *o. c.*, p. 39 e p. 87 para proprietários de túmulos dos reinados de Hatchepsut-Tutmósis III. Vd. também J. Černý, *o. c.*, p. 123, 134, 163, 197 e 271, assim como M. Gitton, *o. c.*, p. 80 para um funcionário sacerdotal da XVIII dinastia e R. A. Schulman, "The Royal Butler Ramessessami'on" in *CdE LXV*, p. 18 para um servo real do reinado de Ramsés IV.

(131) Em Ranke, este nome aparece datado para o Império Médio (*PN I*, 138, 21). A referência dada por C. M. Zivie data especificamente da época de Amarna.

(132) M. Vallogia, *Recherche sur les 'Messagers' dans les Sources Egyptiennes Profanes*, p. 131, referente ao vizir (P3)-R'-Htp(w) do fim do reinado de Ramsés II. Distinguir do seu homónimo, o vizir (P3)-R'-Htp(w) de Abidos.

(133) Este nome também é citado por Ch. Maystre, *Les Grands Prêtres de Ptah de Memphis*, pp. 297-303.

(134) Segundo R. J. Demarée, *o. c.*, pp. 82-84, este nome é muito raro em Deir el-Medina. Este nome também aparece citado em J. Černý, *o. c.*, p. 274 para um chefe da polícia do deserto.

(135) Este nome também é citado por A. Gasse, *o. c.*, p. 20, 21, 22, 47 e 48.

(136) Vd. M. Thirion, *RdE 33*, p. 83.

(137) Este nome é citado, por exemplo, por S. Whale, *o. c.*, p. 198; por J. Černý, *o. c.*, p. 270; por A. R. Schulman, *o. c.*, p. 17 e por I. Pomorska, *Les Flabellifères à la droite du roi en Egypte Ancienne*, p. 108.

(138) Este nome também é citado por J. Černý, *o. c.*, p. 220, para um escriba do túmulo.

(139) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, p. 117 para a XIX dinastia.

(140) Este nome é citado, por exemplo, por S. I. Hodjache, O. D. Berlev, "Le père du fondateur de la dynastie des princes de *Tjhtj* en Nubie" in *Agypten und Kush*, p. 183.

(141) Vd. a este propósito P. Vernus, "Le dieu personnel dans l'Égypte Pharaonique" in *Colloque de la Société Ernst Renan*, p. 144.

(142) Vd. *ibidem*

(143) Este tipo de classificação obedece, naturalmente, a um princípio semântico e não, necessariamente, linguístico. Assim, estamos perante nomes que, segundo o princípio semântico, podem ser classificados como predicacões de identidade, embora possam não o ser sob o ponto de vista

linguístico.

(144) Este nome também é citado, por exemplo, por C. M. Zivie, *o. c.*, pp. 123-125, 222, 223, 311, 318 e 327.

(145) Vd. M. Thirion, *RdE* 31, p. 90 que prope uma leitura diferente deste nome: *nb-irm-t3.wy*

(146) O *m* de equivalência pode aparecer com o sentido de identidade, dada que a classificação semântica é diferente da classificação linguística.

(147) T. Schneider afirma-nos que estamos perante um nome estrangeiro de origem asiática, vd. *Asiatische Personennamen in Ägyptischen Quellen des Neuen Reiches*, p. 86. Segundo A. R. Schulman, *o. c.*, p. 14, este nome surge no reinado de Ramsés III ou Ramsés IV.

(148) Vd. J. P. Allen, *Genesis in Egypt*, p. 4B ss.

(149) Vd. S. Sauneron, *Les prêtres de l'Ancienne Egypte*, pp. 71-75.

(150) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e sua integração no Cosmos*, p. 19.

(151) "Hymnes à Ptah du papyrus 3048 de Berlin" in *o. c.*, p. 392.

(152) Vd. "Louange et Supplique à Ptah et Sakhmis de Memphis" in *o. c.*, p. 411.

(153) Vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, p. 37.

(154) Este nome é, por exemplo, citado por J. Černy, como pertencendo a um chefe dos guardas do deserto do período ramessésida, vd. *o. c.*, p. 270. Este nome também é citado por R. van Walsen, *o. c.*, p. 203.

(155) Vd. P. Vernus, *Affaires et Scandales sous les Ramses*, pp. 162 ss.

(156) *Ibidem*, pp. 179-189.

(157) *Ibidem*, pp. 189-191.

(158) *Ibidem*, pp. 182-187.

(159) Este nome também é citado, por exemplo, por J. Černý, *o. c.*, p. 270, para um chefe dos guardas do deserto do período ramesséssida. Por Irena Pomorska, *o. c.*, p. 119, para o reinado de Amenófis III, por S. Whale, *o. c.*, pp. 60-61, 97, 107 e 180. É ainda citado por C. M. Zivie, *o. c.*, pp. 249 e 328 e A. Gasse, *o. c.*, p. 195.

(160) Segundo A. R. Schulman, *o. c.*, p. 195 este indivíduo era um estrangeiro que, primeiramente, foi conhecido como Iri. J. Yoyotte vem corroborar esta ideia, afirmando que ele era um escanção do rei (*wb3 nswt*) que só tardiamente adoptou o nome de *Itm-m-t3-nb*, vd. J. Yoyotte, "Un souvenir du 'pharaon' Taousert en Jordanie" in *Vetus Testamentum XII*, p. 467 (sobre o número de escanções reais de origem estrangeira, vd. S. Sauneron, J. Yoyotte, "Traces d'établissements asiatiques en Moyenne-Egypte sous Ramsés II" in *RdE 7*, p. 68, n. 6. Sabemos que os asiáticos adoptavam outros nomes, egípcios, gabando a força ou a divindade do faraó reinante. É o caso de Iry, cujo nome "Atum está em toda a terra" entra na categoria dos nomes ramesséssidas que são formados com um epíteto real (estando aqui o nome do rei subentendido), vd. W. K. Simpson, *AJA 63*, pp. 29-45.

(161) R. van Walsen cita dois indivíduos com este nome na comunidade de Deir el-Medina, *o. c.*, p. 21.

(162) Segundo M. Thirion, *RdE 37*, p. 131, este nome retirado de um colosso de Ramsés II, e que aparecia como nome próprio masculino na Época Baixa,

existe desde a época ramesseída, cf. J. J. Clère, *Kêmi 11*, pp. 30-31. Esta ideia é confirmada por P. Vernus, *Athribis*, pp. 54-55 que afirma ainda a sua existência até à XXV dinastia.

(163) Nome de proveniência desconhecida que se encontra desde o fim do Império Novo até à época saíta.

(164) Este nome também é citado, por exemplo, por A. Gasse, *o. c.*, pp. 14 e 68.

(165) Vd. P. Vernus, "Le dieu personnel dans l'Égypte Pharaonique" in *o. c.*, p. 144.

(166) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, pp. 102-107.

(167) Vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 102.

(168) *Ibidem*

(169) Entre as festas representadas nos templos encontramos, por exemplo, a festa do "Aparecimento de Min" em Medinet Habu, a "Festa da Vitória", em Edfu ou a "Festa dos Mistérios de Osíris" em Dendera.

(170) O custo de manutenção destes cultos era garantido pelos próprios lugares, mas o peso económico destes cerimoniais só se tornou deveras significativo a partir do Império Novo, vd. R. H. Pierce, "Land Use, Social Organisation and Temple Economy" in *Royal Anthropological Institute News*, nº 15, pp. 15-17.

(171) Por exemplo, a festa de Thot, no início do Ano Novo. Esta festa durava cinco dias e era celebrada em todos os templos com muita devoção, pois ela assegurava, simbolicamente, a manutenção da ordem cósmica,

política e social, vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 103.

(172) A viagem de Hathor de Dendera ao encontro de Hórus era uma grande festa popular, onde se juntavam todas as gentes do Sul.

(173) Vd. J. Baines, *o. c.*, p. 126 e a descrição de todo o ritual em Marie-Ange Bonhême, Annie Forgeau, *o. c.*, p. 149.

(174) Por exemplo, a partir de Tutmósis III, os reis egípcios preferem residir no Norte e, assim, deslocam-se a Tebas na ocasião da festa de Opet, a grande festa de Amon, a maior parte das vezes simplesmente no primeiro ano do seu reinado.

(175) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, pp. 308-309.

(176) A propósito dos nomes deste tipo, vd. H. Ranke, *PN II*, pp. 160- 161.

(177) S. Whale data este nome do reinado de Tutmósis III ou Amenófis II, vd. *o. c.*, p. 123. Vd. ainda C. M. Zivie, *o. c.*, pp. 125, 220, 221 e 328 que apresenta outros exmplos deste nome para o Império Novo.

(178) J. Černy cita-nos um escriba do túmulo, do período ramessésida, com este nome, vd. *o. c.*, p. 198. Vd. ainda D. Valbelle, *Les Ouvriers de la Tombe-Deir el-Médineh à l'époque ramesside*, pp. 62 e 110, n. 11 para um escriba da XIX dinastia.

(179) Este nome data do fim do período ramessésida e é proveniente de uma estela encontrada em Gurna, vd.R. Stadelmann, "Eine Stele der Späten Ramessidenzeit aus dem Tempel Sethos I in Gurna" in *MDÄIK 32*, p. 211.

(180) Este nome também é citado por D. Valbelle, *Satis et Anoukis*, p. 105, para o Império Novo.

(181) Nome feminino, proveniente da estela *Cairo JE 72275*, vd. *PM*, III, 1, p. 43. Este nome também é citado para a zona de Giza por C. M. Zivie, *o. c.*, p. 224.

(182) M. Thirion corrige a datação da referência dada por H. Ranke, *PN* I, 140, 2; *PN* II, 358. A referência *B.M. 314* datada da época baixa, pertence à XIX dinastia.

(183) J. Černý cita-nos um guarda do túmulo com este nome, vd. *o. c.*, p. 266.

(184) Vd. M. Thirion, *RdE* 34, p. 108 e G. Posener, "Les Empreintes Magiques de Gizeh et les Morts Dangereux" in *MDAIK* 16, p. 259. Este nome é muito citado para o Império Novo. Vd. a título de exemplo, S. Whale, *o. c.*, p. 210 e A. Gasse, *o. c.*, p. 262 e ainda D. Valbelle, *Les Ouvriers de la Tombe-Deir el-Médineh à l'époque ramesside*, p. 305. P. Vernus fala-nos da predominância de Hórus na Onomástica de Athribis depois do Império Médio, citando como exemplo este nome, entre muitos outros, vd. *Athribis*, p. 392.

(185) J. Černý cita-nos duas vezes este nome, para um guarda do túmulo e para um chefe da polícia do deserto, vd. *o. c.*, pp. 268. Este nome também é citado por A. Gasse, *o. c.*, pp. 16, 17, 103 e 116, para o Império Novo.

(186) M. Thirion, *RdE* 34, p. 107 retifica a datação de H. Ranke, XIX dinastia.

(187) Este nome é citado, por exemplo, por C. M. Zivie, para a zona de Giza no período ramessésida, vd. *o. c.*, pp. 277 e 284, n. 1.

(188) Vd. M. H. T. Lopes, "O Mito de Osiris: análise de um mito fundador" in *Hathor* 2, pp. 9-13.

- (189) Vd. D. Valbelle, *La Vie dans l'Égypte Ancienne*, p. 105.
- (190) Vd. M. Eliade, *Tratado de História das Religiões*, p. 225.
- (191) Vd. H. Sourouzian, "La 'Belle Fête d'Opet' ou la barque d'Amon-Rê" in *Thèbes 1250 Iv. J. C.-Ramsés II et le rêve du pouvoir absolu*, p. 155.
- (192) Vd. J. Leclant, "Éléments pour une étude de la divination dans l'Égypte Pharaonique" in *La Divination*, pp. 3-6.
- (193) Vd. D. Valbelle, *o. c.*, p. 318.
- (194) Vd. a este propósito, M. Eliade, *Tratado de História das Religiões*, pp. 293 ss. e 459 ss.
- (195) Vd. D. Valbelle, *Satis et Anoukis*, p. 123.
- (196) *Ibidem*, p. 124.
- (197) *Ibidem* A partir do reinado de Amenófis II esta festa passou a durar quatro dias.
- (198) *Ibidem*, p. 125.
- (199) *Ibidem*
- (200) Vd. D. Valbelle, *Les Ouvriers de la Tombe-Deir el-Médineh à l'époque ramesside*, p. 318.
- (201) G. Posener, "Une liste de Noms Propres étrangers sur deux ostraca hiéroglyphiques du Nouvel Empire" in *Syria 18*, pp. 184 e 187.
- (202) Vd. C. Traunecker, *Les dieux de l'Égypte*, pp. 109-112.

(203) Vd. H. Kees, *Ancient Egypt- A Cultural Topography*, pp. 151 ss.

(204) F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 118.

(205) Vd. D. Valbelle, *o. c.*, p. 315.

(206) *Ibidem*, p. 317.

(207) R. van Walsen, "The God Monthu and Deir el-Medina" in *Gleanings from Deir el-Medina*, p. 201.

(208) *Ibidem*, p. 205.

(209) M. H. T. Lopes, "Les Déeses Isis et Hathor représentantes d'un type de pouvoir" in *Le Monde Copte*, nº 16, p. 25.

(210) Nesta qualidade ela é a principal figura feminina adorada em Deir el-Medina, desde o início da época ramessésida, vd. D. Valbelle, *Les Ouvriers de la Tombe-Deir el-Medina à l'Epoque Ramesside*, p. 313.

(211) M. H. T. Lopes, *o. c.*, p. 26.

(212) *Ibidem*, pp. 24-26.

(213) E. Hornung, *Les Dieux de l'Égypte-l'un et le multiple*, p. 98.

(214) F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 103.

(215) Segundo Van der Plas existem provas de que a estátua de Hathor estava visível à população no decurso da sua viagem pelo rio e durante a festividade propriamente dita. Esta informação vem contrariar a opinião de alguns autores que defendem que as estátuas divinas eram sempre fechadas num recinto sagrado, de modo a não serem vistas directamente

pelo povo. Vd. D. Van der Plas, "Voir Dieu—quelques observations au sujet de la fonction des des sens dans le culte et la dévotion de l'Égypte Ancienne" in *BSFE* 115, p. 23.

(216) Vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 102.

(217) Encontramos várias personagens importantes com este nome, no Império Novo. Horemheb, o general das tropas egípcias que foi elevado ao trono depois do curto reinado de Tutancamon; um "pai divino" de Athribis, no reinado de Ramsés III (vd. P. Vernus, *Athribis*, pp. 52-53) e ainda uma figura real do reinado de Tutmósis III-Amenófis II, vd. S. Whale, *o. c.*, p.210.

(218) Esta crença está bem representada no mito "Os sete anos de fome no Egípto". Vd. a propósito H. Frankfort, *Kingship and the Gods*, p. 146.

(219) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, pp. 38 ss.

(220) Vd. D. Valbelle, *Satis et Anoukis*, p. 123.

(221) O número de santuários dedicados a Khnum vão multiplicar-se ao longo da XVIII e XIX dinastias, *ibidem*, p. 127.

(222) A propósito desta figura divina vd. S. E. Hoernes, *Untersuchungen zu wesen und Kult der Göttin Sachmet*.

(223) Vd. S. Morenz, *La Religion Egyptienne*, pp. 45 e 52.

(224) H. te Velde, *Seth, god of Confusion*, p. 116.

(225) W. M. F. Petrie, J. E. Quibell, *Naqada and Ballas*, pp. 67 ss. Gardiner chama a atenção para o facto de Dmbos se ter tornado uma província

administrativa autónoma no reinado de Ramsés II, vd. A. H. Gardiner, *Ancient Egyptian Onomastica*, vol. II, p. 29.

(226) Vd. H. Kees, *Ancient Egypt—A Cultural Topography*, p. 242.

(227) H. Ranke classifica estes nomes entre os nomes evocativos de festas, vd. "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 309.

(228) Este nome foi usado por diversas personagens importantes ao longo do Império Novo, vd. Irena Pomorska, *Les Flabellifères à la droite du roi en Egypte Ancienne*, p. 99; M. Megally, "A propos de chèvres et d'un chevrier de la nécropole thébaine (Ostrakon Mond n° 171)" in *CdE LXVI*, p. 112 e ainda S. Whale, *o. c.*, p. 82, assim como A. Gasse, *o. c.*, pp. 104 e 125.

(229) Este nome é citado por M. Thirion, *RdE 31*, p. 82 para um escriba real, contemporâneo de Ramsés II, filho de *P3-n-grty* (*PN I*, 112, 14; *II*, 354) e de *Mwt-m-int* (*PN I*, 147, 16; *II*, 360); por R. J. Demarée, *o. c.*, p. 18, que o considera muito comum na comunidade de Deir el-Medina; por J. Černý, *o. c.*, pp. 123 e 271, também para trabalhadores ou guardas da comunidade de Deir el-Medina; por H. de Meulenaere, "Notes de Prosopographie Thébaine" in *CdE LXIV*, p. 55 para um funcionário do reinado de Ramsés III, "chefe dos trabalhos do templo" e ainda por S. Whale, *o. c.*, p. 75 e p. 120, assim como por D. Valbelle, *Les Ouvriers de la Tombe-Deir el-Médinet à l'époque pharaonique*, pp. 140 e 180, para o vizir *ims-ms* do reinado de Ramsés III. Este é, sem dúvida, um dos nomes próprios mais frequentes na época do Império Novo.

(230) Este nome é citado, por exemplo, por T. G. H. James, *Corpus of Hieroglyphic Inscriptions in the Brooklyn Museum*, p. 114, plate LXVII para um vizir famoso, do reinado de Tutmósis III, Ptahmose, que também aparece referenciado em C. Maystre, *Les Grands Prêtres de Ptah*, p. 257. A propósito desta personagem, vd. W. Helck, *Zur Verwaltung des Mittleren und Neuen Reichs*, p. 438.

Existiu ainda um outro vizir bastante conhecido no Império Novo, com o mesmo nome, Ptahmose, mas que exerceu a sua função no reinado de Amenófis III, vd. W. Helck, *o. c.*, p. 441. Este mesmo nome é ainda citado por M. Megally, *o. c.*, pp. 112-113, para um proprietário de cabras, tebano, da primeira metade da XVIII dinastia. Vd. ainda J. Malék, "The Saqqara Statue of Ptahmose, mayor of the memphite Suburbs" in *RdE 38*, pp. 117-137.

(231) Este nome é citado, por exemplo, por Ch. Maystre, *o. c.*, p. 305, por J. Černý, *o. c.*, p. 210 e ainda por A. Gasse, *o. c.*, p. 22.

(232) Vd. *Ibidem*, p. 266.

(233) Vd. J. Černý, *o. c.*, pp. 163 e 214, S. Whale, *o. c.*, p. 179 e ainda D. Valbelle, *o. c.*, pp. 93, n. 3, 112, n. 4 e 11, 168-170, 171, n. 11, 172-174, 230, n. 10 e 11, 246, 255, 286, 302, n. 3, 308, 310, 319, 326, 328, n. 11, 330, 331, n. 1 e 342 para um escriba do templo de Tutmósis IV e ainda para mais três outras personagens, com o mesmo nome, vd. pp. 197, 294 e 301.

(234) Vd. Irena Pomorska, *o. c.*, p. 177.

(235) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 124 e ainda D. Valbelle, *o. c.*, p. 39, n. 8, para um chefe de equipa; p. 12, n. 1, p. 15 e p. 24, n. 8 para um chefe da XVIII dinastia e p. 251, n. 5 e p. 305 para um operário. Vd. Também A. Gasse, *o. c.*, pp. 116, 126, 129, 147 e 164.

(236) *Ibidem*, pp. 163, 219 e 275. Segundo M. Thirion, este nome cuja origem Ranke data do Império Novo, terá remontado à segunda metade do II Período Intermédio, através de um exemplo retirado de um cofre de vasos de vísceras, com a referência *Cairo CG 4732*, vd. M. Thirion, *RdE 34*, p. 108. Este nome também é citado, por exemplo, por D. Valbelle, *o. c.*, p. 212 para um porteiro do reinado de Ramsés IX. Vd. ainda A. Gasse, *o. c.*, pp. 94,

116, 128 e 129.

(237) Este nome é, também, muito comum em Deir el-Medina, vd. R. J. Demarée, *o. c.*, pp. 126 e 127. Vd. Também D. Valbelle, *o. c.*, p. 257.

(238) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 268.

(239) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, pp. 75-76.

(240) Vd. J. Černý, *o. c.*, pp. 163 e 222; M. Vallogia, *o. c.*, p. 121; B. van de Walle e H. de Meulenaere, "Compléments à la prosopographie médicale" in *RdE* 25, p. 64; W. Barta, "Zur Konstruktion der ägyptischen Königsnamen" in *ZÄS* 116, p. 4; S. Whale, *o. c.*, pp. 112, 170 e 218; D. Valbelle, *o. c.*, pp. 29, 44, 69, 81 n.6, 83, 90, 93 n.3, 124, 125, 129, 142, 146, 220, 222-225, 228 n.4, 234, 245, 255, 301 n. 14, 306 e 342 para um escriba e ainda A. Gasse, *o. c.*, pp. 82, 132, 148 e 164.

(241) Vd. P. Vernus, *Athribis*, pp. 401, 404 e 407.

(242) A. W. Shorter, *Os Deuses Antigos*, p. 108.

(243) A propósito dos deuses lunares, vd. Ph. Derchain, "Mythes et dieux lunaires en Egypte" in *SD* 6, pp. 19-68.

(244) Vd. os nomes citados por M. Thirion, *RdE* 39, p. 132. Vd. também A. Gasse, *o. c.*, p. 200.

(245) Vd. Ph. Derchain, *o. c.*, p. 65, n. 177; J. J. Clère, *RdE* 27, p. 77, n. 24 e F. R. Herbin, "Un Hymne à la lune croissante" in *BIFAO* 82, pp. 237-282.

(246) Vd. A. R. Schulman, "The Royal Buttler Ramessessamison" in *CdE* LXX, p. 13, para um servo real do reinado de Ramsés III e P. Vernus, *Athribis*, pp. 32-33, para um copeiro real de Sakara, datando dos finais da XVIII

dinastia. A este escanção é atribuído um baixo-relevo conservado no Museu de Bolonha. O estilo deste baixo-relevo leva-nos a atribuí-lo ao reinado de Tutancamon, *Ibidem*, pp. 33-34.

(247) Vd. S. Sauneron, *Les prêtres de l'Ancienne Egypte*, p. 98.

(248) Esta barca tinha dimensões variadas, mas por vezes era bastante grande e pesada, chegando a ser suportada por trinta carregadores, *Ibidem*

(249) *Ibidem*

(250) F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 125

(251) H. Brunner; W. Barta e E. Hornung defendem que a estátua se encontrava invisível, vd. H. Brunner, *Grundzüge der ägyptischen Religion*, p. 119; W. Barta, "Kult" in *LÄ III*, col. 846 e E. Hornung, *Les Dieux de l'Egypte-l'Un et le Multiple*, p. 121. A. Erman tem uma posição diferente, vd. *Die Religion der Agypter*, p. 180.

(252) D. van der Plaas, "Voir Dieu-quelques observations au sujet de la fonction des sens dans le culte et la dévotion de l'Egypte Ancienne" in *BSFE 115*, pp. 22 ss.

(253) Vd. S. Aufrère, J. Cl. Galvin, J. Cl. Gayon, *L'Egypte Restituée*, pp. 131-132.

(254) *Ibidem*, p. 143.

(255) *Ibidem*, pp. 143-145.

(256) *Ibidem*, p. 255.

(257) Vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 123.

(258) H. Kees, *Ancient Egypt*, p. 155.

(259) Vd. J. Černý, *o. c.*, pp. 134 e 198.

(260) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 309.

(261) Vd. C. Zivie-Coche, "Les Colonnes du 'Temple d'Est à Tanis-épithètes royales et noms divins" in *BIFAO 74*, p. 117. Ramsés II teve mesmo uma veneração particular por esta deusa, vd. *Ibidem*, p. 118.

(262) Vd. W. Brunsch, "Untersuchungen zu den griechischen Wiedergaben ägyptischer Personennamen" in *Enchoria 8*, p. 83.

(263) Vd. M. Malinine, *Choix de Textes Juridiques en Hiéroglyphes 'Anormal' et en Démotique*, p. 16.

(264) J. Vergote, *Les Noms Propres du P. Bruxelles Inv. E. 7616-Essai d'Interpretation*, p. 23.

(265) Vd. V. Condon, "Two account papyri of the late eighteenth Dynasty (Brooklyn 35.1453 A and B) in *RdE 35*, p. 66.

(266) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, p. 15, a propósito de um *Imn-m-int*.

(267) Vd. as correcções adiantadas por M. Thirion, *RdE 31*, p. 82.

(268) Este nome é muito comum no Império Novo, especialmente nos finais da XVIII dinastia e princípio da XIX dinastia, vd. *PN II*, pp. 18 e 27. Vd. S. Whale, *o. c.*, p. 226; A. Gasse, *o. c.*, pp. 20, 79, 100, 116, 163 e 196; vd. A. M. Moussa, "A Limestone Lintel of *Imn-m-ipt* from Saqqara" in *ASAE LXX*, p. 35; J. Černý, *o. c.*, pp. 150, 194, 195 e 264. Este nome pertenceu à categoria dos nomes formados com Amenempet, forma do deus tebano que gozava de uma personalidade própria, no Império Novo, vd. J. Quaegebeur,

"Amenophis, nom royal et nom divin. Questions méthodologiques" in *RdE* 37, pp. 104-105. Vd. o exemplo apresentado para a XXII dinastia por M. C. Pérez-Die, P. Vernus, *Excavations en Ehnasya el Medina (Héracléopolis Magna)*, p. 41: *imn-ḥ'-m-ipt* "Amon apareceu no harém". Este nome não é atestado em Ranke e, segundo os autores, recorda os nomes egípcios do Império Novo e da XXI dinastia.

(269) A tradução deste nome provoca alguma controvérsia. O termo *ipt* designa, com efeito, "harém", mas este toponímio não designa, exclusivamente, o templo de Luxor. Vd. J. Quaegebeur, *Ibidem*.

(270) Nome feminino da XVIII dinastia, registado por R. Hari, *Répertoire Onomastique Amarnien*, p. 143.

(271) H. Ranke classifica estes dois nomes entre os nomes evocativos de festas religiosas, vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 312.

(272) "O ouro" ou "A dourada" é uma designação comum para Hathor.

(273) H. Ranke, *o. c.*, p. 312.

(274) E. Hornung, *Les Dieux de l'Égypte-l'Un et le Multiple*, p. 45.

(275) M. H. T. Lopes, "O Mito de Osíris: análise de um mito fundador" in *Hathor 2*, p. 9.

(276) *Ibidem*, pp. 10-11.

(277) *Ibidem*, pp. 11-12.

(278) Vd. no princípio do Grande Hino a Osíris, *Louvre C 286*: A. Moret, "La légende d'Osiris à l'époque thébaine d'après l'hymne à Osiris du Louvre" in

*BIFAD* 30, pp. 725-750; J. Assmann, *AHG* nº 213 e M. Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature II*, 81.

(279) J. Zandee, *An Ancient Egyptian Crossword Puzzle*, p. 52.

(280) Vd. J. G. Griffiths, *The Origins Of Osiris and his cult*.

(281) Vd. Kees, *Ancient Egypt-A cultural Topography*, p. 242 e S. Cauville, "Les Mystères d'Osiris à Dendera-intérpretations des chapelles osiriennes" in *BSFE* 112, pp. 23-36.

(282) Este nome data da época ramessésida.

(283) Vd. J. Sainte Fare Garnot, "Défis au destin" in *BIFAD* 59, p. 6.

(284) H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE* XXII, p. 17.

(285) Este nome é citado, por exemplo, por R. J. Demarée, *o. c.*, p. 48 para a XIX dinastia, que o refere como um nome muito raro na prosopografia de Deir el-Medina.

(286) Segundo M. Thirion, a presença do determinativo de cidade provocou uma leitura errada deste nome, datável do reinado de Ramsés II. A referência *PN* I, 338, 11 deve ser remetida para *PN* I, 338, 9 onde as duas referências dadas são do Império Médio e do Segundo Período Intermédio (vd. J. J. Clère, *BI OR* 8, pp. 174-179 que coloca *hnty* em paralelo com *prj* "lugar de combate" e *mtwn* "arena" e propõe o sentido de "primeira linha de um lugar de combate" ou "parte da frente de um templo ou de uma aglomeração"). Por outro lado, o toponímio *p3-hnty* designa uma localidade tebana da margem esquerda (vd. J. Černy, "Le Culte d'Amenophis I chez les ouvriers de la Necrópole Thébaine" in *BIFAD* 27, p. 170). É ele que entra na formação onomástica *p3-n/t3-nt-p3 hnty*, atestada em Tebas (Deir el-Medina, em particular) na época ramessésida.

(287) Vd. G. Champeaux, S. dom Sterckx, *Introduction au monde des Symboles*, p. 278 e J. Chevalier; A. Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, vol. III, pp. 133-134.

(288) C. Traunecker, *Les dieux de l'Égypte*, p. 52. Associada ao lápis-lázuli está a ideia de força sagrada na qual esta pedra participa em virtude da sua cor celeste.

(289) *Ibidem*

(290) *Ibidem*

(291) *Ibidem* Também a deusa Hathor nos surge, muitas vezes, como o "ouro encarnado" (vd. J. Chevalier, A. Gheerbrant, *o. c.*, p. 325) e Rê é referido, explicitamente, no Livro dos Mortos como "o ouro dos homens e dos deuses", vd. *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*, cap. XV, p. 30.

(292) Já anteriormente nos tinha surgido um nome que identificava, explicitamente, Amon à figura de um touro: "Amon é um touro" (*Imn-m-k3*, *PN I*, 29, 3; 337, 22).

(293) Vd. M. Thirion, *RdE 33*, p. 83.

(294) Vd. J. Sainte Fare Garnot, "Défis au Destin" in *BIFAO 59*, p. 6.

(295) Vd. M. Thirion, *RdE 37*, p. 132.

(296) Vd. H. te Velde, *Seth, god of Confusion*, pp. 74 ss.

(297) *Ibidem*, pp. 63 ss.

(298) Vd. "Hymne à Hathor du rituel d'Abydos" in *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, p. 440.

(299) Vd. "Hymne et Prière d'un dévot à Hathor" in *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, p. 437.

(300) Vd. P. Vernus, *Le Surnom Égyptien au Moyen Empire*, p. 123.

(301) Este nome é retirado da estela de *Sw-wsr-ph*, proveniente de Sakara e datada do princípio da XVIII dinastia.

(302) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e a sua integração no Cosmos*, pp. 59 ss.

(303) *Ibidem*, p. 62.

(304) Vd. "Hymne et Supplique à Horus" in *o. c.*, p. 137.

(305) Vd. "Prière à Horus juste juge" in *o. c.*, p. 139.

(306) Este nome é, também, citado por A. Gasse, *o. c.*, p. 164.

(307) Este nome também é citado por J. Černý, *o. c.*, p. 150 para um guardião do túmulo da XIX-XX dinastia. Vd. ainda Ch. Maystre, *o. c.*, pp. 308-334 referentes a Khamuas, um dos filhos de Ramsés II. Sobre este príncipe, vd. F. Gomaa, *Chaemwese, Sohn Ramses II und Hoher-priester von Memphis*

(308) Este nome também é citado por J. Černý, *o. c.*, p. 268, para um guarda do túmulo e p. 275, para um chefe da "polícia" do deserto. Vd. ainda R. J. Demarée, *o. c.*, pp. 15-17.

(309) Este nome também é citado por J. Černý, *o. c.*, p. 219 para um escriba do túmulo do período ramessésida.

(310) Vd. *Ibidem*, p. 163 para um guarda da porta do túmulo, do período ramessésida. A personagem citada em Ranke foi estudada por S. Sauneron, J. Veyotte, "Traces d'établissements asiatiques en Moyenne-Egypte sous Ramses II" in *RdE* 7, pp. 53-57.

(311) Vd. *Ibidem*, p. 150, para um guardião do túmulo do período ramessésida. Segundo V. Condon, estamos perante um nome pouco frequente no Império Novo, vd. "Two account papyri of the late eighteenth dynasty (Brooklyn 35.1453 A and B) in *RdE* 35, p. 67.

(312) Vd. M. A. Bonhême, A. Forgeau, *Pharaon, les secrets du pouvoir*, p. 245.

(313) Vd. D. Devauchelle, "A propos du nom *Pn-hj*" in *Enchoria* 9, pp. 141-142.

(314) Vd. A. Gasse, *o. c.*, p. 202.

(315) Vd. K. Sethe, *Amun und die acht Urgötter von Hermopolis*, §§155-260 e J. Assmann, *Re und Amun*

(316) Vd. C. Traunecker, *Les dieux de l'Égypte*, p. 98.

(317) J. P. Allen, *Genesis in Egypt*, p. 53.

(318) Este documento foi, originalmente, dividido em 26 "capítulos" dos quais sobreviveram os últimos 22, uns completos, outros mutilados. Vd. J. Zandee, *Hymnen aan Amon von Pap. Leiden I 350*.

(319) Vd. J. P. Allen, *o. c.*, p. 55.

(320) *Nwn* vem da raiz *nwi* "estar inerte". Mas a água primordial também nos surge com outra designação: *nhw* que especifica a massa de água antes

do aparecimento do mundo e que vem da raiz *ḥwi* "estender-se (falando da água)". Esta segunda designação dá-nos a ideia de infinito.

(321) Amon aparece juntamente com as águas primordiais nos Textos das Pirâmides (*Pyr. 446 e*) e nos Textos dos Sarcófagos (*CT VII, 470 a*). Esta água está escondida, oculta (*jmn*), aproximando-se assim da realidade do deus Amon (*Imn*), o deus "oculto". Mas a realização das potencialidades pré-existentes nesta massa aquática permitem o "aparecimento", o "despertar" de Amon.

(322) Os antigos egípcios, profundamente sincréticos, viam as coroas como símbolos do olho solar, vd. M. Lurker, *The Gods and Symbols of Ancient Egypt*, p. 44.

(323) No Império Novo, a cerimónia de "elevar o salgueiro" foi adoptada no culto de Amon. Esta cerimónia garantia, simbolicamente, ao rei, a fertilidade dos campos e da terra, vd. *Ibidem*, p. 129.

(324) A barca sagrada representava, simbolicamente, a barca utilizada pelo astro solar na sua viagem solar. Quando ela saía em procissão, levando a estátua do deus, o povo egípcio aproveitava a ocasião para expressar os seus louvores à divindade e para interrogá-la oracularmente. Amon, nas suas diferentes formas, é o deus mais consultado. Este procedimento torna-se muito vulgar e frequente a partir da XVIII dinastia. Vd. C. Traunecker, *Les dieux de l'Égypte*, p. 104; J. Léclant, "Eléments pour une étude de la divination dans l'Égypte Pharaonique" in *La Divination*, pp. 1-23; J. Černý, "Egyptian Oracles" in *A Saite Oracle Papyrus from Thebes*, pp. 35-48 e ainda A. M. Blackman, "Oracles in Ancient Egypt" in *JEA 11*, pp. 249-255.

Mas a barca expressava também a ideia de eternidade. O esquife era a primeira barca e a morte não seria a última, mas a primeira viagem, vd. G. Bachelard, *L'eau et les rêves, essai sur l'imagination de la matière*, p. 100.

(325) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e a sua integração no Cosmos*, pp. 59-67.

(326) Para este tipo de formação vd. P. Vernus, "Une grammaire de Néo-égyptien" in *Orientalia 50*, pp. 435-437.

(327) J. Černý cita este nome para um escriba do túmulo da XIX-XX dinastia, vd. *o. c.*, p. 209.

(328) M. Thirion classifica-o como um nome teofórico, vd. *RdE 33*, p. 83.

(329) Vd. quadros nº II e nº III.

(330) Vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, pp. 98-100 e ainda P. Derchain, "Rituels Egyptiens" in *Dictionnaire des Mythologies*, vol. II, pp. 328-333.

(331) H. Wall-Gordon considera-o uma abreviatura de um nome teofórico com a forma: *X (nome divindade) + nb + w<w*, in "A New Kingdom Libation basin dedicated to Ptah. Second Part. The Inscriptions" in *MDAIK 16*, pp. 172-173. Este mesmo nome é revisto por M. Thirion, *RdE 33*, p. 84 que o confronta com *PN 1*, 184, 5 e 184, 6 e o apresenta como um nome característico da região tebana na XVIII e XIX dinastias.

(332) Forma abreviada do nome incompleto *imn-nht* "O vigoroso Amon" (*PN 1*, 29, 21), vd. M. Thirion, *RdE 31*, p. 91. Este mesmo nome é citado por R. J. Demarée, *o. c.*, p. 32 e p. 75 e por I. Pomorska, *o. c.*, p. 100.

(333) Vd. um exemplo particular, ainda que de outra época, estudado por J. Veyotte, "Les filles de Têti et la Reine Sheshé du Papyrus Ebers" in *RdE 7*, p. 185. Alguns reis e rainhas foram mesmo objecto de uma veneração nacional e particular, chegando a ser deificados. Recordemos os casos de Amenófis I e de sua mãe, Ahmès Néfértari, de Amenófis III e de Ramsés II, todos eles muito venerados na época ramessésida (vd. a propósito L.

Habachi, "Features of the Deification of Ramsés II" in *ADAIK 5*, J. Černý, "Le culte d'Amenophis I chez les ouvriers de la nécropole thébaine" in *BIFAO 27*, pp. 159-203 e ainda M. Gitton, *L'épouse du dieu, Ahmès Néfertary*). De todos estes cultos, o de Amenófis I parece ter sido o mais importante e o que durou mais tempo.

(334) Vd. S. Schott, "Zur Unvergänglichkeit des Namens" in *MDAIK 25*, pp. 131-135.

(335) Vd. A. Gardiner, "The Titulature and other designations of the King" in *Egyptian Grammar*, pp. 71-76. A informação mais completa que temos da elaboração destes cinco nomes reais é-nos dada pelo Texto de Juventude de Tutmósis III.

(336) *Ibidem*, p. 73.

(337) Por isso, geralmente, é usado com o nome do deus Ré. Vd. o exemplo do nome de coroamento de Amenófis III: *Nb-m3<sup>c</sup>.t-r<sup>c</sup>* "O Senhor da Verdade é Ré".

(338) Vd. a este propósito, A. Gardiner, *o. c.*, p. 72 e M. A. Bonhême, *Les Noms Royaux au Troisième Période Intermédiaire*, p. 9.

(339) Esta realidade demonstra-nos que os diferentes nomes reais eram utilizados, segundo uma certa especificidade. Enquanto o nome de coroamento era usado no cumprimento do culto, por exemplo, o nome pessoal era utilizado em todas as situações respeitantes ao governo do Império.

(340) Vd. A. Gardiner, *Egyptian Hieroglyphics Texts*, p. 15, n. 7, p. 42, p. 60 e p. 76.

(341) Vd. A. Bonhême, *o. c.*, p. 11.

(342) *Ibidem*, p. 13.

(343) Os epítetos indicativos da participação do rei na ordem divina, que se expressam sob a forma de filiação divina, só são explicitamente utilizados nos protocolos reais a partir do Império Novo.

(344) M. A. Bonhême, A. Forgeau, *o. c.*, p. 311.

(345) "L'inspiration divine est alors le garant de l'authenticité du protocole. La révélation, c'est-à-dire la communication des noms royaux, est le fait du prince, qui l'ordonne", *Ibidem*, p. 310.

(346) M. A. Bonhême, *o. c.*, p. 15.

(347) Vd. P. Vernus, "Name" in *LA IV*, p. 321.

(348) Idem, "Namensbildung" in *o. c.*, p. 337.

(349) *Ibidem*

(350) *Ibidem*

(351) Este nome foi dado, por exemplo, a um servo real do reinado de Ramsés II, vd. A. R. Schulmann, *o. c.*, p. 13.

(352) Este nome é um pouco ambíguo na sua classificação, pois tanto pode referir-se a Seti, o rei, como a Set, a divindade.

(353) Vd. J. Černý, "Le culte d'Amenophis I chez les ouvriers de la nécropole thébaine" in *BIFAO 27*, pp. 159-203.

(354) *Ibidem*, p. 159.

(355) Vd. L. Habachi, "Features of the Deification of Ramesses II" in *ADAIKS*

(356) A. Erman, H. Ranke, *La Civilisation Egyptienne*, p. 63.

(357) Este nome foi usado, por exemplo, por um servo real de Ramsés II, vd. A. R. Schulman, *o. c.*, p. 13.

(358) Vd. M. Thirion, *RdE 31*, p. 92. Este nome é dado, por exemplo, a um servo real do reinado de Merneptah, vd. *Ibidem*, p. 14.

(359) Este nome teria surgido no curto reinado de Siptah, vd. A. Gardiner, "Only one King Siptah and Twosre not his wife" in *JEA 44*, pp. 19 ss.

(360) Este nome pertenceu a um estrangeiro do reinado de Merneptah. Vd. ainda A. R. Schulman, *ibidem*, p. 194, n. 4 e K. A. Kitchen, *Ramesside Inscriptions*, IV, p. 103.

(361) Este nome foi, por exemplo, dado a um estrangeiro do reinado de Ramsés II-Merneptah, vd. *Ibidem*, p. 14. Segundo este autor, um certo *R<sup>c</sup>-ms-sw-m-pr-r<sup>c</sup>*, também chamado Merion, tinha originalmente o nome de Ben-Ozen de Ziri-Bashan, vd. Idem, *CdE LXVI*, p. 195. O seu nome semítico é dado num só monumento, uma estela de Abidos, com a designação Cairo TR 3/7/24/17. Para o seu nome semítico, vd. J. Berlandini-Grenier, "Le dignitaire ramesside Ramsès-em-per-Rê" in *BIFAO 74*, p. 11, n. 7.

(362) A. R. Schulman, *o. c.*, p. 17 data este nome do reinado de Ramsés IV. Ele foi retirado da estela Allard Pierson Museum B. 9114 que foi copiada por H. Salt. Vd. J. Malék, M. Smith, "Henry Salt's Egyptian Copies and drawings" in *GM 64*, p. 43, fig. 2. Vd. a propósito da questão da "topicalização", p. 61 do presente trabalho.

(363) Vd. C. Lalouette, *La Gloire des Ramsès*, pp. 265-285.

- (364) Vd. H. te Velde, *Seth, god of Confusion*, pp. 129 ss.
- (365) Vd. J. Černý, "La date de l'introduction du culte de Seth dans le nord-est du Delta" in *ASAE 44*, pp. 295-298.
- (366) M. A. Bonhême, A. Forgeau, *o. c.*, p. 292.
- (367) Sobre o cerimonial da festa-sed, vd. *Ibidem*, pp. 294 ss.
- (368) *Ibidem*, p. 292.
- (369) No princípio da XVIII dinastia, o deus mais popular nesta região não era Amon, mas o deificado Amenófis I, vd. J. Černý, "Egyptian Oracles" in *A Saite Oracle Papyrus from Thebes*, p. 41.
- (370) Este era adorado nas suas seis formas distintas, vd. J. Černý, "Le culte d'Amenophis Ier chez les ouvriers de la Necropole thébaine" in *BIFAO 27*, pp. 159ss.
- (371) *Prt* designa a estação de Inverno. Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 174 e S. Schott, *Altägyptische Festdaten*, pp. 98-99.
- (372) Vd. a descrição apresentada por D. Valbelle, *Les Ouvriers de la Tombe-Deir el-Medineh à l'époque ramésside*, pp. 320-321.
- (373) Uma espécie de "creme" leitoso, vd. J. J. Janssen, *Commodity Prices from the Ramessid Period*, pp. 353-355.
- (374) J. Černý, *o. c.*, pp. 185-186.
- (375) Vd. D. Valbelle, *o. c.*, p. 329.
- (376) Vd. J. J. Clère, "Monuments inédits des Serviteurs dans la Place de

Verité" in *BIFAO* 28, pp. 191-192.

(377) O termo designa os sacerdotes-puros. A propósito deste grupo sacerdotal, vd. L. M. Araújo, *O clero de Amon no pontificado tebano da XXI dinastia*, pp. 267 ss. Vd. ainda J. J. Clère, *o. c.*, pp. 181-185 e J. Černy, *o. c.*, pp. 191 ss.

(378) Vd. L. M. Araújo, *o. c.*, pp. 270 ss.

(379) Vd. J. Černy, *o. c.*, p. 195.

(380) *Ibidem*, p. 194.

(381) Vd. J. J. Clère, *o. c.*, pp. 191-192.

(382) Vd. P. Vernus, *Les Pharaons*, p. 140.

(383) S. Aufrère; J. Cl. Golvin; J. Cl. Goyon, *L'Égypte Restituée*, pp. 165-170.

(384) Sobre esta figura mítica da civilização egípcia, vd. C. Desroches-Noblecourt, *The Great Pharaoh Ramses II and his time*; C. Lalouette, *L'Empire des Ramsès* e ainda K. A. Kitchen, *Ramsès II, le pharaon triomphant. Sa vie, son époque*

(385) Vd. E. Drioton, J. Vandier, *L'Égypte-des origines à la conquête d'Alexandre*, p. 423.

(386) Ela é bem descrita quer através dos testemunhos deixados nos monumentos egípcios quer pelos arquivos hititas.

(387) O "Poema de Kadesh" é uma obra ímpar de propaganda real, vd. P. Vernus, *o. c.*, p. 124.

(388) Vd. E. Drioton, J. Vandier, *o. c.*, p. 426.

(389) Este tratado, referido como o tratado do ano XXI, é selado com dois casamentos sucessivos do rei egípcio com as filhas do rei hitita, Hatusili. Vd. N. Grimal, "Treize siècles avant notre ère" in *Thèbes 1250 av. J. C.*, p. 33.

(390) Vd. P. Vernus, J. Yoyotte, *o. c.*, p. 125.

(391) Vd. N. Grimal, *o. c.*, pp. 26-27. Esta grandeza estava bem tipificada no novo estilo criado por Ramsés, que se caracteriza pelo gigantismo das figuras e das construções.

(392) Esta cidade é construída no sítio donde era, provavelmente, originária a família de Ramsés e onde o seu pai mandara construir um palácio de verão. Vd. N. Grimal, *o. c.*, p. 25.

(393) Vd. S. Aufrère; J. Cl. Golvin; J. Cl. Goyon, *o. c.*, p. 119 e pp. 165-170.

(394) *Ibidem*, p. 114.

(395) Durou sessenta e sete anos.

(396) Vd. N. Grimal, *o. c.*, p. 25.

(397) P. Vernus, J. Yoyotte, *o. c.*, p. 125.

(398) Vd. D. Valbelle, *o. c.*, p. 168 e, ainda, B. Menu, *Le régime juridique des terres et du personnel attaché à la terre dans le papyrus Wilbour*, pp. 115-116.

(399) Vd. D. Valbelle, *o. c.*, p. 315.

(400) Vd. I. Pomorska, *o. c.*, p. 159.

(401) Pré-nome do rei Sethnakhte.

(402) Pré-nome de Ramsés II. Este nome é, por exemplo, citado por C. M. Zivie, *Giza au Deuxième Millénaire*, pp. 206-207.

(403) Pré-nome de Seti I.

(404) Pré-nome de Amenófis III.

(405) J. Assmann, *Maat, l'Égypte pharaonique et l'idée de justice sociale*, pp. 117 ss.

(406) *Ibidem*, p. 135.

(407) E. Drioton; J. Vandier, *o. c.*, p. 411.

(408) A escrita hieroglífica abre-se cada vez mais à língua vernácula, até aí veiculada pelas escritas cursivas.

(409) Vd. P. Vernus, J. Yoyotte, *Les Pharaons*, p. 16.

(410) Vd. C. Lalouette, *L'Empire des Ramsés*, pp. 295-298.

(411) Pré-nome de Amenófis II.

(412) Pré-nome de Tutmósis I.

(413) Este nome é citado, por exemplo, por S. Whale, *o. c.*, p. 100 para o proprietário de dois túmulos na necrópole tebana, no reinado de Tutmósis III e ainda na p. 122, para um outro proprietário de um túmulo do reinado de Tutmósis III-Amenófis II.

(414) Pré-nome de Tutmósis III.

(415) Pré-nome de Sesóstris I (~1971~1926), segundo rei da XII dinastia (Império Médio).

(416) Este nome é citado, por exemplo, por S. Whale, *o. c.*, p. 190 para o reinado de Tutmósis IV.

(417) Pré-nome de Amenófis I.

(418) E. Drioton; J. Vandier, *o. c.*, p. 251.

(419) Vd. G. Posener, "L'Enseignement d'Amménèmes Ier et la crise dynastique" in *Littérature et Politique sous l'Égypte de la XIIe Dynastie*, pp. 61-86.

(420) Idem, "Les Aventures de Sinouhé et la dynastie affermie" in *o. c.*, pp. 87-115.

(421) Idem, "Les Enseignements Loyalistes et l'exaltation du roi" in *o. c.*, pp. 117-140.

(422) O reinado de Sesóstris I é caracterizado por uma grande actividade de construção e restauração de templos e santuários, vd. P. Vernus, J. Vuyotte, *o. c.*, p. 137.

(423) *Ibidem*, p. 138.

(424) *Ibidem*, p. 160.

(425) *Ibidem*, p. 161.

(426) A propósito desta figura exemplar, vd. C. Lalouette, *Thèbes ou la*

reinado de Ramsés IV, vd. *o c.*, p. 16. Vd. ainda J. Malèk, "The Tomb-chapel of Hekamaetre-Nehh at Northern Saqqara" in *SAK 12*, p. 53, fig. 2.

(441) Vd. a este propósito P. Vernus, *Affaires et scandales sous les Ramsès*

(442) P. Vernus, J. Yoyotte, *o c.*, p. 127.

(443) *Ibidem*

(444) Cujo significado é "Bom é o *Ka* de Ré".

(445) Que se afirma com a XXI dinastia.

(446) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e sua integração no cosmos*, p. 159.

(447) Vd. E. Cassirer, *La philosophie des formes symboliques. 2-La pensée mythique*, p. 62.

(448) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 294.

(449) Vd. E. Feucht, "Kinderlosigkeit und-wunsch" in *LÄ III*, pp. 440-441

(450) Vd. S. Schott, "Die Bitte un ein kind auf einer grabfigur des frühen mittleren reiches" in *JEA 16*, p. 23 e ainda H. G. Fischer, "Sh3.sn (Florence 1774)" in *RdE 24*, p. 66.

(451) Vd. p. 80 do presente trabalho.

(452) Este nome também aparece citado em A. Gasse, *o c.*, pp. 103, 112 e 116.

*ou la naissance d'un Empire*, cap. V e ainda M. H. T. Lopes , E. C. C. Rego, "As Operações Militares de Tutmósis III: expressão de uma época" in *Hathor 3*, pp. 71-92.

(427) Vd. *Ibidem*, pp. 81-85.

(428) *Ibidem*, p. 88.

(429) E o culto de Tutmósis III permaneceu, curiosamente, na piedade pessoal até aos Ptolemeus.

(430) Vd. C. Lalouette, *o. c.*, cap. VI.

(431) P. Vernus, J. Yoyotte, *o. c.*, p. 14.

(432) *Ibidem*

(433) *Ibidem*

(434) Pré-nome real de Amenófis II.

(435) Pré-nome real de Ramsés II.

(436) Pré-nome real de Amenófis III.

(437) Este nome é citado, por exemplo, por A. R. Schulman, *o. c.*, p. 18 para um servo real do reinado de Ramsés IX.

(438) Pré-nome real de Ramsés IX. Vd. *PN II*, 52.

(439) Pré-nome real de Ramsés IV.

(440) Segundo A. R. Schulman, este nome foi dado a um estrangeiro do

(453) Vd. J. Quaegebeur, "Tithôes, dieu oraculaire" in *Enchoria* 7, p. 103; Idem, "Considérations sur le nom propre égyptien Teëphthaphônukhos" in *OIP* 4, p. 92 e ainda Idem, "Teêphibis, dieu oraculaire" in *Enchoria* 5, p. 19.

(454) Vd. P. Vernus, *Le dieu personnel dans l'Égypte Pharaonique*, pp. 146-147.

(455) Vd. pp. 86 ss. do presente trabalho.

(456) Vd. I. Pomorska, *o. c.*, p. 106.

(457) Este nome data do reinado de Ramsés III, vd. G. A. Gaballa, "Three Documents from the reign of Ramesses III" in *JEA* 59, pp. 109-110. T. Schneider classifica-o como um nome de origem semita, vd. *Asiatische Personennamen in ägyptischen Quellen des Neuen Reiches*, p. 92.

(458) Vd. T. G. H. James, *Corpus of Hieroglyphic Inscriptions in the Brooklyn Museum*, p. 124, plate LXXII.

(459) *Ibidem*, p. 85, pl. L.

(460) *Ibidem*, p. 81, plate XLIX e ainda S. Whale, *o. c.*, p. 136.

(461) Vd. M. Vallogia, *Recherche sur les 'Messagers' dans les Sources Égyptiennes Profanes*, p. 92.

(462) Designação de Hathor, a deusa vaca de Atfih, capital do 33º nomo do Egípto. Vd. J. M. Kruchten, "Une statue de Sa-tep-ihou" in *CdE* LXV, pp. 6-9 para um "prefeito da cidade" e "director dos profetas" em This, na XVIII dinastia, contemporâneo de Hatshepsut.

(463) Vd. M. Thirion, *RdE* 39, p. 131.

- (464) Vd. M. Thirion, *RdE* 42, p. 229.
- (465) Vd. J. Vergote, *Les Noms Propres du P. Bruxelles Inv. E. 7616. Essai d'interprétation*, p. 21.
- (466) T. Schneider, *o. c.*, p. 92.
- (467) Vd. A. Gasse, *o. c.*, p. 164.
- (468) Vd. J. Vergote, *o. c.*, p. 21.
- (469) Vd. J. Sainte Fare Garnot, "Défis au Destin" in *BIFAO* 59, pp. 6-7 ss.
- (470) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 212 para um escriba do túmulo.
- (471) Este nome é um dos citados por A. Gasse, para o domínio de Amon, entre as XX-XXI dinastias, vd. *o. c.*, p. 195.
- (472) Este nome surge pela primeira vez no Império Novo. Aparece-nos citado, por exemplo, em J. Černý, *o. c.*, p. 266 para um guarda do túmulo do período ramessésida. Vd. também S. Whale, *o. c.*, p. 78 (para o reinado de Tutmósis III) e I. Pomorska, *o. c.*, p. 101 ( para o mesmo reinado).
- (473) Vd. D. Valbelle, "Le Naos de Kasa au Musée de Turin" in *BIFAO* 72, pp. 179-194. M. Thirion, *RdE* 37, p. 133 refere-nos que todos os exemplos dados em *PN* são relativos à mesma personagem, bem conhecida em Deir el-Medina.
- (474) Vd. S. I. al-Nubi, "El soldado" in *El Hombre Egipcio*, pp. 196 ss. e ainda em termos gerais a obra de A. Kadry, *Officers and Officials in the New Kingdom*
- (475) Estamos perante a fraseologia característica da piedade pessoal,

que é formada, habitualmente, com *sn* ou *pn*<sup>c</sup>. O deus está zangado, mas depois "volta-se para o fiel", a fim de o perdoar.

(476) Estamos perante um nome pejorativo, um nome tabu, a fim de enganar o mau olhado, vd. J. Sainte Fare Garnot, *o. c.*, pp. 2-3. Vd. A. R. Schulman, *o. c.*, p. 15 para um servo real do reinado de Ramsés III-Ramsés IV.

(477) Vd. A. Gasse, *o. c.*, pp. 102 e 127.

(478) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 276, para um chefe da polícia do deserto e ainda A. Gasse, *o. c.*, pp. 90, 97, 98 e 99.

(479) O documento aqui citado é um relevo proveniente do túmulo de *s3y-m-ptr.f*, situado na necrópole menfita (vd. J. Berlandini, *La Necrópole memphite du Nouvel Empire*, pp. 636-663). O exemplo, como refere M. Thirion, faz remontar à XIX dinastia a existência do nome *di-ptḥ-i3w(t)*, bem representado desde o período líbio até à dominação persa, com a variante gráfica: *ptḥ-di-i3w(t)*, por anteposição honorífica do nome do deus. As grafias *i3wt* e *i3w* confundem-se a partir do Império Novo (vd. *Wb I*, p. 28). Vd. M. Thirion, *RdE 31*, p. 87.

(480) Vd. a propósito desta figura divina, H. Junker, *Die Onurislegende*

(481) Sobre Ptah "medidor do tempo", cf. M. Sandman-Holmberg, *The God Ptah*, pp. 68 e 212.

(482) Vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, pp. 73 ss.

(483) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e sua integração no Cosmos*, p. 15.

(484) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 313.

- (485) Vd. P. Vernus, *Le dieu personnel dans l'Égypte Pharaonique*, p. 149.
- (486) Vd. J. Sainte Fare Garnot, *o. c.*, p. 2.
- (487) Vd. A. Gasse, *o. c.*, pp. 100-101.
- (488) *Ibidem*, p. 221.
- (489) Vd. C. Maystre, *Les grands prêtres de Ptah de Memphis*, p. 282.
- (490) Vd. P. Vernus, "Un texte oraculaire de Ramsès VI" in *BIFAO 75*, pp. 103-110.
- (491) Vd. C. M. Zivie, *Giza au Deuxième Millénaire*, pp. 179, 180 e 182 e J. Černý, *o. c.*, p. 210.
- (492) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, p. 65. Este nome nao é muito comum na comunidade de Deir el-Medina.
- (493) Vd. E. Hornung, "Der Mensch als 'Bild Gottes' in Ägypten" in O. Loretz, *Die Gottenbildlichkeit des Menschen*, pp. 150-151.
- (494) E. Hornung, *Les Dieux de l'Égypte*, p. 185.
- (495) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 193 para um escriba do túmulo do período ramessésida e ainda A. Gasse, *o. c.*, pp. 127-128.
- (496) Vd. A. Gasse, *o. c.*, p. 131.
- (497) Vd. S. White, *o. c.*, p. 27 para um *imy-r-pr-wr* do reinado de Hatchepsut. Vd. ainda I. Pomorska, *o. c.*, p. 100 e ainda D. Valbelle, *Les Ouvriers de la Tombe*, pp. 19 e 24.

(498) As formas onomásticas construídas com *B3k* (servo) e *B3K.t* (serva) pretendem substituir os nomes formados com *Hm* (servo) e *Hm.t* (serva) no Império Antigo e com *s* (filho) e *s.t* (filha) do Império Médio. Estes últimos ainda surgem, embora raramente, no início do Império Novo. Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, pp. 313 e 314.

(499) Este nome aparece citado na primeira versão em *PN I*, 77, 20 e na segunda versão em *PN I*, 77, 19, datado em ambas para o Império Médio, mas pertence na verdade à XVIII dinastia e é proveniente de Abidos. Sobre esta personagem e família, vd. D. Franke, "An important family from Abydos of the Seventeenth Dynasty" in *JEA 71*, pp. 176-186.

(500) Vd. D. Valbelle, "Témoignages du Nouvel Empire sur les cultes de Satis et d'Anoukis à Eléphantine e à Deir el-Médineh" in *BIFAO 75*, pp. 123-126. Este nome é, também, ambíguo na sua classificação.

(501) Vd. pp. 70-72 do presente trabalho.

(502) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, p. 78 e ainda J. Černý, *o. c.*, pp. 267 e 274. Vd. também A. R. Schulman, *o. c.*, p. 18 e A. Gasse, *o. c.*, p. 195.

(503) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 213 e A. Gasse, *o. c.*, p. 196. Este nome é formado com Amenempet, forma do deus tebano que no Império Novo gozava de uma personalidade própria. Vd. sobre Amon de Luxor, J. Quaegebeur, "Amenophis, nom royal et nome divin. Questions méthodologiques" in *RdE 37*, pp. 104-105.

(504) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, p. 140.

(505) Este deus é Amon. Segundo M. Thirion, este nome é muito frequente na região tebana, da XX dinastia até à época ptolemaica, vd. M. Thirion, *RdE 36*, p. 130.

(506) Nome de uma cantora de Amon, encontrado num escaravelho em Zagreb.

(507) Vd. J. Černy, *o. c.*, p. 199 e ainda A. Gasse, *o. c.*, pp. 16, 81, 130 e 131.

(508) A. Gasse, *o. c.*, p. 99, 102, 116 e 126.

(509) *Ibidem*, pp. 77, 116, 147 e 164.

(510) Vd. J. Assmann, "Aton" in *LÄ* I, pp. 526-540 e ainda J. P. Allen, "The Natural Philosophy of Akhenaton" in *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, pp. 89-101.

(511) Vd. D. Valbelle, *Satis et Anoukis*, p. 105.

(512) Vd. M. Thirion, *RdE* 34, p. 107.

(513) Este nome pertenceu a uma das princesas de Amarna. V. Condon apresenta-nos uma variante deste nome: *B3k.t-p3-itn* ("A serva de Aton") in "Two account papyri of the late eighteenth dynasty (Brooklyn 35.1453 A and B) in *RdE* 35, p. 65.

(514) Vd. A. Gasse, *o. c.*, p. 20.

(515) *Ibidem*, pp. 79, 90, 116, 128 e 129.

(516) Vd. J. Černy, *o. c.*, p. 202 e ainda A. Gasse, *o. c.*, pp. 21, 81, 82, 94, 103 e 116.

(517) Vd. A. Gasse, *o. c.*, pp. 16, 18, 19, 131-132 e ainda D. Valbelle, *Les Ouvriers de la Tombe*, p. 187.

(518) Ranke data este nome da Época Baixa (*PN I*, 91, 14), mas I. Pomorska cita-o, também, para o Império Novo.

(519) Vd. V. Condon, *o. c.*, p. 65.

(520) Vd. pp. 97-100 do presente trabalho. A formação *p3 n/t3 n* combinada com os nomes de deuses /deusas significa que o portador de tal nome pertence a uma divindade, vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 314.

(521) Vd. A. Gasse, *o. c.*, pp. 20, 64, 102, 116, 130 e 132.

(522) Vd. M. Thirion, *RdE 31*, p. 83

(523) Vd. A. Gasse, *o. c.*, p. 9 e D. Valbelle, *Satis et Anoukis*, p. 105.

(524) A. Gasse, *o. c.*, p. 34.

(525) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 207.

(526) Segundo P. Vernus é Hathor, vd. *Le Surnom au Moyen Empire*, p. 123.

(527) P. Vernus, "Une grammaire du Néo-egyptien" in *Orientalia 50*, p. 437.

(528) Vd. H. Ranke, *PN II*, 238.

(529) Vd. *La Naissance du Monde*, p. 30.

(530) Vd. E. A. W. Budge, *An Egyptian Hieroglyphic Dictionnary*, vol. I, p. 303.

(531) Vd. T. G. H. James, *The Hekanakhte Papers and other early middle*

*Kingdom documents*, pp. 122-124.

(532) Vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *Dieux et Hommes en Egypte*, p. 102.

(533) Vd. *La Naissance du Monde*, p. 30.

(534) Vd. E. Hornung, *Les dieux de l'Egypte*, p. 69.

(535) Vd. V. Descombes, *L'Inconscient Malgré Lui*

(536) Vd. G. Wagner, J. Quaegebeur, "Une dédicace grecque au dieu égyptien Mestasytmis de la part de son synode" in *BIFAO 73*, pp. 53-54.

(537) Vd. M. Thirion, *RdE 42*, p. 223.

(538) F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, pp. 189-190.

(539) Vd. C. Desroches-Noblecourt, *La femme au temps des pharaons*, pp. 323 ss.

(540) *Ibidem*, p. 329.

(541) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e a sua integração no Cosmos*, pp. 102 ss.

(542) *Ibidem*, p. 108.

(543) Para a estrutura do nome, vd. *PN III*, pp. 17 e 63.

(544) Vd. M. Eliade, *Tratado de História das Religiões*, pp. 237-238.

(545) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE X*, p. 305.

(546) Vd. a este respeito, M. H. T. Lopes, "Les déesses Isis et Hathor, représentantes d'un type de pouvoir" in *Le Monde Copte*, nº 16, pp. 21-26.

(547) Estamos perante uma conjugação sufixal particular, que poderemos denominar de Futuro III, vd. p. 80 do presente trabalho.

(548) Vd. C. Desroches-Noblecourt, *o. c.*, p. 233 ss.

(549) Vd. a propósito o catálogo da exposição "*Nofret-La Bella-la mujer en el antiguo egipto*": Madrid, 1986 e ainda Ph. Derchain, "La Perruque et le Cristal" in *SAK 2*, 1975, pp. 55-74.

(550) Vd. L. Manniche, *La Esfinge Erotica-la vida sexual en el antiguo Egipto*.

(551) Forma particular de designar a esposa no Antigo Egipto.

(552) Vd. Ch. Maystre, *o. c.*, pp. 343-345.

(553) Vd. A. B. Lloyd, "Psychology and Society in the Ancient Egyptian Cult of the Dead" in *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, pp. 117-131.

(554) Vd. A. Erman, H. Ranke, *La Civilisation Egyptienne*, p. 213.

(555) Vd. T. G. H. James, *Corpus of Hieroglyphic Inscriptions in the Brooklyn Museum*, p. 70, plate XLIV.

(556) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, p. 112, que nos refere, a propósito, ser este nome muito raro na comunidade de Deir el-Medina.

(557) Vd. J. Vuyotte, "Une étude sur l'anthroponymie Gréco-Egyptienne du Nome Prosôpita" in *BIFAO 55*, p. 138.

(558) Este nome pertence ao alto funcionário Senenemut, que foi chefe dos trabalhos reais no reinado de Hatchepsut, vd. H. Ranke, "les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 296.

(559) Os três primeiros nomes também podiam ser classificados nos nomes com predicado pseudo-verbal.

(560) Vd. M. Megally, "A propos de chèvres et d'un chevrier de la nécropole thébaine" in *CdE LXVI*, p. 113.

(561) H. Ranke foi o grande estudioso da problemática dos Nomes Próprios Egípcios. No entanto, os seus estudos estão cheios de perguntas sem resposta. A continuação das investigações nesta temática veio solucionar muitas das suas interrogações.

(562) A este propósito vd. a 2ª parte do precioso estudo de S. Whale, *The Family in the Eighteenth dynasty of Egypt*, pp. 239-275 e ainda S. Allam, "Familie (Struktur)" in *LÄ II*, pp. 104-113 e, também, J. Černy, "A Note on the Ancient Egyptian Family" in *Studi in onore di Aristide Calderini e Roberto Parinbeni* e P. Vernus, "Production-Pouvoir et Parenté dans l'Egypte Pharaonique" in *Production, Pouvoir et Parenté dans le Monde Méditerranéen de Sumer a nos Jours*, pp. 103-116.

(563) M. Thirion acrescenta à referência citada por H. Ranke, mais duas referências. Uma datada da primeira parte da XVIII dinastia e outra, pertencente a uma cantora de Amon, contemporânea de Hatchepsut, vd. *RdE 42*, p. 231.

(564) Estamos perante uma frase verbal na negativa com *bn*

(565) Estamos perante uma frase verbal na passiva negativa com *bn*

(566) Vd. I. Pomorska, *o. c.*, p. 101.

(567) Estamos perante uma frase verbal na passiva negativa com *n*

(568) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e a sua integração no Cosmos*, pp. 65 ss. e, ainda, pp. 122 ss. Vd. ainda cap. XLIV do *Livro dos Mortos do Antigo Egipto* e, também, S. Morenz, *La Religion Egyptienne*, p. 267.

(569) Vd. F. Daumas, *La Civilisation de l'Égypte Pharaonique*, p. 261.

(570) Vd. a este propósito o cap. IX de S. Morenz, *o. c.*, pp. 239-274.

(571) Vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, pp. 109 ss.

(572) *Ibidem*, p. 109.

(573) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 305.

(574) Ranke datava este nome da XXI dinastia. O autor cita-o, na sua obra, para a XX dinastia, vd. R. J. Demarée, *o. c.*, pp. 39-40.

(575) Vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, pp. 113 ss.

(576) Vd. H.-P. Jeudi, "Jeux de noms, jeux de vilains" in *Comunicação e Linguagens 10/11*, p. 109 e, ainda, F. Zonabend, "Le Nom de personne" in *L'Homme*, p. 15.

(577) É esta evolução, esta multiplicação do nome, desdobrando-o, que provoca a tensão externa do nome, vd. M. H. T. Lopes, "*La Tension Externe du Nom*". Comunicação apresentada no V Congresso Internacional de Egiptologia. Cairo. 1988.

(578) Vd. M. A. Babo, *La Problematique du Sujet dans le Langage Poétique*, p. 176.

(579) Abreviatura do nome *snj.f-n-imn* (PN I, 67, 5), segundo J. J. Clère, "Notes d'Onomastique a propos du dictionnaire des Noms de Personnes de H. Ranke" in *RdE* 3, p. 104.

(580) Este nome é, provavelmente, uma abreviatura de *X-msw* "A divindade X é nascida", vd. M. Thirion, *RdE* 31, p. 92 e ainda R. J. Demarée, *o. c.*, p. 67.

(581) Vd. pp. 105 e 107 do presente trabalho.

(582) Vd. J. Černy, *o. c.*, p. 199.

(583) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE* XI, p. 304.

(584) Vd., a propósito, o precioso estudo de R. A. Caminos, "El campesino" in *El Hombre Egípcio*, pp. 23-49.

(585) O pronome interrogativo *ih* aqui utilizado é característico do neo-egípcio, nunca aparecendo numa predicação de identidade do Egípcio Médio ou Clássico.

(586) Estamos perante uma frase verbal negativa, na forma passiva.

(587) Estamos perante uma frase verbal na forma *sdm.n.f*. Este nome aparece, também, citado em J. Černy, *o. c.*, p. 192.

(588) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e sua integração no Cosmos*, pp. 108 ss.

(589) *Ibidem*, pp. 109 e 113.

(590) *Ibidem*, pp. 111 ss. Vd. ainda, a propósito, V. Descombes, *L'Inconscient Malgré Lui*, p. 59.

(591) Os nomes que se seguem podem também ser classificados como teofóricos implícitos, provando-nos assim a ambiguidade existente, tantas vezes, entre estes dois tipos de classificações.

(592) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 163.

(593) Vd. T. G. H. James, *o. c.*, p. 115, plate LXVII. Merymose foi vice-rei da Núbia, vd. R. A. Caminos, T. G. H. James, *Gebel el-Silsilah I*, pp. 86 ss.

(594) Vd. J. Černý, *o. c.*, pp. 123 e 211. Segundo este autor, a personagem citada por Ranke terá sido Neferhotep, o mais velho, que poderá ter vivido no reinado de Horemheb ou nos primeiros anos de Ramsés II, vd. *Ibidem*, p. 125. Existiu ainda um outro Neferhotep, o novo, que terá vivido desde o ano 66 de Ramsés II até ao ano 1 de Seti II, *Ibidem*

(595) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 276.

(596) *Ibidem*, p. 221.

(597) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, pp. 126-127.

(598) Vd. a este propósito R. J. Schreiter, "Tabou" in *Dictionnaire des Religions*, pp. 1647-1648 e ainda R. R. Marret, "Tabu" in *Encyclopedia of Religion and Ethics*, XII, pp. 181-185.

(599) Estes nomes apresentam-se, também, ambíguos na sua classificação, pois tanto podem ser considerados como nomes profanos ou como nomes teofóricos implícitos.

(600) Vd. R. A. Schulman, *o. c.*, p. 13.

(601) Este nome pertenceu à mãe de Rehetep, a "concubina das concubinas de Onuris", vd. Ch. Maystre, *o. c.*, p. 305.

(602) Vd. J. Vuyatte, *o. c.*, p. 13B.

(603) Vd. P. Vernus, "Namengebung" in *LÄ IV*, p. 326.

(604) Nome feminino do reinado de Tutmósis III.

(605) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, p. 115 e, ainda, J. Černy, *o. c.*, pp. 124 e 134.

(606) Vd. T. G. H. James, *o. c.*, p. 176, plate LXXXV, para um sacerdote de Amon.

(607) Vd. J. Černy, *o. c.*, p. 123.

(608) Este é um dos nomes femininos mais comuns no Império Novo, vd. V. Condon, "Two account papyri of the late eighteenth dynasty" in *RdE 35*, p. 67.

(609) Segundo P. Vernus, este nome e o seguinte não são, necessariamente, nomes étnicos, mas podem referir-se a um aspecto físico, vd. *Le Surnom au Moyen Empire*, p. 126.

(610) O nome não é muito conhecido em Deir el-Medina antes do fim da XX dinastia, vd. R. J. Demarée, *o. c.*, p. 37.

(611) *Ibidem*, p. 124. Também aparece citado em H. de Meulenaere, "Le nom propre  $\xi\tau\epsilon\acute{o}\iota\varsigma$  et son prototype égyptien" in *CdE LXVI*, p. 132. Segundo este autor, esta é uma formação onomástica característica do Império Médio, que só foi mantida até ao Império Novo.

(612) Vd. M. H. T. Lopes, *O Homem Egípcio e a sua integração no cosmos*, p. 45.

(613) Vd., também, Ch. Maystre, *o. c.*, p. 347, para um sacerdote de Ptah,

também chamado Hori.

(614) Vd. A. R. Schulman, *o. c.*, p. 15.

(615) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, p. 50. Este nome é pouco comum na prosopografia de Deir el-Medina.

(616) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 272.

(617) *Ibidem*, p. 204. E, ainda, A. R. Schulman, *o. c.*, p. 18.

(618) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 211.

(619) Vd. A. R. Schulman, *o. c.*, p. 15.

(620) Vd. G. Husson, D. Valbelle, *L'Etat et les Institutions en Egypte*, p. 76.

(621) Vd. A. H. Gardiner, *Ancient Egyptian Onomastica*, vol II, pp. 47 ss.

(622) Vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 111.

(623) Vd. A. H. Gardiner, *o. c.*, p. 90.

(624) Vd. E. Jelinkova-Reymond, "Recherches sur le rôle des 'Gardiens des Portes' (*iry-ʿ3*) dans l'administration générale des temples égyptiens" in *CdE 28*, pp. 39-59.

(625) Vd. A. Gasse, *o. c.*, pp. 219 e 232.

(626) Vd. D. Valbelle, "El artesano" in *El Hombre Egipcio*, pp. 55-79.

(627) Vd. G. Husson, D. Valbelle, *o. c.*, p. 42.

(628) Vd. A. H. Gardiner, *o. c.*, pp. 42 ss.

(629) Vd. G. Husson, D. Valbelle, *o. c.*, p. 42 e, ainda, M. Megally, *Recherches sur l'économie, l'administration et la comptabilité égyptiennes à la XVIII<sup>e</sup> dynastie*, pp. 117 e 279 ss.

(630) A este propósito vd. S. I. al-Nubi, "El soldado" in *El Hombre Egipcio*, p. 196.

(631) Vd. A. H. Gardiner, *o. c.*, p. 29.

(632) vd. G. Husson, D. Valbelle, *o. c.*, p. 84.

(633) Este nome é também citado em *PN I*, 49, 18, mas exclusivamente para o Império Médio.

(634) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 123 e, ainda, R. J. Demarée, *o. c.*, p. 29.

(635) Nome feminino muito comum no Império Novo, vd. V. Condon, *o. c.*, p. 67.

(636) Vd, a propósito, a obra de D. Valbelle, *Les Ouvriers de la Tombe-Deir el-Médineh à l'Époque Ramesside*

(637) Vd. A. H. Gardiner, *o. c.*, p. 95.

(638) Vd. A. Loprieno, "El esclavo" in *El Hombre Egipcio*, pp. 213-243.

(639) Vd. J. Veyotte, "Une étude sur l'anthroponymie Gréco-Egyptienne du Nome Prosôpité" in *BIFAO 55*, p. 138.

(640) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 276.

(641) Vd. R. J. Demarée, *o. c.*, p. 76.

(642) Vd. H. te Velde, *Seth, god of Confusion*, pp. 13-26.

(643) Vd. A. H. Shorter, *Os deuses egípcios*, p. 111.

(644) Vd. capítulo XVII do *Livro dos Mortos do Antigo Egípcio*

(645) Vd. C. Traunecker, *Les dieux de l'Égypte*, p. 56.

(646) Esta realidade verifica-se não só na antiga civilização egípcia, mas também em várias outras civilizações da Antiguidade. Recordemos, a propósito, o episódio de *Ex 10, 14*.

(647) Vd. *PN II*, 185.

(648) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 298.

(649) Vd. J. Chevalier, A. Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, IV, p. 45.

(650) vd. H. A. Schlögl, *Der Sonnengott auf der Blüte*.

(651) Vd. H. Ranke, *o. c.*, p. 297.

(652) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 264.

(653) Vd. H. de Meulenaere, "Notes de Prosopographie Thébaine" in *CdE LXIV*, p. 55.

(654) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 134.

(655) *Ibidem*, p. 272.

- (656) *Ibidem*, p. 275.
- (657) Vd. M. H. T. Lopes, *o. c.*, pp. 180-183.
- (658) Vd. H. Ranke, *o. c.*, p. 299.
- (659) A este propósito vd. H. Ranke, *PN II*, pp. 192-194.
- (660) Segundo M. Thirion, este nome pertenceu à mãe de *imn-ms* (*PN I*, 29, 11), escriba real, contemporâneo de Ramsés II, e filho de *P3-n-drty* (*PN I*, 112, 14), vd. *RdE 31*, p. 82.
- (661) Segundo M. Megally, este nome pertenceu a um proprietário de cabras do reinado de Tutmósis III, vd. M. Megally, "A propos de chèvres et d'un chevrier de la nécropole thébaine" in *CdE LXVI*, p. 111.
- (662) Vd. J. Černý, *o. c.*, p. 150.
- (663) Vd. A. Gasse, *o. c.*, p. 164.
- (664) Vd. H. Ranke, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, p. 296.
- (665) Este nome, datado do reinado de Ramsés II, é unicamente citado por W. Spiegelberg, "Der ägyptische Possessi Vartikel" in *ZÄS 54*, p. 105, n. 2. Ele provém da estela *Cairo CG 34517* que foi depois publicada por D. A. Lowle, "Two monuments of Perynefer, a senior official in the court of Ramesses II" in *ZÄS 107*, pp. 57-59.
- (666) Sobre a localização exacta desta cidade vd. A. H. Gardiner, *Ancient Egyptian Onomastica*, II, pp. 21-22. Neste toponímio, a partir da XVIII dinastia, o *i* final transforma-se em *y*, vd. M. Megally, *o. c.*, p. 170, n.2 e, ainda, A. H. Gardiner, *Egyptian Grammar*, 20.



(667) Vd., também, V. Condon, *o. c.*, p. 66, que o refere como um nome muito comum no Império Novo.

(668) Também este é um nome muito comum no Império Novo, *ibidem*, p. 67.

(669) Vd. H. Kees, *Ancient Egypt*, pp. 183-211.

(670) Segundo M. Thirion, este nome já é conhecido na XVIII dinastia, através da *Ostraca Michaelides* e do *Papiro Reinisch*, vd. *RdE 31*, p. 90.

(671) Vd. I. Pomorska, *o. c.*, p. 105.



## Conclusão

"-Porque vos chamam la Esmeralda?- inquiriu o poeta

- Não sei "

Vitor Hugo, *Nossa Senhora de Paris*, p.103

" Chamo-me Eva, que quer dizer vida, segundo um livro que minha mãe consultou para escolher o meu nome "

Isabel Allende, *Eva Luna*, p. 9

Ao longo destes anos de investigação e elaboração da minha tese, várias vezes fui confrontada com a pergunta: "Mas qual é, afinal, o tema da tua tese ? E eu respondia: "Os Nomes Próprios no Império Novo". Habitualmente, os interlocutores, espantados, exclamavam: "Curioso". E a conversa morria ali. Mas no meu espírito, eu podia imaginar a estupefacção daquela gente, a sua perplexidade.

Só hoje, passados tantos anos, julgo oportuno desvendar esse mistério e explicar que os nomes próprios, no Antigo Egipto, reflectem a história de um povo e as ideias que esse povo desenvolveu ao longo da história. E isto por que as ideias não se localizam no mundo empírico, nem no conceito, nem no "céu de Platão", mas estão enraizadas na linguagem, na dimensão nomeadora da linguagem (1), inscrevendo-se, por isso, na ordem do nome. E, para os antigos egípcios, este falava, claramente, a natureza do seu portador, oferecendo-se assim a uma exploração ou decifração.

Esta foi centrada num tempo concreto, o império Novo. Não por ele corresponder ao chamado período glorioso da história egípcia ou por ser a época da minha eleição mas, muito simplesmente, por ser uma das únicas fases da história da civilização egípcia em que a problemática dos Nomes Próprios ainda não tinha sido tratada.

Hoje posso entender melhor, as razões desta exclusão. Com efeito, o Império Novo corresponde a uma fase de profundas alterações políticas, económicas, sociais e mentais. O imperialismo levado a cabo pelos reis deste período altera, para sempre, a face do Egipto. Altera-o em termos de recursos económicos, de riquezas, e altera-o a nível da estruturação social. Sacerdotes e militares enriquecem, com os proventos da guerra. E os escravos surgem, pela primeira vez, vindo ocupar o papel desempenhado até ali, por outros grupos sociais.

O Egipto abre-se ao mundo e o mundo penetra no seu coração, alterando-lhe os seus valores e posturas ancestrais. Maat, sustentáculo de toda uma civilização até à XVIII dinastia é, agora, substituída por uma nova ética, que privilegia a relação pessoal entre o homem e a divindade, dando assim origem ao fenómeno da "religião" ou "piedade pessoal".

Descrente das instituições e da ordem estabelecida, o homem

egípcio do Império Novo centra, agora, toda a sua confiança na sua divindade de eleição, a quem se dirige directamente, a quem pede frequentemente a dádiva de um oráculo.

Mas ao lado deste homem, cujos antepassados nasceram e morreram na terra dos faraós, habitam agora muitos estrangeiros, que transportaram consigo os seus costumes, a sua religião, os seus deuses e os seus nomes, para a sua nova pátria de adopção.

Assim, ao tratarmos a problemática dos nomes próprios neste período da história egípcia, somos confrontados, muitas vezes, com nomes de origem estrangeira, com deuses de outras paragens e, até a própria língua sofrerá as consequências de toda esta miscegenação. É esta a dificuldade acrescida ao tratamento deste tema, nesta fase tão particular da história desta civilização.

Para o fazermos, começámos por analisar os nomes próprios do Império Novo, segundo o princípio da forma. Mas esta classificação apresenta-se, por vezes, bastante difícil, dada a ausência de contextos que permitam esclarecer a ambiguidade de certos nomes, na sua formação. Esta dificuldade é, ainda, acrescida pelas transformações que a língua sofre neste período, evoluindo do egípcio clássico ou médio-egípcio, para o neo-egípcio. No entanto, sob o ponto de vista linguístico, podemos definir, à partida, dois grandes grupos: o dos nomes completos e o dos nomes incompletos. Ambos podem ainda apresentar-se sob a forma de nomes abreviados ou de nomes alterados pela adição de um epíteto.

Os nomes completos exprimem-se através de uma frase inteira, cuja estrutura pode ser nominal ou verbal.

A frase nominal pode apresentar-se com um predicado adverbial, exprimindo assim que o sujeito se encontra em determinada situação: num lugar (*X-m-int*, "A divindade está no Vale"), num estado (*X-m-hb*, "A divindade está em festa"), expressando uma equivalência (*P3-hk3-m-s3.sn*, "O governador está na posição de encarregado deles"), exprimindo o sentido de posse (*Nb-m-kmt*, "O Senhor pertence ao Egipto"), da dativo (*Nhh-n-it*, "A eternidade para o pai"), as características (*X-hr-mktw.f*, "A divindade X é a sua protecção") e, ainda, expressando o tempo (*P3-3-r-nhh*, "O faraó

(vive) pela eternidade) e a ideia de futuridade (*iw.f-(r)-n.X*, "Ele pertencerá à divindade X").

A frase nominal pode apresentar-se, também, com um predicado nominal, identificando assim um sujeito a um predicado que pode constituir-se como uma entidade individualizada ou pertencendo a uma classe: *B.r-mh3r*, "Baal é um guerreiro" ou *X-t3y-nh3t*, "A divindade X é a minha força".

E, para terminar a frase nominal pode, ainda, apresentar-se com um predicado adjectival, atribuindo a um sujeito uma qualidade apresentada como inerente e definidora (*Kn-X*, "Vitoriosa é a divindade X") ou na forma de uma anexão de qualificação (*Wr-3ht/3ht-X*, "A divindade X é poderosa de bens"). Pode, também, exprimir o sentido de posse, no caso de ser construída com *ns* (2): *Ns-X*, "Ele pertence à divindade X".

A frase verbal é uma construção em que a acção, exprimida pelo verbo, é exercida ou suportada pelo sujeito. A sua estrutura é, essencialmente, narrativa. Vejamos dois exemplos em que a acção é exercida pelo sujeito: *Mh-X*, "A divindade X inunda", uma frase verbal simples e, *bn-iw.f-r-mh-sp-snw*, "Ele não vai nascer uma segunda vez", uma frase verbal na negativa com *bn*, no Futuro III. Comparemos, agora, com outros dois casos em que a acção é suportada pelo sujeito: *gd-3s.t-iw.s-(r)-nh*, "Isis disse: ela viverá", uma frase verbal complexa e *X-nh*, "A divindade X está viva", uma frase com predicado pseudo-verbal.

Mas, para além destes dois grandes grupos, no interior dos nomes completos, existem ainda outras possibilidades de formulação. Os nomes completos na forma de uma frase com predicacção de existência, exprimindo como o próprio nome indica, a existência: *wn-t3-w3t*, "Existe este caminho", os nomes completos na forma de uma frase com predicacção de não existência, expressando exactamente esta situação: *Nn-wn-nfw*, "D mal não existe" e, ainda, os nomes completos na forma de uma "cleft sentence", exprimindo uma relação de identidade entre o primeiro membro e a frase relativa: *P3-X-ms-sw*, "Foi a divindade X que o pôs no mundo".

A outra grande divisão é, como já referimos anteriormente, a dos

nomes incompletos. Estes exprimem-se através de exclamações ou frases cujo predicado não é exprimido linguisticamente. Pertencem à categoria da linguagem afectiva.

Os nomes incompletos na forma de exclamações salientam um sentimento forte que pode ser de surpresa (*i-pwy*, "Oh, este"), de entusiasmo (*p3-nfr*, "Este belo"), de admiração (*t3-nfr*, "Lindo pintainho") ou mesmo de uma certa indignação (*t3m wy*, "Que esforço").

Os nomes incompletos na forma de frases cujo predicado não é exprimido linguisticamente, mas antes representado pelo portador ou por outros seres, apresentam-se na forma de epítetos. Estes epítetos podem ser nomes, adjectivos ou formações do tipo *p3-n/t3-n* (aquele de/aquela de). Vejamos alguns exemplos: *X-hdw*, "A agressora divindade X", construção do tipo sujeito+adjectivo epíteto, que se apresenta como bastante ambígua na sua classificação, dado que também pode ser incluída nas frases com predicado pseudo-verbal; *š3-hb-sd*, "Aquele que é copioso de jubileus", construção do tipo adjectivo+substantivo (anexão de qualificação); *p3-n-p3-t*, "Aquele do país", formação do tipo *p3-n/t3-n*, que estabelece uma relação entre uma pessoa e uma entidade geográfica e, finalmente, *t3-n-X*, "Aquele da divindade X", onde se verifica uma relação de "pessoa a pessoa", por extensão (3).

Existe ainda uma segunda categoria, entre os nomes incompletos que se apresentam na forma de epítetos, que exprime a ideia de relação ou "afinidade semiológica" com alguma coisa ou alguém. Vejamos dois exemplos: *iy-š-n.f*, "Aquele que vem (quando) lhe fazemos apelo", epíteto formado sobre um participio+frase proposicional e *mry-X*, "Aquele que a divindade X amou", epíteto formado sobre uma frase relativa.

Apresentámos, assim, as duas principais categorias de nomes próprios, no que concerne à sua formulação. Verificámos que os nomes completos são em maior número que os nomes incompletos. Mas, uns e outros, como referimos anteriormente, podem ainda apresentar-se na forma de nomes abreviados ou nomes alterados pela adição de um epíteto.

Os nomes abreviados correspondem, como o próprio nome indica, a abreviaturas, diminutivos ou hipocorísticos formados a partir do nome

próprio. Estas abreviaturas podem ser feitas por redução de um nome ao seu primeiro elemento (*ḥnḫ.f*, "Ele vive", abreviatura de *ḥnḫ.f-n-X*, "Ele vive para a divindade X"), por redução de um nome ao seu último elemento (*msw*, "Aquele que é nascido", abreviatura de *X-msw*, "A divindade X é nascida"), por redução de um nome à sua parte central (*in.ḥr.t*, "Onuris", abreviatura de *s3w-in.ḥr.t-it.f*, "Onuris protege o seu pai"), por redução de um nome a dois fonemas (*mḥ*, "Encher", diminutivo de *X-m-ḥb*, "A divindade X está em festa") ou por transformação de um nome em hipocorístico (*lpy*, "lpi" de *X-m-ipt*, "A divindade X está no templo").

A maior parte destas abreviaturas, como verificámos, é feita a partir de nomes teofóricos. E muito embora elas não sejam em número tão significativo como aquele que corresponde à categoria dos nomes completos ou incompletos, o seu uso torna-se de tal modo corrente que, muitas vezes, passam a ser utilizadas como nomes próprios.

Os nomes alterados pela adição de um epíteto surgem, fundamentalmente, para distinguir em caso de homónima, o pai do filho ou o irmão mais velho do mais novo. Apresentam-se, geralmente, na forma de adjectivos acrescentados ao nome e/ou ao segundo nome, como no exemplo: *Hr(w) šry*, "Hórus, o mais novo".

Em síntese, verificámos a existência de quatro categorias de nomes próprios, no que concerne à sua formulação. As categorias mais expressivas são, sem dúvida, a dos nomes completos e a dos nomes incompletos, com destaque para a primeira. As abreviaturas e os nomes alterados pela adição de um epíteto apresentam-se em número muito menor.

Após a abordagem linguística dos nomes próprios, após a sua compreensão em termos de formulação, entrámos, então, no coração do tema que nos propusemos estudar: a análise semântica dos nomes próprios, no Império Novo.

Não o poderíamos ter feito sem o contributo, verdadeiramente excepcional, de H. Ranke e da sua obra, *PW* (4). Ela foi a base, o ponto de partida para a nossa investigação. M. Thirion foi, sem dúvida, a outra referência fundamental (5). E, Pascal Vernus forneceu-nos o método (6),

definindo, pela primeira vez, as duas grandes categorias semânticas dos nomes próprios: a dos nomes exofóricos, em que o semantismo do nome evoca um ser ideologicamente transcendente (divindade ou rei) e a dos nomes endofóricos, em que este semantismo não afecta senão o seu portador e/ou os seus progenitores.

Definidas as fronteiras, começámos por analisar todos os nomes exofóricos do Império Novo. Estes podem apresentar-se na forma de nomes teofóricos e, na forma de nomes basilo-fóricos.

"Os nomes teofóricos são todos aqueles nomes em cuja composição entra o nome de uma ou de mais divindades, segundo modelos de formação semântica diversos e respondendo a diversas funções" (7).

Eles demonstram, melhor do que quaisquer outros, a nova atitude religiosa do homem egípcio do Império Novo, apresentando-se como os verdadeiros indicadores do fenómeno de "religião ou piedade pessoal". Esta podia ser influenciada pelo peso institucional das grandes castas, pelas crenças familiares, assim como pela origem geográfica dos seus mentores, cuja ligação ao seu deus local se apresentava muitas vezes como a sua mais importante referência religiosa (8).

Os nomes teofóricos podem dividir-se em quatro grandes grupos. O primeiro é constituído pelos nomes que consistem num só nome de uma divindade. Nesta categoria estão representados praticamente todos os grandes deuses da civilização egípcia, faltando, no entanto, divindades tão importantes como Ioh, Anúbis, Atum, Anukis, Uadjet, Osiris, Maat, Khnum, Sokar, Sobek e Sopdu. Também não é nomeada nenhuma divindade de origem estrangeira. Estes nomes exprimem de uma forma clara e simples, a preferência religiosa dos progenitores, que escolhem para os seus filhos recém-nascidos, as suas divindades de eleição.

O segundo grupo é constituído pelos nomes formados pela justaposição de dois nomes de deuses. Este tipo de formação teofórica é muito rara no Império Antigo, começa a ter alguma expressão no Império Médio para se afirmar, de uma forma significativa, no Império Novo, demonstrando assim que o fenómeno de sincretismo religioso, expresso através deste tipo de nomes, se verifica, sobretudo, a partir deste período

da história do Egípto.

Este fenómeno não implica a identificação ou a fusão entre determinados deuses, mas permite combinar divindades com formas diferentes e, por vezes mesmo, com sexos opostos (9). Esta combinação era não só uma forma hábil de resolver visões religiosas conflituosas, provenientes das explicações fornecidas pelas diferentes castas sacerdotais, como também um meio eficaz de suavisar o fenómeno de henoteísmo (10), ou seja, a concentração da adoração sobre um único deus, demonstrando assim que ele não estava isolado de todos os outros.

As combinações entre deuses eram passageiras e susceptíveis de ser dissolvidas ou substituídas a qualquer momento, mas transmitiam ao homem egípcio uma grande tranquilidade, pois garantiam-lhe que no momento da morte, quando ele assumia o papel de um deus no além, também ele podia conquistar múltiplas formas e aparecer com numerosos nomes.

Verificamos, através dos nomes inventariados nesta categoria, que a dominante criadora ou fecundadora inerente às divindades está muito bem representada neste tipo de nomeação. A problemática da sobrevivência, a conquista da imortalidade, passava também, obviamente, pelo recurso à identificação com deuses cujos poderes criadores eram manifestamente reconhecidos pelo conjunto da população. Amon, Mut e Khonsu, a tríade tebana, marcava a sua presença imperial, ao lado de muitas outras divindades e, curiosamente, até Baal, um deus estranho à paisagem egípcia, mas emblema de um novo espaço político-cultural que se desenhava, não escapará a este fenómeno de sincretismo religioso.

Todos estes nomes exprimem, no fundo, confissões de dogma teológico, declarações de fé que expressam uma crença institucionalizada, localizada ou pessoal.

O terceiro grande grupo de nomes teofóricos exofóricos é constituído pelos nomes que qualificam uma divindade. Estes podem ser entendidos como exclamações proferidas pela mãe, na altura do nascimento de uma criança.

As motivações desta nomeação são, também, diversas: podem

testemunhar a adesão dos progenitores à corrente religiosa de dimensão nacional (Amon, Mut e Khonsu), a sua fé pessoal em relação a uma divindade local ou a uma divindade protectora de determinada profissão.

As qualidades mais citadas neste tipo particular de formação teofórica são a bondade e o vigor, qualidades alusivas a duas referências bem características do Império. A bondade alerta-nos para a dialéctica do pecador e do perdão (11), decorrente da nova relação estabelecida entre o fiel e a divindade, no Império Novo. O deus protector é, simultaneamente, um deus susceptível de entrar em cólera e provocar uma punição. Mas esta poderá ser ultrapassada, se o fiel-pecador clamar pelo perdão divino, por que o deus que castiga é, essencialmente, um deus justo mas misericordioso, amante e protector dos seus ancestrais adoradores. O vigor, qualidade física, é a expressão política e mental do novo homem que se desenha num Império, em que a guerra se torna numa actividade primordial.

Simultaneamente, os deuses surgem-nos ainda, neste tipo de formação, no estado de contentamento, de vivos, de seres com boa saúde e vigilantes, demonstrando assim, por um lado, as suas capacidades inatas de sobrevivência e, por outro, de vigilância sobre todos os homens e sobre o espaço imperial egípcio. O contentamento é decorrente da situação política, imperialista e pacificadora, e da situação ético-religiosa expressa pelos fiéis.

Não se esgotam, no entanto, aqui as qualificações inerentes às divindades, que nos surgem ainda identificadas com o Nilo, fonte vivificadora por excelência desta civilização, com um touro, com um sábio, com um guerreiro, com um pastor, para além da sua caracterização como o "senhor", no caso de Amon, ou o "Senhor das Duas Terras" (Amon), "O Criador" (Amon), "O Senhor dos Cantores" (Amon), expressão da força sincrética exprimida por exemplo no nome "Ptah é como Amon". Mas talvez a qualificação mais característica e expressiva deste período seja a de divindades como Amon, Ptah e Montu nos surgirem na qualidade de juizes. Esta caracterização remete-nos para a problemática da crise das instituições no Império e para o surgimento de uma nova concepção de

justiça e de moral em que a instituição judicial é, directamente, substituída pela eficácia da justiça divina, privilegiando assim, também neste campo, o estabelecimento de uma relação directa e íntima entre o fiel e a sua divindade de eleição. Curiosamente, de novo, Amon e Montu, juntamente com Mut e Khonsu vão aparecer na qualidade de "chefes do panteão", demonstrando assim que o fenómeno de piedade pessoal, característico deste período da história egípcia, vai promover determinadas divindades como Montu e Khonsu, à qualidade de deuses supremos, categoria habitualmente destinada, unicamente, aos deuses criadores apresentados pelas diferentes escolas teológico-cosmogónicas.

Verificamos assim que, paralelamente a um quadro religioso perfeitamente institucionalizado, existia um movimento crescente, no seio da população, íntimo e profundo, que designámos como "religião ou piedade pessoal". Este está bem representado na problemática dos nomes e da nomeação.

O quarto grande grupo de nomes teofóricos exofóricos é constituído pelos nomes evocativos de festas religiosas. Estas festas eram escalonadas ao longo do ano e celebravam os fenómenos cósmicos ou as datas-chaves do ciclo agrícola.

Existiam duas categorias distintas de festas religiosas: aquelas que eram simples comemorações solenes e que se realizavam no interior do templo, sendo por isso vedadas à generalidade da população e as que implicavam uma saída ou uma viagem da divindade, que podia assim ser contemplada por todos os fiéis. Estas eram as verdadeiras festas populares, que extravasavam o seu conteúdo político, ideológico e religioso, permitindo uma aproximação directa entre o homem e o objecto do divino.

Os nomes que nos surgem neste tipo de formação teofórica eram dados sempre que o nascimento de uma criança coincidia com a realização de uma festa religiosa e exprimiam, geralmente, exclamações produzidas na ocasião da festividade.

Assim, deparamos com vários tipos de nomeações. O mais utilizado no Império Novo obedece, sem dúvida, ao esquema: *X-m-hb*, "A divindade X

Amon e Hórus são as divindades mais referenciadas neste tipo de construção. Amon, na sua qualidade de deus de Tebas, patrono da ideologia faraónica do Império, deus criador e solar e Hórus, nos seus atributos de deus celeste e de patrono da realeza. "Os dois juntos asseguram a manutenção da ordem política, expressa na figura do faraó e garantem a estabilidade e o equilíbrio máatico expresso nas origens" (14).

Os nomes teofóricos, explícitos ou implícitos, asseguravam assim ao seu portador, a protecção em vida e a sobrevivência no além, porque lhe permitiam participar, simbolicamente, através do seu nome, nos rituais prestados aos deuses, nas festividades solenes, em todas as cerimónias de devoção institucional ou pessoal.

E, finalmente, deparamos com a última categoria de nomes exofóricos: os nomes basifóricos, ou seja, todos aqueles nomes em cuja composição entra um nome real.

A escolha deste nome era motivada sempre por razões que tinham a ver com a personalidade e o reinado do rei em questão. Os seus feitos heróicos, a sua bravura, a capacidade demonstrada em termos de política externa e/ou interna, a habilidade para gerir conflitos sociais e institucionais. Deste modo, nós podemos verificar a maior ou menor popularidade das diferentes figuras reais do Império Novo, através da sua participação na composição dos nomes basifóricos.

Embora os reis possuíssem cinco nomes "canónicos", o nome de Hórus, o nome das Duas Senhoras, o nome de Hórus de Duro, o nome de coroamento e, finalmente, o nome pessoal, só dois deles apareciam, geralmente, nas cartuxas reais: o nome de coroamento ou pré-nome real e o nome pessoal. "Eram eles que revelavam o conteúdo da identidade do rei que, no plano da função faraónica, se apresentava como duplo e denotando, claramente, as etapas da sua formação. A sua existência institucional, indicada pelo nome solar, o nome de coroamento, e a sua existência física, revelada pelo nome pessoal" (15).

Os nomes basifóricos surgem-nos, assim, formados quer com o nome pessoal de um rei, quer com o seu pré-nome real.

A análise da primeira categoria de nomes, nomes formados com o

está em festa". E pelos exemplos citados podemos verificar quais as festividades referenciadas: a grandiosa "festa de Dpet", os "mistérios de Osíris", os "festivais de Mênfis", as "festividades de Elefantina", a "festa da saída de Min", a "festa da Boa Reunião", a "festa da vitória de Hórus", para além de outras festividades de carácter mais particular, e que são representativas do fenómeno de devoção pessoal.

Um segundo tipo de nomes alusivos a festas é formado segundo o esquema: *X-m*, "A divindade X é nascida". Estes nomes comemoravam, simultaneamente, o nascimento ritual do deus em questão, repetido anualmente, no decorrer de uma festividade e o nascimento real de uma nova criança. Curiosamente, entre os vários deuses citados neste tipo de construção, não nos surge uma única divindade feminina.

Um terceiro tipo de nomes, ainda bem representativo, é construído com base no esquema: *X-m-wi3*, "A divindade X está na barca sagrada". Todos estes nomes eram evocativos das procissões que se realizavam por ocasião de festividades anuais ou ofícios solenes, quando a divindade saía em viagem, transportada numa barca real ou simbólica.

O quarto tipo de nomes é formado segundo o esquema: *X-m-ḥ-y*, "A divindade X apareceu". Estes nomes traduzem-nos exclamações pronunciadas pelos progenitores perante a visão da imagem de determinada divindade, no decurso de uma festividade ou ofício solene, indicando-nos também que os seus portadores teriam nascido por ocasião destas festas rituais.

Um outro grupo de nomes é constituído segundo a formação: *X-iy(w)*, "A divindade X veio". Estes nomes parecem comemorar o facto da criança ter nascido no mesmo dia em que se verificou a chegada do deus ao templo da localidade, podendo ainda expressar, de uma forma simbólica, que a divindade respondeu aos apelos dos progenitores.

O sexto grupo de nomes é formado com base no esquema: *X-m-wsḥ t*, "A divindade X está no pátio". Todos estes nomes evocam a presença da divindade no pátio ou vestíbulo do templo, por ocasião da sua festividade.

Amon e Mut, para além de estarem presentes em quase todas as tipologias atrás apresentadas, são ainda os únicos protagonistas de um

outro tipo de nomes evocativos da sua festa religiosa, em Tebas: *X-m-int*, "A divindade X está no Vale". Para além disso, Mut juntamente com Min, aparece ainda numa outra formação: *X-m-ḥ*, "A divindade X está na colina". Esta parece fazer coincidir a chegada do deus ao templo da localidade, com o nascimento do portador do nome.

Verificamos ainda a existência de outras tipologias em que Amon e Mut surgem, de facto, como os grandes protagonistas deste tipo específico de nomeação (12), mas também Montu, Ré, Hórus e Khnum marcam a sua presença, demonstrando que as razões do coração ultrapassavam, por vezes, o peso e a influência das instituições.

Todos estes nomes festejam, no fundo, a coincidência do nascimento com uma data festiva. Mas, para os antigos egípcios, esta coincidência assumia uma dimensão simbólica e mágica. Ela indiciava, claramente, o bom destino do portador do nome.

Para além dos nomes teofóricos claramente explicitados, encontramos ainda uma outra categoria, a dos nomes teofóricos implícitos. A este grupo pertencem todos aqueles nomes que expressam uma mensagem do religioso, alusiva a uma determinada divindade, mas que o fazem de uma forma subentendida, não exprimindo claramente, o sujeito dessa descrição ou qualificação.

Estes nomes podem apresentar-se na forma de nomes narrativos e nomes indicativos ou qualificativos.

Os nomes narrativos constituem um enunciado completo, de tipo não verbal, verbal ou pseudo-verbal, e enunciam um facto, descrevem uma situação ou formulam uma ideia.

A análise do conjunto de nomes inventariados permite-nos concluir que Amon-Ré, figura tutelar e emblemática do universo político e mental do Império Novo, se apresenta como o principal referencial divino neste tipo de formação teofórica.

"Os nomes indicativos ou qualificativos atribuem ao portador do nome, uma certa qualidade, física ou moral ou situam-no, num certo plano, no seio de uma hierarquia" (13). Podem apresentar-se na forma de nomes incompletos ou abreviados.

nome pessoal de um rei, permite-nos verificar que Ramsés II surge como a figura mais popular entre os cidadãos egípcios, imediatamente seguido de Amenófis I, Seti I e Merneptah.

Ramsés II (~1279~1213, XIX dinastia) foi, sem dúvida, o mais carismático de todos os reis egípcios, tornando-se, logo após a sua morte, numa figura deificada, objecto de uma veneração nacional e particular muito forte.

Político hábil e com uma visão surpreendente da conjuntura internacional e nacional, Ramsés II conduzirá, de novo, o Egipto à glória e tranquilidade do passado recente.

Em termos de política externa consegue restaurar o orgulho nacional e a dimensão imperial do seu estado, através do confronto com o poderio hitita em Kadesh, que conduzirá mais tarde, perante a ameaça da ofensiva assíria, a um tratado de paz e cooperação entre o rei egípcio e o velho rei hitita. Este tratado visava não permitir a avanço das forças assírias para o território dos dois senhores, garantindo, deste modo, a paz e a tranquilidade à terra dos faraós.

As fronteiras do Império de Ramsés II estendem-se, assim, de Kush, na Alta Núbia, ao sul do Líbano, incluindo ainda a planície de Damas.

Em termos de política interna, este rei demonstra, também, uma habilidade e diplomacia surpreendentes, procurando um equilíbrio de forças entre as diferentes castas sacerdotais. Para isso, mantém alguns dos privilégios do velho clero tebano de Amon, favorecendo, no entanto, o culto heliopolitano do Sol (Ré) e promovendo a adoração de Set, patrono da sua linhagem.

Mas para além destas medidas de carácter puramente político, Ramsés II transforma ainda o seu reinado, num verdadeiro palco de propaganda real, promovendo um vasto programa de construções que garantirão a memória do seu nome sobre toda a terra do Egipto, pela eternidade. Assim, assistimos à construção de uma nova capital, Pi-Ramsés, de dois templos em Abu-Simbel, do seu famoso templo tebano-o Ramessum, da decoração dos templos mandados erigir por seu pai, Seti I, dos seus obeliscos e colossos, onde a grandiosidade e a

monumentalidade assumiam uma dimensão única e exemplar, procurando, deste modo, transmitir a própria glória e importância do faraó em questão. Por isso, os homens não o esqueceram, garantindo a eternidade do seu nome e da sua memória, através da sua nomeação na composição dos nomes próprios basilo-fóricos.

Amenófis I (~1514~1493, XVIII dinastia) é o segundo rei mais citado neste grupo de nomes basilo-fóricos, tendo sido, tal como Ramsés II, objecto de deificação e do mais importante e longo culto prestado a um faraó.

Politicamente, Amenófis I visa restabelecer a soberania egípcia até à 2ª catarata, acabando assim com as sucessivas rebeliões núbias que punham em causa a tranquilidade das populações, no Sul, pacificando depois o Egipto, internamente.

O seu reinado correspondeu a uma fase de revivificação cultural, tendo-se verificado uma grande preocupação com a inventariação e reprodução de obras antigas, que consagravam o património cultural do antigo Egipto. Por outro lado, inovou em termos funerários, separando pela primeira vez, o túmulo real que mandou construir na necrópole tebana, do seu templo funerário. Para o efeito, criou uma organização encarregada de decorar este túmulo, dando assim origem à comunidade de artifices e artesãos de Deir el-Medina.

Estes não o esqueceram, transformando-o no seu "santo" patrono e celebrando-o, nesta vila, em diversas festas cujo cerimonial em tudo se assemelhava ao cerimonial das festividades prestadas às grandes divindades do panteão.

Seti I (~1291~1279, XIX dinastia) é outra das figuras reais presentes neste tipo de composição de nomes basilo-fóricos. Não foi deificado, como aconteceu com Ramsés II e Amenófis I, mas a sua memória permaneceu viva entre os homens, como é provado pela sua participação na composição dos nomes basilo-fóricos.

Esta popularidade deve-se, sem dúvida, ao facto de ele ter restaurado a política de conquista no Médio Oriente, na XIX dinastia, restabelecendo a influência egípcia até ao sul da Síria. Com efeito, o seu

reinado corresponde a uma fase de reconstrução nacional e imperial.

Caberá a Seti I restabelecer o antigo prestígio internacional, após a pacificação do território desde Napata até ao mar, e o controle das fronteiras a oriente e a ocidente. Alcançados estes propósitos, o novo senhor do velho império egípcio lança-se na reconquista da Palestina e da Transjordânia. Avança para norte, provocando o primeiro encontro desta nova época, com os hititas.

A tranquilidade do reino e a restauração do prestígio nacional conduzem Seti I a uma atitude de agradecimento aos deuses, que serão glorificados através da construção do seu "templo de milhões de anos" em Gurna, do grande hipogeu no Vale dos Reis e da gigantesca sala hipóstila de Karnak.

Merneptah (~1212~1204, XIX dinastia) é o último rei a ser nomeado neste tipo de composição basilofórica, não tendo sido também deificado, nem objecto de uma profunda veneração nacional.

O seu reinado corresponde a uma fase de regressão em termos de poderio militar egípcio e de segurança exterior. A nova conjuntura internacional era-lhe adversa e talvez, por isso, o novo rei tenha como preocupação fundamental do seu reinado, manter a política de construções de seu pai, Ramsés II, procurando, deste modo, garantir a eternidade da sua memória.

Estava longe a época dos grandes feitos militares. Do fausto e do luxo do passado. Mas a pedra permitia ainda a eternização do nome e da figura real, garantindo, deste modo, a sua presença no coração dos homens. A sua lembrança sobre a terra do Egipto.

A análise da segunda categoria de nomes basilofóricos, nomes formados com o pré-nome real, permite-nos verificar que Amenófis II (*ꜥ3-ḥpr-rꜥ*), Amenófis III (*Nb-m3ꜥ.t-rꜥ*), Ramsés II (*Wsr-m3ꜥ.t-rꜥ*) e Ramsés IV (*Ḥk3-m3ꜥ.t-rꜥ*) são os reis mais citados, logo seguidos de Sesóstris I (*Ḥpr-k3-rꜥ*), Amenófis I (*꜔sr-k3-rꜥ*), Tutmósis I (*ꜥ3-ḥpr-k3-rꜥ*), Tutmósis III (*Mn-ḥpr-rꜥ*), Seti I (*Mn-m3ꜥ.t-rꜥ*), Ramsés IX (*Nfr-k3-rꜥ*) e Sethnakhte (*Wsr-ḥꜥ.w-rꜥ*).

Todos estes reis pertencem ao período designado como Império

Novo, com excepção de Sesóstris (~1971~1926), segundo rei da XII dinastia, a mais importante do Império Médio.

A sua nomeação, numa época tão distante do seu reinado, prende-se, sem dúvida, com a eficácia ideológico-política da sua actuação. Com efeito, Sesóstris I é chamado a "reinar" após o assassinato de seu pai, Amenemá I. Este acontecimento poderia ter provocado uma verdadeira "guerra civil", mas Sesóstris I transporta no seu pré-nome real (*Hpr-k3-r*, "Trazido à existência é o Ka de Ré) a sua própria filiação divina, solar, legitimando deste modo a sua herança real.

É esta legitimidade que lhe permite ultrapassar a grave crise política e abater os divisionismos que se esboçavam. Mas fá-lo com sabedoria, apelando à força nomeadora e realizadora da palavra, eternizando a sua mensagem real em dois dos textos mais significativos da antiga civilização egípcia: "O ensinamento do rei Amenemá" e "O conto de Sinuhé". Neles, estava contida uma nova formulação real, que apelava à fidelidade, à misericórdia e ao perdão.

Deste modo, podemos compreender as razões que levaram um progenitor do Império Novo a dotar o seu filho, com este pré-nome real. Num período em que a problemática do castigo e do perdão estava na ordem do dia, Sesóstris I ressurgiu como uma figura emblemática, por que iniciadora dessa mensagem ideológico-político-religiosa.

Do conjunto de todos os outros reis citados, Amenófis I, Ramsés II e Seti I já não constituem uma novidade. Eles estão presentes, como verificámos, na formulação basilofórica anterior. Curiosamente, Ramsés II volta a ser uma das figuras mais representativas neste tipo de nomeação, juntamente com Amenófis II, Amenófis III e Ramsés IV.

Amenófis II (~1426~1401), sexto rei da XVIII dinastia, filho do mais imperialista de todos os reis egípcios, Tutmósis III, procura durante o seu reinado manter a hegemonia egípcia no Levante e continuar a actividade de construções iniciada pelos reis anteriores. Ele é ainda um símbolo do poderio egípcio além fronteiras, tranquilizando com o seu pré-nome real (*c3-hpr-r*, "Grande de formas é Ré") os sonhos e os anseios de toda uma população.

Quanto a Amenófis III (~1391~1353), o seu reinado corresponde a um período aúreo de ostentação e de riqueza. O domínio hegemónico do Egipto na zona da Asia, garantido através dos tratados de paz e cooperação com os Mitânios, assegura a entrada maciça de produtos vindos de todos os pontos do Império. Estes, juntamente com o ouro recolhido na Núbia, mantêm o fausto imperial.

A sociedade egípcia transforma-se numa sociedade cosmopolita. Refina-se. Abre-se ao mundo, acolhendo novas gentes, novas culturas e novos deuses. O velho sonho imperial egípcio parecia, finalmente, enraizado. Por isso, os homens e as mulheres do Império recordam Amenófis III como um expoente de uma política e de uma forma de reinar.

Ramsés IV (~1156~1106), o último rei deste primeiro grupo, é uma figura apagada e com pouca expressão política.

O Egipto vivia então um período de decadência institucional e moral, intensificada pela crise económica e pela perda dos seus referenciais imperiais.

Rendido à conjuntura nacional e internacional, Ramsés IV entrega-se, fundamentalmente, à dimensão religiosa da sua função. Procura nos deuses a sua pacificação. Reclama a Osíris, um reinado longo, tão longo como o de Ramsés II. Multiplica-lhe as doações, procurando, deste modo, "comprar" o favor divino. Não o consegue, totalmente. No entanto, o seu nome mantêm-se pela eternidade, através da força realizadora da nomeação.

Os outros quatro reis citados nesta formação basifórica são Tutmósis I, Tutmósis III, Sethnakhte e Ramsés IX.

Tutmósis I (~1493~1481), terceiro rei da XVIII dinastia é, sem dúvida, o construtor dos alicerces da futura política imperialista. Durante o seu reinado, a fronteira egípcia, no sul, estende-se até à 3ª catarata. Ao norte, as incursões reais vão até Carcemish e ao Eufrates, prenunciando já as pretensões sobre esta região. Ele é a expressão iniciadora de um sonho e de um anseio, que congregava todas as gentes do Império. Por isso, o seu nome é recordado e eternizado através da força criadora da nomeação.

Tutmósis III (~1478~1426), quinto rei da XVIII dinastia é, sem

dúvida, a grande figura real deste período.

Durante o seu reinado, marcado por dezassete operações militares, o Egípto transforma-se no maior Império da Antiguidade. As suas fronteiras estendem-se da IV Catarata até ao Eufrates.

O controle sobre o comércio internacional, juntamente com os saques e os tributos provenientes da guerra, garantem ao Egípto uma riqueza nunca antes alcançada. E nem as grandes alterações sociais, económicas e mentais, provenientes da política imperialista, fazem com que os homens olhem Tutmósis III com menos admiração. Para eles, ele ficará, sempre, como o símbolo e o expoente de uma forma de reinar.

Sethnakhte (~1190-1189), fundador da XX dinastia, ocupa o seu curto reinado na liquidação da guerra civil e da anarquia moral que se instalara no Egípto, nos finais da XIX dinastia. Curiosamente, o seu pré-nome real consagra ainda o credo solar: *Wsr-ḫ. W-r*, "Poderoso de aparecimentos em glória é Ré", procurando, deste modo, garantir a ancestral eficácia divina do patrono, por excelência, da velha civilização egípcia.

O mesmo tentou ainda Ramsés IX, mas a crise de valores vivida no seio da sociedade egípcia acaba por pôr em causa a instituição monárquica, abrindo as suas portas à Teocracia.

Estavam longe os tempos de Amenófis III, Seti I e Ramsés II cujos pré-nomes reais transportavam consigo a mensagem da "maatização" do deus solar. Esta mensagem explicitava-nos dois aspectos fundamentais da monarquia faraónica: que o rei fora instalado sobre a terra do Egípto, por Ré, o demiurgo, a fim de cumprir uma função definida e que essa função consistia na plena realização de Maat, no estabelecimento de uma ordem social e na conquista de uma integração universal.

E, assim, fechamos um ciclo. O dos nomes exofóricos. E partimos para outro, o dos nomes endofóricos, ou seja, todos aqueles nomes que implicam uma relação imediata com o portador do nome e/ou os seus progenitores. Nesta categoria encontramos três grupos distintos: nomes teofóricos, nomes basilo-fóricos e, ainda, nomes profanos.

Os nomes teofóricos endofóricos expressam-nos, de uma forma ainda mais clara, a piedade pessoal dos antigos egípcios, assente numa

relação pessoal e privilegiada com a sua divindade de eleição.

No Antigo Egipto, a realidade do parto, do nascimento e da sobrevivência do recém-nascido apresentava-se como bastante traumática, dado o índice de mortalidade infantil. Assim sendo, os progenitores tentavam evitar esta situação, através do apelo directo a uma divindade, à qual pediam uma criança e a garantia da sua protecção. Deste modo, o recém-nascido surgia, inevitavelmente, como dádiva e pertença de uma divindade a quem os pais tinham dirigido os seus clamores e orações.

Esta segunda grande categoria de nomes apresenta-se dividida em várias classificações. A primeira expressa-nos todos os nomes que nos indicam que o portador do nome foi pedido e obtido graças a uma divindade.

O desejo de ter um filho, na antiga civilização egípcia, correspondia a uma necessidade afectiva, mas também social e religiosa. Ele herdaria o cargo ou a função do seu pai e garantiria o cumprimento dos rituais funerários devidos aos seus progenitores. Da manutenção destes dependia a sobrevivência do nome de seus pais e esta sobrevivência era uma das vias para a conquista da eternidade.

Entre estes nomes encontramos alguns que se reportam à consulta de oráculos, uma prática muito utilizada durante o Império Novo. Com efeito, os progenitores aproveitavam os momentos de encontro com a sua divindade de eleição, para a questionar sobre as possibilidades de sobrevivência do seu filho tão desejado: *Pd-3s.t-*iw.s-*nh***, "Isis disse: ela viverá".

As divindades citadas neste tipo de nomeação são Isis, Onuris, Ptah, Mut, Hórus e Khonsu, todas elas grandes divindades tutelares do solo egípcio. Isis, na sua categoria de deusa-mãe, e Mut como senhora de Tebas, a capital. Onuris, o antigo deus da caça e senhor do deserto, Ptah, o criador menfita, protector dos artífices e dos artesãos, Hórus, deus do céu e da realeza e Khonsu, o deus lunar tebano.

Todos eles respondendo aos apelos dos progenitores, tranquilizando e pacificando com a sua "voz profética".

Encontramos, ainda, outros nomes que nos indicam, claramente, a divindade responsável pelo nascimento do recém-nascido, ou seja, a

divindade a quem este foi pedido: *Imn-ms-sw*, "Foi Amon que o pôs no mundo".

Amon, Min e Ré são os três deuses presentes neste tipo de nomeação. Curiosamente, todos eles deuses com características criadoras. Amon, o criador tebano, Ré, o demiurgo de Heliópolis e Min, deus da fertilidade. Foram eles, os principais responsáveis pelo fenômeno do nascimento destas crianças.

Deparamos, depois, com um conjunto de nomes que nos apresentam o recém-nascido como filho/a de determinada divindade: *s3-imn*, "O filho de Amon".

Das dezanove divindades citadas, nove referem-se a figuras femininas. Mut surge como a deusa mais citada, demonstrando assim a influência que a ideologia tebana exerceu sobre os homens e as mulheres do Império. Mas, para além dela, estão ainda presentes Isis, a deusa-mãe, Hathor, deusa do amor e da bebedeira, Uadjet, protectora do Baixo Egito, Bastet, a deusa gata de Bubastis, Neit, a deusa primordial da cosmogonia de Esna, que reinava em Saís, Renenutet, divindade do trigo, venerada sobretudo no Fayum, *Tp-ihw*, forma particular de designar Hathor e Anat, deusa de origem siro-palestinesa, adorada sobretudo em Pi-Ramsés.

Entre os deuses, Amon, Ré, Montu, Onuris e Tot surgem-nos como os mais citados. Mas Atum, Ptah, Ioh, Sobek e Set também não são esquecidos. Todos eles responsáveis pelo nascimento do portador do nome e pela sua protecção ao longo da vida.

E, finalmente, um último grupo de nomes que nos apresenta o recém-nascido como uma dádiva de determinada divindade: *P3-dj-i-h*, "Aquele que Ioh deu".

A tríade tebana, constituída por Amon, Mut e Khonsu está presente neste tipo de nomeação. Assim como Ioh, o deus com características lunares, Set, o antagonista complementar de Hórus, Onuris, divindade do deserto, Ptah, deus criador menfita e, ainda, Baal, divindade estrangeira de origem semita.

Todos estes nomes indicam uma súplica, um pedido à divindade. Pedido esse que é satisfeito, garantindo assim o nascimento de uma nova

criança que transporta como herança a protecção e o favor dos deuses.

A segunda classificação de nomes teofóricos endofóricos apresenta-nos um conjunto de nomes que nos indicam, claramente, que determinada divindade protege o progenitor ou o portador do nome.

Para os antigos egípcios, o nome próprio não só definia a natureza do ser como também exprimia o programa da sua realização. Assim sendo, os progenitores preocupados com o destino dos seus filhos, dotavam-os com nomes que os colocavam directamente sob a protecção de determinadas divindades. Esta protecção estendia-se, algumas vezes, ao progenitor e, nalguns casos, simultaneamente ao progenitor e ao portador do nome.

Nesta segunda classificação semântica encontramos nomes que expressam, claramente, a protecção da divindade face ao recém-nascido, uma protecção simples (*Nt-m-mw.t*, "A protecção está na forma de Mut"), uma protecção canalizada para determinada função (*Imn-hr-tpš.f*, "Amon está no seu braço forte") ou ainda uma protecção que assume uma dimensão de destino (*Sw-m wy-Imn*, "Ele está nas mãos de Amon").

Em qualquer dos casos, colocava-se nas mãos da divindade, o futuro, a vida e a segurança do recém-nascido.

Deparamos, ainda, com outros nomes em que a protecção é, exclusivamente, dirigida para a progenitora: *Imn-t3.y-nht*, "Amon é a minha força".

Um terceiro grupo de nomes exprime, fundamentalmente, um desejo e subordina a realização desse desejo ao consentimento ou ao favor de determinada divindade. Três destes nomes expressam, de novo, o desejo de protecção para a progenitora do recém-nascido: *Pn- -sw-ny-Imn*, "Que Amon se volte para mim".

Todos os outros reclamam protecção para o portador do nome. Uma protecção canalizada para o momento desesperado do parto e do nascimento (*Šd-sw-Imn*, "Que Amon o salve"), uma protecção que garanta ao recém-nascido a prosperidade (*Di-Imn-w3s*, "que Amon dê a prosperidade") e uma vida longa (*Di-ptḥ-i3w*, "Que Ptah dê a velhice").

Deparamos, ainda, com um nome-tabu, que procura proteger o

recém-nascido de uma influência negativa, utilizando, para isso, uma profilaxia *a contrario*: *Msd-sw-r*, "Que Ré o deteste".

E, para terminar, somos confrontados com um conjunto de nomes, em que a protecção de determinada divindade assume a dimensão de amor: *Mry-ht-hr*, "Aquele que é amado por Hathor". Com efeito, a partir do Império Novo e, sobretudo, da época ramessésida, a problemática do amor divindade/homem assume um papel preponderante na "piedade pessoal", surgindo como um acto de graça, livremente consentido por parte do deus e sem qualquer relação com as acções humanas. Assim sendo, aquele que é livremente amado por uma divindade é também, e simultaneamente, objecto da sua protecção.

A terceira classificação de nomes teofóricos endofóricos apresenta-nos um conjunto de nomes, em que o portador do nome nos surge como pertencendo a determinada divindade. Entre estes, encontramos nomes que exprimem claramente essa relação: *iw.f-n-ymn*, "Ele pertence a Amon", *Ns-ymn*, "O que pertence a Amon", *Pj-n-i-h*, "Aquele que pertence a Iah". Outros, procuram mesmo expressar uma relação muito íntima ou familiar entre o recém-nascido e a divindade a que pertence: *P3y-it.f-hns.w*, "O meu pai é o deus Khonsu". Outros, ainda, exprimem essa relação particular, através de um vínculo que obriga, de certo modo, o recém-nascido a viver para determinada divindade: *cnh.f-n-ymn*, "Possa ele viver para Amon". E, finalmente, deparamos com um conjunto de nomes que nos apresenta o portador do nome como o "companheiro" (*iry*), o "servo" (*b3k*) ou o irmão (*sn*) da sua divindade de eleição. De novo, a procura de uma relação mais íntima ou familiar com a divindade.

Em todos estes nomes verificámos a presença de divindades masculinas e femininas, independentemente dos nomes serem atribuídos a indivíduos de um ou outro sexo.

Todos os grandes deuses do Império marcaram a sua presença. Aton, também não foi esquecido, assim como algumas divindades de origem estrangeira, denotando, claramente, a nova face do Egipto imperial.

Mas, por detrás destes nomes, há toda uma sociedade que explode, expressando a sua fé, a sua preferência em termos de divindade,

veiculando uma nova relação com o divino que vem pôr em causa os velhos quadros mentais e institucionais. Do velho Egípcio dos seus avós, só uma mensagem perdura: a crença nas potencialidades mágicas inerentes ao nome.

Esta está, ainda, bem representada na categoria dos nomes teofóricos endofóricos implícitos, muito embora estes se apresentem em número muito inferior ao dos teofóricos exofóricos. Entre estes, encontramos nomes que nos apresentam a divindade como a figura protectora da mãe do recém-nascido: *Nb.i-m-ib.i*, "O meu senhor está no meu coração". Outros, afirmam a sobrevivência do portador do nome: *nm-t3-w3y-r.f*, "Não há terra tombada para ele". E outros, ainda, são bem elucidativos do apelo à divindade: *iy-š-n.f*, "Aquele que vem (quando) lhe fazemos apelo".

Com este grupo fechámos o ciclo de nomes, que transportavam consigo a referência explícita ou implícita, a determinada divindade. É, por isso, chegado o momento de referenciar quais foram as divindades mais citadas ao longo deste trabalho, e procurar decifrar as razões dessa eleição.

Amon surge-nos, verdadeiramente, como o rei dos deuses, expressão política e religiosa de um Império, que fez da guerra o seu motor de acção. Imediatamente a seguir deparamos com Mut, a sua consorte tebana, demonstrando, deste modo, mais uma vez, a força que a ideologia tebana teve junto do coração dos homens e das mulheres do Novo Império. Mas depois vem Ptah, o criador menfita que, ao longo dos séculos e séculos de história, soube manter acesa a força da sua mensagem, graças à habilidade política sempre demonstrada pela sua casta sacerdotal.

Em quarto lugar encontramos Montu, deus de características guerreiras que, naturalmente, assumiu um papel preponderante no imaginário egípcio da época. Ele encarnava, juntamente com Amon, o ideal político do Império. Imediatamente a seguir vem Hórus, patrono da realeza e divindade celeste, garantindo com a sua presença a eternidade da linhagem divina, o triunfo da ordem sobre o caos, a via para a sobrevivência celeste. E depois, encontramos Ré, antiga divindade solar de

Heliópolis, criador dos deuses e dos homens, que manteve sempre uma posição privilegiada no seio da população egípcia. A segui-lo, temos Tot, deus criador segundo a cosmogonia de Hermópolis, divindade com características lunares, juiz dos deuses e dos homens, registrando meticulosamente a pesagem da balança, da qual dependia a sobrevivência no além. E só então, encontramos Khonsu, o terceiro elemento da tríade tebana que, em virtude da sua herança familiar, conquistou um lugar privilegiado no coração dos fiéis.

Em oitavo lugar surge Min, deus da fertilidade e da fecundação, seguido imediatamente por Set, o antagonista complementar de Hórus que, no período ramessésida, assume uma posição de relevo na piedade pessoal. Depois, com onze citações, cinco deuses: Khnum, Sobek, Ioh, Onuris e Isis. Isis é a segunda divindade feminina mais citada nos nomes próprios egípcios do Império Novo, demonstrando assim a popularidade crescente que esta deusa vinha conquistando no seu papel de deusa-mãe. Só depois surgem Hathor e Maat. Uma privilegiando a problemática feminina em todo o seu esplendor, outra personificando a ordem e o equilíbrio do cosmos e da sociedade.

Estas foram as divindades mais citadas na nomeação dos nomes próprios egípcios do Império Novo. Todas as outras apresentam um número de referências muito inferior. Elas conduzem-nos à problemática mais importante desta civilização: a questão da criação. Em suma, a problemática da vida e da manutenção desta vida sobre a terra dos faraós.

Estes estão ainda presentes, com os seus nomes, na constituição de uma outra categoria semântica, a dos nomes basifóricos endofóricos. Curiosamente, encontramos muito poucos exemplos deste tipo de formação e aqueles que foram recolhidos, são todos eles formados com o nome (pessoal) de um rei, apresentando o recém-nascido como filho de determinada figura real (*s3-i-h-ms*, "O filho de Amosis").

Os reis citados neste tipo de construção são Amosis, primeiro rei da XVIII dinastia, já por nós apresentado anteriormente, e Teti e Kamose, ambos pertencentes a períodos anteriores.

Teti (~2321~2289) foi o primeiro rei da VI dinastia, do Império

Antigo. O seu reinado caracterizou-se por uma política de manutenção das relações comerciais com Biblos e de penetração mais profunda na zona da Núbia. A sua escolha para a nomeação de um recém-nascido prender-se-á, provavelmente, com razões de ordem geográfico-ideológicas. O portador deste nome teria nascido talvez em Mênfis, capital do Egipto no Império Antigo, e os seus progenitores seriam fiéis das antigas crenças solares.

Quanto a Kamose (~1541~1539), ele foi o último faraó da XVII dinastia, tendo reinado unicamente três anos. No entanto, no curso do terceiro ano do seu reinado, este rei irá iniciar a guerra de libertação contra os hicsos, depois plenamente alcançada com Amosis. Para os homens do seu tempo, ele sobreviveu como o iniciador da libertação. Assim, os progenitores do recém-nascido, provenientes de Tebas, quiseram honrar este rei, perpetuar a sua memória e garantir a presença simbólica do seu "gesto libertador" no programa realizador do seu filho recém-nascido.

As razões que levaram os antigos egípcios a não dotarem, preferencialmente, os seus filhos com nomes basifóricos endofóricos prendem-se, fundamentalmente, com o facto de estes privilegiarem, no Império Novo, uma relação íntima com a divindade. Por outro lado, a devoção popular permitia uma intimidade com os deuses, que o protocolo institucional e real não facultava face à figura real.

A última categoria de nomes endofóricos é formada pelos nomes de conteúdo profano. "Eles falam-nos da felicidade sentida perante o nascimento de uma nova criança, explicitam-nos a relação do portador do nome com os seus progenitores e com a sua linhagem e qualificam, ainda, o recém-nascido segundo diversas categorias: a esperança de vida, o estatuto do próprio, as suas qualidades morais e/ou intelectuais e as suas qualidades físicas. Nesta qualificação, o portador do nome surge, ainda, com nomes alusivos a profissões, animais, plantas ou frutos, coisas e lugares" (16).

Estes nomes dão-nos uma outra dimensão do homem egípcio, onde os sentimentos e as emoções assumem um papel preponderante, assim como as ligações familiares, a importância dada à família, à linhagem e

aos antepassados. Por outro lado, permite-nos conhecer melhor os valores fundamentais dos homens deste período. As suas preocupações éticas e estéticas. Os seus sonhos em termos de integração profissional. O seu imaginário, onde o recém-nascido, poeticamente, é identificado com um animal, uma planta, uma coisa ou um lugar de eleição.

O primeiro grupo de nomes desta categoria é formado pelos nomes que nos expressam que o progenitor é afectado de uma forma feliz pelo nascimento do portador do nome. Geralmente, estes correspondem a exclamações proferidas ou balbuciadas pela mãe no momento mágico do parto: *Mh-n.t-ib.i*, "O meu coração está cheio (de amor) por ti".

O segundo grupo corresponde aos nomes que expressam a relação do portador do nome com os seus progenitores: *iW.s-n.j-r-psš.t*, "Ela será a minha herdeira".

Um terceiro grupo apresenta-nos os nomes que exprimem a relação do portador do nome com a sua linhagem. Esta categoria é motivada pela consciência da unidade da linhagem. Assim, deparamos com nomes que nos indicam o lugar da criança face à progenitura (*Nhh-n-itt*, "A eternidade para o pai"), nomes que situam essa mesma criança face a um antepassado (*itt-n-itt*, "O pai do pai"), à sua família (*sn.j-msj.w*, "O meu irmão é nascido") e, ainda, nomes que parecem expressar parecenças entre o recém-nascido e outros familiares (*sn-n-mw.t*, "O irmão da mãe").

O último grupo de nomes de conteúdo profano apresenta-nos todos os nomes cujo sentido qualifica directamente o seu portador. Esta qualificação é feita segundo diversas categorias. A primeira corresponde à esperança de vida do recém-nascido: *snb-nfr*, "O belo está de boa saúde". A segunda remete-nos para o estatuto da criança: *Mry-nfr*, "Aquele que é bem amado". A terceira apresenta-nos as qualidades morais e/ou intelectuais do objecto de nomeação: *M3*, "O justo", *p3-ndm*, "O doce", *Wn-hr*, "O inteligente".

A quarta categoria fala-nos das qualidades e características físicas do portador do nome: *nht*, "O vigoroso", *p3-nfr*, "Este belo", *p3-isy*, "O calvo", *p3-k3mn*, "O cego", *nmw*, "O anão", *Km*, "O negro".

A quinta categoria indica-nos a profissão ou a categoria

A sétima categoria de nomes apresenta-nos um conjunto de nomes de plantas ou frutos. Estes nomes estabelecem, também, uma relação entre o portador do nome e o potencial simbólico ou mágico inrente à planta ou fruto à qual é identificado.

A maçã (*p3-dph*) é o único fruto citado, aludindo, por um lado, à sua importância na vida alimentar dos antigos egípcios e, revelando-nos, por outro, a sua mensagem simbólica, enquanto meio de conhecimento, conhecimento da vida, da sabedoria, do bem e do mal. Relativamente às plantas, o linho (*mhj*) e o feixe de lótus (*t3-g3w.t-sšn.w*) estão representados. O primeiro desempenhava um papel primordial na economia egípcia, em virtude de ser a matéria prima, por excelência, do vestuário masculino e feminino. O segundo revelava-se de grande importância em termos de imaginário religioso no Império Novo. Com efeito, segundo a cosmogonia hermopolitana, os quatro casais de deuses que constituíam o pré-mundo teriam depositado no lótus que emerge da água primordial, uma semente. Esta semente, semelhante ao líquido seminal, teria fecundado a flor que, posteriormente, se teria aberto para dar à luz, o sol. Deste modo, o lótus surgia como o primeiro nascido das águas primordiais, simbolizando, simultaneamente, o nascimento e o renascimento.

A oitava categoria de nomes apresenta-nos um conjunto de nomes de objectos. De novo, aqui se estabelece uma relação entre o portador do nome e o potencial simbólico ou mágico de determinado objecto. O cântaro de cerveja (*°š*) remete-nos para a mitologia hathoriana, enquanto a barca sagrada (*w3*) desempenha um papel fundamental em todas as festividades solenes, transportando, em procissão, a estátua do deus e, mais tarde, o próprio morto na sua viagem mágica para o mundo dos ocidentais.

Surgem-nos, ainda, o falo (*p3-hnn.j*), símbolo da fecundidade, a espada (*p3-hrp*), símbolo militar e o lápis-láuzuli (*hsbd*), pedra sagrada e talismã protector, por excelência, dos cidadãos do Antigo Egipto.

E entramos, finalmente, na última categoria de nomes profanos, os nomes étnicos ou alusivos a lugares. Estes indicam-nos a origem étnico-geográfica do portador do nome. Assim, deparamos, com nomes que nos apresentam o seu portador como originário de determinada cidade

sócio-profissional do portador do nome. A profissão é-nos indicada através de vários títulos, maioritariamente títulos ligados aos templos e à actividade religiosa, mas também títulos relacionados com a actividade militar e civil: *p3-w<sup>c</sup>b*, "o sacerdote-*w<sup>c</sup>b*", *p3-hm-ntr*, "o servidor do deus", *p3-hrj-pd.t*, "o comandante das tropas", *t3tj*, "o vizir".

Na categoria sócio-profissional, o grupo mais representativo é o dos militares: o guerreiro (*p3-<sup>c</sup>h3*; *p3-<sup>c</sup>h3wtj*), o soldado (*p3-mš<sup>c</sup>*), o guarda (*p3-wrš*), e o cocheiro (*p3-kt(n)*). Em segundo lugar vêm os artífices ou artesãos que dependiam do templo ou do domínio real: o pedreiro (*wb3-inr*), o oleiro (*p3-kd.w*) e o pintor (*sš*). Depois encontramos nomes alusivos à actividade agrícola: o lavrador (*p3-<sup>c</sup>hwtj*) e a jardineira (*t3-k3y.t*). E, ainda, o carregador (*k3ty*), que tanto pode estar integrado na actividade agrícola como na artesanal. Finalmente, temos um representante da actividade comercial, a vendedora (*t3-šmj.t*) e outro, dos quadros ligados ao templo, a música (*t3-šmj.t*).

Paralelamente a estes nomes que nos indicam a categoria sócio-profissional do seu portador, encontramos outros que nos dão unicamente, a sua posição no quadro social: o servo (*b3k*), o mendigo (*Kr*) e o patrao (*ity*).

A sexta categoria de nomes de conteúdo profano apresenta-nos um conjunto de nomes de animais. Estes estabelecem uma relação entre a criança e a divindade à qual o animal se reporta. Assim, Set surge-nos como o deus mais citado, identificado com o burro (*<sup>c</sup>3*), o rato (*pnw*) e, ainda, a girafa (*nymj.t*).

O carneiro (*p3-ib*), identificado quer com Amon quer com Khnum, o lobo (*p3-wnš*), expressão animal de Uapuuate, o gato (*p3-mjw*), expressão animal de Bastet, a rã (*p3-~~h~~rr*), animal sagrado de Heket e o circopiteco (*p3-*gr**), identificado com Tot, são o segundo grupo de animais mais citados. Todos os outros surgem com uma única referência: o leão (*m3j*), animal mítico de Onuris e a porca (*t3-rr.t*), expressão de Nut, na sua função de devoradora voraz.

Estes nomes demonstram bem a importância que os animais sagrados ou míticos assumiam em termos de devoção popular.



(*/wn.y*, "o heliopolitano", *s3-ibšk*, "o filho de Abu-Simbel", *p3-n-3bdw*, "aquele de Abidos") e outros que o designam como um estrangeiro, estabelecido no Egito (*p3-n-imr*, "aquele de Amurru").

Eram estas as várias hipóteses de nomeação no Egito, durante o Império Novo. Elas sintetizam bem a problemática do nome. O nome-destino e o nome-memória. Remetem-nos para a possibilidade de uma multiplicidade de nomes, que correspondem à multiplicidade do sujeito e designam espaços e fronteiras no social.

Alertam-nos para os falsos nomes. Nomes-máscaras e nomes secretos. Os primeiros visam criar uma nova história e uma nova identidade. Os segundos são interditos, não ditos, confidenciais, protegendo o sujeito dos riscos inerentes à nomeação.

## Notas

(1) Vd. W. Benjamin, *Origens do Drama Barroco Alemão*, p. 16.

(2) Vd. pp. 70-71 do presente trabalho.

(3) Vd. *ibidem*, p. 99.

(4) H. Ranke, *Die Ägyptischen Personenamen*, vols. I, II e III.

(5) M. Thirion, "Notes d'Onomastique. Contribution à une Revision de Ranke PN" in *RdE 31, RdE 33, RdE 34, RdE 36, RdE 37, RdE 39, RdE 42 e RdE 43*

(6) P. Vernus, *Le Surnom au Moyen Empire*

(7) vd. p. 129 do presente trabalho.

(8) Vd. P. Vernus, "Le dieu personnel dans l'Egypte pharaonique" in *Colloque de la Société Ernst Renan*, p. 144.

(9) E. Hornung, *Les Dieux de l'Egypte-l'Un et le Multiple*, p. 83.

(10) *Ibidem*, p. 84.

(11) Vd. B. Gunn, "The Religion of the Poor in Ancient Egypt" in *JEA 3*, pp. 83 ss.

(12) vd. pp. 259 ss do presente trabalho.

(13) *Ibidem*, p. 274.

(14) *Ibidem*, p. 281.

(15) *Ibidem*, p. 287.

(16) *Ibidem*, p. 395.

## Abreviaturas

|          |                                                                              |
|----------|------------------------------------------------------------------------------|
| ADAIK    | <i>Abhandlungen des Deutschen Archäologischen Instituts</i> Cairo.           |
| AJA      | <i>American Journal of Archaeology</i> Nova Iorque.                          |
| ASAE     | <i>Annales du Service des Antiquités de l'Égypte</i> Cairo.                  |
| ASE      | <i>Archaeological Survey of Egypt</i> Londres.                               |
| AV       | <i>Archäologische Veröffentlichungen</i> Mogúncia.                           |
| BÄBA     | <i>Beiträge für Ägyptischen Bauforschungen und Altertumskunde</i> Wiesbaden. |
| BdE      | <i>Bibliothèque d'Étude</i> Cairo.                                           |
| BEHE     | <i>Bibliothèque de l'École Pratique des Hautes Études</i> Paris.             |
| BIFAO    | <i>Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale</i> Cairo.        |
| BI OR    | <i>Bibliotheca Orientalis</i> Leiden.                                        |
| BSFE     | <i>Bulletin de la Société Française d'Égyptologie</i> Paris.                 |
| CdE      | <i>Chronique d'Égypte</i> Bruxelles.                                         |
| CG       | <i>Catalogue Général des Antiquités Égyptiennes du Musée du Caire</i> Cairo. |
| CT       | <i>The Egyptian Coffin Texts</i> Ed. Adriaan de Buck. Chicago.               |
| ENCHORIA | <i>Zeitschrift für Demotistik und Koptologie</i> Wiesbaden.                  |
| GM       | <i>Göttinger Miszellen</i> Göttingen.                                        |
| IFAO     | <i>Institut Français d'Archéologie orientale</i> Cairo.                      |
| JADS     | <i>Journal of the American Oriental Society</i> New Haven.                   |
| JARCE    | <i>Journal of the American Research Center in Egypt</i> Boston.              |
| JEA      | <i>The Journal of Egyptian Archaeology</i> Londres.                          |
| JNES     | <i>Journal of Near Eastern Studies</i> Chicago.                              |
| KARNAK   | <i>Fouilles de l'Institut Français du Caire</i> Cairo.                       |
| Kêmi     | <i>Kêmi. Revue de philologie et d'archéologie égyptiennes</i>                |

- Urk *Urkunden der 18. Dynastie* (dir. K. Sethe). Berlin.
- Wb *Wörterbuch des Ägyptischen Sprache* (ed. A. Erman , H. Grapow). Berlin e Leipzig.
- WZKM *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes*  
Vienna.
- ZÄS *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und  
Altertumskunde* Leipzig e Berlin.

|            |                                                                                                                                   |
|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|            | <i>et coptes</i> Paris.                                                                                                           |
| LÄ         | <i>Lexikon der Ägyptologie</i> Wiesbaden.                                                                                         |
| Leiden 3   | P. A. Boeser, <i>Beschreibung der Agyptischen Sammlung des Niderländischen Reichsmuseums der Altertümer in Leiden</i> Haia.       |
| MÄS        | <i>Münchener Ägyptologische Studien</i> Berlin e Munique.                                                                         |
| MDAIK      | <i>Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts Kairo</i> Berlin, Wieabaden e Mogúncia.                                   |
| MIO        | <i>Mitteilungen des Instituts für Orientforschung</i> Berlin.                                                                     |
| MIFAO      | <i>Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale</i> Cairo.                                                             |
| MMJ        | <i>Metropolitan Museum Journal</i> Nova Iorque.                                                                                   |
| OLA        | <i>Orientalia Lovaniensia Analecta</i> Lovaina.                                                                                   |
| OLP        | <i>Orientalia Lovaniensia Periodica</i> Lovaina.                                                                                  |
| OMRO       | <i>Oudheidkundige Mededelingen uit het Rijksmuseum van Oudheden te Leiden</i> Leiden.                                             |
| Orientalia | <i>Orientalia</i> Roma.                                                                                                           |
| PM         | B. Porter; R. L. B. Moss, <i>Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs and Paintings</i> Oxford. |
| PN         | H. Ranke, <i>Die Ägyptischen Personennamen</i> Glückstadt.                                                                        |
| PW         | P. Real, <i>Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft</i> Estugarda.                                                     |
| Pyr        | <i>Die Altägyptischen Pyramidentexte</i> (dir. Kurt Sethe). Leipzig.                                                              |
| RÄRG       | H. Bonnet, <i>Realexikon der ägyptischen Religionsgeschichte</i> Berlin.                                                          |
| RdE        | <i>Revue d'Égyptologie</i> Paris.                                                                                                 |
| SÄK        | <i>Studien zu Altägyptischen Kultur</i> Hamburgo.                                                                                 |
| SHAW       | <i>Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie des Wissenschaften</i> Heidelbergue.                                                |
| S.Or       | <i>Sources Orientales</i> Paris.                                                                                                  |
| Syria      | <i>Syria. Revue d'art oriental et d'archéologie</i> Paris.                                                                        |



## BIBLIOGRAFIA

### 1. Obras Várias

- William F. ALBRIGHT, *The Vocalization of the Egyptian Syllabic Orthography*, New Haven, American Oriental Society, 1934
- Schafik ALLAM, *Beiträge zum Hathorkult*, Berlim, B. Hessling, 1963  
"Familie (Struktur)" in *LÄ II*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1977
- James P. ALLEN, *Genesis in Egypt. The Philosophy of Ancient Egyptian account*, New Haven, Yale Egyptological Studies 2, 1988
- Sheikh I. AL-NUBI, "El soldado" in *El Hombre Egipcio*, Madrid, Alianza Editorial, 1991.
- Mohammed S. ALY, "The tomb of *wnjs-nḥ* at Qurna" in *MDAIK 26*, Maience, Ed. Philipp von Zabbern, 1970.
- Rudolf ANTHES, *Mit Rahineh 1956*, Filadélfia, Museum Monographs, The University Museum of Pensylvania, 1965
- Luis M. ARAUJO, *O clero de Amon no pontificado tebano da XXI dinastia*, Lisboa, 1991.
- Jan ASSMANN, *Re und Amun: Die Krise des polytheistischen Weltbilds im Ägypten der 18-20 Dynastie*, Friburgo, Orbis Biblicus e Orientalis 51, 1983.  
*Maat, l'Egypte pharaonique et l'idée de justice sociale*, Paris, Ed. Julliard, 1989

- "Death and Initiation in the Funerary Religion of Ancient Egypt" in *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, (ed. W. K. Simpson), New Haven, Yale University, 1989.
- Sidney AUFRÈRE; Jean-Claude GOLVIN, Jean-Claude GOYON, *L'Égypte Restituée*, Paris, Ed. Errance, 1991
- Maria Augusta P. da S. BABO, *La Problématique du sujet dans le Langage Poétique*, Paris, Doctorat de 3eme cycle en Littérature Française et Comparée, University de Paris VII, 1981.
- Gaston BACHELARD, *L'eau et les rêves. Essai sur l'imagination de la matière*, Paris, José Corti, 1942.
- Ahmad BADAWY, "Zwei Denkmäler des grossen Gau grafen von Memphis Amenophis *Hwjj*" in *ASAE 44*, Cairo, I.F.A.O., 1944
- John BAINES, "Society, Morality and Religious Practice" in *Religion in Ancient Egypt-Gods, myths and personal practice*, (ed. B. E. Schafer), Itaca, Cornell University Press, 1991
- John W. B. BARNS, *The Ashmolean Ostrakon of Sinuhe*, Oxford, Griffith Institute, 1952
- Winfried BARTA, "Kult" in *LA III*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1979
- Roland BARTHES, "Proust et les Noms" in *Nouveaux Essais Critiques*, Paris, Ed. du Seuil, 1972.
- André BARUCQ, "Oracle et Divination en Egypt" in *Supplément au Dictionnaire de la Bible*, VI, Paris, 1960
- André BARUCQ, François DAUMAS, *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*,

Paris, Les Editions du Cerf, 1980.

Walter BENJAMIN, *Origem do Drama Barroco Alemão*, S. Paulo, Ed. Brasiliense S. A., 1984

Jocelyne BERLANDINI-GRENIER, *La Nécropole memphite du Nouvel Empire. (De l'époque post-amarnienne à la fin de la XIX dynastie)*, Paris, Thèse de 3eme Cycle, 1973

"Le dignitaire Ramesside Ramsès-em-per-Rê" in *BIFAO 74*, Cairo, I.F.A.O., 1974

"Varia Memphitica II" in *BIFAO 77*, Cairo, I.F.A.O., 1977

Oleg BERLEV, "A Contemporary of King Sewah-em-Rê" in *JEA 60*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1974

Morris L. BIERBRIER, *The Late New Kingdom in Egypt (c. 1300-664 b. C.)—A genealogical and chronological investigation*, Warminster, Aris & Phillips, Ltd, 1975

Aylward M. BLACKMAN, "The Pharaoh's Placenta and the Moon-God Khons" in *JEA 3*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1916

"Oracles in Ancient Egypt" in *JEA 11*, Londres, Egypt Exploration Society, 1925

Aylward M. BLACKMAN, M. R. APTED, *The Rock Tombs of Meir*, part IV—part V, Londres, Egypt Exploration Society, 1924-1953

Louise BLAND, Jaromir MALÉK, "Nemtywer, the beholder of the Beauty of his Lord" (Ashmolean Mus. 1885.504) in *DLP 8*, Lovaina, 1977

Claas J. BLEEKER, *Hathor and Thot. Two key figures of the Ancient Egyptian Religion*, Leiden, E. J. Brill, 1973

Pieter A. A. BOESER, *Beschreibung der Aegyptischen sammlung des  
Niederländischen Reichsmuseums der Altertümer in Leiden*, III, Haag,  
Martinus Nijhoff, 1910

Marie-Ange BONHÈME, Annie FORGEAU, *Pharaon, les secrets du Pouvoir*,  
Paris, Ed. Armand Colin, 1988

Hans BONNET, "Zum Verständnis des Synkretismus" in *ZÄS 75*, Leipzig, J. C.  
Hinrichs, 1939

*Reallexikon der Ägyptischen Religionsgeschichte*, Berlin,  
Walter de Gruyter & Co, 1952

Ludwig BORCHARDT, *Statuen und Statuetten von Königen und Privatleuten*  
(CG 1-1924), Berlin, Reichsdruckerei, 1911

*Denkmäler des Alten Reiches (Ausser den Statuen)*  
(CG 1295-1808), Berlin, Reichsdruckerei, 1937

John F. BORGHOUTS, *The Magical Texts of Papyrus Leiden I 348*, col. OMRO  
51, Leiden, E. J. Brill, 1971

"Month" in *LA IV*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1980

Pierre BOURDIEU, *Ce que parler veut dire*, Paris, Ed. Fayard, 1982

James H. BREASTED, *Development of religion and thought in Ancient  
Egypt*, Nova Iorque, Harper & Brothers, 1954

Edda BRESCIANI, *Der Kampf um den Pauzer des Inaros (Papyrus  
Krali)*, Viena, Mitteilungen aus der Papyrussammlungen Österreichischen  
National-Bibliothek VIII, Georg Prachner, 1964

*Le stèle egiziane del Museo Civico Archeologico de  
Bologna*, Bologna, Grafis ed, 1985

Edward BROVARSKI, "Two Monuments of the First Intermediate Period

- from the Theban Nome" in *Studies in Honor of George R. Hughes*, Chicago, The Oriental Institute, 1977
- Hellmut BRUNNER, *Grundzüge der ägyptischen religion* Darmstadt, Wissenschaftliche Buch gesellschaft, 1983
- Guy BRUNTON, "The Inner Sarcophagus of Prince Ramessu from Medinet Habu" in *ASAE 43*, Cairo, I.F.A.O., 1943
- Adriaan de Buck (ed.), *The Egyptian Coffin Texts*, Chicago, The University of Chicago Press, 1935-1961
- John B. CALLENDER, "Clefting" in *Middle Egyptian (Afroasiatic Dialects 2)*, Malibu, Undena Publication, 1975
- Ricardo A. CAMINOS, "El campesino" in *El Hombre Egipcio*, Madrid, Alianza Editorial, 1991
- Ricardo A. CAMINOS, Thomas G. H. JAMES, *Gebel es-Silsilah I- The Shrines*, London, Egypt Exploration Society, 1963
- Tito C. e CUNHA, "Nome e classificação" in *Revista de Comunicação e Linguagens*, 10/11, Lisboa, Ed. Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, 1990
- Ernst CASSIRER, *La philosophie des formes symboliques 2. La pensée mythique*, Paris, Les Ed. de Minuit, 1972
- Sylvie CAUVILLE, "Les Mystères d'Osiris à Dendera- interprétation des chapelles osiriennes" in *BSFE 112*, Paris, Société Française d'Égyptologie, 1988
- Jean-Louis de CÉNIVAL, "Les Textes de la statue E. 25550 du Musée du

- Louvre" in *RdE 17*, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1965
- Jaroslav ČERNÝ, "Papyrus Salt 124 (Brit. Mus. 10055)" in *JEA 15*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1929
- "Le culte d'Amenophis I chez les ouvriers de la Nécropole Thébaine" in *BIFAO 27*, Cairo, I.F.A.O., 1927
- "La date de l'introduction du culte de Seth dans le nord-est du Delta" in *ASAE 44*, Cairo, I.F.A.O., 1944
- "The will of Naunakhte and the related documents" in *JEA 31*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1945
- "A Note on the Ancient Egyptian Family" in *Studi in Onori di Aristide Calderini e Roberto Paribeni*, vol. 2, Milano, 1957
- "Queen Eset of the Twentieth Dynasty and her mother" in *JEA 44*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1958
- "Egyptian Oracles" in *A Saite Oracle Papyrus from Thebes*, Providence, Brown University Press, 1962
- "Stela of Emḥab from Tell Edfu" in *MDAIK 24*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1969
- A Community of Workmen at Thebes in the Ramesside Period*, Col. BdE 50, Cairo, I.F.A.O., 1973
- Jaroslav ČERNÝ, Alan H. GARDINER, *Hieratic Ostraca*, vol I, Oxford, Griffith Institute, 1957
- Jaroslav ČERNÝ, Richard A. PARKER, "An Abnormal Hieratic Tablet" in *JEA 57*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1971
- Jaroslav ČERNÝ, Sarah I. GROLL, *A Late Egyptian Grammar*, Roma, Biblical Institute Press, 1984
- Jean-Luc CHAPPAZ, "Un nouveau prophète en Abydos" in *Bulletin de la Société d'Égyptologie*, 14, Genève, 1990

Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Ed. Seghers, 1974.

Louis CHRISTOPHE, "Sur deux textes de Ramsés IV" in *ASAE 48*, Cairo, I.F.A.O., 1948

R. T. R. CLARK, *Myth and Symbol in Ancient Egypt*, London, Thames and Hudson, 1978

Jean J. CLÈRE, "Monuments inédits des Serviteurs dans la Place de Verité" in *BIFAO 28*, Cairo, I.F.A.O., 1929

"L'ancienneté des négations à *h* initial du néo-egyptien" in *MDAIK 14*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1956

"Un Hymne à Abydos sur une stèle inédite d'Epoque Ramesside" in *ZAS 84*, Berlin, Akademie-Verlag, 1959

"Une statue Neophore Hathorique d'Epoque Saite" in *RdE 24*, Paris, Ed. Klincksieck, 1972

"Un monument de la religion populaire de l'Epoque Ramesside" in *RdE 27*, Paris, Ed. Klincksieck, 1975

Virginia CONDON, "Two Account papyri of the late eighteenth Dynasty (Brooklyn 35.1453 A and B)" in *RdE 35*, Lovaina, Ed. Peeters, 1984

Georges DARESSY, "La Necropole des Grands Prêtres d'Heliopolis, sous l'Ancien Empire" in *ASAE 16*, Cairo, I.F.A.O., 1916

Norman de G. DAVIES, *The Mastaba of Ptahhetep and Akhethetep at Saqqarah*, II, Col. Archeological Survey of Egypt, Londres, Egypt Exploration Fund, 1901

R. J. DEMARÉE, *The 3<sup>h</sup> ikr n r<sup>e</sup> -stelae on ancestor worship in Ancient Egypt*, Nederlands Instituut voor het Nabije, Leiden, Oosten, 1983

- Philippe DERCHAIN, "Le rôle du roi d'Égypte dans le maintien de l'ordre cosmique" in *Le Pouvoir et le Sacré*, Bruxelles, Université Libre, 1962  
 "Mythes et dieux lunaires en Égypte" in *S.O. 6*, Paris, Ed. du Seuil, 1962  
 "La Perruque et le cristal" in *SAK 2*, Hamburgo, 1975  
 "Kosmogonie" in *LÄ III*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1979  
 "Mond" in *LÄ IV*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1980  
 "Divinité. Le problème du divin et des dieux dans l'Égypte ancienne" in *Dictionnaire des Mythologies*, vol. 1, Paris, Flammarion, 1981
- Jacques DERRIDA, *De la Grammatologie*, Paris, Les Editions de Minuit, 1967  
*Otobiographies- l'enseignement de Nietzsche et la politique du nome propre*, Paris, Ed. Galilée, 1984
- Vincent DESCOMBES, *L'Inconscient Malgré Lui*, Collection Critique, Paris, Les Editions de Minuit, 1977
- Christiane DESROCHES-NOBLECOURT, *The Great Pharaoh Ramses II and his time*, Montreal, Canada Exim Group, 1985  
*La femme au temps des pharaons*, Paris, Ed. Stock, 1986
- Christiane DESROCHES-NOBLECOURT, Christian LÉBLANC, "Considérations sur l'existence des divers temples de Monthu à travers les âges, dans le site de Tôd" in *BIFAO 84*, Cairo, I.F.A.O., 1984
- Eugène DEVAUD, "Étymologies Coptes" in *Kêmi 2*, Paris, Mélanges Victor Loret, 1929
- Claudia DOLZANI, "Il dio Sobk" in *Atti della Accademia nazionale dei Lincei*,

- Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1961
- Sergio DONADONI (ed.), *El Hombre Egipcio*, Madrid, Alianza Editorial, 1991
- Etienne DRIOTON, "Description des Chapelles Funéraires de la VI dynastie récemment découvertes derrière le mastaba de Mérérouka à Sakkarah" in *ASAE 43*, Cairo, I.F.A.O., 1943  
*Pages d'Égyptologie*, Cairo, Editions de la Revue du Caire, 1957
- Françoise DUNAND, Christiane ZIVIE-COCHE, *Dieux et Hommes en Egypte*, Paris, Armand Colin, 1991
- Elmar EDEL, "Untersuchungen zur Pharseologie der Ägyptischen Inschriften des alten Reiches" in *MDAIK 13*, Berlin, Reichsverlagsamt, 1944  
*Die Felsgräbernekropole der Qubbet el Hawa bei Assuan*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1967-1970
- William F. EDGERTON, "Stress, vowel quantity and syllable division in Egyptian" in *JNES 6*, Chicago, 1947
- Mircea ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Ed. Cosmos, s.d.
- Ramadan EL-SAYED, "Au sujet de la statue Caire CG 662" in *BIFAO 77*, Cairo, I.F.A.O., 1977  
*La déesse Neith de Saïs*, BdE 86, Cairo, I.F.A.O., 1982
- Adolf ERMAN, *Die Religion der Ägypter*, Berlin-Leipzig, W. de Gruyter und Co, 1934
- Adolf ERMAN, Hermann GRAPOW (ed.), *Wörterbuch der Aegyptischen Sprache*, II, Berlin, Ed. Academia, 1971

- l'organisation du domaine d'Amon, XXIe-XXIe Dynasties*, Cairo, IFAO, 1988
- Fernando GIL, *La Logique du Nom*, Paris, Ed. de l'Herne, 1979
- Michel GITTON, "Ahmose Nofretere" in *LÄ I*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1972
- L'Épouse du dieu Ahmes Néfertari*, Paris, Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 172, 1981
- Les divines épouses de la 18e dynastie*, Paris, CNRS, 1981
- Raphael GIVEON, "A New Kingdom Stela from Sinai" in *The Journal of Exploration Journal 31*, Jerusalem, Israel Exploration Society, 1967
- Farouk GOMAA, *Chaemwese, Sohn Ramses II und Hoher-priester von Memphis*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1973
- Helen WALL-GORDON, "A New Kingdom Libation basin dedicated to Ptah. Second Part. The Inscriptions" in *MDAIK 16*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1958
- Reinhard GRIESHAMMER, *Das Jenseitsgericht in den Sargtexten*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1970
- John G. GRIFFITHS, *The Origins of Osiris and his cult*, SHR 40, Leiden, E.J. Brill, 1980
- Sarah I. GROLL, *Non-verbal sentence patterns in Late Egyptian*, London, Oxford University Press, 1967
- Battiscombe GUNN, "The Religion of the Poor in Ancient Egypt" in *OJA 1*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1916

Adolf ERMAN, Hermann RANKE, *La Civilisation Egyptienne*, Paris, Payot, 1976

Richard FAZZINI, *Images for Eternity-Egyptian Art from Berkeley and Brooklyn*, The Fine Arts Museums of San Francisco and the Brooklyn Museum, 1975

Gerhard FECHT, "Die Königs- Insignien mit s-suffix" in *SAK 1*, Hamburgo, 1974

"Schicksalsgöttin und könig in der Lehre eines Mannes für seinen Sohn" in *ZÄS 105*, Berlin, Akademie Verlag, 1978

Erika FEUCHT, "Kinderlosigkeit und-wunsch" in *LÄ III*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1979

Henry G. FISCHER, "Old Kingdom Inscriptions in the Yale Gallery" in *MIO 7*, Berlin, 1960

"Notes on the Moalla Inscriptions and some contemporaneous texts" in *WZKM 57*, Viena, 1961

*Inscriptions from the Coptite Nome Dynasties*, Col. Analecta Orientalia 40, Roma, Pontificium Institutum Biblicum, 1964

*Dendera in the Third Millenium B. C. down to the theban domination of Upper Egypt*, Nova Iorque, J. J. Augustin Publisher, 1968

"*Sp3.sn* (Florence 1774)" in *RdE 24*, Paris, Ed. Klincksieck, 1972

"Some emblematic uses of Hieroglyphs with particular reference to an Archaic Ritual Vessel" in *MMJ 5*, Nova Iorque, 1972

"Redundant determinatives in the Old Kingdom" in *MMJ 8*, Nova Iorque, 1973

"An Eleventh Dynastie Couple holding the sign of life" in *ZÄS 100*, Berlin, Akademie-verlag, 1974

"Further evidence for the logic of Ancient Egyptian diminishing progression" in *JARCE 10*, Boston, 1973

*Egyptian Studies I- Varia*, Nova Iorque, The Metropolitan Museum of Art, 1976

"Encore *Sp3.sn*" in *RdE 29*, Paris, Ed. Klincksieck, 1977

"Five Inscriptions of the Old Kingdom" in *ZÄS 105*, Berlin, Akademie Verlag, 1978

"Adenda to Five Inscriptions of the Old Kingdom" in *ZÄS 107*, Berlin, Akademie-verlag, 1980

Michel FOUCAULT, *La Volonté de Savoir*, Paris, Gallimard, 1976

D. FRANKE, "An important family from Abydos of the Seventeenth Dynasty" in *JEA 71*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1985

Henri FRANKFORT, *Kingship and the Gods-a Study of Ancient Near Eastern Religion as the Integration of Society and Nature*, Chicago, The University of Chicago Press, 1978

Sigmund FREUD, *Totem et Taboo*, Paris, Payot, 1975

Alan H. GARDINER, *The Adominations of an Egyptian sage-from a Hieratic Papyrus in Leiden (Pap. Leiden 344 recto)*, Leipzig, J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1909

"A Lawsuit arising from the purchase of two slaves" in *JEA 21*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1935

"Only one King Siptah and Twosre not his wife" in *JEA 44*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1958

*Egyptian Grammar being an Introduction to the study of Hieraglyphs*, Oxford, Ashmolean Museum, 1982

John Sainte Fare GARNOT, *La vie religieuse dans l'Ancienne Egypte*, Paris, P.U.F., 1948

Annie GASSE, *Données Nouvelles Administratives et sacerdotales sur*

- Heike GUKSCH, *Das Grab des Benja, gen-Paheqamen. Theben NR. 343*, Col. AV 7, Maience, Ed. Phillip von Zabbern, 1978
- L. HABACHI, "Features of the Deification of Ramsès II" in *ADAIK 5*, Gluckstadt, 1969
- William C. HAVES, "Horemkha'uef of Nekhen and his trip to Jt-towe" in *JEJ 33*, Londres, The Egypt Exploration Society, 1947
- A. HAMADA, "A Sarcophagus from Mit-Rahîna" in *ASAE 35*, Cairo, I.F.A.O., 1935
- Robert HARI, *Aegyptica Helvetica*, Répertoire Onomastique Amarnien (R. D. A.), Geneva, 1976
- John R. HARRIS, "Kiya" in *CdE LXIX*, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1974
- Selim B. HASSAN, "Excavations at Saqqara (1937-1938)" in *ASAE 38*, Cairo, I.F.A.O., 1938  
*Excavations at Giza*, vols. II-III-IV-V, Cairo, Government Press, 1936-1944
- Wolfgang HELCK, *Zur Verwaltung des Mittleren und Neuen Reichs*, Leiden, E. J. Brill, 1958-1975  
*Die Beziehungen Aegyptens zu Vorderasien im 3. und 2. Jahrtausend v. Chr.*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1962
- François-René HERBIN, "Un Hymne à la lune croissante" in *BIFAO 82*, Cairo, I.F.A.O., 1982
- Thomas HOBBS, *A Natureza Humana*, Lisboa, Ed. IN/CM, 1983

- Svetlana I. HODJASH, Oleg D. BERLEV, "Le père du fondateur de la dynastie des princes de Tjhtj en Nubie" in *Agypten und Kush* (Fs. Hintze), Berlin, Ed. Akademie, 1977
- Sigrid E. HOENES, *Untersuchungen zu Wesen und Kult der Göttin Sachmet*, Bonn, R. Mabelt, 1976
- Erik HORNUNG, "Der Mensch als 'Bild Gottes' in Ägypten" in O. Loretz, *Die Gottenbildlichkeit des Menschen*, München, 1967  
*Das Totenbuch der Ägypter*, Zürich, Ed. Artemis, 1979  
*Les Dieux de l'Égypte - l'Un et le Multiple*, Paris, Editions du Rocher, 1986
- Erik HORNUNG, Othmar KEEL (dir.), *Studien zu altägyptischen Lebenslehren*, Col. Orbis Biblicus et Orientalis 28, Friburgo, Ed. da Universidade de Friburgo, 1979
- George R. HUGHES, "The Cruel Father: A Demotic Papyrus in the Library of G. Michaelides" in *Studies in Honor of John A. Wilson* (Fs. Wilson), Chicago, The University of Chicago Press, 1969
- Geneviève HUSSON, Dominique VALBELLE, *L'Etat et les Institutions en Égypte des premiers pharaons aux empereurs romains*, Paris, Armand Colin, 1992
- Thomas G. H. JAMES, *The Hekanakhte Papers and other early Middle Kingdom Documents*, Nova Iorque, Metropolitan Museum of Art, 1962  
*Corpus of Hieroglyphic Inscriptions in the Brooklyn Museum*, I, Brooklyn, Brooklyn Museum, 1974
- Thomas G. H. JAMES, Michael R. APTED, *The Mastaba of Khentika called Ikhekhi*, Col. ASE 30, Londres, The Egypt Exploration Society, 1953

Eva JELINKÓVA-REYMOND, "Recherches sur le rôle des 'Gardiens des Portes' (*iry-ꜣ3*) dans l'administration générale des temples égyptiens" in *CdE* 28, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1953

*Les inscriptions de la statue guérisseuse de Djed-Her-1e-sauveur*, Col. BdE 23, Cairo, IFAO, 1956

Henri-Pierre JEUDI, "Jeux de noms, jeux de vilains" in *Comunicação e Linguagens* 10/11, Lisboa, Ed. Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, 1990

Friedrich JUNGE, *Syntax der Mittelägyptischen Literatursprache*, Maience, Philipp von Zabern, 1978

Hermann JUNKER, "Die stele des Hofarztes 'Irj" in *ZÄS* 63, Leipzig, J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1928

*Giza VI-Die Mastabas des Nfr, Kdfj, K3hjf und die westlich ausschließenden Grabanlagen*, Viena, Holder-Pichler-Tempsky, 1943

*Giza VII- Der Ostabschnitt des Westfriedhofs*, Viena, Rudolf M. Rohner, 1947

"Ein neuer Nachweis des weisen *Ḍdfhr*" in *Studi in Memoria di Ippolito Rossellini* (Mélanges Rossellini), vol. I, Pisa, Industrie Grafiche V. Lischi & Figli, 1955

Ahmed KADRY, *Officers and Officials in the New Kingdom*, Budapest, Studia Aegyptiaca B, 1982

Ahmed B. KAMAL, *Tables d'offrandes* (CG 23001-23256), Cairo, IFAO, 1909

"Fouilles à Deir Bronka et à Assiout" in *ASAE* 16, Cairo, I.F.A.O., 1917

Peter KAPLONY, *Die Inschriften der ägyptischen Frühzeit*, I, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1963

- KARNAK-NORD IV* (1949-1951)-(Fouilles conduites par Cl. Robichon), Fasc. 1, Fouilles de l'Institut Français du Caire, tomo XXV, Cairo, I.F.A.O., 1954
- Hermann KEES, "Seth" in *PW II* (Pauly-Wissowa), Estugarda, 1923  
 "Der Vezir Hori, Sohn des Jutjek" in *ZÄS 83*, Berlin, Akademie-verlag, 1958  
*Ancient Egypt- a cultural topography*, Chicago, The University of Chicago Press, 1977
- Kenneth A. KITCHEN, "Four Stelae in Leicester city Museum" in *Orientalia 29*, Roma, 1960  
 "An Unusual stela from Abydos" in *JEA 47*, London, Egypt Exploration Society, 1961  
*Ramesside Inscriptions- Historical and Biographical*, IV, Oxford, B. H. Blackwell, 1968  
*Ramsès II, le pharaon Triomphant. Sa vie, son époque*, Monaco, Ed. du Rocher, 1985
- Saul KRIPKE, *La Logique des Noms Propres*, Paris, Les Editions de Minuit, 1980
- W. B. KRISTENSEN, *Symbool en Werkelijkheid*, Arnhem, 1954
- Jean-Marie KRUCHTEN, "Une statue de Sa-Tep-ihou" in *CdE LXV*, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1990
- Pierre LACAU, "La stèle J. E. 59636 du Musée du Caire" in *Mélanges Mariette*, Col. BdE 32, Cairo, I.F.A.O., 1961
- Claire LALOUETTE, *L'Empire des Ramsès*, Paris, Librairie Arthème Fayard, 1985

*Ibrim*, Memoria de la Mission Arqueológica IX, Madrid, Direccion General de Bellas Artes, 1966

Donald A. LOWLE, "Two Monuments of Perynefer, a senior official in the court of Ramesses II" in *ZÄS* 107, Berlin, Akademie-verlag, 1980

Manfred LURKER, *The Gods and Symbols of Ancient Egypt*, Londres, Thames and Hudson, s.d.

Jaromir MALÉK, "A Graffito of year 17 of Amenemhet II at el-Hôsh" in *GM* 24, Gotingen, 1977

"The Saqqara statue of Ptahmose, mayor of the Memphite Suburbs" in *RdE* 38, Paris, Editions Peeters, 1987

Jaromir MALÉK, M. SMITH, "Henry Salt's Egyptian Copies and Drawings" in *GM* 64, Gotingen, 1983

Michel MALININE, *Choix de Textes Juridiques en hiératique anormal et en démotique*, Col. BEHE 300, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, editeur, 1953

Lise MANNICHE, *La Esfinge Erotica- la vida sexual en el Antiguo Egipto*, Barcelona, Ed. Laia, 1988

Marék MARCINIÁK, *Deir el-Bahari I- Inscriptions Hiératiques du Temple de Thoutmosis III*, Varsovia, PWN, 1974

Auguste E. MARIETTE, *Les Mastabas de l'Ancien Empire*, Paris, F. Vieweg, Librairie-éditeur, 1889

Geoffrey T. MARTIN, *The Tomb of Hetepka and other reliefs and inscriptions from the sacred animal Necropolis north Saqqâra (1964-1973)*, Londres, Egypt Exploration Society, 1979

*Thèbes ou la naissance d'un Empire*, Paris, Fayard, 1986

Hans D. LANGE, Heinrich SCHÄFER, *Grab-und Denksteine des Mittleren Reichs*(CG 20001-20780), Berlin, Reichsdruckerei, 1902

Jean LECLANT, *Montouemhat, quatrième prophète d'Amon, prince de la ville*, Cairo, I.F.A.O., 1961

"Éléments pour une étude de la divination dans l'Égypte pharaonique" in *La Divination* (dir. André Caquot, J. Leibovitch), Paris, P.U.F., 1968

Gustave LEFEBVRE, *Le Tombeau de Petosiris*, I, Cairo, I.F.A.O., 1924

*Histoires des Grands Prêtres d'Amon de Karnak jusqu'à la XXI Dynastie*, Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1929

*Grammaire de l'Égyptien Classique*, Cairo, I.F.A.O., 1955

Miriam LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, II, Los Angeles-Londres, University of California Press, 1973

Maria Helena T. LOPES, *O Homem Egípcio e a sua integração no Cosmos*, Lisboa, Ed. Teorema, 1989

"Les déesses Isis et Hathor, représentantes d'un type de pouvoir" in *Le Monde Copte*, n° 16, Limoges, 1989

"O Mito de Osíris: análise de um mito fundador" in *Hathor 2*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1990

*O Livro dos Mortos do Antigo Egípto*, Lisboa, Ed. Assírio e Alvim, 1991

Maria Helena T. LOPES, Elsa C. C. REGO, "As Operações militares de Tutmósis III: expressão de uma época" in *Hathor 3*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1991

Jesus LOPEZ, *Las Inscripciones rupestres faraónicas entre Karosko y Kasr*

- Charles MAYSTRE, *Les grands prêtres de Ptah de Memphis*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1992
- Mounir MEGALLY, *Recherches sur l'économie, l'administration et la comptabilité égyptiennes à la XVIII<sup>e</sup> dynastie d'après le papyrus E. 3226 du Louvre*, Col. BdE 71, Cairo, I.F.A.O., 1977
- "A propos de chèvres et d'un chevrier de la nécropole thébaine" (Ostrakon Mond n° 171) in *CdE LXVI*, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1991
- Bernadette MENU, *Le régime juridique des terres et du personnel attaché à la terre dans le papyrus Wilbour*, Lille, 1970
- Hermann de MEULENAERE, "Une statue Égyptienne à Naples" in *BIFAO 60*, Cairo, I.F.A.O., 1960
- "La famille du roi Amosis" in *JEA 54*, Londres, Egypt Exploration Society, 1968
- "Les Stèles de Nag el-Hassaia" in *MDAIK 25*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1969
- "Le statue d'un chef de chanteurs d'Époque Saïte" in *MPAJ 8*, Nova Iorque, 1973
- "Compléments à la prosopographie médicale" in *RdE 25*, Paris, Ed. Klincksieck, 1973
- José B. de MIRANDA, "Modernidade, Espaço Público e Conflito de Nomeações" in *Revista de Comunicações e Linguagens*, n° 2, Lisboa, Ed. Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, 1985
- Michèle MONTRELAY, *L'Ombre et le Nom- sur la féminité*, Paris, Les Editions de Minuit, 1977
- Siegfried MORENZ, *La Religion Égyptienne*, Paris, Payot, 1977

A. MORET, "La Légende d'Osiris à l'époque thébaine d'après l'hymne à Osiris du Louvre" in *BIFAO* 30, Cairo, I.F.A.O., 1931

Edgar MORIN, *O Homem e a Morte*, Lisboa, Publ. Europa-América, s.d.

Ahmed M. MOUSSA, "A limestone lintel of *Imn-m-ipt* from Saqqara" in *ASAE* 70, Cairo, I.F.A.O., 1985

Maria MÜNSTER, *Untersuchungen zur Göttin Isis vom Alten Reich bis zum Ende des Neuen Reiches mit hieroglyphischen Textanhang*, Berlin, B. Hessling, 1968

Edouard NAVILLE, *Das Aegyptische Todtenbuch der XVIII bis XX dynastie*, vol. I, Berlin, A. ASher & Co., 1886

*Nofret-la Bella, la mujer en el Antiguo Egipto*, Madrid, 1986

Eberhard OTTO, *Die Biographischen Inschriften der Ägyptischen Spätzeit*, Leiden, E. J. Brill, 1954

"Eine memphitische Priesterfamilie des 2. Jh v. Chr." in *ZAS* 81, Berlin, Akademie-verlag, 1956

*Das Verhältnis von Rite und Mythos im Ägyptischen*, SHAW, Heidelberg, Universitäts-verlag, 1958

"Bedeutungsnuancen der Verben *mrj* 'lieben' und *mšdj* 'hassen'" in *MDAIK* 25, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1969

Richard A. PARKER, *A Saite Oracle Papyrus from Thebes in the Brooklyn Museum (Pap. Brooklyn 47.218.3)*, Providence, Brown University, 1969

T. E. PEET, *The Great Tomb-Robberies of the XXth Egyptian Dynasty*, Oxford, Clarendon Press, 1930

Maria del Carmen PEREZ-DIE, Pascal VERNUS, *Excavaciones en Ehnasya el*

*Medina (Heracleópolis Magna)*, Madrid, Ed. do Ministério da Cultura, 1992

Pieter W. PESTMAN, "Der Demotische Text der Mumientäfelchen aus Amsterdam" in *DMRD 46*, Leide, Rijksmuseum van Oudheden te Leiden, 1965

William M. F. PETRIE, *Deshasheh 1897*, Londres, Egypt Exploration Fund, 1898

William M. F. PETRIE, James E. QUIBELL, *Naqada and Ballas*, Londres, B. Quaritch, 1986

PLATAO, *Crátilo-Diálogo sobre a justeza dos nomes*, Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1963

Hans J. PLOLSKY, *Collected Papers*, Jerusalem, Magnes Press, 1971

Irena POMORSKA, *Les flabellifères à la droite du roi en Egypte ancienne*, Varsovia, Editions Scientifiques de Pologne, 1987

Bertha PORTER, Rosalind L. B. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs and Paintings I- The Theban Necropolis, part I- Private tombs*, Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960

Georges POSENER, "Les ASIatiques en Egypte sous les XIIe et XIIIe dynasties" in *Syria 34*, Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1957

"Les Empreintes Magiques de Gizeh et les Morts Dangereux" in *MDAIK 16*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1980

*De la divinité du pharaon*, Paris, Cahiers de la Société Asiatique 15, 1960

*Littérature et Politique dans l'Égypte de la XII*

*dynastie*, Paris, Librairie Honoré Champion, éditeur, 1969

Paule POSENER-KRIÉGER, *Les Archives du Temple Funéraire de Néferirkarè-Kakai (Les papyrus d'Abousir)*, I e II, Col. BdE 65 1/2, Cairo, I.F.A.O., 1976

Jan QUAEGEBEUR, "Contribution à la Prosopographie des prêtres memphites à l'époque Ptolémaïque" in *Ancient Society* 3, Lovaina, H. Verdin, ed., 1972

"Teêphibis, dieu oraculaire" in *Enchoria* 5, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1975

*Le dieu égyptien Shai dans la religion et l'onomastique*, Col. OLA 2, Lovaina, Leuven University Press, 1975

"Tithoes, dieu oraculaire?" in *Enchoria* 7, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1977

Donald B. REDFORD, *A study of the biblical story of Joseph (Genesis 37-50)*, Leiden, E. J. Brill, 1970

*History and Chronology of the Eighteenth Dynasty of Egypt-Seven Studies*, Toronto, University of Toronto Press, 1967

Alan RDWE, "Newly-identified monuments in the Egyptian Museum showing the deification of the Dead together with brief details of similar objects elsewhere" in *ASAE* 40, Cairo, 1940

John RUFFLE, Kenneth A. KITCHEN (ed.), "Glimpses of Ancient Egypt" in *Mélanges Fairman*, Warminster, Orbis Aegyptiorum Speculum, 1979

Ashraf I SADEK, *Popular Religion in Egypt during the New Kingdom*, Hildesheim, Hildesheimer Ägyptologisches Beiträge 27, 1987

Constantin E. SANDER-HAUSEN, *Die Religiösen Texte auf dem Sarg der Anchnesmeferibre*, Copenhaga, Levin & Munksgaard, 1937

- Maj SANDMAN-HOLMBERG, *The God Ptah*, Lund, C. W. K. Gleerup, 1946
- Serge SAUNERON, "Le Monde du Magicien Egyptien" in *Le Monde du Sorcier*, Col. Sources Orientales 7, Paris, Ed. du Seuil, 1966  
*Les Prêtres de l'ancienne Egypte*, Paris, Ed. Persée, 1988
- Serge SAUNERON, Jean VOYOTTE, "Traces d'établissements asiatiques en Moyenne-Egypte sous Ramses II" in *RdE 7*, Paris, Ed. Klincksieck, 1950  
*La Naissance du Monde*, Col. S.Or. 1, Paris, Ed. du Seuil, 1959
- Wolfgang SCHENKEL, *Amun-Re- Eine Sondierung zu Struktur und Genese altägyptischer synkretistischer Götter*, Hamburg, Helmut Buske verlag, 1974
- Hermann A. SCHLÖGL, *Der Sonnengot auf der Blüte*, AH 5, Geneva, Basel-Genf, 1977
- Robert J. SCHREITER, "Tabou" in *Dictionnaire des Religions*, Paris, P.U.F., 1984
- Alan R. SCHULMAN, "The Royal Butler Ramessessami'on" in *CdE LXV*, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1990
- Kurt SETHE, *Amun und die Acht urgötter von Hermopolis*, Berlin, W. de Gruyter, 1926  
*Urgeschichte und älteste Religion der Ägypter*, Leipzig, F. A. Brockhaus, 1930  
*Urkunden der 18. Dynastie*, Berlin, Akademie-verlag, 1961  
*Die Altaegyptischen Pyramidentexte*, Leipzig, J. C. Hinrichs, 1908-1922
- William K. SIMPSON, "The Dynasty XIII stela from the Wadi Hammamat" in

*MDAIK 25*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1969

(ed.) *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, New Haven, Yale University, 1989

Wilhelm SPIEGELBERG, "Der Ägyptische Possessi Vartikel" in *ZAS 54*, Leipzig, J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1918

Wilhelm SPIEGELBERG, Percy E. NEWBERRY, *Report on some excavations in the Theban Necropolis during the winter of 1898-1899*, Londres, Egypt Exploration Fund, 1908

Rainer STADELMANN, "Eine Stele der Späten Ramessidenzeit aus dem Tempel Sethos I in Gurna" in *MDAIK 32*, Maience, Philipp von Zabern, 1976

Hans STOCK, *Ntr Nfr= der Gute Gott?*, Hildesheim, Gebr. Gerstenberg, verlag, 1951

Edward L. B. Terrace, Henry G. FISCHER, *Treasures of the Cairo Museum from Predynastic to Roman times*, Londres, Thames and Hudson, 1970

Heinz-Josef THISSEN, "Zu den demotischen Graffiti von Medinet Habu" in *Enchoria 2*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1972

Elizabeth THOMAS, *The Royal Necropolis of Thebes*, Princeton, 1966

Walter C. TILL, *Koptische Grammatik (saidischer dialekt)*, Leipzig, Otto Harrassowitz, 1955

Claude TRAUNECKER, *Les dieux de l'Égypte*, Paris, P. U. F., 1993

Paul TRESSON, "La stèle de Naples" in *BIFAO 30*, Cairo, I.F.A.O., 1931

Dominique VALBELLE, "Le Naos de Kasa au Musée de Turin" in *BIFAO 72*, Cairo, I.F.A.O., 1972

"Témoignages du Nouvel Empire sur les cultes de Satis et d'Anoukis à Eléphantine et à Deir el-Médineh" in *BIFAO 75*, Cairo, I.F.A.O., 1975

*Satis et Anoukis*, Maience, Philipp von Zabern, 1981

*Les Ouvriers de la Tombe- Deir el-Médineh à l'Époque Ramesside*, Cairo, I.F.A.O., 1985

"El artesano" in *El Hombre Egipcio*, Madrid, Alianza Editorial, 1991

Michel VALLOGIA, *Recherche sur les 'Messagers' dans les Sources Égyptiennes Profanes*, Geneva, Librairie Droz, 1976

Dirk van der PLAS, "Voir Dieu- quelques observations au sujet de la fonction des sens dans le culte et la dévotion de l'Égypte ancienne" in *BSFE 115*, Paris, Société Française d'Égyptologie, 1989

Jacques VANDIER, *M<sup>o</sup>c alla La Tombe d'Ankhtifi et la tombe de Sébekhotep*, Cairo, I.F.A.O., 1950

Alexandre VARILLE, *La Tombe de Ni-ankh-Pepi à Zâouyet el-Mayetîn*, Col. MIFAO 70, Cairo, I.F.A.O., 1938

Hermann te VELDE, *Seth, god of confusion- a study of his role in egyptien mythology and religion*, Leiden, E. J. Brill, 1977

Pascal VERNUS, "Deux statues du Moyen Empire" in *BIFAO 74*, Cairo, I.F.A.O., 1974

"Production- Pouvoir et Parenté dans l'Égypte Pharaonique" in *Production, Pouvoir et Parenté dans le Monde Méditerranéen de Sumer à nos Jours*, Paris, 1976

"Le dieu personnel dans l'Égypte pharaonique" in *Colloque*

la Société Ernst Renan, Orsay, 1977

"Inscriptions de la Troisième Période Intermédiaire. Inscriptions de la cour pérystyle nord du VI pylône dans le temple de Karnak" in *BIFAO 75*, Cairo, I.F.A.O., 1975

"Littérature et auto-biographie, les inscriptions de *S3.Mw.t* surnommé Kyky" in *RdE 30*, Paris, Ed. Klincksieck, 1978

*Athribis. Textes et Documents relatifs à la Géographie, aux cultes et à l'Histoire d'une ville du Delta Egyptian à l'Epoque Pharaonique*, Col. BdE 74, I.F.A.O., 1978

"Études de philologie et de linguistique (VI)" in *RdE 38*, Paris, Ed. Peeters, 1987

"Une grammaire du Néo-egyptien" in *Orientalia 50*, Roma, 1981

*Future at Issue- Tense, Mood and Aspect in Middle Egyptian: studies in syntax and semantics*, New Haven, Yale University, 1990

*Affaires et scandales sous les Ramsès*, Paris, Pygmalion, 1993

Guy WAGNER, Jan QUAEGEBEUR, "Une dédicace grecque au dieu égyptien Mestasytmis de la part de son synode" in *BIFAO 73*, Cairo, I.F.A.O., 1973

Bandouin van de WALLE, Hermann de MEULENAERE, "Compléments à la prosopographie Médicale" in *RdE 25*, Paris, Ed. Klincksieck, 1973

R. van WALSEN, "The God Monthu and Deir el-Medīna" in *Gleanings from Deir el-Medīna*, Leiden, Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1982

Sheila WHALE, *The Family in the Eighteenth Dynasty of Egypt- a study of the representation of the family in Private Tombs*, Sidney, The Australian Centre for Egyptology, 1989

Dieter WILDUNG, *Imhotep und Amenhotep- Gottwerdung im alten Ägypten*, Col. MAS 36, Berlin, Deutscher Kunstverlag, 1977

John A. WILSON, "A Group of Sixth Dynasty Inscriptions" in *JNES 13*, Chicago, 1954

"The Theban Tomb (№ 409) of Si-Mwt, called Kiki" in *JNES 29*, Chicago, 1970

Jean YOYOTTE, "Les filles de Têti et la Reine Sheshé du Papyrus Ebers" in *RdE 7*, Paris, Imprimerie Nationale, 1950

"Le Soukhos de la Maréotide et d'autres cultes régionaux du Dieu-Crocodile d'après les cylindres du Moyen Empire" in *BIFAO 56*, Cairo, I.F.A.O., 1957

"Un souvenir du 'pharaon' Taousert en Jordanie" in *Vetus Testamentum XII*, Leiden, E. J. Brill, 1962

"Osorkon, fils de Mehytouskhé un pharaon oublié?" in *BSFE 77/78*, Paris, Société Française d'Égyptologie, 1976/77

"Une notice biographique du roi Osiris" in *BIFAO 77*, Cairo, I.F.A.O., 1977

F. ZABETH, *What is a name? An Inquiry into the Semantics and Pragmatics of Proper Names*, The Hague- Martinus Nijhoff, 1968

Jan ZANDEE, *Hymnen aan Amon von Pap. Leiden I 350*, Leiden, OMRO 28, 1947

*Death as a enemy according to ancient Egyptian conceptions*, Leiden, E. J. Brill, 1960

"Das Schöpferwort im alten Agypten" in *Verbum*, Roma, 1964

*An Ancient Egyptian Crossword Puzzle- An inscription of Neb-Wenenef from Thebes*, Leiden, Ex Oriente Lux, 1966

"Egyptological commentary on the Old Testament (Fs Beek), Assen, 1974

Christiane ZIEGLER, "Une famille de grands des Djebels de l'or de Amon" in *RdE 33*, Lovaina, Ed. Peeters, 1981

Christiane M. ZIVIE, *Giza au deuxième millénaire*, Cairo, I.F.A.O., 1976

Françoise ZONABEND, "Le Nom de personne" in *L'Homme- revue française d'anthropologie*, Paris, Ed. E. H. E. S. S., 1980

- Christianne DESROCHES-NOBLECOURT, "Concubines du mort et mères de famille au Moyen Empire- à propos d'une supplique pour une naissance" in *BIFAO 53*, Cairo, I.F.A.O., 1953
- Didier DEVAUCHELLE, "A propos du nom *Pn-hj*" in *Enchoria 9*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1979
- Constant de WIT, "A propos des noms de nombre dans les textes d'Edfou" in *CdE XXXVII*, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1962
- Henry G. FISCHER, "More Ancient Egyptian Names of Dogs and other Animals" in *MMJ 12-13*, Nova Iorque, 1977-1978
- Alan H. GARDINER, *Ancient Egyptian Onomastica*, Oxford, Oxford University Press, 1947
- "The Baptism of Pharaoh" in *JEA 36*, Londres, Egypt Exploration Society, 1950
- Jean Sainte Fare GARNOT, "Les fonctions, les pouvoirs et la nature du Nom propre dans l'Ancienne Egypte d'après les textes des Pyramides" in *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, Paris, P.U.F., 1948
- "Défis au Destin" in *BIFAO 59*, Cairo, I.F.A.O., 1960
- Paul GILBERT, "Idées des Noms Solaires Royaux au Moyen Empire" in *CdE XIII*, Bruxelles, Musées Royaux d'Art et d'Histoire, 1938
- Mordechai GILULA, "An unusual Nominal Pattern in Middle Egyptian" in *JEA 62*, Londres, Egypt Exploration Society, 1976
- Marianne GUENTCH-OGLOUEFF, "Noms Propres Imprécatoires" in *BIFAO 40*, Cairo, I.F.A.O., 1941

## 2. OBRAS ESPECIFICAS

Winfried BARTA, "Zur Konstruktion der ägyptischen Königsnamen" in *ZÄS* 116, Berlin, Akademie-verlag, 1989

"Zur Konstruktion ägyptischer Personennamen mit einem Königsnamen als Komponente" in *ZÄS* 117, Berlin, Akademie-verlag, 1990

Marie-Ange BONHÊME, *Les Noms Royaux dans l'Égypte de la troisième période intermédiaire*, Col. BdE 98, Cairo, I.F.A.O., 1987

Hans BONNET, "Name" in *RÄRG*, Berlin, Walter de Gruyter & Co, 1952

Emma BRUNNER-TRAUT, "Anonymität (der Gotter)" in *LÄ* 1, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1972

Wolfgang BRUNSCH, "Untersuchungen zu den griechischen wiedergaben ägyptischen Personennamen" in *Enchoria* 8, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1978

Adrian de BUCK, "On the meaning of the name (*H-c-py*)" in *Orientalia Neerlandica*, Leiden, s. d.

Jean CAPART, "La signification du nom Psamétique" in *CdE XXXI*, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1941

Jean J. CLERE, "Notes d'Onomastique a propos du Dictionnaire des Noms de Personnes de H. Ranke" in *RdE* 3, Cairo, I.F.A.O., 1938

Christiane COCHE-ZIVIE, "Les Colonnes du Temple de l'Est à Tanis-épithètes royales et noms divins" in *BIFAO* 74, Cairo, I.F.A.O., 1974



- Konrad HOFFMANN, *Die Theophoren Personennamen des älteren Ägyptens*, Leipzig, J. C. Hinrichs, 1915
- Raymond KÉON, "Notes sur quelques Noms Royaux" in *CdE XIX*, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1944
- Klaus KUHLMANN, "Gotternamen, -bildung, -Zusammensetzung" in *LÄ II*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1976
- Eugene LEFÉBVRE, "L'importance du Nom chez les Egyptiens" in *SPHINX I*, Upsala, Almqvist & Wiksell, 1897
- E LEVY, *Die Theophoren Personennamen des alten Ägypten zur Zeit des Nr.*, Diss. Berlin, 1905
- David LORTON, "Considerations on the origin and the name of Osiris" in *VA I*, San Antonio, Siclen Books, 1985
- Erich LÜDDECKENS, *Die Ägyptischen Namen der Griechisch-Römischen Zeit und ihre Bedeutung*, Wiesbaden, 1969
- Hermann de MEULENAERE, *Le Surnom Egyptien à la Basse Époque*, Istanbul, Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut, 1906
- "Quatre Noms Propres de Basse Époque" in *BIFAO 55*, Cairo, I.F.A.O., 1956
- "Notes d'Onomastique Tardive" in *RdE 11*, Paris, Imprimerie Nationale, 1957
- "Notes d'Onomastique Tardive" in *RdE 12*, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1960
- "Notes d'Onomastique Tardive" in *RdE 14*, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1962
- "Recherches Onomastiques" in *Kémi XVI*, Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1962

"Anthroponymes égyptiens de Basse Epoque" in *CdE XXXVIII*, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1963

"Notes de Prosopographie thébaine. Quatrième Série" in *CdE LXIV*, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1989

Hermann de MEULENAERE, Jean YOYOTTE, "Deux Composants 'Natalistes' de l'anthroponymie tardive" in *BIFAO 83*, Cairo, I.F.A.O., 1983

Hendrik W. OBBINK, *De Magische Beteekenis van den Naam inzonderheid in het oude Egypte*, Amsterdão, H. J., 1925

Jacques PARLEBAS, "Sur l'origine de la valeur Dhwtj  et le groupe  dans les noms de personnes" in *GM 15*, Göttingen, 1975

Georges POSENER, "Une liste de Noms Propres Etrangers sur deux ostraca hiératiques du Nouvel Empire" in *Syria 18*, Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1937

"Les Criminels Débaptisés et les morts sans noms" in *RdE 5*, Cairo, I.F.A.O., 1946

"Le mot égyptien pour désigner le 'Nom Magique'" in *RdE 16*, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1964

"Sur l'attribution d'un nom à un enfant" in *RdE 22*, Paris, Ed. Klincksieck, 1970

Jan QUAEGBEUR, "Considérations sur le Nom Propre Egyptien Teëphthaphonukhos" in *DLP 4*, Lovaina, 1973

"The study of Egyptian Proper Names in Greek Transcription- problems and perspectives" in *ONOMA XVIII*, Lovaina, International Centre of Onomastics, 1974

"A propos de Teilouteilou, nom magique, et de Têroutêrou, nom de femme" in *Enchoria 4*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1974

"Amenophis, nom royal et nom divin. Questions méthodologiques" in *RdE 37*, Paris, Ed. Peeters, 1986

Hermann RANKE, "Les Noms Propres Egyptiens" in *CdE XI*, Bruxelles, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1936

"Grundsätzliches zum Verstandnis der ägyptischen Personennamen in Satzform" in *SHAW 1936-1937*, Heidelbergue, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1937

"The Egyptian Pronunciation of the Royal Name 'Khefren' and his cognates" in *JADS 70*, Baltimore, 1950

*Die Ägyptischen Personennamen*, Vols. I-II-III, Gluckstadt/Hamburgo, Ed. von J. J. Augustin, 1952

Thomas SCHNEIDER, *Asiatische Personennamen in ägyptischen Quellen des Neuen Reiches*, OBO 114, Göttingen, Universitätsverlag Freiburg Schweiz, Vandenhoeck & Ruprecht, 1992

Siegfried SCHOTT, "Zur Unvergänglichkeit des Namens" in *MDAIK 25*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1969

Kurt SETHE, "Über einige Kurznamen des neuen Reiches" in *ZÄS 44*, Leipzig, J. C. Hinrichs, 1908

"Kurznamen auf j" in *ZAS 57*, Leipzig, J. C. Hinrichs, 1922

Michelle THIRION, "Notes d'Onomastique. Contribution à une Révision de Ranke PN" in *RdE 31*, Paris, Ed. Peeters, 1979

"Notes d'Onomastique. Contribution à une Révision de Ranke PN" in *RdE 33*, Paris, Ed. Peeters, 1981

"Notes d'Onomastique. Contribution à une Revision de Ranke PN" in *RdE 34*, Paris, Ed. Peeters, 1982-1983

"Notes d'Onomastique. Contribution à une Révision de Ranke PN" in *RdE 35*, Paris, Ed. Peeters, 1985

"Notes d'Onomastique. Contribution à une Révision de

Ranke PN" in *RdE 37*, Paris, Ed. Peeters, 1986

"Notes d'Onomastique. Contribution à une Revision de Ranke PN" in *RdE 39*, Paris, Ed. Peeters, 1988

"Notes d'Onomastique. Contribution à une Revision de Ranke PN" in *RdE 42*, Paris, Ed. Peeters, 1991

"Notes d'Onomastique Contribution à une Révision de Ranke PN" in *RdE 43*, Paris, Ed. Peeters, 1992

Michel VALLOGIA, "Remarques sur les Noms de la Reine Sébek-Ka-Ré Néferou-Sébek" in *RdE 16*, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1964

Jozef A. VERGOTE, *Les Noms Propres du P Bruxelles Inv. E. 7616- Essai d'interprétation*, Col. Papyrologica Lugduno-Batava VII, Leiden, E. J. Brill, 1954

Pascal VERNUS, "Sur une particularité de l'Onomastique du Moyen Empire" in *RdE 22*, Paris, Ed. Klincksieck, 1970

"Noms Propres Juxtaposés au Moyen Empire" in *RdE 23*, Paris, Ed. Klincksieck, 1971

"Name-Namengebung-Namensbildung" in *LÄ IV*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1980

*Le Surnom au Moyen Empire*, Roma, Biblical Institute Press, 1986

Raymond WEILL, "Le Nom du dieu Šwet sa fonction essentielle" in *RdE 6*, Cairo, I.F.A.O., 1951

Jean YDYOTTE, "Une étude sur l'Anthroponymie Gréco-Egyptienne du Nome Prosôpité" in *BIFAO 55*, Cairo, I.F.A.O., 1956

J. ZANDEE, "Das Schöpferwort im alten Agypten" in *Verbum. Fs. Obbink*, Utrecht, University of Utrecht, 1964

## INDICE ONOMASTICO

*3h-mw.t-* 172  
*3h-mn.w-* 172  
*3s.t-* 130, 146  
*3s.t-wr.t-* 185  
*3s.t-m-h3.t-* 220  
*3s.t-m-hb-* 228, 234  
*3s.t-nfr.t-* 185  
*3s.t-h.ty-* 198

*i-pwy-* 89  
*i-mnt.w-* 90  
*i-hm-* 448  
*i3w-m-imm-* 260  
*i3w-n-imm-* 59  
*iy-iry-* 100, 395, 405  
*iy-š-n.f-* 100  
*iy-wy-imm-* 90  
*iy-m-wn-* 441, 446  
*iy-m-wnw.t-* 442, 446  
*iy-m-htp-* 442, 446  
*iy-mi-sb3-* 442, 446  
*iy-nfr-* 427  
*iy-nfr.t-* 81, 427  
*iy-hr-s3-* 417  
*iy-htp-* 442, 446  
*iy-tj-* 427  
*iy.t-m-w3.w-* 443, 446  
*i.f-ib.i-* 397  
*i.h-m-hb-* 228, 234

*iḥ-ms-* 81, 243  
*iḥ-nfr-* 185  
*iḥ-ris(w)-* 198  
*iḥ-ḥtp-* 81, 199  
*iw-nfr-* 427  
*iw-snb-* 428  
*iw.f-n-imn-* 354  
*iw.f-n-mw.t-* 354  
*iw.f-n-mnt.w-* 354  
*iw.f-n-ḥns.w-* 355  
*iw.f-n-dḥwtj-* 355  
*iw.f-r-ih-* 432  
*iw.f-r-n-imn-* 64  
*iw.s-n.j-r-psš.t-* 401  
*iw.s-r-ih-* 64, 432  
*iw.n.y-* 492  
*iw.n.y.t-* 492  
*ibi-r.s-* 397  
*ibi-ḥtp.w-* 398  
*ipi-wr-* 111  
*ipy-* 109  
*imn-* 130, 138  
*imn-iy(w)-* 254  
*imn-nh-* 82, 199  
*imn-m-ipt-* 109, 259  
*imn-m-int-* 54, 257  
*imn-m-wi3-* 54, 249  
*imn-m-wš.t-* 256  
*imn-m-pr-mw.t-* 259  
*imn-m-ḥ3.t-* 54, 220  
*imn-m-ḥb-* 107, 108, 228, 234  
*imn-m-š-* 260  
*imn-m-k3-* 209

*imn-ms.w-* 107, 244  
*imn-ms-sw-* 325  
*imn-nb-* 209, 215  
*imn-nb-w.w-* 107  
*imn-nb-hs.w-* 209, 215  
*imn-nb-t3.wy-* 210, 215  
*imn-nfr-* 186  
*imn-nht-* 107, 186  
*imn-nht-m-wb3-* 260  
*imn-ndm-* 186  
*imn-rh-* 186  
*imn-hd.w-* 93, 187  
*imn-h.py-* 153, 158  
*imn-hr-mny(t)-* 220  
*imn-hr-hst.f-* 75  
*imn-hr-hpš.f-* 340  
*imn-htp-* 82, 110, 199  
*imn-htp-wsr-* 290  
*imn-htp-wsr-h3.t-* 294  
*imn-htp-p3-‘3-* 295  
*imn-htp-s3-s-* 294  
*imn-h.y.w-* 82, 252  
*imn-kn-* 187  
*imn-kd-* 210, 215  
*imn-t3.y-nht-* 342  
*in-hr-h.w-* 140  
*in-hr.t-* 108, 131, 152  
*in-hr.t-ms-* 244  
*in-hr.t-nht-* 93, 187  
*in-hr.t-rh-* 187  
*inp.w-m-wi3-* 249  
*inp.w-m-h3.t-* 221  
*inp.w-m-hb-* 56, 229, 235

*inp.w-r<sup>c</sup>* - 153,159

*ink-sj*- 403

*inty*- 109

*iry-dhwty*- 366

*ih-nts*- 433, 434

*istr-im*- 357

*it.i-nfr*- 415

*ity*- 471, 477

*itf-n-itf*- 414

*itf.s-rš.w*- 409

*itm-m-hb*- 229, 236

*itm-m-t3-nb*- 55, 221

*itm-htp*- 199

*yt<sup>c</sup>-b<sup>c</sup>r*- 103

‘3- 456, 460, 478, 484

‘3-*imn*- 169

‘3-*hpr-r<sup>c</sup>*- 311, 316

‘3-*hpr-r<sup>c</sup>-snb.w*- 311

‘3-*hpr-k3-r<sup>c</sup>*- 312, 314, 316

‘3-*hpr-k3-r<sup>c</sup>-snb.w*- 311

‘3-*hpr.w-r<sup>c</sup>-r-nhh*- 316

‘3-*sth*- 177

‘3*m*- 457, 461

‘3*m.t*- 457

‘*n*- 90, 453

‘*n*-*ms.w*- 435

‘*n-nqt*- 436

‘*n-htp*- 72, 436

‘*n-h.w*- 96, 441

‘*nh.f*- 105, 431

‘*nh.f-n-3s.t*- 364

*'nh.f-n-imn*- 75, 105, 364

*'nh.f-n-mw.t*- 364

*'nh.f-n-hns.w*- 364

*'nh.s-n-p3-itm*- 365

*'nh.s-n-mw.t*- 365

*'nk.t-m-hb*- 229, 236

*'nk.t-h.y.ty*- 253

*'nt-m-hb*- 229, 237

*'h-nfr*- 426

*'š*- 488, 490

*'š3-ih.wt*- 462

*'š3-hb-sd*- 96

*'š3.t-nb*- 462

*w3st.y*- 492

*w3d-rn*- 431

*w3dj.t-m-hb*- 230, 237

*w3dj.t-h.y.ty*- 253

*wj3*- 488, 491

*wb3-inr*- 471, 476

*wp.w3.wt*- 131, 145

*wp.w3.wt-iry*- 67, 357, 359

*wp.w3.wt-ms*- 244

*wp.w3.wt-t3y-nht*- 68, 343

*wp.t-nfr.t*- 399, 400

*wn-hr*- 448

*wn-t3-w3t*- 85

*wnn-nfr*- 94, 188

*wn.t-hr*- 448

*wr-3ht-imn*- 72, 97, 268

*wr-imn*- 170

*wr-pt~~h~~*- 171

*wr-mn.w*- 173

*wr-mnt.w*- 174  
*wr-hpr-hmw.t*- 463, 469  
*wr-hns.w*- 176  
*wsir-wr*- 188  
*wsir-m-r<sup>c</sup>*- 210, 216  
*wsr-i<sup>c</sup>h*- 69, 169  
*wsr-imm*- 170  
*wsr-pt<sup>h</sup>*- 171  
*wsr-m3<sup>c</sup>.t-r<sup>c</sup>*- 310, 316, 320  
*wsr-m3<sup>c</sup>.t-r<sup>c</sup>-m-h<sup>b</sup>*- 316, 320  
*wsr-m3<sup>c</sup>.t-r<sup>c</sup>-nht*- 309  
*wsr-mnt.w*- 174  
*wsr-h3.t*- 106  
*wsr-h3.t-r<sup>c</sup>*- 106  
*wsr-h<sup>c</sup>.w-r<sup>c</sup>*- 311  
*wsr-h<sup>c</sup>.w-r<sup>c</sup>-nht*- 308  
*wsr-hpš*- 96  
*wsr-st<sup>h</sup>*- 177  
*wsr-stj.t*- 178

*b3st.t*- 132, 147  
*b3k*- 472, 477  
*b3k-imm*- 367  
*b3k-pt<sup>h</sup>*- 367  
*b3k-mw.t*- 367  
*b3k-n-imm*- 371  
*b3k-n-wsir*- 371  
*b3k-n-pt<sup>h</sup>*- 371  
*b3k-n-m3<sup>c</sup>.t*- 371  
*b3k-n-mw.t*- 372  
*b3k-n-mnt.w*- 372  
*b3k-n-hr*- 372  
*b3k-n-hns.w*- 372

*b3k-n-sth-* 373  
*b3k-stj.t-* 367  
*b3k-t3-wr.t-* 368  
*b3k.t-* 472, 477  
*b3k.t-3s.t-* 368  
*b3k.t-imm-* 368  
*b3k.t-itn-* 368  
*b3k.t-ptn-* 369  
*b3k.t-mw.t-* 369  
*b3k.t-mn.w-* 369  
*b3k.t-n.t-imm-* 373  
*b3k.t-n.t-ht-hr-* 58, 373  
*b3k.t-n.t-sth-* 373  
*b3k.t-r-* 369  
*b3k.t-hns.w-* 370  
*b3k.t-stm.t-* 370  
*b3k.t-stj.t-* 370  
*b3k.t-t3-wr.t-* 370  
*b-r-mnt.w-* 153, 159  
*b-r-mh3r-* 65  
*b-r-mhr-* 210, 216  
*b-r-rm-* 200, 208  
*bw-rh.tw-iwn.f-* 79, 434  
*bw-h3.f-ptn-* 78  
*bw-thi-imm-* 79  
*bn-iw.f-r-mh-sp-snw-* 79, 422, 424  
*bn-nt-* 327  
*bn-pw-* 403  
*bn-kn.tw.f-* 80, 422, 424  
*bn.t-pw-* 403  
*bnr-mr.wt-* 443, 446  
*bs-* 132, 146

*p3-3b.w-in.hr.t* - 337  
*p3-ib* - 478  
*p3-imj-r3-ihw* - 463, 469  
*p3-imj-r3-htm* - 463, 470  
*p3-imj-r3-šnw.t* - 464, 470  
*p3-imj-r3-šnw.tj* - 464, 470  
*p3-imr.w* - 492  
*p3-ir-swn.t* - 464, 470  
*p3-irj-ʿ3* - 464, 469  
*p3-ih k3mn* - 112  
*p3-isy* - 457, 461  
*p3-ʿ3* - 478  
*p3-ʿ3-d3d3* - 455  
*p3-ʿn-kn* - 83, 436  
*p3-ʿnh* - 428  
*p3-ʿh3* - 472, 476  
*p3-ʿh3wty* - 472, 476  
*p3-ʿhwty* - 473, 476  
*p3-ʿdd* - 443, 447  
*p3-wi3* - 488, 491  
*p3-wʿb* - 465, 469  
*p3-wnš* - 478  
*p3-wrš* - 473, 476  
*p3-bnr* - 448  
*p3-mjw* - 479  
*p3-mšʿ* - 473, 476  
*p3-mdh* - 489, 491  
*p3-n-3bw* - 496  
*p3-n-3bdw* - 496  
*p3-n-i.h* - 376  
*p3-n-iw-n-itr(w)* - 497  
*p3-n-iwnj* - 497  
*p3-n-iwnw* - 497

*p3-n-irn-* 376  
*p3-n-ir-* 497, 502  
*p3-n-in-hr.t-* 377  
*p3-n-idh.w-* 498  
*p3-n-ym-* 97  
*p3-n-nk.t-* 377  
*p3-n-n.t-* 377  
*p3-n-bs-* 378  
*p3-n-p-* 498  
*p3-n-p3-itn-* 378  
*p3-n-p3-idh.w-* 498  
*p3-n-p3-r<sup>c</sup>-* 378  
*p3-n-p3-t3-* 98, 498  
*p3-n-mw.t-* 378  
*p3-n-mn-nfr-* 499  
*p3-n-mn.w-* 379  
*p3-n-mnt.w-* 379  
*p3-n-niw.t-* 499  
*p3-n-r<sup>c</sup>-* 99, 379  
*p3-n-rnn.wtt-* 379  
*p3-n-hr-šfj.t-* 380  
*p3-n-hns.w-* 380  
*p3-n-hnm.w-* 380  
*p3-n-gb-* 380  
*p3-n-t3-wr.t-* 381  
*p3-n-t3-hw.t-nht-* 99, 283  
*p3-n-t3-hw.t-rs.tp-* 100, 283  
*p3-n-tp-ih.w-* 381  
*p3-n-tnj-* 499  
*p3-n-drty-* 98, 499  
*p3-nfr-* 90, 454  
*p3-nfr-m-ddw.t-* 502  
*p3-nfr-nb-* 65

*p3-nfr-hr* - 455  
*p3-nhs.j* - 493  
*p3-nh.w-m-w3s.t* - 270  
*p3-nh.w-m-niw.t* - 270  
*p3-nht-rs.tp* - 273  
*p3-ndm* - 449  
*p3-ry* - 499  
*p3-r.-ms-sw* - 87  
*p3-r.-htp.w* - 202  
*p3-rk* - 493  
*p3-h3tj.-* - 465, 470  
*p3-hm-ntr* - 465, 469  
*p3+n-dhwty* - 352, 353  
*p3-hnw.t-(n.t)-p3-mtr* - 465, 469  
*p3-hnn.j* - 489, 491  
*p3-hrj-pd.t* - 466, 470  
*p3-hrp* - 489, 491  
*p3-hk3-m-s3.sn* - 57  
*p3-hr.j* - 493  
*p3-s3-nsw* - 466, 470  
*p3-sn-iry* - 406  
*p3-snr (sl)* - 485, 487  
*p3-sr* - 91, 466, 470  
*p3-sd* - 489, 491  
*p3-š3s.w* - 493  
*p3-šri-(n)-mnt.w* - 327  
*p3-šsp* - 458, 461  
*p3-šd* - 91  
*p3-krr* - 479  
*p3-kd.w* - 473, 476  
*p3-k3mn* - 458, 461  
*p3-k(n)* - 474, 476  
*p3-gf* - 479

*p3-t3-(m-)hrr.wt* - 57, 420  
*p3-t3j-srjt* - 466, 470  
*p3-dj-i·h* - 336  
*p3-dj-imm* - 336  
*p3-dj-mwt* - 336  
*p3-dj-b·r* - 103, 336  
*p3-dj-hns.w* - 337  
*p3-dj-sth* - 337  
*p3-dp(h)* - 486, 487  
*p3y-itf-hns.w* - 66, 357  
*p3y-h·y* - 101, 278, 282  
*pn<-sw-ny-imm* - 343, 347  
*pnw* - 479, 484  
*pr-‘3-r-nhh* - 63  
*pr-p3* - 106  
*pr-p3-r<* - 106  
*pr-p3wt* - 76  
*pry-nfr* - 443, 447  
*ph-sw-hr.w* - 265  
*ph-sw-hr* - 423, 424  
*pth* - 132, 141  
*pth-‘nh.t* - 200  
*pth-p3-mniw* - 66, 211, 215  
*pth-p3-h·py* - 211, 215  
*pth-p3-ka* - 66, 211, 215  
*pth-p3-tnr* - 211, 215  
*pth-m-imm* - 212, 215  
*pth-m-wi3* - 249  
*pth-m-hb* - 230, 238  
*pth-ms* - 244  
*pth-nfr* - 188  
*pth-nht* - 188  
*pth-htp* - 200

*pth-h<sup>c</sup>y(w)* - 253  
*pth-sbk* - 153, 160  
  
*m-hb* - 107  
*m33.n.i-imm* - 78  
*m33.n.i-nht.w* - 78  
*m33.n.i-nht.w.f* - 434  
*m3j* - 480  
*m3j-m-w3s.t* - 270  
*m3j-m-t<sub>nj</sub>* - 270  
*m3j-hr-prj* - 62, 273  
*m3<sup>c</sup>* - 449  
*m3<sup>c</sup>.t-pt<sup>h</sup>* - 154, 161  
*m3<sup>c</sup>.t-mn.ty* - 200  
*m3<sup>c</sup>.t-nfr.t* - 188  
*mymj.t* - 480, 484  
*mw.t* - p. 132, 138  
*mw.t-3<sub>h</sub>.t* - 189  
*mw.t-iy.ty* - 255  
*mw.t-imm* - 154, 162  
*mw.t-<sup>c</sup>3.(t)* - 189  
*mw.t-<sup>c</sup>nk.t* - 66, 358  
*mw.t-bnr.t* - 189  
*mw.t-m-iwn.t* - 261  
*mw.t-m-int* - 109, 258  
*mw.t-m-wi3* - 250  
*mw.t-m-wsh.t* - 256  
*mw.t-m-mr.s* - 261  
*mw.t-m-nb.w* - 55, 221, 261  
*mw.t-m-h3.t* - 221  
*mw.t-m-hb* - 230, 238  
*mw.t-m-h<sup>c</sup>* - 258  
*mw.t-nb.t-ntr.w* - 67, 212, 216

*mw.t-nfr.t* - 189  
*mw.t-ndm.t* - 190  
*mw.t-rs.ty* - 201  
*mw.t-htp.ty* - 201  
*mw.t-hy.ty* - 253  
*mw.t.i-snb.ti* - 410  
*mn-m3.t-r<* - 310  
*mn-m3.t-r<-nht* - 309  
*mn-ms* - 245  
*mn-hpr-r<* - 312, 315  
*mn-hpr-r<-snb.w* - 312  
*mn-srw.t* - 75  
*mn-thn.w* - 268  
*mnw-nfr* - 94  
*mn<.t* - 474  
*mn.w* - 133, 142  
*mn.w-m-hb* - 230  
*mn.w-m-h<* - 259  
*mn.w-mnt.w* - 154, 162  
*mn.w-ms-sw* - 325  
*mn.w-nfr* - 190  
*mn.w-nht* - 190  
*mn.w-htp* - 201  
*mnh* - 449  
*mnh.t* - 450  
*mnt.w* - 133, 140  
*mnt.w-imm* - 154, 163  
*mnt.w-wsr* - 190  
*mnt.w-p3-nb* - 212, 216  
*mnt.w-p3-h-py* - 212, 216  
*mnt.w-m-w3s.t* - 262  
*mnt.w-m-wi3* - 250  
*mnt.w-m-mn.w* - 214

*mnt.w-m-h3.t* - 222  
*mnt.w-m-hb* - 230, 239  
*mnt.w-m-t3.wy* - 222  
*mnt.w-mn.w* - 155, 163  
*mnt.w-ms* - 245  
*mnt.w-nht* - 191  
*mnt.w-hr-hps.f* - 61, 341  
*mnt.w-htp* - 201  
*mr-n-ptn-m-pr-ptn* - 297  
*mr-sw-itf* - 408  
*mr-sw-r-* - 344, 348  
*mr-sgr* - 133, 145  
*mry-imm* - 349  
*mry-it.f* - 418  
*mry-itm* - 349  
*mry-b3st.t* - 350  
*mry-b.r* - 350  
*mry-ptn* - 350  
*mry-m3.t* - 103, 350  
*mry-ms.w* - 437  
*mry-nfr* - 444, 446  
*mry-r-* - 351  
*mry-rmt.f* - 444, 446  
*mry-ht-hr* - 351  
*mry-hr* - 351  
*mry-hns.w* - 351  
*mry-shm.t* - 352  
*mry-dhwty* - 352  
*mr.t* - 444, 446  
*mr.t-itf.s* - 418  
*mh* - 108  
*mh-n.t-ib.i* - 76, 397  
*mh-hns.w* - 74

*mhj*- 486, 487  
*msw*- 107, 431  
*msd-sw-r<sup>c</sup>*- 74, 344, 348  
*mky-wy-pt<sup>h</sup>*- 344, 347  
*mkt-itn*- 68  
*mtr-šm*- 83  
  
*n-wn-nfw*- 438  
*n-sw-bit-mn-~~h~~pr-r<sup>c</sup>*- 287  
*n-sm<sup>h</sup>.tw.f*- 80, 423, 424  
*nj.t*- 133, 143  
*nb-imn-t3.wy*- 67  
*nb-w<sup>c</sup>*- 94, 107, 284  
*nb-m3<sup>c</sup>.t-r<sup>c</sup>*- 310, 317  
*nb-m3<sup>c</sup>.t-r<sup>c</sup>-nh<sup>h</sup>*- 317  
*nb-m3<sup>c</sup>.t-r<sup>c</sup>-nh<sup>t</sup>*- 309  
*nb-n-m3<sup>c</sup>.t*- 59, 355  
*nb-n-kmt*- 59  
*nb-~~h~~p.t*- 467, 469  
*nb-~~h~~r-~~h~~sbd*- 62, 264  
*nb-~~d~~f3.w*- 467, 469  
*nb.i-m-iwn.t*- 388  
*nb.i-m-ib.i*- 56, 388  
*nb.i-m-w3s.t*- 388  
*nb.i-r<sup>c</sup>*- 67  
*nb.w-~~h~~r-mr*- 62, 264  
*nb.w-~~h~~r-mhw*- 264  
*nb.wy*- 275  
*nb.sn*- 414  
*nb.t-imn.t*- 275, 276  
*nb.t-t3.wy*- 275, 276  
*nb.ty-w3<sup>h</sup>-nsyt-mi-r<sup>c</sup>-m-pt*- 287  
*nfr*- 454

*nfr-i-h-* 169  
*nfr-imn-* 170  
*nfr-nh-* 96  
*nfr-pth-* 172  
*nfr-m<sup>3</sup>.t-* 172  
*nfr-mw.t-* 172  
*nfr-mn.w-* 174  
*nfr-rnp.t-* 70  
*nfr-hr-* 97, 277  
*nfr-htp.w-* 437  
*nfr-k3-r-* 317  
*nfr-k3-r-m-pr-imn-* 56, 285, 317, 319  
*nfr.t-* 454  
*nfr.t-nk.t-* 171  
*nfr.t-m-st.t-* 503  
*nfr.t-n.i-* 401  
*nfr.t-st.j.t-* 178  
*nmw-* 458, 461  
*nn-wn-nfw-* 86  
*nn-t3-w3y-r.f-* 86, 390  
*nr.3w-* 480  
*nhy-* 444, 447  
*nhh-n-it-* 60  
*nh<sup>s</sup>.j-* 494  
*nh-* 284  
*nh-m-mw.t-* 58, 340  
*nh<sup>t</sup>-* 107, 458, 460  
*nh<sup>t</sup>-imn-* 70, 170  
*nh<sup>t</sup>-mw.t-* 172  
*nh<sup>t</sup>-mn.w-* 174  
*nh<sup>t</sup>-mnt.w-* 175  
*nh<sup>t</sup>-hr-* 175  
*nh<sup>t</sup>-hnm.w-* 176

*nht-sbk* - 177  
*nht-dhwty* - 178  
*nht.f-t3-nb* - 272  
*ns-irn* - 71, 359  
*ns-irn-(n-)ip.t* - 71, 360  
*ns-irn-(n-)t3-wnt* - 71, 360  
*ns-p3-r<sup>c</sup>* - 360  
*ns-p3wty-t3.wy* - 360  
*ns-pt<sup>h</sup>* - 361  
*ns-mw.t* - 361  
*ns-mn<sup>t</sup>.w* - 361  
*ns-hns.w* - 361  
*ns-hns.w-mn.w* - 362, 363  
*ns-sbk* - 362  
*ns-t3-wd3t-3pt* - 71, 362  
*nsy-dhwty* - 164, 362  
*ndm* - 450  
*ndm-bhd.t* - 504  
*ndm-mw.t* - 172  
*ndm-mn-nfr* - 504  
*ndm.t* - 450  
*ndm.t-bhd.t* - 505

*r<sup>c</sup>* - 134, 141  
*r<sup>c</sup>-wbn(w)* - 202  
*r<sup>c</sup>-pt<sup>h</sup>* - 155, 164  
*r<sup>c</sup>-m-wi3* - 250  
*r<sup>c</sup>-m-wsh.t* - 256  
*r<sup>c</sup>-m-mn-nfr* - 263  
*r<sup>c</sup>-m-r<sup>h</sup>* - 214, 216  
*r<sup>c</sup>-m3<sup>c</sup>.t* - 155, 164  
*r<sup>c</sup>-ms* - 245  
*r<sup>c</sup>-ms-sw* - 326

*r<sup>c</sup>-ms-sw-š3-hb(w)*- 101, 301  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-š3-hb-sd*- 301  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-wsr-phty*- 83, 301  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-m-pr-itm*- 297  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-m-pr-r<sup>c</sup>*- 298  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-mn(w)*- 292  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-mry-ilmn*- 306  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-mry-ilmn-wsr-mp.wt*- 301  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-mry-itm*- 307  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-mry-sth*- 307  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-nb-nfr*- 295  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-nht*- 290  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-hr.w*- 83, 293  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-hsy(w)*- 293  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-hy(w)-m-w3s.t*- 293  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-hy-m-ntr.w*- 293  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-s3-itm*- 295  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-s3-pth*- 295  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-s3-hpr.y*- 296  
*r<sup>c</sup>-ms-sw-sth-hr-wnm.f*- 61, 298  
*r<sup>c</sup>-hr-wnm.f*- 263  
*r<sup>c</sup>-htp*- 202  
*rn.i-snb*- 398  
*rn.f-nfr*- 50  
*rn.t*- 134, 147  
*rn.wt.t*- 134, 147  
*rn.s-snb.w*- 425  
*rh.wy-ms*- 245  
*rs-snb*- 428  
*rš*- 450  
*rdj.t-n.s*- 405  
  
*h3w-nfr*- 94

*h3.t-r-* 175, 183  
*h-py-* 134, 143  
*h-py-3-* 191, 202  
*h-py-wr-* 191  
*h-py-m-hb-* 231, 239  
*hw-m-wb3.f-* 56  
*hwy-* 110  
*hp-iy(w)-* 255  
*hp-nfr-* 192  
*hp-snb(w)-* 203  
*hmw-* 490, 491  
*hnw.t-m-šm-w-n-w3s.t-* 503  
*hnw.t(i)-m-p.t-* 389  
*hnw.t(i)-mi-sb3-* 389  
*hl(hnr)-* 110  
*hr-* 135, 150  
*hr-iy(w)-* 255  
*hr-3-* 192, 208  
*hr-nh-* 203  
*hr-wr-* 192  
*hr-m-3h-bj.t-* 263  
*hr-m-wi3-* 250  
*hr-m-wsh.t-* 257  
*hr-m-h3.t-* 222  
*hr-m-hb-* 231  
*hr-m3.t-* 155, 165  
*hr-mniw-* 84  
*hr-mn.w-* 157, 165  
*hr-ms-* 246  
*hr-nb.w-shm-phly-dsr-h-w-* 287  
*hr-nfr-* 192  
*hr-nht-* 193  
*hr-htp-* 203

*hr-k3-nht-ḥ-m-w3s.t* - 287  
*hr-tnr* - 193  
*hrj-nbj.w* - 467, 469  
*hry-hr* - 175, 183  
*hr(w) šry* - 111  
*hs-ptḥ* - 103  
*hsy-sw-nb.f* - 74  
*hss(w)-it.f* - 419  
*hk3-m3<sup>c</sup>.t-r<sup>c</sup>* - 317, 319  
*hk3-m3<sup>c</sup>.t-r<sup>c</sup>-m-pr-ḥns.w* - 317, 319  
*hk3-m3<sup>c</sup>.t-r<sup>c</sup>-(r)-nhh* - 63, 317  
*hk3-nht(w)* - 84  
*hk3-r-nhh* - 63  
*ht-hr* - 110, 135, 148  
*ht-hr-wsr.t* - 191  
*ht-hr-m-ḥb* - 231, 240  
*htp-šm.t* - 177

*ḥ3m.wy* - 91  
*ḥ<sup>c</sup>y-m-w3s.t* - 101, 278, 282  
*ḥ<sup>c</sup>y-m-wi3* - 278  
*ḥ<sup>c</sup>y-m-bḥnw* - 101  
*ḥ<sup>c</sup>y-m-p.t* - 278  
*ḥ<sup>c</sup>y-m-mnw* - 279  
*ḥ<sup>c</sup>y-m-nwm* - 102, 279, 282  
*ḥ<sup>c</sup>y-m-ḥ3.t* - 279, 282  
*ḥ<sup>c</sup>y-m-ḥd.t* - 102, 279  
*ḥ<sup>c</sup>y-m-tr* - 102, 281  
*ḥ<sup>c</sup>y.t-(m-)nsw.t* - 446  
*ḥpr-k3-r<sup>c</sup>* - 312, 313  
*ḥpr-k3-r<sup>c</sup>-snb.w* - 312  
*ḥmy* - 447  
*ḥns.w* - 135, 138

*hns.w-immn* - 166  
*hns.w-(m-)h3.t* - 222  
*hns.w-(m-)h3.t-ntr-nb* - 54, 224  
*hns.w-(m-)hb* - 232, 241  
*hns.w-mnw* - 203  
*hns.w-ms* - 246  
*hns.w-nht* - 193  
*hns.w-htp* - 203  
*hr.j* - 494  
*hr.j.t* - 494  
*hsbd* - 490, 491

*hnm.w-m-hb* - 232  
*hnm.w-m-s3-n3.ph-sw* - 55, 265  
*hnm.w-ms* - 246  
*hnm.w-nfr* - 193  
*hnm.w-nht* - 194  
*hnm.w-ntr.s* - 358, 359  
*hnm.w-ris.w* - 84, 204  
*hnm.w-htp(w)* - 204

*s-n-w3.s.t* - 503  
*s3-3.s.t* - 327  
*s3-i-h-ms.w* - 393  
*s3-ibšk* - 494  
*s3-immn* - 327  
*s3-in-hr.t* - 328  
*s3-itm* - 328  
*s3-w3dj.t* - 328  
*s3-b3st.t* - 328  
*s3-ptħ* - 329  
*s3-mw.t* - 329  
*s3-mnt.w* - 329

*s3-nj.t* - 329  
*s3-nb.s-<sup>c</sup>nh* - 404  
*s3-r<sup>c</sup>-dhwty-ms-nfr-hpr.w-mry-ht-hr-nb.t-mfk3t* - 287  
*s3-rnn.wt.t* - 330  
*s3-ht-hr* - 330  
*s3-tp-ihw* - 330  
*s3-ttj* - 393  
*s3-dhwty* - 330  
*s3.t-i<sup>c</sup>h* - 331  
*s3.t-imm* - 331  
*s3.t-in-hr.t* - 331  
*s3.t-p3-r<sup>c</sup>* - 331  
*s3.t-mw.t* - 332  
*s3.t-mw.t-m-wi3* - 332  
*s3.t-mw.t-nfr.t* - 332  
*s3.t-r<sup>c</sup>* - 332  
*s3.t-sbk* - 333  
*s3.t-sth* - 333  
*s3.t-k3-msj.w* - 393  
*s3.t-dhwty* - 333  
*s3w-in-hr.t-it.f* - 75, 108, 344, 348  
*s3nhm* - 480  
*s3k* - 481  
*s3k.t* - 481  
*sjw* - 481  
*sw-wsr-ph* - 277  
*sw-(m)-<sup>c</sup>wy-imm* - 340, 342  
*sw-m-niw.t* - 503  
*sbk-<sup>c</sup>nh(w)* - 204, 207  
*sbk-wr* - 194  
*sbk-m-hb* - 232, 241  
*sbk-ms* - 246  
*sbk-nht* - 194

*sbk-htp* - 205, 207  
*sbk-snb.w* - 85, 205, 207  
*sp-nfr* - 95, 426  
*spd-hr* - 451  
*spd.w-ms* - 247  
*smn-t3.wy* - 102, 281, 282  
*sn-n-mw.t* - 59, 355, 414  
*sn-n-r<sup>c</sup>* - 356  
*sn-nw* - 414  
*sn-nfr* - 95  
*sn-dhwty* - 375  
*sn.j-iw* - 410  
*sn.j-mn.w* - 410  
*sn.j-msj.w* - 410  
*sn.j-nfr* - 415  
*sn.j-ndm* - 416  
*sn.j-rš.w* - 411  
*sn.j-hn-(i)* - 407  
*sn.j-htp.w* - 411  
*sn.j-snb.w* - 411  
*sn.t-wr.t* - 416  
*sn.t-nb.t-hw.t* - 375  
*sn.t-nfr.t* - 416  
*sn.t-dhwty* - 375  
*snb* - 428  
*snb-nfr* - 421  
*snb-hr.f* - 421  
*snb-sw-m-<sup>c</sup>.j* - 423, 424  
*snb.f* - 423, 424  
*snb.ty.fy* - 429, 430  
*snr (sl)* - 486  
*sr* - 467, 470  
*sr-imm* - 217

*sr-ptḥ* - 217  
*sr-mnt.w* - 68, 219  
*sri-bin* - 95  
*š3.j-m-itf.j* - 409  
*šm.t* - 135, 148  
*šm.t-m-hb* - 232, 242  
*šm.t-nfr.t* - 194  
*sš* - 474, 476  
*st.j.t* - 136, 143  
*stp-n-r<sup>c</sup>* - 104  
*sth* - 136, 151  
*sth-m-wi3* - 251  
*sth-m-hb* - 233, 242  
*sth-ms* - 247  
*sth-mss(y)* - 87  
*sth-nḥt* - 195  
*sth-hr-wnm.f* - 61  
*sth-hr-ḥpš.f* - 341  
*sth.j-m-pr-imm* - 298  
*sth.j-m-pr-dḥwtj* - 298  
*sth.j-nḥt* - 291  
*sth.j-r-nḥh* - 299  
*sd* - 490, 491

*šri-bin* - 440  
*šri.t-r<sup>c</sup>* - 333  
*šd-sw-imm* - 345  
*šd-sw-mw.t* - 345  
*šd-sw-ḥns.w* - 74, 345  
*šd-sw-dḥwtj* - 345

*k3b-n.f-r<sup>c</sup>* - 76, 347, 348  
*kn* - 92, 451

*kn-imn*- 70, 171

*kn-hr*- 176

*kn-hnm.w*- 176

*kr*- 474, 477

*k3-m-w3s.t*- 110

*k3-hr-hnty*- 272, 273

*k3my*- 110

*k3ty*- 475, 477

*ky*- 412, 413

*ky-nbw*- 91, 412, 413

*ky-nfr*- 413

*ky-sn*- 413

*km*- 459, 461

*kri*- 439

*krr*- 481

*kt(n)*- 475

*t-n.i*- 401

*t3-im3.(t)*- 451

*t3-c3.t*- 459, 482

*t3-c3.t-d3d3*- 456

*t3-w**·**b.t*- 451

*t3-wnš.t*- 482

*t3-wr.t*- 136, 148

*t3-wr.t-m-hb*- 233, 242

*t3-wr.t-hr.ti*- 85, 205, 208

*t3-wr.t-htp.ty*- 205, 208

*t3-wsr.t*- 459

*t3-bin.t*- 452

*t3-bnj.t*- 452

*t3-pnw.t*- 482

*t3-m-rsf.w*- 57, 420

*t3-mjt* - 482  
*t3-nt-3bw* - 500  
*t3-nt-3st* - 381  
*t3-nt-iwnt* - 98, 500  
*t3-nt-ipw* - 500  
*t3-nt-imm* - 381  
*t3-nt-in-prt* - 382  
*t3-nt-<sup>c</sup>nk.t* - 382  
*t3-nt-bhd.t* - 500  
*t3-nt-bs* - 382  
*t3-nt-mw.t* - 382  
*t3-nt-mn.w* - 383  
*t3-nt-mnht* - 99, 383  
*t3-nt-niw.t* - 501  
*t3-nt-h<sup>o</sup>py* - 383  
*t3-nt-hw.t-nb.w* - 501  
*t3-nt-hr* - 383  
*t3-nt-gb* - 386  
*t3-nt-gbtjw* - 501  
*t3-nt-dhwty* - 386  
*t3-nt-dsr* - 501  
*t3-nfr.t* - 454  
*t3-nhsj.t* - 495  
*t3-rr.(t)* - 483  
*t3-hrj.t* - 495  
*t3-ht3* - 495  
*t3-s3k.t* - 483  
*t3-š3sw.t* - 495  
*t3-šmj.t* - 475  
*t3-šm.j.t* - 475, 476, 477  
*t3-k3mn.t* - 459, 461  
*t3-k3rj.(t)* - 476  
*t3-g3w.t-sšn.w* - 486, 487

*t3-gf.t* - 483  
*t3-tnr.t* - 460  
*t3-dj.(t)-mw.t* - 337  
*tpy-ih.wy* - 468, 469  
*tti-m-r<sup>c</sup>* - 58  
*tti-hmt* - 111

*t3-nfr* - 92  
*t3-hr-ist.f* - 77  
*t3y* - 439  
*t3w-(n-)3ny* - 60  
*t3tj* - 468, 470  
*tt* - 483

*di-imm-w3s* - 347, 348  
*di-imm-w3s.t* - 77  
*di-ptḥ-ṯ3w* - 347, 348  
*di-ptḥ-ṯ3w.t* - 77  
*dw3.t-nfr.t* - 400  
*dd.w-ptḥ* - 338

*d3y* - 439  
*d3f* - 460, 461  
*d3d3y* - 92, 460, 461  
*dhwtj* - 136  
*dhwtj-iḥ* - 157, 166  
*dhwtj-m-ḥ3.t* - 224  
*dhwtj-m-ḥb* - 233  
*dhwtj-ms* - 247  
*dhwtj-nfr* - 195  
*dhwtj-nḥt* - 195  
*dhwtj-rḥ-nfr* - 88  
*dhwtj-hr-mktw.f* - 61, 341

*dhwtj-htp(w)* - 207  
*dhwtj-snb(w)* - 207  
*dsr-k3* - 106  
*dsr-k3-r<sup>c</sup>* - 106, 312, 314  
*dsr-k3-r<sup>c</sup>-snb.w* - 312  
*dd-3s.t-iw.s-<sup>c</sup>nh* - 127, 322  
*dd-in-hr.t-iw.f-<sup>c</sup>nh* - 322  
*dd-ptj-iw.f-<sup>c</sup>nh* - 323  
*dd-mw.t-iw.f-<sup>c</sup>nh* - 323  
*dd-mnt.w* - 106  
*dd-mnt.w-iw.f-(r-)<sup>c</sup>nh* - 106  
*dd-hr-iw.f-<sup>c</sup>nh* - 323  
*dd-hns.w-iw.f-<sup>c</sup>nh* - 324

## **INDICE**

|                                                                                         |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Nota Prévia                                                                             | 3   |
| Introdução                                                                              | 7   |
| I- O Império Novo                                                                       | 31  |
| II- Análise Linguística dos Nomes Próprios                                              | 50  |
| 2.1- Nomes Completos                                                                    | 52  |
| 2.1.1- Na forma de frase nominal com predicado adverbial                                | 53  |
| 2.1.2- Na forma de frase nominal com predicado nominal                                  | 65  |
| 2.1.3- Na forma de frase nominal com predicado adjectival                               | 69  |
| 2.1.4- Na forma de frase com predicado verbal                                           | 73  |
| 2.1.5- Na forma de frase com predicacão de existência                                   | 85  |
| 2.1.6- Na forma de frase com predicacão de não existência                               | 86  |
| 2.1.7- Na forma de "cleft sentence"                                                     | 86  |
| 2.2- Nomes Incompletos                                                                  | 89  |
| 2.2.1- Na forma de exclamações                                                          | 89  |
| 2.2.2- Na forma de nomes que funcionam como epítetos:<br>participios e formas relativas | 92  |
| 2.3- Nomes Abreviados                                                                   | 105 |
| 2.3.1- Por redução de um nome ao seu primeiro elemento                                  | 105 |

|          |                                                              |     |
|----------|--------------------------------------------------------------|-----|
| 2.3.2-   | Por redução de um nome ao seu último elemento                | 106 |
| 2.3.3-   | Por redução de um nome à sua parte central                   | 108 |
| 2.3.4-   | Por redução de um nome a um ou dois fonemas                  | 108 |
| 2.3.5-   | Por transformação de um nome em hipocorístico                | 109 |
| 2.4-     | Nomes alterados pela adição de um epíteto                    | 111 |
| III-     | Análise Semântica dos Nomes Próprios                         | 127 |
| 3.1-     | Nomes Exofóricos                                             | 128 |
| 3.1.1-   | Nomes teofóricos                                             | 128 |
| 3.1.1.1- | Nomes que consistem num só nome de uma divindade             | 130 |
| 3.1.1.2- | Nomes formados pela justaposição de dois nomes de divindades | 153 |
| 3.1.1.3- | Nomes que qualificam uma divindade                           | 168 |
| 3.1.1.4- | Nomes evocativos de festas religiosas                        | 225 |
| 3.1.2-   | Nomes Teofóricos Implícitos                                  | 269 |
| 3.1.2.1- | Na forma de nomes narrativos                                 | 269 |
| 3.1.2.2- | Na forma de nomes indicativos ou qualificativos              | 274 |
| 3.1.3-   | Nomes Basílofóricos                                          | 285 |
| 3.1.3.1- | Nomes formados com o nome de um rei                          | 289 |
| 3.1.3.2- | Nomes formados com o pré-nome de um rei                      | 308 |
| 3.2-     | Nomes Endofóricos                                            | 321 |
| 3.2.1-   | Nomes Teofóricos                                             | 321 |

|            |                                                                                     |     |
|------------|-------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.2.1.1-   | Nomes que indicam que o portador do nome foi pedido e obtido graças a uma divindade | 322 |
| 3.2.1.2-   | Nomes que indicam que a divindade protege o progenitor ou o portador do nome        | 339 |
| 3.2.1.3-   | Nomes que indicam que o portador do nome pertence a uma divindade                   | 353 |
| 3.2.2-     | Nomes Teofóricos Implícitos                                                         | 386 |
| 3.2.3-     | Nomes Basilofóricos                                                                 | 391 |
| 3.2.3.1-   | Nomes formados com o nome de um rei                                                 | 391 |
| 3.2.4-     | Nomes profanos                                                                      | 395 |
| 3.2.4.1-   | O gerador do nome é afectado de uma forma feliz pelo nascimento do portador do nome | 396 |
| 3.2.4.2-   | Relação do portador do nome com os seus progenitores                                | 400 |
| 3.2.4.3-   | Relação do portador do nome com a sua linhagem                                      | 406 |
| 3.2.4.4-   | O sentido do nome qualificando directamente o portador                              | 419 |
| 3.2.4.4.1- | A esperança de vida                                                                 | 420 |
| 3.2.4.4.2- | O estatuto da criança                                                               | 432 |
| 3.2.4.4.3- | As qualidades morais e/ou intelectuais                                              | 447 |
| 3.2.4.4.4- | As qualidades físicas                                                               | 453 |
| 3.2.4.4.5- | Nomes de profissões                                                                 | 461 |
| 3.2.4.4.6- | Nomes de animais                                                                    | 477 |
| 3.2.4.4.7- | Nomes de plantas ou frutos                                                          | 485 |

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| 3.2.4.4.8- Nomes de objectos                   | 487 |
| 3.2.4.4.9- Nomes étnicos ou alusivos a lugares | 491 |
| Conclusão                                      | 569 |
| Abreviaturas                                   | 601 |
| Bibliografia                                   | 604 |
| Índice Onomástico                              | 638 |



Handwritten Korean text in a dense, vertical column, likely a manuscript or a page from a book. The characters are written in black ink on aged, yellowish paper. The text is organized into approximately 30 horizontal lines. The script is a traditional form of Korean calligraphy, possibly a specific style like Jeongdo or a similar historical form. The characters are highly stylized and closely packed together. The overall appearance is that of an antique document or a page from an old Korean text.